

1950

AGOSTO - N. 399

Eu Sei Tudo

CR. \$ 400
EM
TODD O
BRASIL



34.º ANO - Nº 3
AGOSTO 1950

ONDE CAFIASPIRINA CHEGOU
A DÔR PAROU



CAFIASPIRINA
ALIVIA E REANIMA

Tradicional VENDA ANUAL

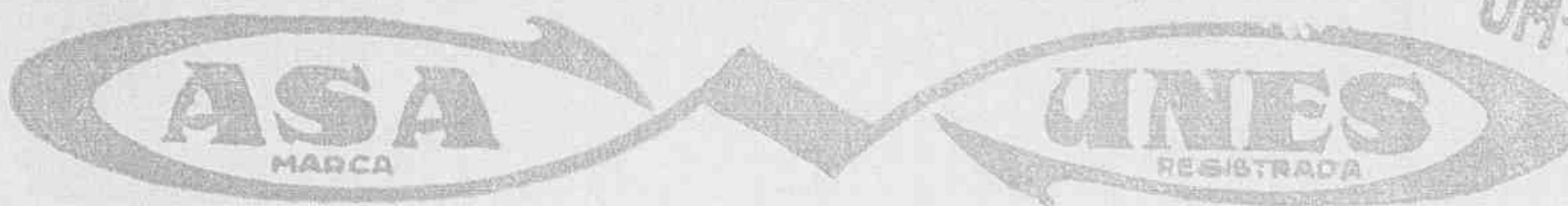
SALDOS DO BALANÇO



TECIDOS — para estofos e decorações

MÓVEIS AVULSOS — rústicos e de estilo

Grande Sortimento de
TAPETES E PASSADEIRAS
ARTIGOS MODERNOS AOS PREÇOS ANTIGOS

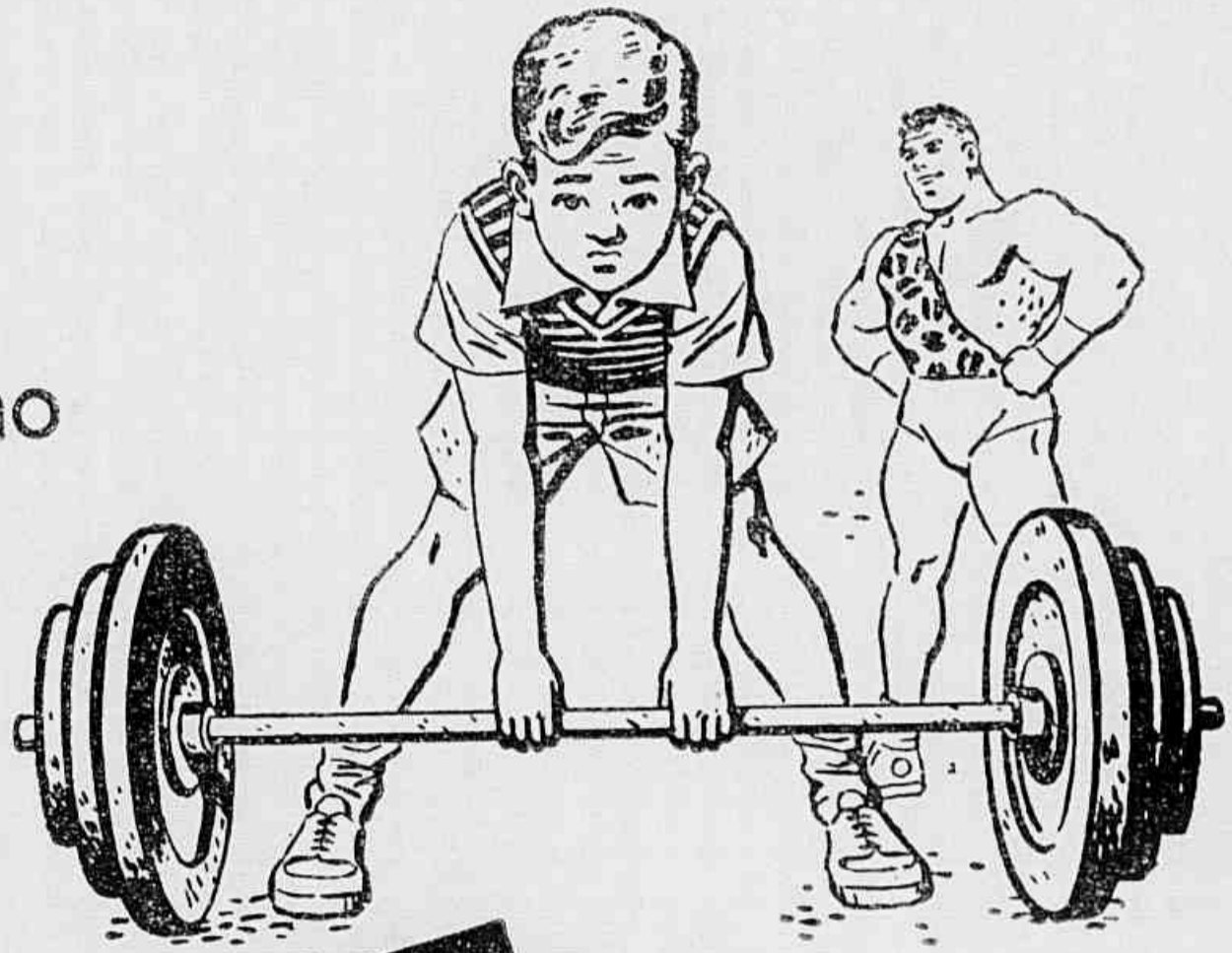


65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

O Esporte

da criança
não é o mesmo
do adulto...

- e também
o fortificante



Para as crianças do Brasil

só o

TÔNICO

INFANTIL

Preparado especialmente para as crianças, o TÔNICO INFANTIL é o único que contém em sua fórmula perfeita, os elementos indispensáveis aos organismos infantís. Para que seus filhos fiquem mais sadios, mais robustos e alegres, dê-lhes o fortificante adequado que a moderna ciência recomenda — TÔNICO INFANTIL!





Não há como um "Caçula"!

GUARANA
Champagne,

agora também
em $\frac{1}{5}$ de litro

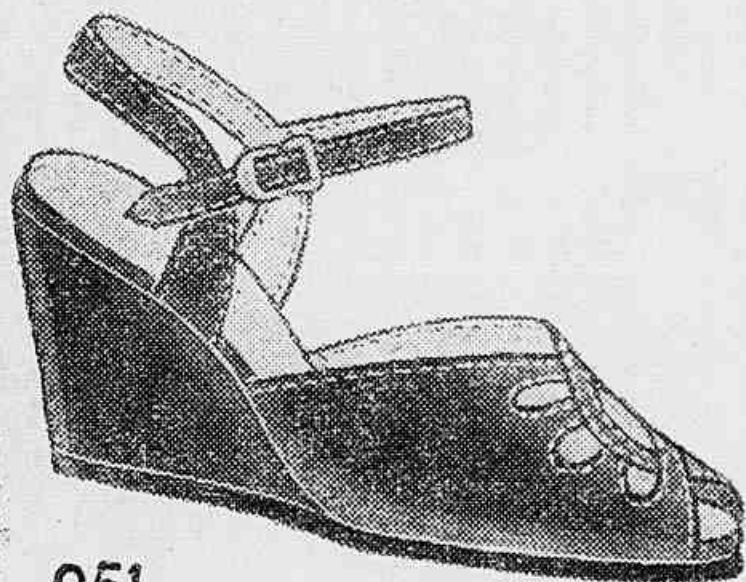


o "caçula" da
ANTARCTICA



*Os 5 deveres da
INSINUANTE para
com os seus
clientes são:*

- 1º Dar recepção fidalga e amigável: "o cliente é o rei da casa"
- 2º Vender pelo menor preço: "lucro exagerado é roubo"
- 3º Entregar a mercadoria a domicílio: "não é um favor, é uma obrigação"
- 4º Atender a todas as reclamações: "o cliente tem sempre razão"
- 5º Trocar a mercadoria, ou devolver a importância: "o cliente só deve comprar por sua livre e espontânea vontade".



051



052



053

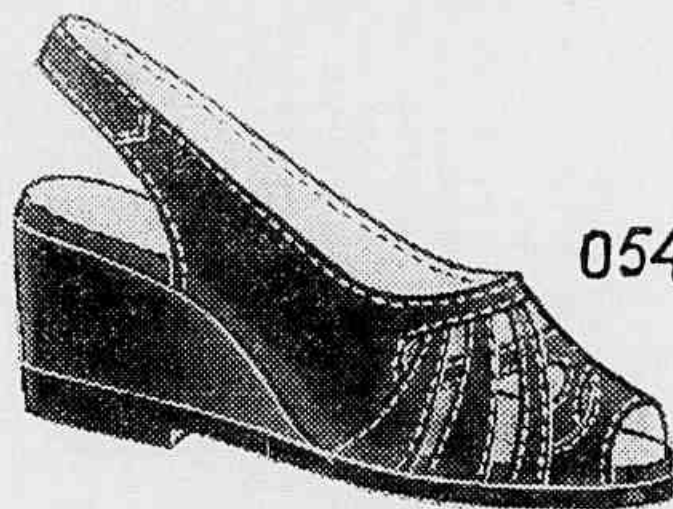
051 Cr\$ 145,00: Anabela, salto 4 1/2, numeração de 32 a 38. Ótima pelica de todas as cores.

052 Cr\$ 145,00: Anabela, salto 6, numeração de 32 a 38. Confeccionado em ótima pelica, preta, azul, sangue ou Havana.

053 Cr\$ 138,00: Salto carioca, numeração de 32 a 39. Pelica ou camurça de todas as cores.

054 Cr\$ 138,00: Anabela, salto 4, numeração de 32 a 39. Camurça ou pelica de todas as cores.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros.



054

*Não
TRABALHAMOS
COM
REEMBOLSO*

Bem servir
CARACTERISTICO IN-
CONFUNDIVEL DA SA-
PATARIA MAIS QUE-
RIDA DA CIDADE

insinuante

CARIOCA, 46-48
SETE-SETEMBRO, 199-201

É A MAIOR E MELHOR
SAPATARIA DA AME-
RICA LATINA E É
TAMBEM UMA GALE-
RIA A SUA DISPOSIÇÃO.



Redator-chefe: M. R. DE CASTRO

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR

Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. Enderêço telegráfico: "Revista". Telefones —
Redação: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550; Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães.
Representante em São Paulo para distribuição: rua Capitão Salomão, 67, telefone 4-1569 Representantes. — Nos
Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th Street, New York City, N. Y. Em Por-
tugal: Helena A. Lima, avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguesa: D. Spano,
Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argen-
tina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr\$ 4,00.
Número atrasado: Cr\$ 5,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr\$ 48,00; para o estrangeiro: Cr\$ 78,00

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

Pescando um MARIDO

— Novela de COREY FORD



"HERBERT SABIA APENAS O TIPO DE MULHER COM A QUAL GOSTARIA DE SE CASAR: UMA QUE GOSTASSE DA VIDA AO AR LIVRE... INFELIZMENTE HERBERT QUASE NADA CONHECIA A RESPEITO DAS MULHERES..."

NÓS ficamos verdadeiramente encantados, quando soubemos que Herbert estava noivo e prestes a contrair núpcias.

— Esplêndido companheiro, Herbert! — declarou o velho coronel Wheeling, depois de ler o telegrama que anunciava a boa nova e que fôra colocado, em destaque, no "quadro de notícias" do "Mayfly Club. Com o defeito, no meu entender, de puxar a linha muito lentamente, quando fiska uma truta... Mas em compensação, o próprio "sal" do mundo! Alegra-me saber que tenha encontrado, afinal, a companheira ideal!

Devo admitir, entretanto, que êsse repentino noivado do Herbert nos causou verdadeira surpresa. Isto porque, todos nós, sem exceção, tínhamos por seguro que êle permaneceria solteiro até o fim dos seus dias. Herbert ja-

mais perdera o "Dia de Abertura" da estação das trutas, sendo até mesmo uma das figuras mais populares no Kaatermkill; tinha entretanto idéias muito... rígidas sôbre o casamento, e acabamos por acreditar que com tais idéias êle jamais encontraria uma criaturinha capaz de bem responder a tôdas as suas exigências e gostos.

"Uma espôsa — declarou êle, ainda recentemente, quase madrugada, quando nos havíamos arrumado da melhor forma possível em redor da fogueira, tentando secar nossas botas — deve ser uma perfeita companheira; uma comparsa; amiga fiel e dedicada e sempre disposta a acompanhar o marido em seus giros esportivos! Uma criaturinha que compreenda e **aprove** as "manias" do espôso. Se êle gosta de pescar, ela também gostará e o acompanhará em tôdas

as suas excursões, felizes ou más, com chuva ou sem chuva, com mosquitos, arranhões, trambolhões, escorregadelas, etc., etc... E tudo com boa disposição! Na minha opinião, êsse é o grande segredo para o êxito de um casamento."

— O senhor já se casou... muitas vezes, sr. Reeves? — pergunta Lolly dirigindo-se a êle e acompanhando a pergunta com o seu mais cândido olhar.

Lolly era a sobrinha do coronel Wheeling e fazia a sua primeira visita ao **Mayfly Club**. Era pequenina e delicada, com um arzinho de garoto... Sim; mais de garoto que de garota, com as suas altas botas de borracha, os seus profundos olhos azuis e a sua maneira de olhar para o interlocutor um instante com os lábios ligeiramente entreabertos e a respiração

suspensa para, repentinamente, deixar escapar a respiração e com ela um meigo sorriso. Notei que ela assim olhava para Herbert, nesse instante.

— Claro que não! — respondera Herbert quase àasperamente — Mas se o tivesse feito, não teria sido, com certeza, com qualquer dessas pobres lourinhas que se deixam ficar em casa, com medo do sol... A mulher com quem me casaria teria que usar macacão ou "short", roupas esportivas... e saber manejar, sozinha, uma canôa e gostar de remar dez milhas, rio acima, sob o vento e a chuva. Compreende o que desejo dizer? Uma pequena capaz de fazer tudo o que faço, e ainda mais alguma coisa!

★

Herbert foi chamado à cidade para atender a determinado negócio logo após a abertura da estação. Não tornamos a ouvir notícias suas até a chegada do telegrama já referido, uma semana depois, anunciando que êle regressava pela estrada de rodagem, em companhia de sua noiva.

— Segundo parece, foi êsse um romance... vertiginoso — comentou o dr. Holliday, visivelmente intrigado, enquanto os restantes abriam uma garrafa a fim de "celebrar a boa notícia". Estou curioso por saber como ela é...

— Provavelmente usa piteira e tem um atrevido bigodinho... — declarou Tom Ellis com o seu ar mais sério. — E com certeza, joga de **center-forward** no **team** de Vassar!

— Seja lá o que fôr, desejo para êles tôdas as felicidades dêste mundo! — disse o coronel Wheeling! — Descontando o fato dele insistir teimosamente, em usar o Caniço Cahill, quando todos preferem o da marca Quill-Gordoh, não conheço rapaz mais agradável e mais simpático do que ôle!

★

A noiva de Herbert, ao chegar, provou ser realmente aquilo que êle sempre anunciara desejar. Seu nome era Eden Carter, "**dos Carters, de Long Island**", segundo Herbert explicou.

Era alta e morena, tipo atlético com uma sadia pele, tostada e um firme apertar de mão; porém era serena e possuidora de um perfeito **self-control**, podendo com facilidade conter um impulso qualquer, como conteve o desejo de quebrar o meu pulso, quando fui a ela apresentado e senti na sua a minha pobre mão de homem franzino e nada afeito à vida esportiva.

Herbert — era natural — tinha que se sentir entusiasmado por uma mulher assim. Ela vencera inúmeros troféus de "golf", segundo êle nos informou orgulhosamente no correr do jantar, sendo ainda uma das melhores nadadoras do seu Estado e excelente amazona.

— Imaginem vocês que seu passatempo favorito, em Long Island, é jogar polo com os seus irmãos! Por assim dizer, venceu ela tôdas as provas femininas nas recentes competições de Forrest Hills. Oh! Edie é uma criatura que adora a vida ao ar livre! — exclamou. — Isso foi coisa que notei, logo que a vi na loja de artigos de esporte.

— Ela... estava na vitrine? — perguntou Molly com sua vozinha suave.

Edie apresentou-a com um sorriso entre piedoso e ofendido:

— Não meu bem... Eu procurava experimentar um caniço de "carretel" — explicou ela, com o seu ar mais paciente — e Herbert apareceu, oferecendo-se para me ajudar. De fato, não entendo lá muito de pescarias, mas êle afirma que eu aprenderei depressa...

— Sim... Provavelmente me arrancará um olho antes de encerrada a estação! — disse Herbert com um enternecido olhar para a sua noiva — Vocês esperem para ver.

★

Eddie provou ser uma excelente aluna. Voltou com o **record** de quatro peixes no primeiro dia. Herbert anunciou alegremente, quando regressaram ao clube, que a bolsa de palha de sua noiva continha quase sete quilos de peixe.

— Nada mau para começar... — afirmou êle — Ela ainda será uma

campeã. Naturalmente que se atrapalhou um pouco com o "voltarete" e perdeu mesmo alguns peixes. Mas de qualquer forma fêz um "bonito". Eu preferi ficar explorando o Pôço da Estrada de Ferro e pude fisgar um grande "marron". Porém agora Edie vai melhorar. Começará a usar linhas **Bl-Visible**...

— Será um êrro, meu caro. — exclamou o coronel Wheeling com seus modos bruscos. — Essa linha não presta para nada... Eu...

— Dei-me muito bem, hoje, com a linha Beaver... — falou Tom Ellis...

— Vocês são todos uns errados — sentenciou o dr. Holliday — Se experimentasse a Morris...

Notei, a essa altura, que Lolly cochichava qualquer coisa junto do ouvido de Edie, e juntos se ergueram da mesa e se afastaram sorratamente, deixando a sala.

Após alguns instantes também eu me levantei, quase sem saber porque, me encaminhei para a porta de **serviço**, do clube. Edie ali estava, de pé, sobre o relvado, de caniço em punho e lançando seguidamente a linha, enquanto, atrás dela, Lolly ditava instruções em voz baixa.

— O principal está em saber manter o pulso na posição conveniente. — ouvi Lolly dizer. — Deve procurar manter o braço imobilizado e colado ao corpo, movendo unicamente o pulso... Olhe! Deve colocar êste livro sob o braço e procurar mantê-lo prêso contra o corpo. Assim... Agora: **um, dois, três, quatro**...

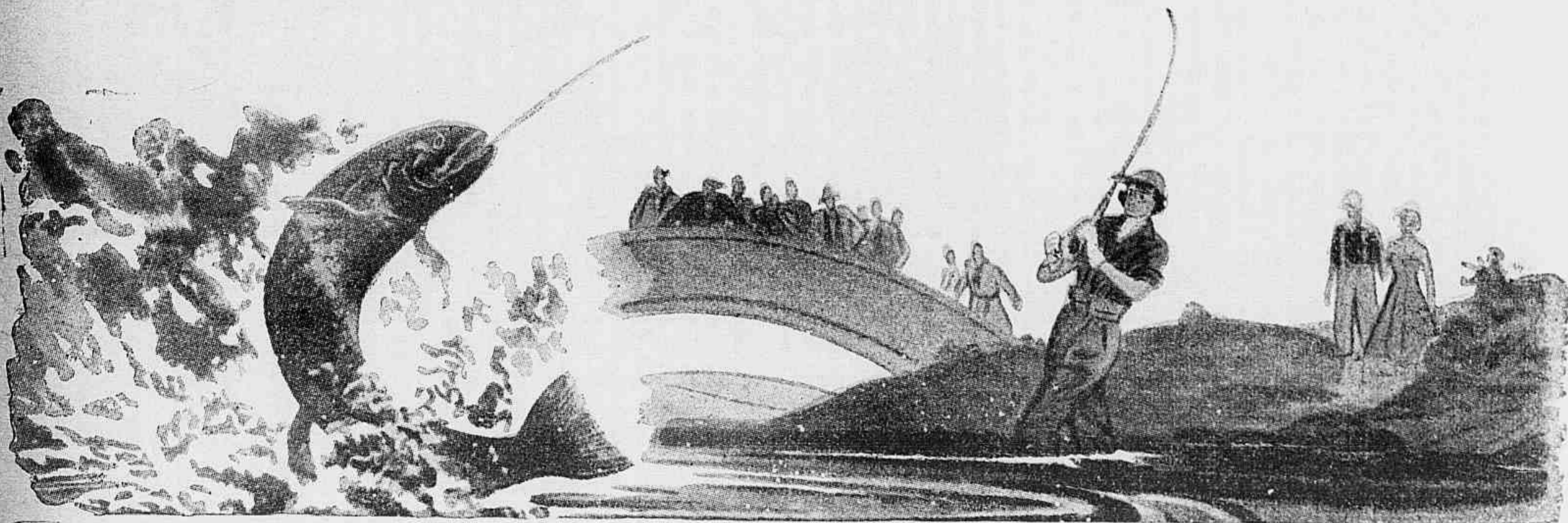
Edie lançou a linha e o livro caiu sobre a grama.

— Não pude deixar de mover o braço... — explicou ela com ar pensativo.

— Tente mais uma vez — propôs Lolly, paciente e carinhosa, apanhando o livro e recolocando-o sob o braço de Edie. — Procure mover apenas o pulso... E' o principal. Vamos! **Um, dois, três, quatro**...

Rodei nos calcanhars e me afastei, pensativamente, a caminho do Salão de Bilhar.

Na noite seguinte, quando Edie e Herbert voltaram da pescaria, ela es



Herbert e Lolly ficaram juntos, no barranco, enquanto Edie lutava para levantar o peixe

ampara no rosto um largo sorriso... triunfal.

Herbert também sorria, porem pareceu-me que os seus dentes não descerravam. O coronel Wheeling recebeu-os, como sempre, jovialmente.

— Que fez de bom hoje, a nova aluna? — perguntou.

— Arranquei-lhe um ôlho... parece. — Disse Edie com alegre ironia.

— Foi apenas um dia infeliz como acontece com qualquer um de nós, veteranos... — tratou de explicar Herbert, falando rapidamente. Os grandes se mantiveram afastados do anzol e não foi possível apanhá-los. Bem que tentei passear a isca junto dos olhos deles...

— Você tem o defeito de jogar muita linha, querido — disse Edie com voz de censura — e também a maneira como você bate na água com o anzol... E' claro que assusta e põe em fuga todos os peixes!

Retirou do próprio cesto uma colossal truta "marron" e com ar vitorioso anunciou:

— Apesar de tudo — e mesmo sendo uma novata, sempre consegui trazer êste "peixinho". — Vagarosamente exibiu o enorme peixe à roda de amigos, com um sorriso de zombaria. — Para a próxima vez, se Herbert me ensinar, hei de me esforçar por trazer um peixinho melhorzinho...

Pareceu-me que o sorriso de Herbert estava... estava muito fixo, como estereotipado.

— Por que você não experimenta pescar em Little Kasterskil? — sugeriu Lolly com um olhar admirativo para a bela truta nas mãos de Edie. — Há águas lindíssimas um pouco acima de Tinkersville.

— E' muito distante... — protestou Herbert fracamente. — Seis ou oito milhas rio acima, e sempre remando fortemente. E não há nenhuma estrada, nenhuma trilha para se ir... E amanhã deve chover.

— Tentaremos... — declarou Edie. — Eu lá estou ligando a chuva? Podemos sair bem cedo...

Hesitou um instante:

— Talvez você queira nos acompanhar, Lolly?

— Oh, não! Herbert conhece muito bem o caminho — respondeu Lolly. — E eu, aliás, não tenho qualquer interêsse por pescarias. Prefiro, realmente, ficar em casa e preparar um bom fogo e um bom jantar para vocês...

★

Eles não voltaram antes de que já fôsse bastante escuro. Herbert estava descalço e foi com dificuldade que desceu do automóvel, subiu os degraus que davam acesso à varanda do clube, capengando a cada passo. Seu rosto estava arranhado pelos espinhos e havia perdido o chapéu. Edie teve que lhe dar o braço para o ajudar a chegar até o último degrau. Então Herbert se apoiou contra uma pilastra da varanda a fim de recuperar o fôlego, enquanto ela abria o seu próprio cesto e dele retirava cerca



de uma dúzia de belas trutas negras e listradas.

— Que faço com tudo isto? — perguntou a Herbert.

— Sei lá! Põe na geladeira — disse êle se esforçando para não perder a calma — Você que as apanhou!

Depois, apoiando-se à parede entrou com lastimável aspecto no living-

Eddie estacou à porta, estupefacta, enquanto Lolly retirava carinhosamente as botas de Herbert

room. Algumas toras sêcas e perfumadas crepitavam mansamente no largo fogão de inverno, uma poltrona confortável, forrada de pele de veado, estava colocada a boa distância dêsse fogo e sôbre uma pequena mesa, pró-

xima, estava um prato com presunto e ovos recém-preparados. Lolly não vestia, agora, os seus grotescos calções de pescaria; ao contrário. Tinha sobre o corpo um delicioso vestido bem feminino que deixava à mostra a adorável linha do seu pescoço e a alvura incomparável do seu colo e ombros. Parecia ainda mais frágil, mais deliciosa e mais tentadora. Herbert esqueceu sobre ela um longo olhar de admiração.

Lolly caminhou ao encontro dele, ajudando-o a sentar confortavelmente.

— Agora vai ficar aqui, sentado e muito quietinho. Está fatigado. Vou ajudá-lo a se livrar dessas coisas...

Ajoelhou-se ao seu lado e começou a desatar os cordões das pesadas botas de borracha.

— Não deve fazer cerimônia... Trate de ir comendo essas "marrons". Espero que goste... porque deve estar com fome. Eu mesma as preparei.

— Humm. Isto é uma delícia! — declarou Herbert visivelmente assombrado e satisfeito. Não sabia que era tão perita cozinheira.

Lolly baixou os belos olhos, corando, mas logo os ergueu, com ar ansioso, ao ouvir Herbert espirrar.

— Você apanhou um resfriado! Realmente, alguém devia olhar pelo que faz. Com a saúde não deve brincar! Dê-me o outro pé, para retirar a bota, que está molhada.

★

Herbert estendeu a comprida perna sobre a cadeira com ar realmente deliciado. Seus olhos, nesse instante, se voltaram para a porta e imediatamente o sorriso desapareceu dos seus lábios. Edie estava de pé, à entrada do living, os punhos fechados e apoiados à cintura.

— Muito bem... — disse ela.

Mas nesse instante houve uma comoção no corredor e o coronel Wheeling irrompeu no salão trazia estampado no rosto um grande entusiasmo.

— Acabo de ver o "Vovô"! — gri-

tou êle — Está sob a ponte... Aqui bem perto!

— E' êle algum sócio do clube? — perguntou Edie.

— Hmm... Praticamente é! — afirmou o coronel. — Êle anda aqui pelos arredores talvez há mais tempo do que nós: Pesa quase cinco quilos, mas é muito esperto para se deixar pescar. Tenho experimentado tudo quanto é isca, linha, caniço ou voltarete... Nada! O Vovô não vai nisso. Chega a cuspir na isca e acho até que solta a sua risadinha de zombaria. Êste peixe dos diabos!

— Mas isso é ridículo. — declarou Edie, erguendo-se — Certamente alguém o pegará um dia.

— Por que não tenta você, meu bem? — sugeriu Lolly, aparentando entusiasmo. Pude observar um brilho de inteligência no seu olhar delicioso. — Ainda haverá bastante luz depois do jantar... E você sabe... Os principiantes têm mais sorte...

A notícia de que o Vovô reaparecera na enseada do **Mayfly** levou à ponte uma enorme quantidade de técnicos e curiosos. A noite se aproximava depressa e o vão sob a ponte se apresentava escuro e misterioso. A chuva havia cessado mas havia muita umidade no ar e Herbert espirrara mais um par de vezes e depois começou a tossir, quando entre Lolly e Edie procurava abrir caminho entre o capim alto, na direção do rio. Lolly lançou para êle um olhar ansioso.

— Será melhor você ficar aqui — sugeriu ela — Está arranjando coisa de piorar o resfriado e estragar o resto da temporada. Eu mostrarei a Edie o melhor caminho para alcançar a margem.

Assim ela e Edie prosseguiram a marcha entre o capinzal e não tardaram a desaparecer. Emergiram, minutos depois, muito mais abaixo próximas do bordo do fundão; mal podíamos distinguir suas silhuetas nas trevas que aumentavam de instante a instante.

Estiveram assim juntas alguns instantes, Lolly parecendo prender qualquer coisa na linha de Edie; então Edie avançou pela margem, até ter água pelos joelhos e deu início à pescaria.

Lançava a linha muito bem; posição correta, braço perfeito, lançando a linha bem acima da correnteza, em sucessivos "passeios". As lições tinham servido para alguma coisa.

As águas corriam sempre e largamente, sobre o poço e Edie atenta, correta, paciente, movendo a sua linha.

Repentinamente houve uma comoção geral. O "flutuador" desapareceu de repente e a linha começou a cortar a água num lento meio-círculo, enquanto na superfície do fundão escuro, tudo "explodia". Por alguns instantes o "Vovô" apareceu na superfície das águas, lutando e sacudindo a enorme cabeça. Com bruscas e violentas pancadas de cauda, jogava água longe e tornava a mergulhar. O ruído do voltarete de Edie, movido velozmente, sublinhava o clamor que vinha da margem e da ponte, agora apinhada.

Por mim penso que ela manejava o caniço como uma campeã, enrolando a linha sempre que havia folga e cedendo a ponta do caniço quando o monstro resistia ou mergulhava. Trazia o peixe enorme "apertado", sem lhe dar chance de repelões e fintas perigosas. Agora estava de pé e firme no centro da correnteza, bem em frente a Herbert que a observava da margem. Nesse instante ela começou a "enrolar" com movimentos rápidos.

— Não se apresse, querida! — gritou Herbert, alarmado — Não force a linha! Não procure lutar com êle. Tem cuidado!

— Ora, cale-se! — gritou Edie nervosa.

— Mas, querida... — principiou Herbert ligeiramente ofendido — Eu apenas procurava ensinar...

— E eu lá preciso das suas lições? — gritou Edie, voltando-se ligeiramente para êle — Você está querendo me perturbar, por que não conseguiu pegar o Vovô... Sei muito bem agir sozinha!

— Mas, meu bem... — começou Herbert.

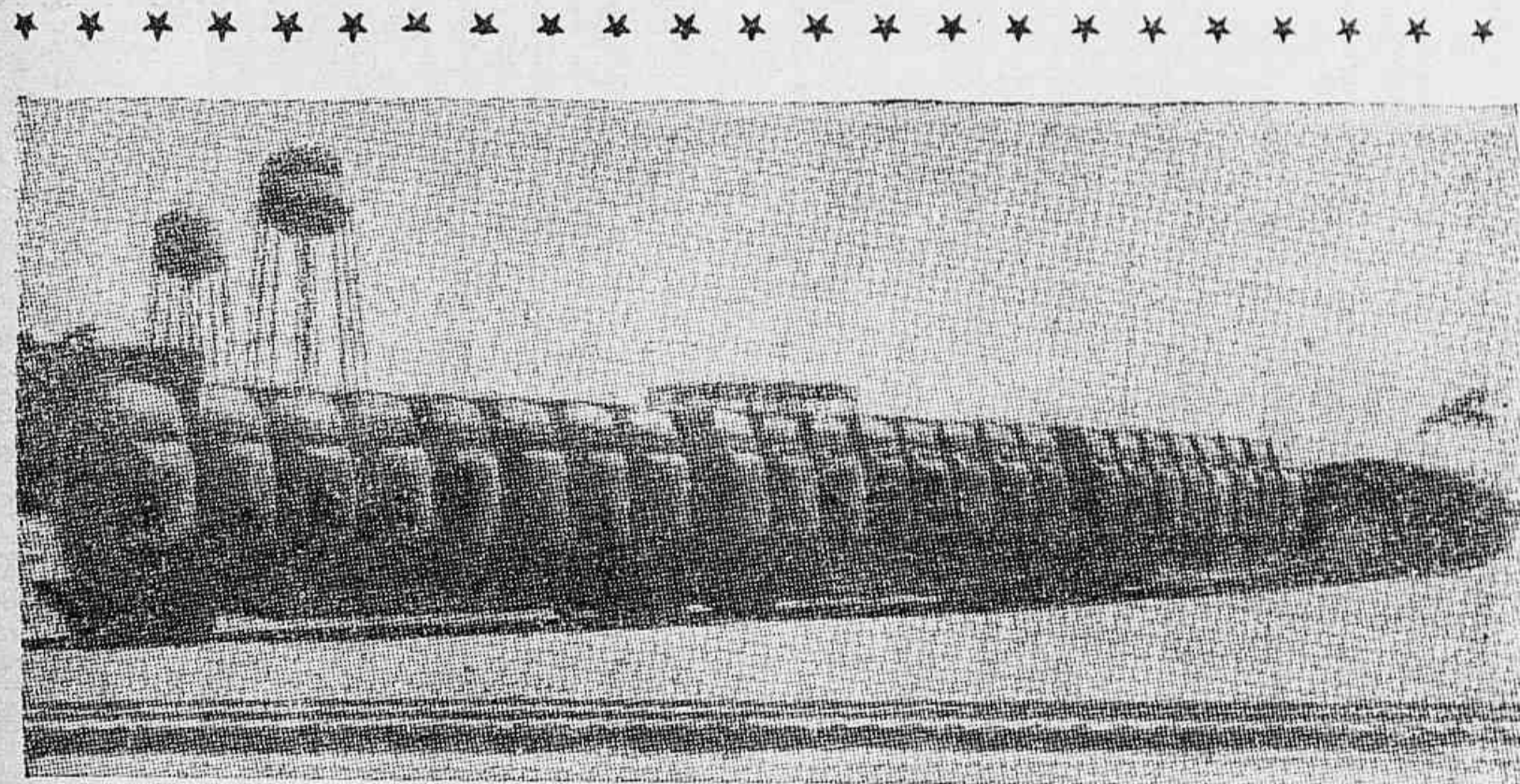
A linha esticou perigosamente pois "Vovô" procurava fugir agora a favor da correnteza. Com esforço, Edie pôde manter o equilíbrio, recuperando a sua vantagem inicial contra o peixe que agora parecia cansado.

★

Herbert caminhou um ou dois passos na direção de Edie. Mas logo parou. Pude ver Lolly emergir da sombra e juntar-se a êle. Depois de um instante, juntos, tornaram a subir o barranco, caminhando vagarosamente na direção do clube.

Não fiquei para assistir o final épico da prolongada luta entre Edie e

(Cont. na pág. 83)



NOVO TREM-TRANSPORTE A Union Pacific Railroad colocou em serviço novos trens transporte para automóveis, a fim de atender mais prontamente as exigências da exportação de Detroit, onde estão localizadas tôdas as grandes fábricas de automóvel dos Estados Unidos. Pelo novo processo de transportar os veículos na posição vertical, é possível conduzir dezesseis automóveis em cada vagão (oito de cada lado, presos em dois travões paralelos) o que dobra a capacidade dos vagões e barateia o transporte. A gravura apresenta a máquina e três vagões, com um total de 48 veículos, onde antes cabiam apenas 24.

DAN McGarry, um detective da policia de Nova York, não costumava perder muito tempo com a página "editorial" de um jornal; quando, por acaso, essa página "caía" voltada para ele, lançava sobre ela um rápido olhar, logo saltando para as últimas páginas, principalmente para a das historietas em quadri-nhos. Porém, nesse dia, sua linda esposa, vagarosa como sempre, se atrasara mais que de costume no trazer o jantar para a mesa; não tendo outra coisa que fazer, McGarry decidiu ler também outras coisas. Abriu sem muito entusiasmo a página "editorial", constante de uns 350 centímetros quadrados de tipos meúdos, e concedeu um olhar "escorregado" à coluna "Cartas ao Editor". A primeira que leu queimou McGarry como ferro em brasa.

Estava ali, escrito por algum imbecil chamado Elwood Fitzgilligan, imbecil com certeza, que a policia local era ineficiente, incapaz e composta de individuos possuidores do mais inferior calibre mental; prosseguia o reclamante com outros termos mais ofensivos e queixas as mais desapiedadas. Terminando por afirmar que "isso, aliás, não devia surpreender pois que os rapazes da policia eram pobres coitados, com instrução apenas primária, sendo raros os que tinham terminado os estudos com grande esforço. Urgia, pois arejar os quadros da Policia, dando-lhes pessoal mais capaz."

Quando Dan terminou essa leitura, tinha as faces rubras e levantando-se, chamou Kitty, aos gritos. Obrigou-a em seguida a ler a carta do "imbecil", antes mesmo que tivesse a mesa posta, e anunciou:

— E' claro, eu poderia chamar esse cara de toupeira. Mas isso ainda seria pouco. Não passa de um verme... Eu, por exemplo, tenho o curso científico!

Kitty enxugou as mãos no avental, como se desejasse limpá-las do odioso contacto do jornal caluniador.

— Talvez ele seja um louco... Ou um despeitado! De qualquer maneira, você não deve ficar assim... O principal é não ligar a essas coisas, pois a calnia é o prêmio recebido por todos os bons servidores públicos.

— E eu ligo lá a calúnias? — gritou Dan. — Mas veja os insultos, os termos pesados que empregou esse imbecil!

— Se você vai ficar assim, zangado, não poderá comer! — disse Kitty, apaziguadora.

— Qual nada... Não chega para me tirar a fome... Mas pode estar certa! Logo depois do jantar vou escrever uma carta ao editor e dar uma boa resposta a esse atrevido.

E assim fez Dan McGarry. Depois do jantar instalou-se à mesa, tendo Kitty ao seu lado, para o ajudar na carta ao editor. Dan,

"despeitada e cobarde crítica de um ignorante"; esse 'amontoado de asneiras e deslavadas mentiras', etc. Porém, a carta foi es-

McGARRY, O GIGANTE MENTAL

CONTO DE MATT TAYLOR

na verdade, não apreciou muito essa ajuda feminina; isso porque ela o impedia de dizer abertamente o que desejava endereçar a

crita mesmo segundo os termos ditados por Kitty, e quando foi ela publicada, dois dias mais tarde, Dan se sentiu realmente orgu-



— Belo perdigueiro, eh? — disse Fitz detendo-se para afagar a cabeça do cão

lhoso; era aquela a sua primeira composição literária, publicada num grande jornal! — E lá estava o seu nome, impresso em letras maiores, em baixo: **Detective Policial Dan McGarry, servindo no Quartel-General.**

★

Na manhã seguinte McGarry andou de sala em sala, mostrando a sua carta aos colegas, e estes, com pancadinhas nas costas de Dan, afirmando que êle fizera bem e imaginando a cara do tal de Fitzgilligan, quando lesse a resposta. Os comentários iam em crescendo quando chegou o aviso de que o Inspetor desejava falar com êle. Dan caminhou para o escritório do chefe com ar feliz, pois não tinha dúvida de que o inspetor desejava simplesmente felicitá-lo por sua bela atitude em defesa da classe.

O Inspetor tinha o jornal aberto sobre a mesa.

— Vejo que você chamou a si o dever de tomar a defesa deste departamento policial... — disse êle, observando Dan.

— Quis apenas repelir os insultos dêsse tôlo... — disse Dan orgulhosamente.

— Um tipo que certamente não entende nada...

— Pois eu não penso assim, McGarry. Fitzgilligan é um excêntrico e cabotino multimilionário. Vive atacando um e outro... Ora é o prefeito, ora o Diretor da Saúde Pública, o Corpo de Bombeiros... e usa e abusa de termos ofensivos, pois prefere ser processado por difamação e injúria... Adora os processos, o escândalo... desde que o seu nome apareça nos jornais, que falem dêle... Está sempre atacando alguém, ou desafiando alguém. Quer... movimento, entende? Por isso mesmo aposto dez contra um em como a coisa não vai parar aí... Se não acredita, espere para ver!

Dan esperou até que saíssem os jornais da tarde, no dia seguinte; então, empalidecendo, leu no cabeçalho da primeira página: — **Um Milionário Desafia a Polícia a Provar Eficiência!**

E sobre o assunto havia uma coluna inteira. O sr. Elwood Fitzgilligan, segundo se dizia, chamara ao seu luxuoso hotel, os representantes de todos os jornais, onde relatara a história ao seu modo. A sua crítica justa e sincera à ação da polícia, publicada num dos vespertinos, fôra repetida por um "tira" chamado McGarry, sem dúvida (na opinião do sr. Fitzgilligan) um "testa de ferro" do Inspetor Geral. Segundo êsse McGarry, a Polícia era

uma organização muito capaz, super-organizada e de suma utilidade. Talvez o "Sr." McGarry tivesse razão. Se assim fôsse provado, o Sr. Fitzgilligan estava disposto a pagar o prêmio, multa ou lá o que quisessem chamar, de dez mil dólares, para a Caixa Beneficente da Polícia.

O "teste" que propunha era bastante simples. Oferecia-se para passar oito horas de qualquer dos sete dias da semana, em companhia do citado McGarry. No correr dessas oito horas, êle, Fitzgilligan, trataria de cometer, abertamente e na presença do policial McGarry, um certo número de delitos e infrações. Se, ao fim do dia, o referido representante da polícia pudesse reconhecer tais faltas e acusar o Sr. Fitzgilligan de mais de cinquenta por cento dêsses delitos praticados, o cheque de dez mil dólares lhe seria entregue incontinenti. No caso do "Sr." McGarry fra-

companhia de um milionário cabotino.

— Não posso, eh? Ao contrário... Por dez mil pacotes em favor da Caixa Beneficente da Polícia eu posso muito bem ceder você e até mais homens... Ninguém compreenderia o contrário... **A não ser que a Polícia reconhecesse a sua incapacidade...**

Deteve-se para olhar severamente para Dan.

— "A situação da nossa caixa não é nada boa, e muitos estão com idéias de se aposentar ainda este ano."

Dan começou a se sentir mal.

— Talvez seja melhor eu reler o código penal — disse êle, tentando sorrir.

— Hummm... Pouco adiantaria — disse o Inspetor. — Fitzgilligan é um velho e astucioso advogado... Esperto como êle só. Ele não pensará em incorrer nessas faltas mais comuns... Co-



— Vamos ver, por exemplo... «Se um homem espirra num ônibus?» — perguntou Killy.

cassar estaria provado que a polícia conhecia muito mal as leis e regulamentos que eram pagos para fazer respeitar. Eram, portanto, incapazes, ineficientes e simplesmente **mais uma dor de cabeça** para os que pagavam impostos.

Dan acabara de ler quando um segundo chamado veio do gabinete do Inspetor. Dan se encaminhou para o escritório do chefe, não tão feliz agora; como da anterior viu que o chefe tinha outra vez o jornal aberto sobre a mesa.

— Eu não lhe disse? — perguntou o Inspetor logo que o viu chegar. — Agora estamos metidos em boa!

— Ora, chefe... Não é tanto assim — declarou Dan, fingindo ignorar o alcance total da proposta de Fitzgilligan. — E' claro que o senhor não pode ceder um policial como eu para estar um dia inteiro passeando pela cidade em

nhece você, por acaso, as leis referentes ao incêndio, o código sanitário, as leis e regulamentos relativos ao ensino e à saúde pública?

— Talvez eu tenha esquecido muita coisa... — confessou Dan.

— E talvez você jamais tenha ouvido falar num punhado delas, pois são leis pouco aplicadas... Ainda estamos, nesta cidade, submetidos a leis que foram escritas há mais de quarenta anos... Deixaram de ser aplicadas, mas estão aí, consideradas em vigor! Os dirigentes desta cidade nunca se lembraram de as abolir. Ninguém pode caminhar dentro dos limites desta cidade sem incorrer em meia dúzia de delitos previstos nessas velhas leis e regulamentos! Mas Fitzgilligan conhece tudo isso, e pode estar certo de que êle usará tais truques contra você!

Dan se sentia doente agora. Muitas vezes cometera "gaffes" que ele própria reconhecia. Mas ficava tudo entre ele e o seu chefe. Agora, porém, ele escrevera! Como resolver? Sem bem compreender como falava e porque falava, ouviu sua própria voz, dizendo:

— O senhor, chefe, talvez possa escrever ao jornal, alegando que eu sou o "prosa", o "errado" da corporação... Um irresponsável...

— Você foi desafiado e você, somente você, terá que atender ao desafio! Para o ajudar direi que você está enfêrmo, com febre e... vou mandá-lo para casa com uma semana de licença... Você cuidará de obter os livros necessários, na Biblioteca da Polícia. Terá que os aprender de cor. E não deve esquecer os dez mil pacotes! A "Caixa Beneficente" precisa deles!

★

Esse resto de noite e boa parte da madrugada Dan e Kitty, lado a lado, sentados, consultaram o livro, aberto sôbre a mesa. Ao fim de todo êsse tempo Dan se levantou com ar desesperado, exclamando:

— Ainda se êle fizesse coisas simples, coisas conhecidas... Mas não! Êle só fará coisas estranhas, quase indecifráveis, velharias que ninguém conhece... Penalidades cobertas com teias de aranha ou então de difícil interpretação. Você lá pode imaginar uma coisa assim? Veja! **"E' proibido fazer passear um macaco pelas ruas com uma corda de mais de oito pés de comprimento"** Quem pode lá saber isso?

— E aqui há outra coisa incredibile — disse Kitty. — **"E' absolutamente proibido transportar garrafas em troleys, bicicletas, carrinhos, etc. etc. Só em caminhões! Garrafas cheias sim, vazias não!"** Aqui está! **"Artigo 8, seção 4, decreto de 4 de abril de 1916."**

Dan, porém, não parecia ouvir. Voltava páginas e páginas e afirmava, desolado:

— E' um nunca mais acabar. Ouça esta: **"E' proibido colocar sacos de alimentos no dorso de um cavalo, se o saco estiver sem fecho de segurança, pois não é permitido sujar ruas, praças, calçadas ou pontes."**

— **"E' proibido andar com cães de mais de quarenta e cinco centímetros de comprimento pelas ruas da cidade se o animal não estiver de focinheira"**. Estou pensando porque não exigem o mesmo para certos moleques que tenho encontrado nos jardins da cidade.

Dan fechou o livro com movimento raivoso.

— Eu posso voltar para o Exér-

cito, em último recurso! — exclamou. — Não pretendo permanecer na polícia tempo suficiente para merecer uma pensão da "Caixa Beneficente".

— Você não vai desistir! — sentenciou Kitty, segurando-o por um braço e falando com calma. — Vai sentar aqui novamente e ler mais uma vez a parte referente à Saúde Pública... Vamos ver, por exemplo... **"Se um homem espirra num ônibus?"**

— E' boa! Se tem vontade de espirrar... espirra mesmo!

— Sim, sim... Mas que deve fazer?

— Dizer... **"Perdão!"**, ao seu vizinho, se quiser ser gentil...

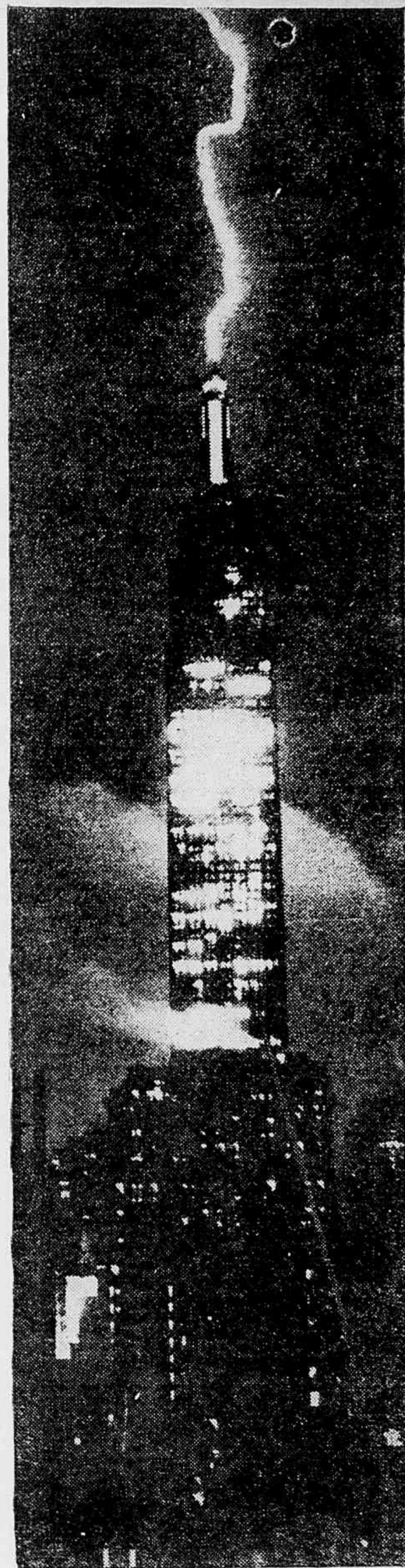
— Humm... Você tem muito que aprender, querido! — disse Kitty pensativa. — Mas há outra coisa... Se você bebe um "ice-cream-soda" tem a obrigação de destruir o canudo de palha, ao terminar.

— Ora, Kitty! O que costume beber, quando me sento à mesa de um bar, não exige canudo de palha! — afirmou Dan, colérico. — E por falar nisso — acrescentou noutro tom. — E se saíssemos um pouco, para tomar qualquer coisa? Irra! Já não aguento mais isto aqui.

— Vamos estudar mais umas três horas. Depois iremos! — declarou Kitty. — Fique aqui sentado, "Inspetor"! Quero fazer de você o detective mais inteligente e capaz de tôda a Polícia!

★

No correr dos cinco dias subsequentes, Dan se esforçou sem descanso, queimando os olhos e as meninges com os artigos e capítulos das leis e regulamentos. Sua esposa o forçava a baixar o nariz para o livro às dez horas da manhã; às duas da madrugada, quando iam para o leito, Dan ainda levava o livro aberto para uma derradeira "olhadela". Parava, é claro, essa leitura; porém apenas para as refeições e para trocar idéias com Kitty, fazendo com ela (de livro aberto), uma espécie de "prova" cada duas horas. Mas havia tantas coisas que êle ignorava e que jamais aprenderia por falta de tempo ou pela dificuldade de escolher, entre milhares de penalidades, aquêles delitos que o desafiante gostaria de praticar! O ideal seria aprender tudo, ler tudo pelo menos... Porque Elwood Fitzgilligan estaria a esta hora escolhendo as infrações mais desconhecidas e anotando-as num livrinho de bôlso, estudando como as praticaria, em que ordem, etc. E o pior era que essa sua batalha com Fitzgilligan não seria coisa privada. Já estava armada desde já — e por especial cuidado do cabotino — uma grande publicidade, tendo enviado êle,



AS FOTOGRAFIAS FELIZES! - Tempestade sôbre Nova York é o título da foto acima, que apresenta uma fâisca tombando sôbre a torre de um arranha-céu

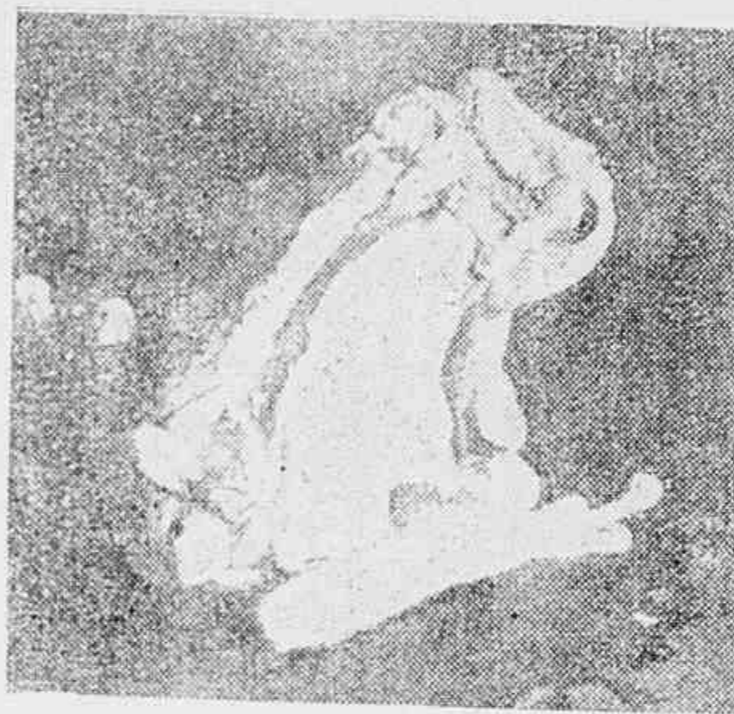
★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

diariamente, para os jornais e as emissoras novos detalhes sôbre o seu desafio. Os jornais, que viam nisso uma boa história para explorar, e que talvez tivesse repercussão na política municipal, davam o melhor agasalho a estas notícias, reservando para elas ca-

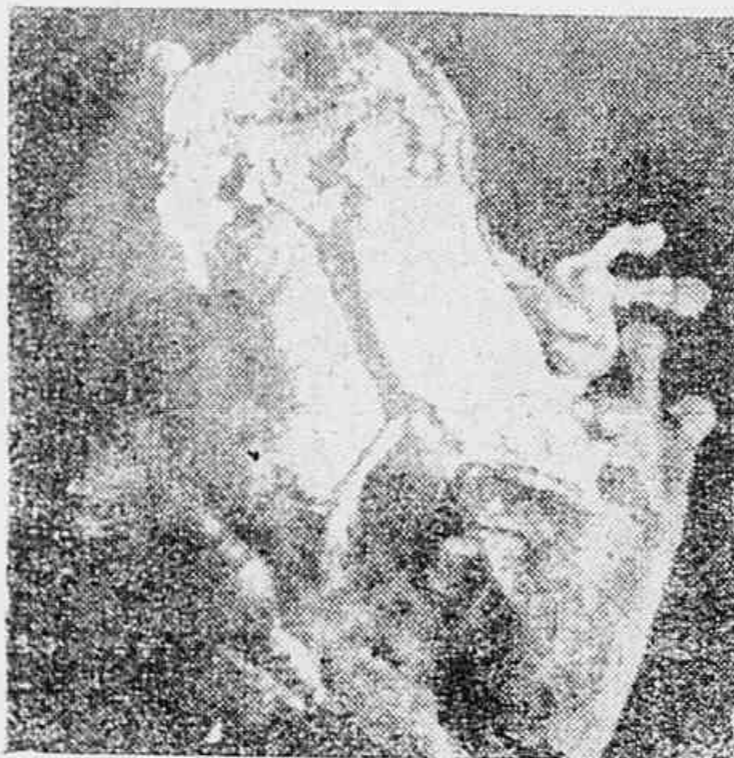
O SAPO KANGURU "CHO'CA" OS OVOS

Estas fotografias, tomadas na floresta venezuelana pelo sábio norte-americano dr. Beebe, apresentam o Sapo Canguru, uma extraordinária espécie zoológica, em que os filhos nascem das costas da mãe, já completamente formados. Assim fechados (chocados, por assim dizer) numa dupla bolsa dorsal, passam pelas duas fases "ovo" e "girino". Por isso recebeu essa espécie o nome de "canguru". Segundo o dr. Beebe, foi a falta d'água nas altas florestas da Venezuela, onde vivem esses sapos, que motivou a surpreendente maneira de reprodução. Logo que nasceu, os filhotes podem saltar ágilmente e até cruzar, num só impulso, o grande corpo da mãe. Para igualar esse bebê, um homem teria que saltar 6m40.

A mamãe-sapo está extenuada. Deu a luz a vinte e um filhos, todos vivos



Como se corresse um fecho-éclair. Os filhotes surgem. Esta é a segunda fase



Os recém-nascidos, prestes a deixar a bolsa dorsal, parecem hesitar. Num segundo, eles saltarão ágilmente



livrinho de McGarry voltou a aparecer. "Tôda pessoa, disse ele, viajando num elevador, é obrigada a se manter voltada de frente para a porta, enquanto o carro estiver em movimento. — Capi-

tulo 2, artigo B..."

— Nada mau... Nada mau... — confessou Fitz. — Artigo 2, realmente!

Na rua, Fitz despediu os repórteres com um último sorriso

e cruzou o seu braço com o de Dan. Entraram num pequeno café, para tomar uma pequena xícara e Fitz marcou o primeiro ponto. Com a colherinha com que já provara o café voltou a apanhar açúcar no açucareiro e depois abandonou ali mesmo a colher.

"Código Sanitário, seção 1.ª" — exclamou ele com ar de triunfo. — Na verdade, meu jovem amigo, você me surpreendeu, agora, deixando escapar este pequenino delito.

Na rua, novamente calmos e palestrando sobre diversos assuntos, Fitz empunhou a sua bengala de maneira a atrapalhar os demais transeuntes que por ele cruzavam. Dan não notou o 'delito'. E com isso o escore ficou empatado. Entraram, então, num dos maiores cinemas da cidade e Dan marcou novo ponto quando Fitz riscou um fósforo para poder encontrar a luva que deixara cair.

Quando voltaram à circulação Fitz, apesar de tudo, demonstrava alegria... irritante. Caminhando ao seu lado, um pouco recuado, Dan o observava, intrigado e assustado. Manter o cérebro alerta é coisa que fatiga extraordinariamente.

Fitz cantarolou uma canção velhíssima. Depois assobiou mansamente.

Repentinamente, Fitz parou, para afagar um belo cão que passava ao lado do dono.

— Magnífico animal, hein? — e novamente afagou a cabeça do animal.

— Realmente... — disse Dan, entre-dentes. — Nada!

— Mas quero chamar a sua atenção, meu caro... Eu incorri num delito e você não anotou. Eu não podia ter afagado aquele cão perdigueiro, sem primeiro ter pedido o consentimento do seu dono...

A essa altura estavam eles de regresso ao hotel de Fitz, para o almoço. Dan se sentia derreado. Os rapazes da imprensa ali estavam, esperando esse primeiro regresso dos litigantes. Fitz sugeriu, então, que os fotógrafos os 'apanhassem' numa chapa, almoçando como bons amigos". Os fotógrafos atenderam ao seu pedido e mal as lâmpadas 'queimaram', ele desatou a rir.

— Esta foi má para você! — disse ele. — "É proibido provocar, diretamente ou não, qualquer relâmpago ou explosão num restaurante público".

Dan pousou, corando, o seu copo d'água.

— Bem... Esta não deve valer... Estamos no intervalo — disse ele.

Quando terminaram foram para Central Park. Fitz comprou um

(Cont. na pág. 18)

A ciência de amanhã poderá tratar — e curar — os "membros fantasmas"? E' provável, dados os rápidos aperfeiçoamentos que registra em todos os domínios, mas, de qualquer modo, o "membro fantasma" constitui uma das mais espantosas e inesperadas manifestações do mistério ainda insondado do cérebro humano.

OS MEMBROS

ÊSSE é um fenômeno singular, que constatam, com espanto, todos os amputados, mas que a ciência muitos anos teve que esperar, antes de poder explicar... **um pouco**, pôsto que em grande parte continua o fato envolto em mistério.

Quando um amputado sai da sala de operação, mal dissipado o efeito da anestesia, percebe que ocorre um fenômeno bizarro, inexplicável mesmo. Ele **sabe** que acaba de perder um de seus membros; seu raciocínio lhe diz; sua vista, seu tocar o afirma. Entretanto... ele não **sente** que esse membro está ausente. O braço, a perna, que tenham sido cortados, persistem na consciência que tem do seu corpo, como parte integrante desse corpo.

— "Eu não tinha mais o meu braço — conta-nos um amputado recente — e no entanto eu sentia a posição de minha mão, o polegar voltado para a palma, os outros dedos comprimindo-o fortemente. Em um dado momento cheguei a sentir minhas unhas penetrar em minha palma! Em outro instante, senti uma forte coceira no pulso. Tão aguda foi que instintivamente levei minha outra mão à frente e sofri uma vivíssima surpresa quando encontrei apenas o espaço vazia..."

Nessas condições, o raciocínio de uma parte, de outra parte o próprio testemunho dos sentidos são impotentes para suprimir essa impressão curiosa da persistência de um membro... já amputado.

A esse membro ausente... e presente ao mesmo tempo, a medicina deu o nome imaginário de "membro fantasma".

"O Membro Fantasma" continua o membro "verdadeiro" — Fato estranho: a sensação do membro fantasma parece presente em tôdas as amputações, sejam elas quais forem. Um cirurgião informa que, de 300 feridos amputados por êle, só se recorda de 10 que não tenham sentido esse fenômeno. As estatísticas do mundo inteiro admitem que o "membro fantasma" só se ausente em 2 a 4 por 100 dos casos, apenas.

Outro fato singularíssimo: mesmo uma amputação ligeira como a de um dedo ou de uma falange, provoca essa sensação. Dir-se-ia que a consciência não pode admitir o desaparecimento de uma fração do corpo, por menor que seja ela, e conserva dessa uma imagem integral.

Finalmente, a ilusão do "membro fantasma" segue de bem perto a operação. Em 70 por 100 dos casos apa-

rece desde a cessação da anestesia. De sorte que nenhum intervalo pode separar a percepção do membro normal da sensação ilusória que se segue à sua perda.

A posição do "fantasma" — Se a sensação do "membro fantasma" é assim tão intensa que chega a enganar incessantemente o ferido, esse membro também afeta certas posições bem determinadas.

Essa posição do membro fantasma é sempre sensivelmente a mesma. Para o braço, o punho é fechado ou quase, o ante-braço dobrado, o braço em contacto com o corpo. Algumas vezes, os movimentos da parte restante do membro amputado são acompanhados por uma sensação de movimento do "membro fantasma". Em outras ocasiões porém, essa ilusão desaparece: é o caso, principalmente, em certas posições da parte restante do membro amputado, que não se



acompanha mais de uma sensação correspondente no resto do membro.

Para a perna, a posição do "membro fantasma" é geralmente mais difícil de indicar. Na maior parte dos casos, o pé se encontra no prolongamento do membro. Porém o ferido tem a sensação de que êste diminuiu consideravelmente.

Certos amputados afirmam poder imprimir movimentos voluntários aos dedos e às falanges do "membro fantasma". Porém esse caso não é comum. Por outro lado, os esforços exigidos por êsses movimentos são acompanhados de dores violentas. Chegam mesmo a provocar um mal estar que pode ir até a síncope.

O "membro fantasma"... encolhe! — Acontece que o amputado sente com grande nitidez, as diferentes partes do "membro fantasma". Êste, porém, não é o caso mais frequente. Em geral, só a extremidade do membro é percebida pela consciência, tendo-se "apagado" as partes intermediárias.

O amputado percebe, assim, o "membro fantasma" como se tivesse encolhido extraordinariamente; tem êle a impressão de que a extremidade dêste está em contacto direto com o pedaço que ainda está realmente preso ao seu corpo.

Dessa maneira, um amputado do braço terá a impressão de que o seu punho está diretamente ligado ao seu ombro; um amputado da perna sentirá o seu pé como se estivesse ligado ao joelho ou à coxa, segundo a altura da amputação.

Êsse encolhimento do "membro fantasma" em geral não é imediato, mas progressivo; é necessário, muitas vezes, vários anos para que se opere de maneira total.

Os erros e prejuízos provocados pelo "membro fantasma" — A "ilusão" do "membro fantasma" não constitui apenas uma curiosidade científica. Representa também perigos, muitas vezes coisa séria. Antes de tudo, o de comprometer o equilíbrio do amputado. O corpo dêste último, na realidade, não apresenta o mesmo volume de antes. Seu

centro de gravidade foi deslocado violentamente, **não pouco a pouco**; agora um dos seus lados é muito mais pesado do que o outro. Ora, o "membro fantasma" impede o amputado de sentir essa modificação de seu equilíbrio corporal.

Apesar de amputado o indivíduo age como se o seu corpo ainda estivesse inteiro, o que provoca movimentos falsos, e muitas vezes acidentes graves.

O amputado do braço, por exemplo, tentará, durante anos seguidos usar, para se apoiar, a mão que não existe mais! Quanto ao amputado da perna, imagina-se facilmente as quedas que pode provocar nele a sensação nítida de um membro que não mais possui...

E isso não é tudo, infelizmente! O "membro fantasma", por mais ausente que esteja, não deixa por isso de ser a sede de dores vivíssimas, das quais pouquíssimos amputados estão livres.

Tais dores — absolutamente distintas das que acompanham a operação cirúrgica — começam ora ao despertar da anestesia, ora algumas semanas ou alguns meses mais tarde. Aparecem elas espontaneamente, sem causa aparente. São profundas, localizadas pelo amputado no membro ausente. Por exemplo, um amputado do

Fantasma

braço se queixará de dores no punho ou no cotovelo. Esse caráter fictício da localização não impede que as dores cheguem a se repercutir sobre todos os mecanismos vitais.

Uma dor que não se pode imaginar — Poucos amputados, bem poucos — como já dissemos — estão livres de dor. A proporção dos privilegiados não é, de fato, quase superior a 15 por 100 dos amputados. Entre alguns deles, a dor é intermitente, aguda, mas suportável, não os impedindo de atender a suas ocupações quotidianas.

Em outros, ao contrário — infelizmente estes são numerosos — a dor é permanente, quotidiana, intolerável. Consiste ela em sensações diversas: queimaduras, laceramento, esmagamento... muitas vezes, é apenas um formigamento, uma co-michão... Porém essa sensação pode vir a ser insuportável pelo fato de serrar em um **membro ausente, que não se pode coçar!**

Essa dor se exaspera geralmente à noite. Algumas vezes, à aproximação da noite, o amputado sente crises consistentes em dores fulgurantes, análogas a descargas elétricas, que percorrem todo o "membro fantasma" e se repetem com regularidade todos os cinco a dez segundos, durante várias horas e às vezes durante toda a noite.

Mesmo o sono não consegue acalmar essa dor. Durante as crises, naturalmente, o amputado não pode fechar os olhos. Mas se se trata de uma dor contínua, a fadiga, ajudada por soporíficos, acaba por arrastar o indivíduo para o sono. Porém não um sono reparador, pois que a agitação do adormecido, os seus sobressaltos convulsivos, provam que ele continua a sofrer, mesmo dormindo.

É difícil aos não amputados imaginar uma dor tão contínua. Um médico relata que tentou, a conselho de um mutilado, fechar a mão a mão, dobrar o punho em martelo e cripar os músculos com força.

— "Ao fim de cinco minutos — declarou ele — eu não podia mais..."

— "E no entanto, o senhor sabia que podia abrir a mão!..." — comentou o amputado, dirigindo-se ao médico.

Contra essas dores **sem sede**, a medicina se mostra geralmente inoperante. Os sedativos ordinários são insuficientes. É preciso recorrer a produtos cada vez mais ativos, a doses cada vez mais fortes. A toxicomania bem pode, assim, tornar-se um grande risco para certos amputados.

O tempo impotente — O grande drama desses sofrimentos, é que o tempo não traz qualquer alívio... Ocorre, em certos casos, que a ilusão do "membro fantasma" enfraquece progressivamente e acaba por desaparecer ao fim de alguns anos. O "membro fantasma" parece então "entrar" pouco a pouco no "tôco" e acaba por nele desaparecer completamente...

Porém esse é um caso raro, infelizmente. Em geral, o "membro fantasma" não deixa o amputado toda a sua vida... Disso resultam complexos psicológicos, que, mesmo na ausência de dores violentas, criam nestes últimos uma psicologia particular, que deve ser observada e acompanhada com cuidado, na fase de readaptação dos mutilados.

Há, entretanto, um método médico que parece não ter sido ainda usado nesses casos, e cujos resultados poderiam muito bem se apresentar favoráveis dado o caráter tão particular da dor e sua origem: a psicanálise ou seu aperfeiçoamento: a narco-análise. Se julgarmos através de casos análogos, em que foram registrados surpreendentes resultados, tais métodos mereceriam, sem dúvida, ser tentados.



DEVEMOS SORRIR

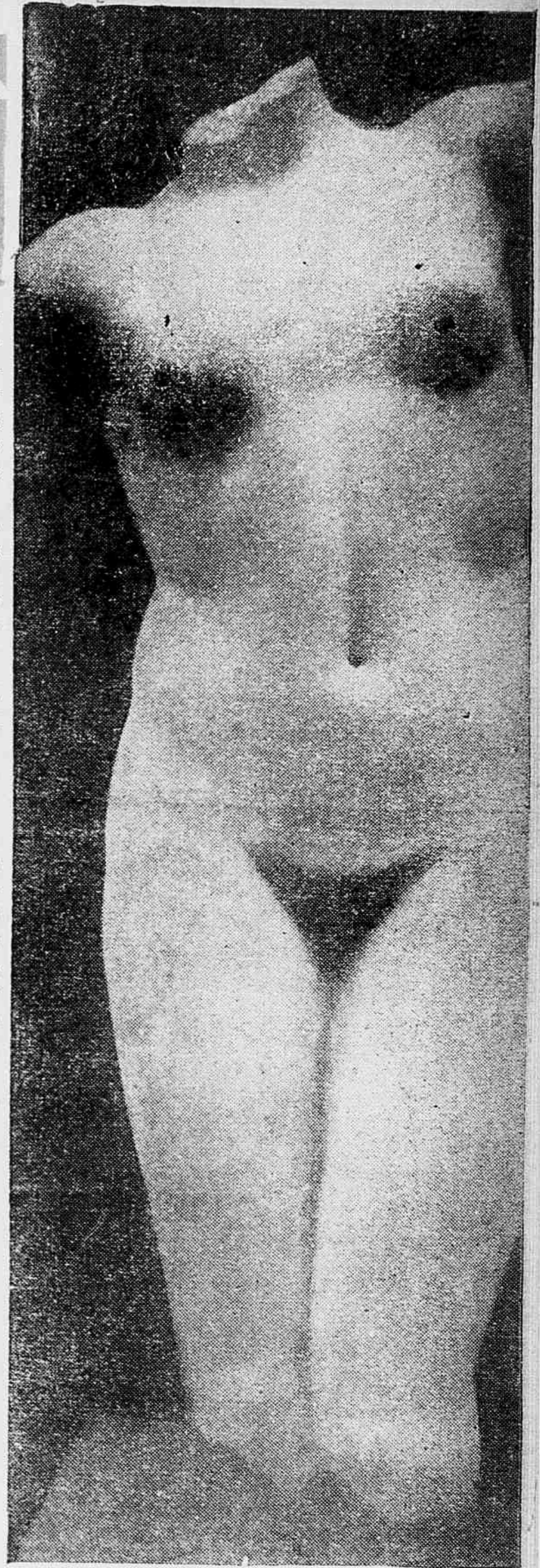
"Quem não sabe sorrir deve fechar sua loja", diz um provérbio chinês. A vida desliza fácil e docemente para quem tem sempre um sorriso à flor dos lábios.

Aprendamos a sorrir e cultivemos o hábito de achar tudo bom, de tolerar, desculpar e perdoar. Buscar em cada situação o lado divertido e merecer de todos uma crítica generosa. Semeando-se sorrisos, colhem-se amizades, pois é condição humana devolver em proporção ao que se recebe.

Se, frente ao destino e às diárias e rudes realidades da vida não sabemos sorrir, é porque há alguma deficiência de caráter que é necessário corrigir. O sorriso é questão de prática.

Cáem sorrindo os homens que atescuram idéias e com o rosto voltado para o sol os mártires e as vítimas das tiranias.

Um poeta anônimo norte-americano disse: "É muito fácil estar contente quando a vida corre como uma canção; mas o homem verdadeiro, sorri quando tudo lhe corre mal."



COMPRADO POR 30 CRUZEIROS, AGORA VALE 12 MIL!



Teddy, o cão que seu atual dono livrou da morte e que, comprado por trinta cruzeiros, hoje vale doze mil

A história de Teddy é quase "cinematográfica". Ferido de guerra, considerado imprestável fôra destinado à injeção mortal do veterinário, para poupar ao "pobre" animal um fim doloroso. Porém um particular, apiedade, comprou Teddy por 5.00 francos (cerca de 30 cruzeiros), tratou de seus ferimentos... e Teddy, considerado hoje o campeão de sua raça, vale 200.000 francos (cerca de 12 mil cruzeiros). Seus filhos, todos bonitos e sadios, são vendidos por alto preço.



Os filhos de Teddy, herdaram do pai excelente apetite e maxilares sólidos...

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

McGARRY...

cartucho de amendoim e, sentando-se num banco, começou a alimentar os ágeis esquilos. Dan observava a manobra do milionário com ar tranquilo. Esquilos... sim... Coelho... não! Fitz não podia alimentar coelhos nos jardins públicos!

Recomeçaram a caminhar e Fitz deixou cair o saco de papel vazio, sem que Dan observasse o seu gesto e o desafiante sorriu, durante uns três minutos, feliz com a sua vitóriazinha.

Assim circularam o resto da tarde. Viajaram em ônibus, bondes e taxis; visitaram o museu de arte e uma grande loja de artigos para homens. O caderninho de Dan saiu do bolso um sem

número de vezes, e sempre que isso era feito, Fitz ficava aparentemente tão satisfeito como o colegial que troca um piscar de olho com um comparsa, enquanto a professora escreve no quadro-negro.

O quartel-central da polícia, às quatro horas, era a linha final do grande **match**. Chegaram ali cinco minutos adiantados. Fitz satisfeito e saltitante, como se tivesse vinte anos e Dan arrastando os pés. Só ele sabia o que lhe custara a prova! Os repórteres estavam esperando na ante-sala do gabinete do Inspetor-Chefe, ansiosos por conhecer o resultado do desafio. Quem vencera?

★

Foi um divertimento sem igual! declarou Fitz com ar feliz. — Devo confessar que o meu jovem adversário demonstrou grande eficiência. Mas não o suficiente para ganhar, segundo receio.

Dan extraiu do bolso a sua carteirainha de apontamentos.

Tenho aqui anotadas dez irregularidades, praticadas pelo senhor.

— Dez? — exclamou Fitz esfregando as mãos, alegremente. — Formidável, meu caro. Magnífico! Mas, infelizmente, todo o seu esforço foi inútil, pois que eu pratiquei até o presente instante vinte faltas contra os códigos e regulamentos desta cidade. Assim, você conseguiu atingir cinquenta por cento, o que não chega para ganhar o prêmio, pois que eu anunciei que daria os dez mil dólares para a Caixa Beneficente da Polícia, se você conseguisse apontar mais de cinquenta por cento das faltas que eu praticasse.

Fêz girar alegremente a bengala e voltou-se para os repórteres:

— Foi uma pena — disse êle, zombeteiro. — Uma grande pena!

Dan sentiu que suas pernas fraquejavam. Porém, repentinamente seus olhos brilharam de indignação e êle se sentiu renascer com a cólera que o invadia. Voltou-se para Fitz e disse:

— Você é um cabotino imundo, e um mentiroso!

Fitz saltou, como se uma cobra o tivesse mordido.

— Hein?

— Eu disse que você é um cabotino imundo... Um mentiroso! — repetiu Dan, cruzando os braços e corando, porque, realmente, essa atitude não era própria de um policial e muito menos dêle, McGarry. Entretanto, agora êle crivava Fitz de injúrias terríveis, usando e abusando de palavras grosseiras. Fitz abriu a boca várias vezes para protestar, mas de seus lábios não saiu qualquer som.

Faltavam agora dois minutos escassos para a hora que encer-

raria a prova. Então, nesse instante a porta foi aberta e o Inspetor apareceu.

— Aqui estou — disse êle, com ar contrito. — Digam-me logo o mau resultado da prova.

— Venci! — gritou Fitz. — Aqui, êste seu detective perdeu! Com gestos nervosos tirou o cheque do bolso e abanou o papel repetidas vezes junto do rosto do Inspetor.

— Vou esperar que êste relógio bata quatro horas e depois rasgarei êste cheque!

Trinta segundos tinham passado. Então Dan se ergueu. Esticando o braço acusador contra Fitz, falou:

— Não rasgue o cheque! — gritou êle, com um olhar para o relógio e ao mesmo tempo se esforçando para recordar... — 'Regulamento desta Cidade. Código da Polícia Central... "Qualquer pessoa que ouça um policial, de qualquer categoria, no cumprimento do seu dever, usar linguagem grosseira e insultuosa contra qualquer cidadão, é obrigado a relatar essa condenável conduta imediatamente a algum oficial superior da mesma polícia. Isto foi escrito e aprovado em 1904, por ocasião da reforma policial. Portanto, êste velhote incorreu numa falta! Devia ter dado queixa contra mim ao inspetor...

Tendo falado, Dan recuou dois passos, pouco firme sobre as pernas e finalmente se deixou cair na poltrona.

— Creio que com isto consegui chegar a 11 faltas anotadas... — explicou êle quase sem voz. — Não sou bom nos cálculos mentais, mas acredito que eu tenha conseguido mais de cinquenta por cento... Neste caso... Que tal se entregasse o cheque ao Inspetor?

★

Todos os presentes começaram a falar e a gritar ao mesmo tempo, enquanto as lâmpadas dos fotógrafos "queimavam" de tôdas as direções. Depois, serenados um pouco os ânimos, foi tirada a fotografia do inspetor recebendo o cheque e também a de McGarry "nafragado" na poltrona, quase sem fala, e com os braços caídos, sem movimento. Finalmente tiraram a fotografia do Inspetor dando pancadinhas nas costas de Dan e sorrindo, todo feliz.

★

— Se há qualquer coisa que eu possa fazer por você, Dan — falou êle a seguir — pode dizer!

Dan se levantou e cambaleou à sua frente. Mal pode falar: — "Estou doente... Dor de cabeça... Quero ir para casa... Kitty sabe o que deve fazer..."

— Tragam a ambulância policial! — gritou o Inspetor. — E depressa! Se é êle, o Cérebro, quem paga!

O PAQUISTÃO NASCEU DA GUERRA

HÁ pouco chegava aos Estados Unidos um estadista gentil e corpulento, embora algo taciturno, que usa sempre os óculos de aros de tartaruga e gorro cinzento, de lã de carneiro. E deveria lá ficar por mais de um mês, visitando Washington como hóspede do Presidente norte-americano, para, depois, fazer uma visita às principais cidades do país. Uma vez desobrigado de seus encargos diplomáticos, deveria estudar o que pudesse da técnica e dos empreendimentos industriais americanos. Esse estadista era Liaquat Ali Khan Primeiro Ministro do Paquistão, uma das mais novas nações do mundo, a quinta em população e a mais extensa entre os dominados por muçulmanos.

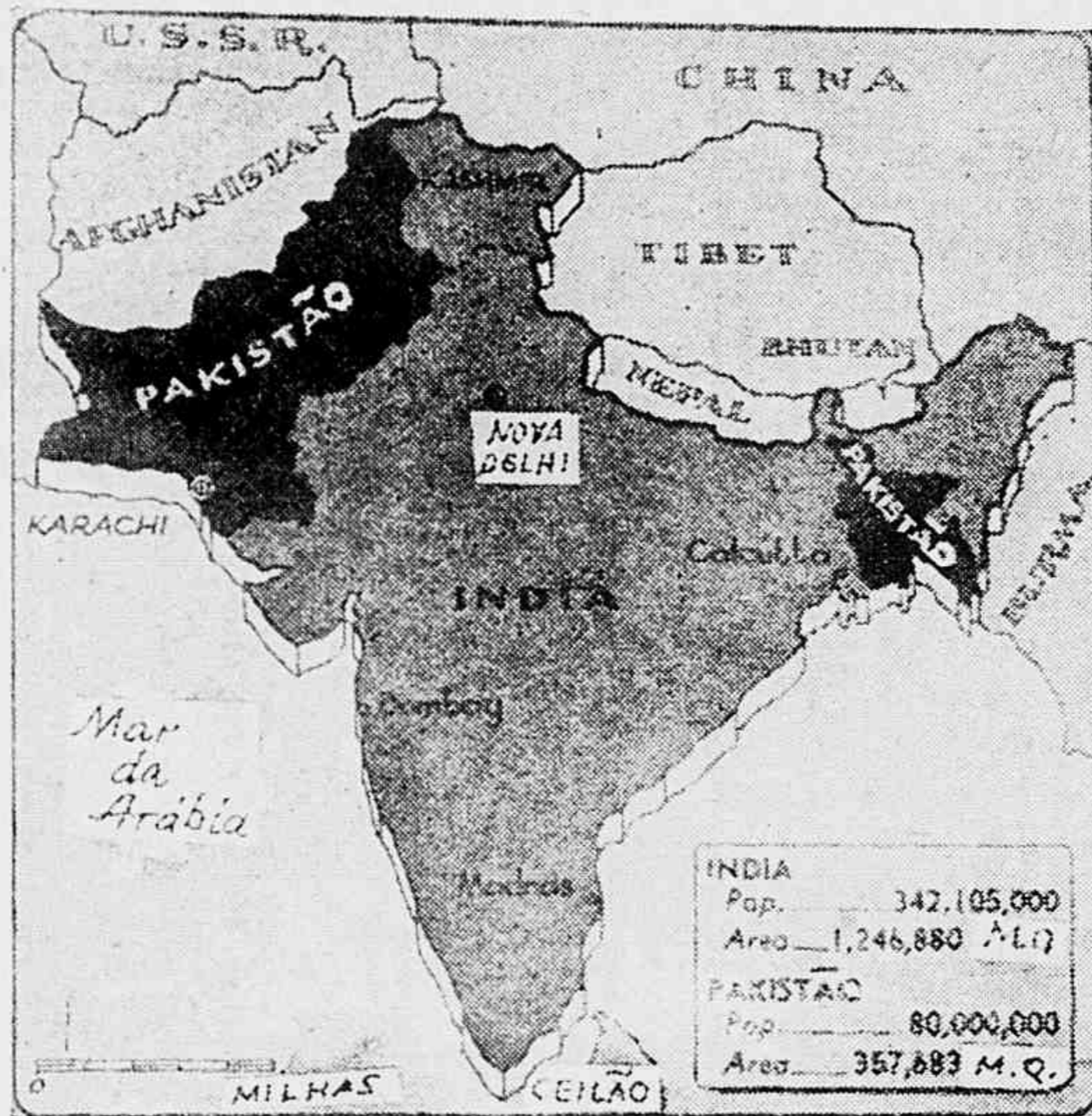
Liaquat Ali nunca fôra aos Estados Unidos: mas não há de ter encontrado maiores dificuldades quanto à língua, porque ele é um graduado de Oxford e um criminologista da sociedade "Lincoln's Inn".

De certo que encontraria embaraços, como todos os visitantes recém-chegados, para entender muitos dos aspectos daquela civilização que, na sua azáfama e progresso material, oferece um contraste assustador com a terra distante da qual se vai.

Todavia, as primeiras impressões de um paquistão não seriam mais chocantes do que os de um filho do Oeste na sua primeira visita ao Paquistão. Porque este encontraria uma nação de 80.000.000 de habitantes, deliberadamente formada não em bases econômicas, linguísticas ou raciais, porém resultante de fundamento religioso, com uma estrutura geográfica ainda mais exqu岸ita, pois consiste o seu território em duas partes separadas por milhares de quilômetros de terras estrangeiras. É como se, no Brasil, uma nação soberana fôsse criada, parte no Norte da Amazônia e outra parte no Rio Grande do Sul, separadas pelo restante território do nosso país, e com vias de comunicação apenas pelo mar e pelo ar.

Realmente, o viajante que voa de Karachi a Dacca depara tão grande contraste quanto se tivesse ido de Boston a Houston, nos Estados Unidos, porque em poucas horas ele passa do deserto do Oriente Médio à vegetação tropical do sudeste da Ásia.

O QUE FOI E O QUE É O NOVO PAÍS ★ MAIS UMA NAÇÃO INDEPENDENTE APÓS A SEGUNDA GRANDE GUERRA ★ CARACTERÍSTICAS ★ O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO ★ O ESPETÁCULO DAS MIGRAÇÕES EM MASSA ★ A RELIGIÃO VENCE A GEOGRAFIA



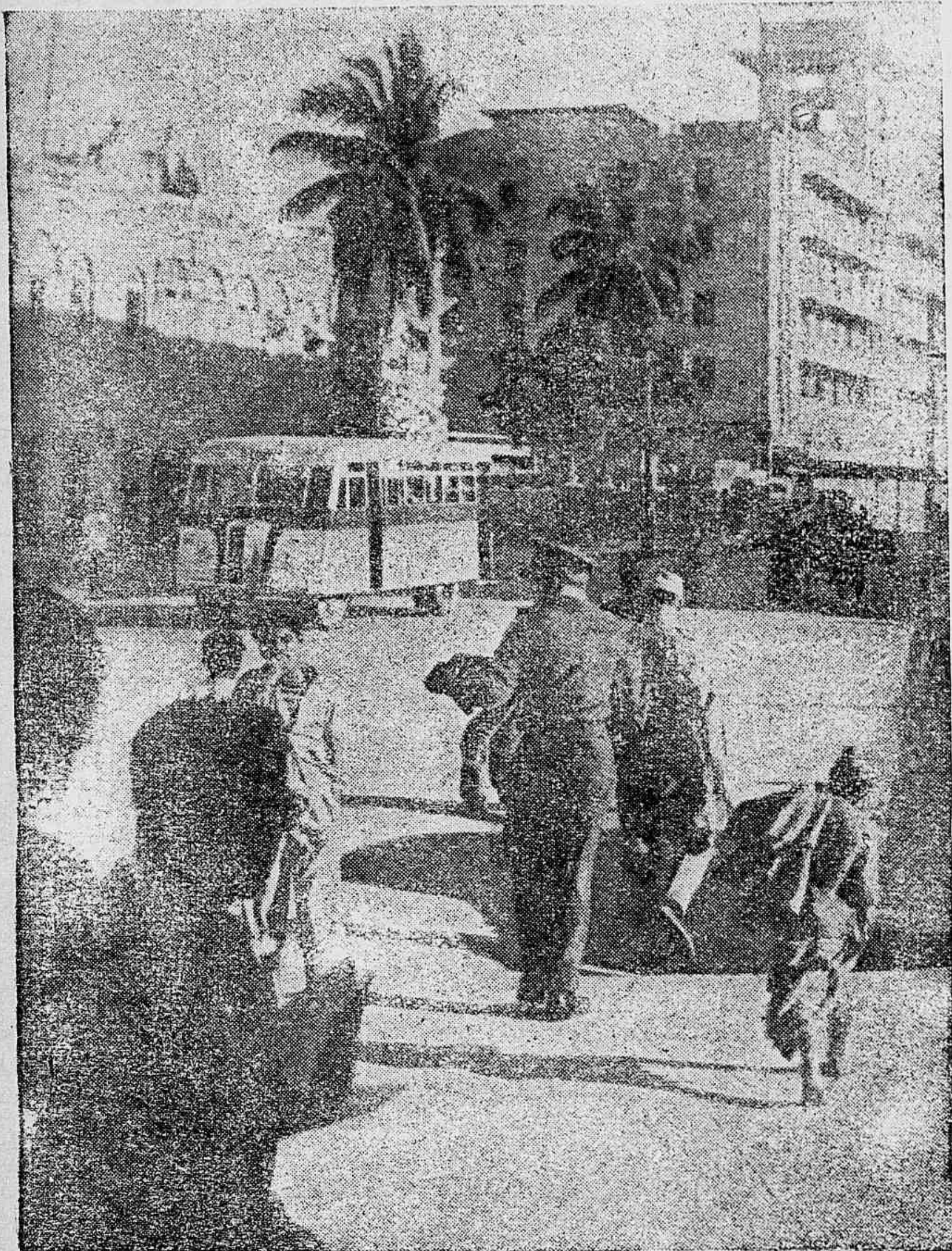
O novo Estado do Paquistão está dividido em dois territórios, ao ocidente e oriente do Estado Indiano. O mapa acima indica, ainda, a sua área e população, comparativamente com a da Índia

O Paquistão do Oeste, não obstante constituir a maior área, tem menor população. De suas enormes cordilheiras, os cinco famosos rios do Punjab correm suavemente pelas planícies secas. As chuvas são intermitentes e escassas. O trigo e o algodão, culturas vitais, dependem da irrigação artificial, que é a maior do mundo. Nas montanhas vive a tribo dos Pathan, altos, pitorescos nas suas calças fôfas e nos turbantes arrojados, inseparáveis de seus rifles, tradicionalmente enfeudados em sua vida familiar porém hospitaleiros para com os estranhos.

Nas colônias do canal do Punjab, vivem os mais ricos lavradores de Paquistão, arando os campos de trigo com bois próprios, gente robusta que constitui a espinha dorsal do exército. Em Sing, há muito conhecido como o "Vale do Infortúnio", lavradores que, por gerações, vêm sendo triturados entre senhores rapaces e o deserto cruel, estão, agora, grangeando uma nova situação mais digna. E suas colheitas de algodão têm triplicado



Liaquat Ali Khan chega aos Estados Unidos. Da esquerda para a direita: John A. Coleman, representante do Prefeito O'Dwyer, Senhora Ali Khan, M. A. H. Ispahani, embaixador do Paquistão nos EE. UU. e Liaquat



Karachi, a capital de Paquistão, está tomando feição moderna

ou quadruplicado de valor pelo sistema de irrigação que se irradia do rio Indus.

O problema de Paquistão Oriental é mais de excesso d'água do que de falta desta. Através de planícies e ilhas aluviais, o Ganges e o Bramaputra correm em meandros para o mar, cobrindo a terra com os seus sedimentos fertilizadores. O arroz e a juta proliferam muito nesse solo rico bem como o côco e o abacaxi. Nas épocas das chuvas, a água invade as povoações e vai-se duma casa a outra em embarcações. Aqui o lavrador muçulmano é baixo, barbado, usa saia colorida e solideu branco. E quando viaja pelo rio tem o olho aberto para o crocodilo e na selva para o tigre real de Bengala e o Leopardo.

O visitante fica a pensar como e por que duas áreas e dois povos tão diferentes se fundiram por força da recomposição política daquilo que um dia fôra o "Império Indiano da Europa". E a resposta é que essas eram áreas muçulmanas. Quando os muçulmanos da Arábia e da Ásia Central começaram a invadir a Índia, conquistaram, converteram e se esta-

beleceram nas terras que hoje constituem o Paquistão Ocidental. Através do resto da Índia eles se difundiram pouco, exceto na remota Bengala



Oriental. Aqui seus missionários encontraram grupos inteiros de profissionais, tais como: pescadores, caçadores e agricultores de baixa casta — que se subordinaram a um domínio perpétuo sob o rígido regime indiano que só recentemente começou a receber a suave influência do Budismo. Esses grupos, rápida e entusiasticamente, abraçaram o Islamismo e seus descendentes constituem a maioria dos atuais habitantes do Paquistão Oriental. Por que, em face da enorme separação geográfica, os muçulmanos da Índia insistem na criação de um único Estado Muçulmano? De um lado isso decorre da firme determinação de manter uma cultura e um meio de viver muito diferente da maioria da Índia indiana; tanto que o primeiro grande líder, o último Mohammed Ali Jinnah declarou, certa vez: — "Indus e muçulmanos pertencem a duas diferentes religiões, filosofias, costumes sociais e literaturas. Eles não se encontram nem comem juntos e mesmo pertencem a duas civilizações diferentes, baseadas em idéias e concepções que se chocam. Juntar duas nações assim sob o mesmo jugo, uma numericamente menor e outra majoritária, é incentivar o descontentamento e, afinal, a destruição".

E há outros fatores. Os muçulmanos orgulhosos de sua cultura persa, têm sido lerdos no aprender o inglês, de modo que, no comércio, na indústria e nos serviços do Governo, foram superados pelos indus. Mesmo em Sind e na Bengala Oriental os mercadores, os agiotas e os senhores de terras eram indus. O desejo de ficar livres do controle econômico de Bombaim e Calcutá e a aspiração individual dos muçulmanos para progredir nas profissões bloqueadas pelos indus, fizeram com que procurassem a independência.

Finalmente foi estabelecido, em 1947, o Domínio Independente do Paquistão, simultaneamente com o estabelecimento do Domínio Independente da Índia. Aquêles se tornou um governo federalizado com a capital em Karachi, porto marítimo do Ocidente, tendo como principais partes componentes Sind, com 5.200.000 habitantes; e Província da Fronteira do Noroeste.

LIAQUAT ALI KHAN, com 55 anos de idade, primeiro ministro do Paquistão, realizou recentemente uma viagem diplomática e comercial pelos Estados Unidos. Foi ele — e ainda é — "uma calma influência nas tensas relações entre o Paquistão e a Índia". É ele, como Nehru, um aristocrata. Filho de um nababo, que o enviou para estudar em Oxford, um felicíssimo homem de negócios, passando depois para a política. Filiou-se à Liga Muçulmana, em 1932, tornando-se num dos continuadores sinceros da política do finado Mohammed Ali Jinnah, lutando tenazmente pela independência do Estado Muçulmano do Paquistão. Liaquat Ali e Nehru vivem em excelentes relações. Foram, há tempos, colegas no gabinete de coalisão da Liga do Congresso Muçulmano. Suas recentes conversações afastaram o perigo de guerra entre os dois países. Sendo oficialmente anticomunista, o Paquistão se volta para os EE. UU. para obter auxílio técnico e financeiro.

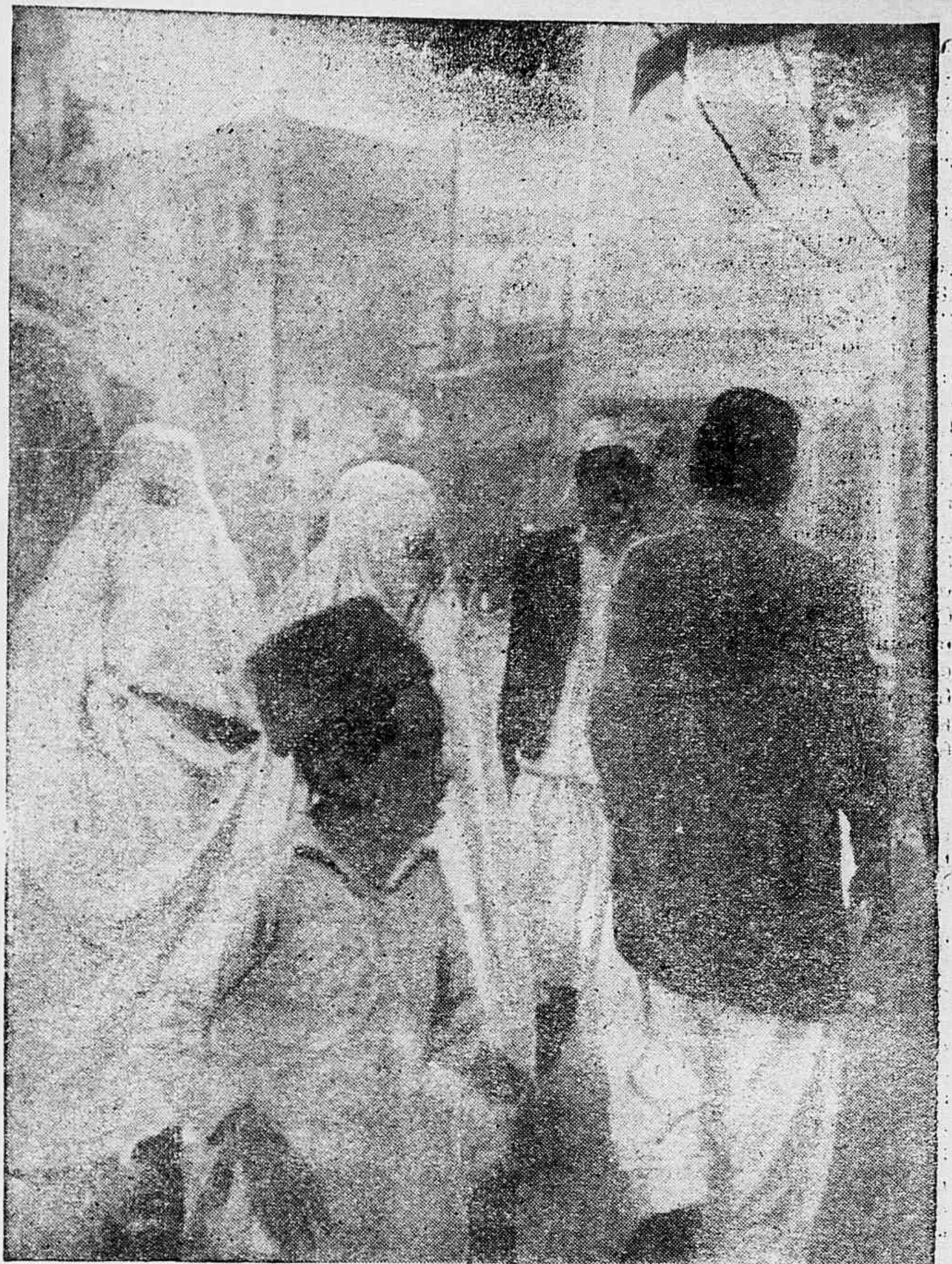
com 3.200.000 habitantes; o Punjab do Ocidente, com 19.700.000; a Bengala Oriental, com 46.700.000 e o Baluchistão, com 500.000. Estados nómades e regiões de nativos com uma população total de 4.800.000 também se juntaram à Federação.

A tarefa de montar um novo governo, pesada como sempre, foi imensamente dificultada pelos incontroláveis distúrbios que logo rebentaram entre muçulmanos e não muçulmanos no Punjab. De ambos os lados, nas imediações da fronteira Indo-Paquistão, as minorias, espontaneamente, reuniram suas poucas coisas e se puseram em retirada, a maior parte a pé ou em carros de boi e os mais afortunados em trem ou em caminhões. E o novo Estado foi inundado, quase submerso, por cerca de 6.500.000 muçulmanos refugiados da Índia, sobretudo lavradores e artesãos desamparados. Por sua vez, cerca de 4.500.000 indus e sikhs deixaram o Paquistão Ocidental, entre os quais estavam muitos dos agiotas e comerciantes que controlavam a economia e a vida rural; funcionários que compunham a máquina governamental e dos bancos; os responsáveis pela saúde pública e os profissionais, tais como médicos, enfermeiros, advogados e dentistas.

Mas o governo Paquistão enfrentou bravamente a situação. Os refugiados foram alimentados e vestidos tanto quanto as possibilidades permitiam. Os fazendeiros foram localizados nas áreas deixadas pelos indus e sikhs e a eles foram concedidos empréstimos até as primeiras safras. Bancários e contadores foram preparados, às carreiras, em cursos noturnos. E as mulheres da classe média saíram da reclusão (purdah) para servir como auxiliares dos hospitais.

Mal se atenuava a crise no Punjab, teve o Paquistão que enfrentar outra na Kashmira, onde um marajá indiano governava uma população de 4 milhões, dos quais 3.000.000 eram muçulmanos. Em face de uma rebelião entre alguns dos seus súditos, que, juntos aos invasores de Pathan, queriam anexar o Paquistão, ele se aliou à Índia. O governo paquistão não reconheceu a anexação da Kashmira e mandou à Índia tropas contra a Kashmira Ocidental para ajudar os rebeldes em escaramuças com o exército indiano. Mas as Nações Unidas suspenderam a luta na Kashmira e o futuro do Estado será resolvido em plebiscito. Enquanto isso, tem tido o Paquistão o encargo de alimentar 500 mil refugiados da Kashmira e quase que todos os aspectos de sua economia e do seu governo estão sob a influência dessa perspectiva de guerra com a Índia.

No seu desejo de obter a Kashmira, o Paquistão não é movido somente pela simpatia que a sua população muçulmana lhe inspira, mas, sobretudo, porque três dos cinco grandes rios do Punjab — o Indus, o Jhelum e o Chenab — têm os seus nascentes naquele Estado. E os outros dois — o Ravi e o Sutlej — têm as



Aspecto tradicional de Karachi: mulheres de capa e capuz brancos numa velha rua

suas nascentes na Índia. E os paquistãos sabem que, se todos esses rios forem dominados pela Índia, esta poderá, derivando as suas águas,

arruinar os grandes trigais e algodoeiros do Punjab Ocidental.

Neste crítico primeiro ano, os encargos mais pesados do governo foram conduzidos por Jinnah, que não era apenas Governador Geral e Presidente da Assembléia Constituinte, mas



JAWAHARLAL NEHRU, com 60 anos de idade, Primeiro Ministro da Índia, a segunda nação do mundo em população, com 342.000.000 de habitantes e uma área de 1.221.000 m.q. Um intelectual da velha aristocracia, educado em Cambridge. Regressando à Índia não tardou a entrar para a política, destacando-se como um dos auxiliares mais hábeis de Gandhi, no correr de sua longa luta pela independência da Índia. Veterano de muitas prisões inglesas, tornou-se o ídolo das massas da Índia, conquistando grande influência como o campeão da soberania asiática. Embora Nehru tenha, em certa ocasião, manifestado sua admiração pela organização soviética, é o proponente de uma gradual reforma socialista, preferentemente a uma violenta revolução marxista. Na política exterior seu atual objetivo é o de se manter equidistante entre as duas forças antagônicas e fazer da Índia uma "terceira força" neutra, entre a Rússia e o Ocidente — posição essa que dificilmente poderá ser mantida se a guerra realmente chegar

o "Grande Condutor" que encabeçou a Lima Muçulmana na luta pela independência. Embora acima dos 70 anos, viajou pelas províncias pregando "unidade, fé e disciplina" supervisionando a lei e a ordem, desradicando a corrupção, pregando o bom tratamento para as minorias e esforçando-se pelo caldeamento dos mais diversos elementos componentes do Paquistão em uma única nação.

Quando Jinnah morreu de um ataque cardíaco, em setembro de 1948, seu manto recaiu naturalmente sobre Liaquat Ali. Além de servir como Primeiro Ministro, foi êste por vários anos auxiliar de Jinnah como Secretário da Liga Muçulmana. É um aristocrata que renunciou a êsse título, parlamentar experimentado e um dos primeiros componentes, como financista, do Conselho do Vice-Rei. Seu traço dominante como Primeiro Ministro tem sido a serenidade com que tem defrontado as crises políticas e as agitações populares. Um homem mais fraco ou mais emotivo não teria sido capaz de evitar a catástrofe.

Liaquat Ali tem sido habilmente assistido pelo Ministro do Exterior Mohamed Zafrullah Kan, cuja defesa não somente da causa de seu país, mas de tôdas as outras nações muçulmanas muito contribuiu para colocar o Paquistão em destaque na conferência de Lake Success. Mas nem a firme conduta de Liaquat Ali nem a hábil diplomacia de Zafrullah seriam eficientes sem uma boa base econômica interna. E os balanços orçamentários assim de 1948 como de 1949, têm constituído a contribuição de Ghulam Mohamed, Ministro das Finanças não obstante as muitas e más profecias sobre as possibilidades financeiras do Paquistão.

O fato é que, como país agrícola, a economia do Paquistão se mostra como das mais sãs da Ásia, tendo balança comercial favorável com a área do dólar. Tem superprodução de grãos, fornece setenta por cento da juta bruta do mundo e o seu algodão de fibra longa obtém ótimos preços nos mercados internacionais.

A sua maior necessidade é a industrialização. Na época da independência, o Paquistão não tinha máquinas para juta e somente dez por cento do algodão era industrializado no país. Mas uma industrialização em longa escala não é possível sem grande quantidade de força elétrica, porque as fontes locais de carvão são fracas e o petróleo, não obstante largamente procurado no Paquistão Ocidental, não tem sido obtido em nenhuma quantidade. Nestas condições estão em andamento importantes projetos hidroelétricos no sentido do aproveitamento dos rios do Paquistão Oriental e Ocidental. Enquanto isso, beneficiamentos de juta, estabelecimentos têxteis e uma grande usina de açúcar estão sendo montados.

Em todos êsses trabalhos, os técnicos estrangeiros têm grande papel. Mas o capital estrangeiro tem estado retraído, esperando que a nova na-

ção se firme e que o govêrno mantenha o controle da situação. Mas, ainda mesmo que tais aspectos sejam definidos, os homens de negócio estrangeiros deverão se manter cautelosos porque as disputas do Paquistão com a Índia deixam os dois países à beira da guerra.

As relações difíceis entre os citados países e o problema dos refugiados têm derivado os rumos das atividades políticas normais do Paquistão. A constituição ainda não foi promulgada mas foi aprovada numa resolução em 1949, adotando os seus objetivos. Diz o seu preâmbulo que **"a soberania sobre tudo pertence a Deus, o Todo Poderoso, e a autoridade que êle delegou ao Estado de Paquistão, através de seu povo, é uma sagrada confiança"**. A resolução assegurou os princípios da democracia da justiça social, os direitos das minorias e a independência do judiciário.

Os paquistãos negam indignadamente que seu país seja uma teocracia, porque não há padres no Islamismo; entretanto afirma que são um Estado islamita. Liaquat Ali diz que o seu objetivo é um **"socialismo islamita, o que, em síntese, quer dizer que cada pessoa no país tem iguais direitos ao alimento, ao abrigo, à roupa, à educação e assistência médica. O programa econômico esboçado há 1.350 anos passados, no tempo de Mahomet, é ainda o que mais nos serve"**.

Discute-se muito em Karachi e Lahore sobre os propósitos de introdução das primitivas leis islâmicas na sociedade moderna. Uma das que têm despertado maior controvérsia é a chamada "taxa de pobreza", pela qual os muçulmanos são tradicionalmente chamados a dar um quarto do total de suas utilidades, menos as de origem animal, cada ano, como contribuição de usura. A última não inclui o comércio normal.

Os serviços sociais no Paquistão são rudimentares, porém segundo modelo oriental. E o Govêrno Federal pouco pode fazer agora para auxiliar os govêrnos das províncias a expandi-los porque mais da metade do seu orçamento se destina a defesa nacional.

Sob qualquer aspecto em que o Paquistão seja visto, atualmente, as cogitações vão ter com as relações do país em face da Índia. Os serviços sociais e industriais são limitados pelos ônus decorrentes da manutenção dum grande exército. As liberdades civis e as instituições políticas são restringidas pelo receio da traição. Os investimentos de fora são prejudicados pelas apreensões da guerra.

Mas o Paquistão tem feito corajoso progresso. Se as desagradáveis disputas com a Índia se resolveram amigavelmente, pode-se prever que aquêle povo forte, industrioso e entusiasmado, numa terra de vastos recursos irá para a frente fazendo o seu país um dos mais prósperos da Ásia. Se, ao contrário, a luta continuar a ruína baterá às portas de ambos em benefício do comunismo.

BUM! BUM!

(Estação de Caçadas)

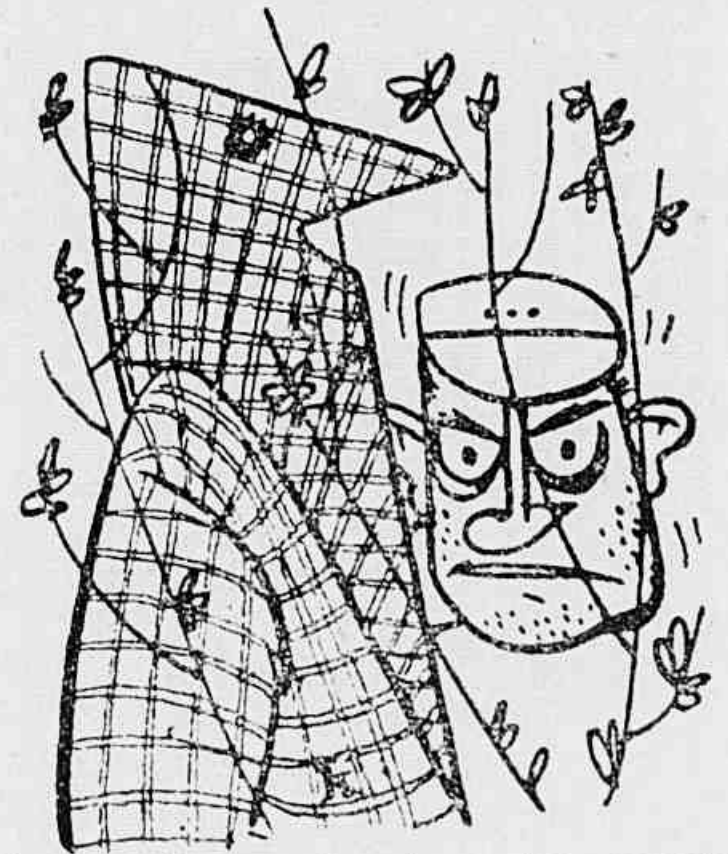
Maurice Ricker, da Augusta, Estado de Memphis, Estados Unidos, disparou cinco tiros. Com o primeiro abateu um veado com chifres de nove pontas. Com o segundo, matou um gato do mato; mais tarde encontrou quatro ursos e com os três tiros que lhe restavam abateu... três desses animais.

★

Um tiro disparado por outro caçador chocou-se contra o solo e a seguir foi cair dentro do bôlso de F. Dan Sweet, de Nova York, quebrando-lhe a bússola, mas sem lhe causar um arranhão sequer. Depois, voltando-se, viu o alvo contra o qual o colega fizera fogo: um belo veado com chifres de quatro pontas. Imediatamente apontou, fez fogo e abateu o belo exemplar.

★

Um jovem caçador estava seguro de estar vendo as orelhas de um veado acima de uma pedra. Bum! A bala porém, foi varar a alta gola levantada



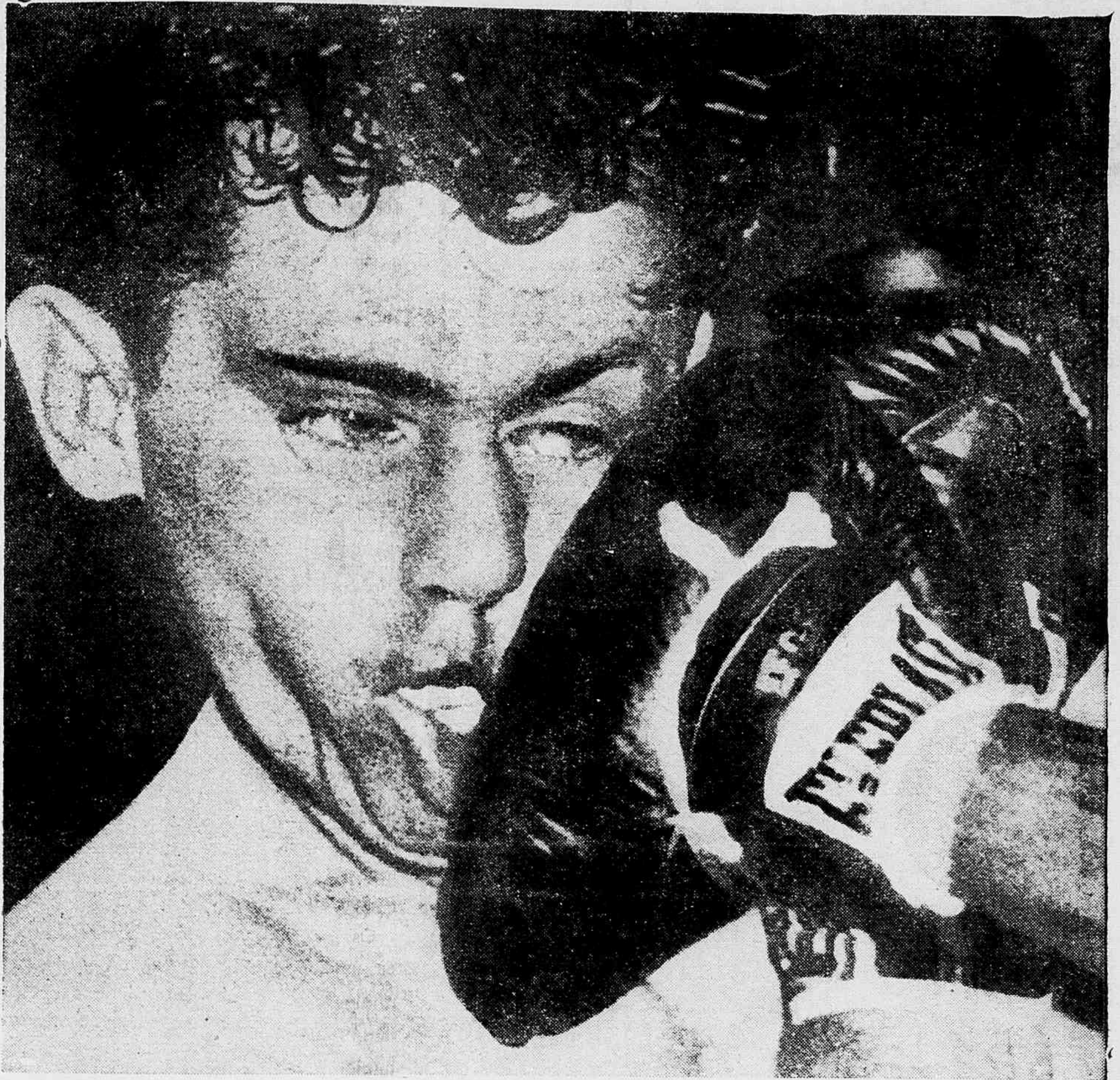
do pesado capote de outro caçador, que assim tinha feito para proteger a nuca do frio.

★

Um Nimrod no Estado de Washington colocou, atravessado sobre a sela do seu cavalo, a fim de levar para casa um magnífico exemplar de gamo, que acabara de abater. Enquanto com grande esforço levantava o gamo, outro caçador atirou de longe... e matou o cavalo!

★

Asa Duly, da Califórnia, viu a cabeça de um urso surgir acima de uma moita. Bum!... E o urso caiu. Mas com espanto do caçador, a cabeça do urso tornou a surgir sobre a moita. Outra vez... Bum! E o urso voltou a cair. Teve ainda que disparar mais dois tiros, num total de quatro, até ter a certeza de que o urso caíra de uma vez por tôdas. Porém, com grande espanto seu, quando se aproximou da moita verificou que estavam mortos... quatro ursos — a mãe e quatro filhotes!



Vários golpes como êste que recebe no clichê acima Jimmy Warren, de Brooklyn, deslocam o cérebro no interior do crânio e podem tornar o lutador inválido para o resto da vida

COMO O BOXE MATA

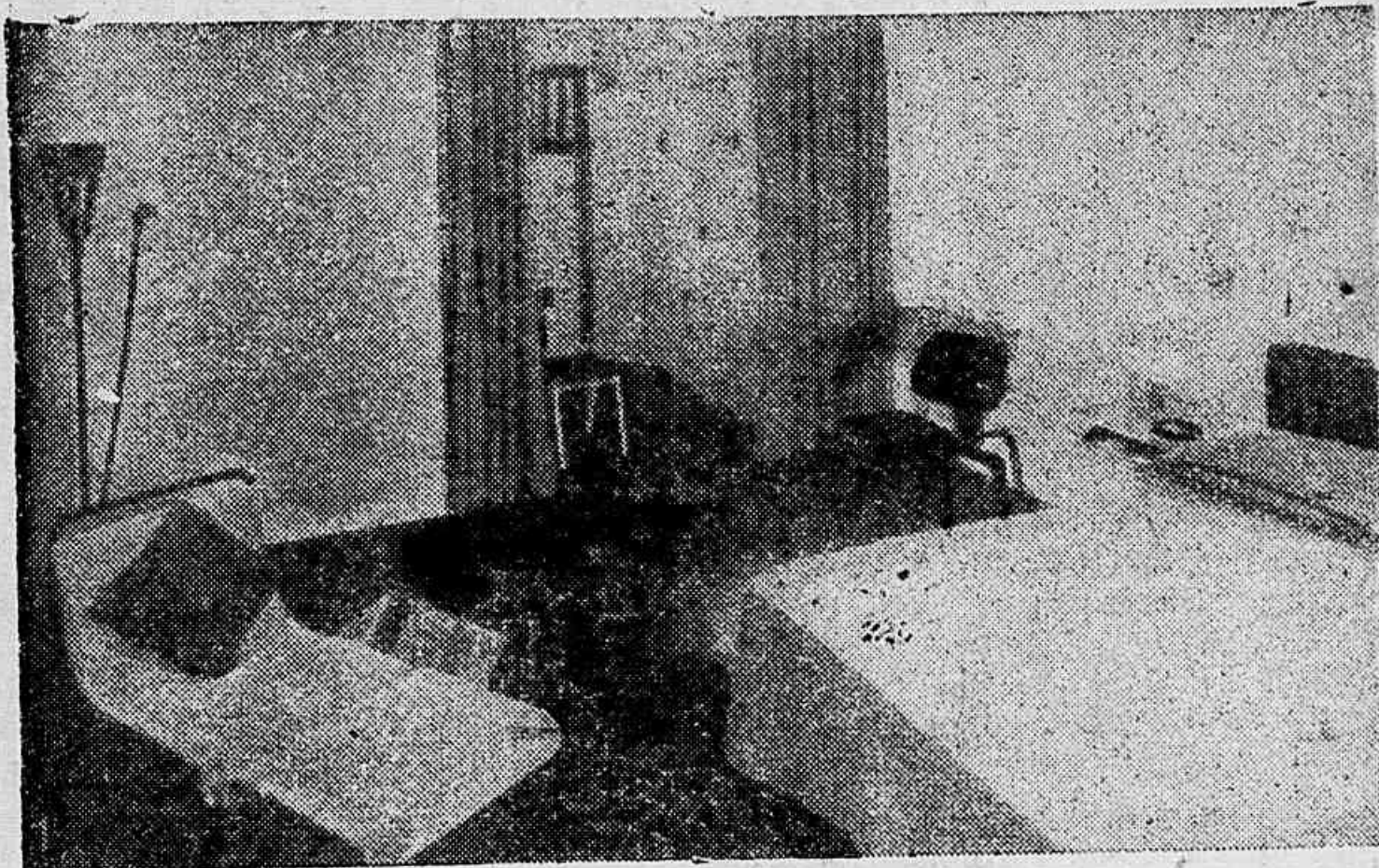
Estas fotografias foram extraídas de um hebdomadário norte-americano, adversário do box. Revelam como, no momento em que a luva atinge a cabeça (fotografia superior) os lóbulos frontais do cérebro (fotografia inferior, esquerda) são projetados contra o bordo do osso esfenóide (fotografia inferior, direita). Nesse ponto do impacto pode ser provocada uma tumefacção. Ora, ocorre que os lóbulos frontais são as partes mais importantes do cérebro: comandam a coordenação dos movimentos e da palavra. Sua lesão nem sempre é mortal, porém as enfermidades que provoca — perturbações da palavra ou do controle dos gestos, até mesmo a demência — são incuráveis, posto que as células nervosas destruídas não podem ser jamais substituídas.



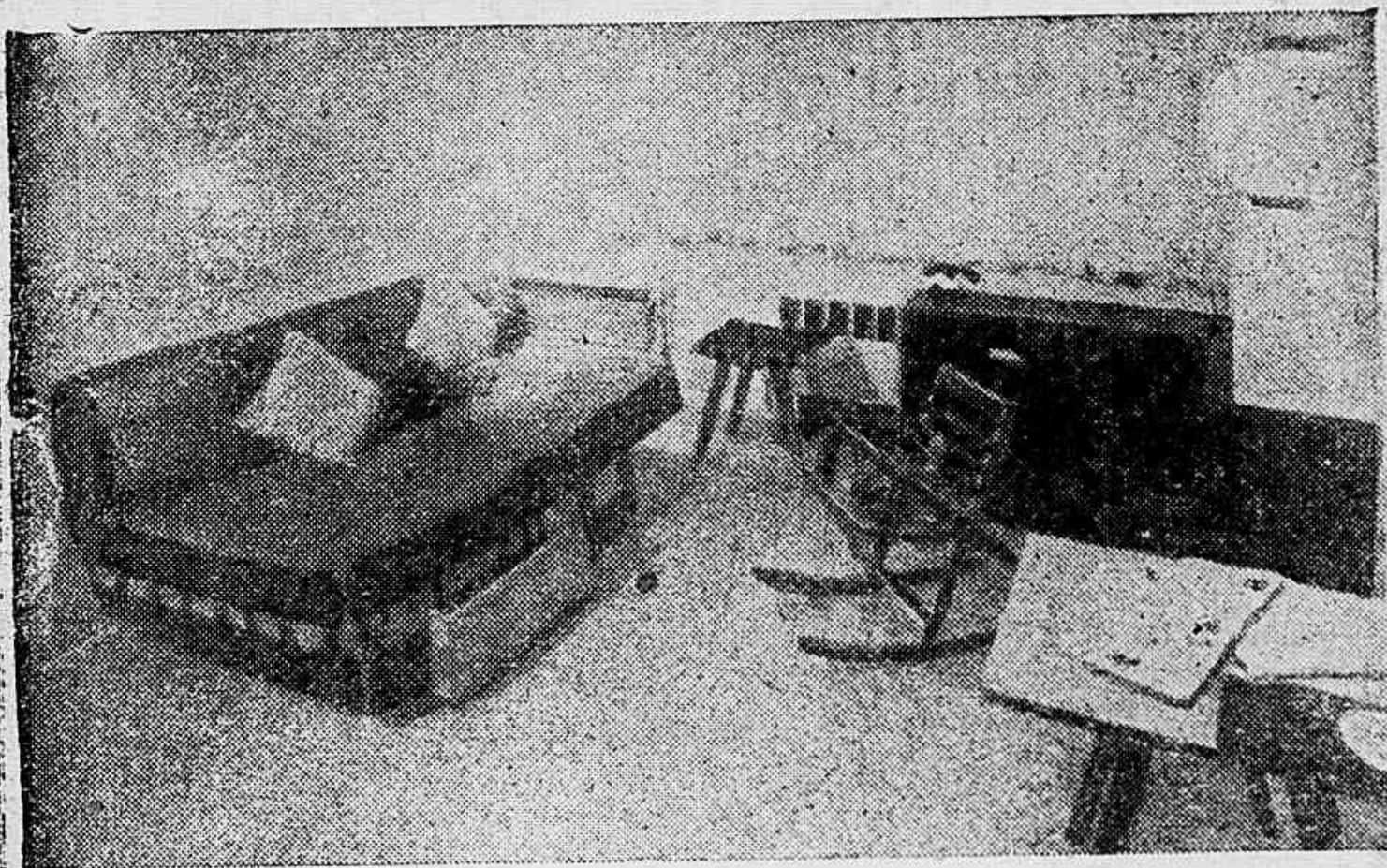
O dedo designa os lóbulos frontais. Verificaram os médicos que essa é a parte do cérebro mais importante e, justamente, a que mais frequentemente sofre com o impacto dos murros trocados no correr de um combate de boxe



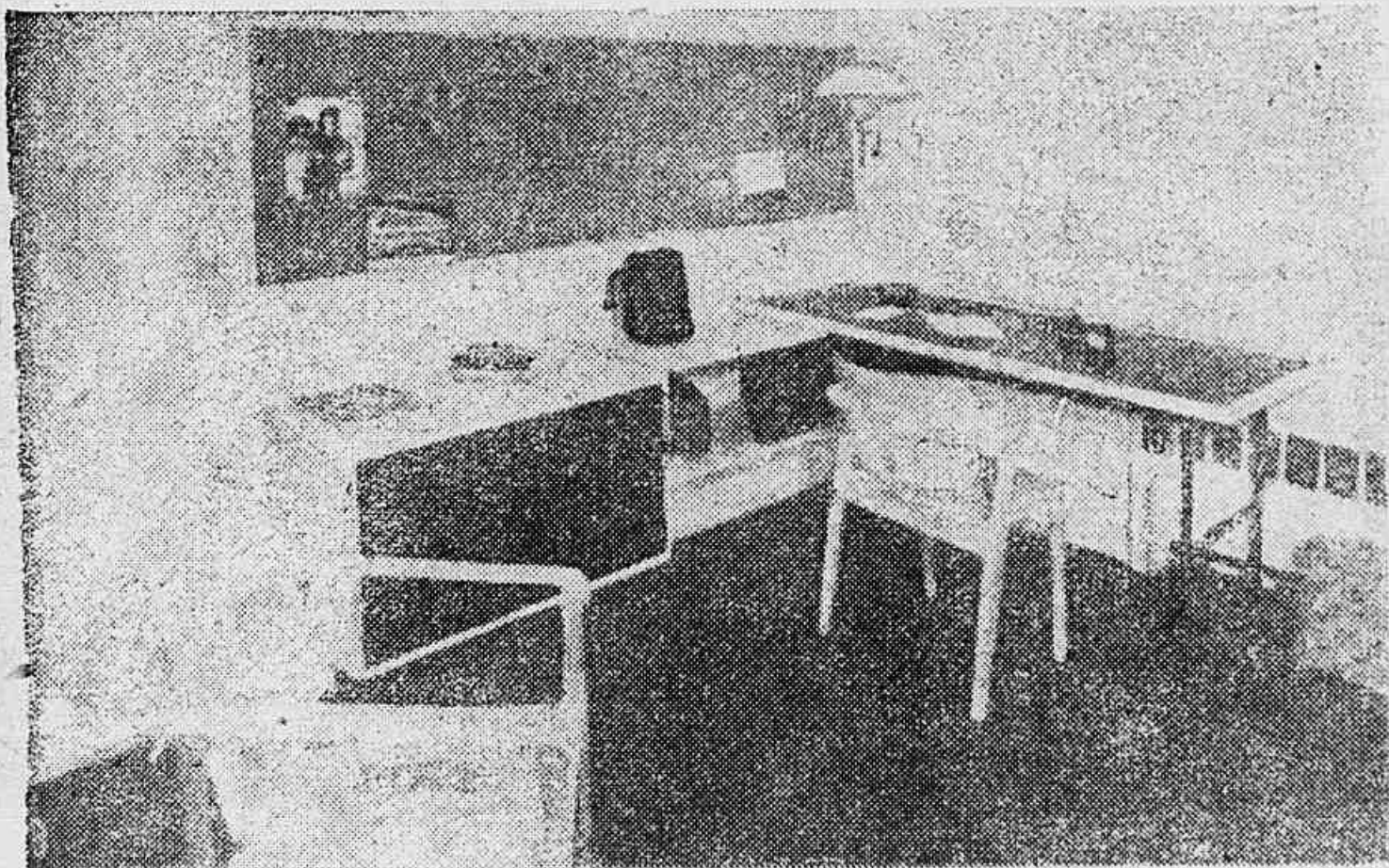
Um golpe violento, recebido numa das faces, desloca o cérebro, que se esmaga contra o osso sphenóide (designado pelo dedo). Esse deslocamento provoca lesões incuráveis, com a destruição das células nervosas do cérebro



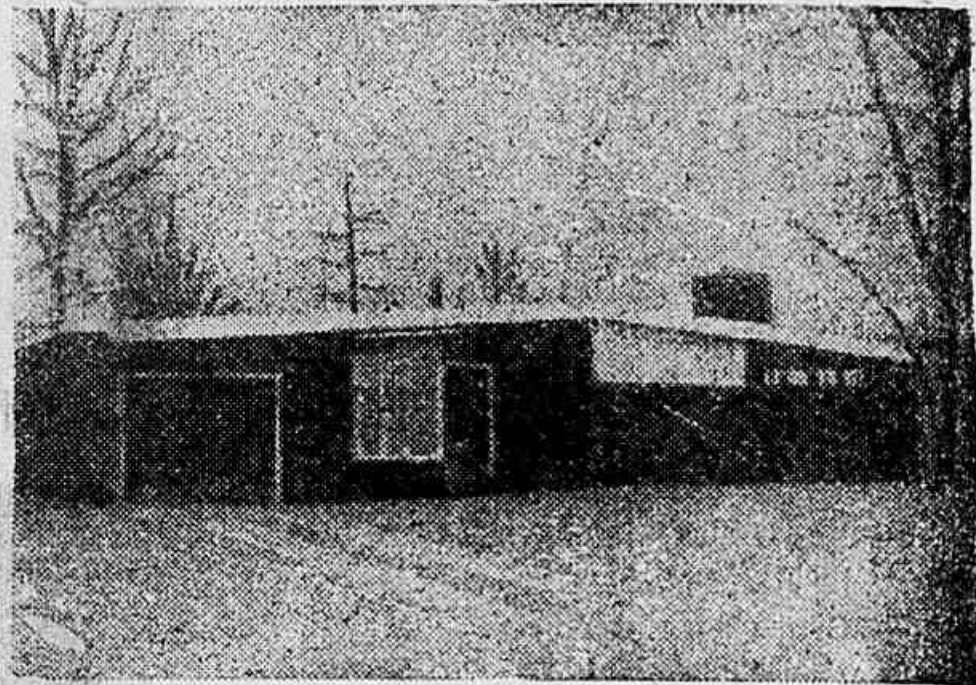
O DORMITÓRIO PRINCIPAL (a casa tem mais dois, menores), está equipado com o indispensável para dar ao seu habitante repouso perfeito, repouso completo, tanto a breve soneca diurna, quanto para o sono prolongado, da noite. Junto a ele está um quarto de vestir, cujo mobiliário foi estudado para facilitar tôdas as tarefas, inclusive limpeza



NOS DORMITÓRIOS MENORES, o soalho está forrado com linoleum por ser mais prático, durável e ainda por emprestar mais colorido e alegria. O mesmo se vê na pequena sala de recreio, onde há ainda o fundo claro, aumentando o aspecto de limpeza. Cortinas de nylon, luz solar e janelas bem largas, permitem boa claridade diurna ou noturna. Há muito espaço livre, para brinquedos



UM CANTINHO DO «STUDIO», com boas superfícies livres de vasos, «bibelots» e outros «entulhos» que aqui estariam absolutamente impróprios. Aqui há mais espaço para trabalhar. Tudo em tons claros, unidos, mobiliário simples, sólido e leve. O linoleum também é o mais indicado



CEDRO VERMELHO E TIJOLOS — Eis os dois materiais esplendidamente combinados que foram usados para a fachada dessa pequena casa de campo, desenhada pelo arquiteto Huson Jackson, para construção em série, no Estado de Louisiana, Estados Unidos. Por seu tipo, que abaixo descrevemos, serve para todos os climas

UMA ENTRE MUITAS...



PIEIDADE PARA AS MULHERES!

Na Dinamarca, segundo se noticia está faltando homens, e de maneira dramática. As estatísticas provaram que as moças dinamarquesas têm menos chance de caso que as de qualquer outro país europeu onde também a crise de homens (numéricamente comparados com as mulheres), é grande.

Os homens de negócios que, parece, são os únicos seres humanos capazes de tirar qualquer coisa de positivo de uma estatística, reagiram imediatamente e acabam de fundar uma nova companhia de seguros toda especial.

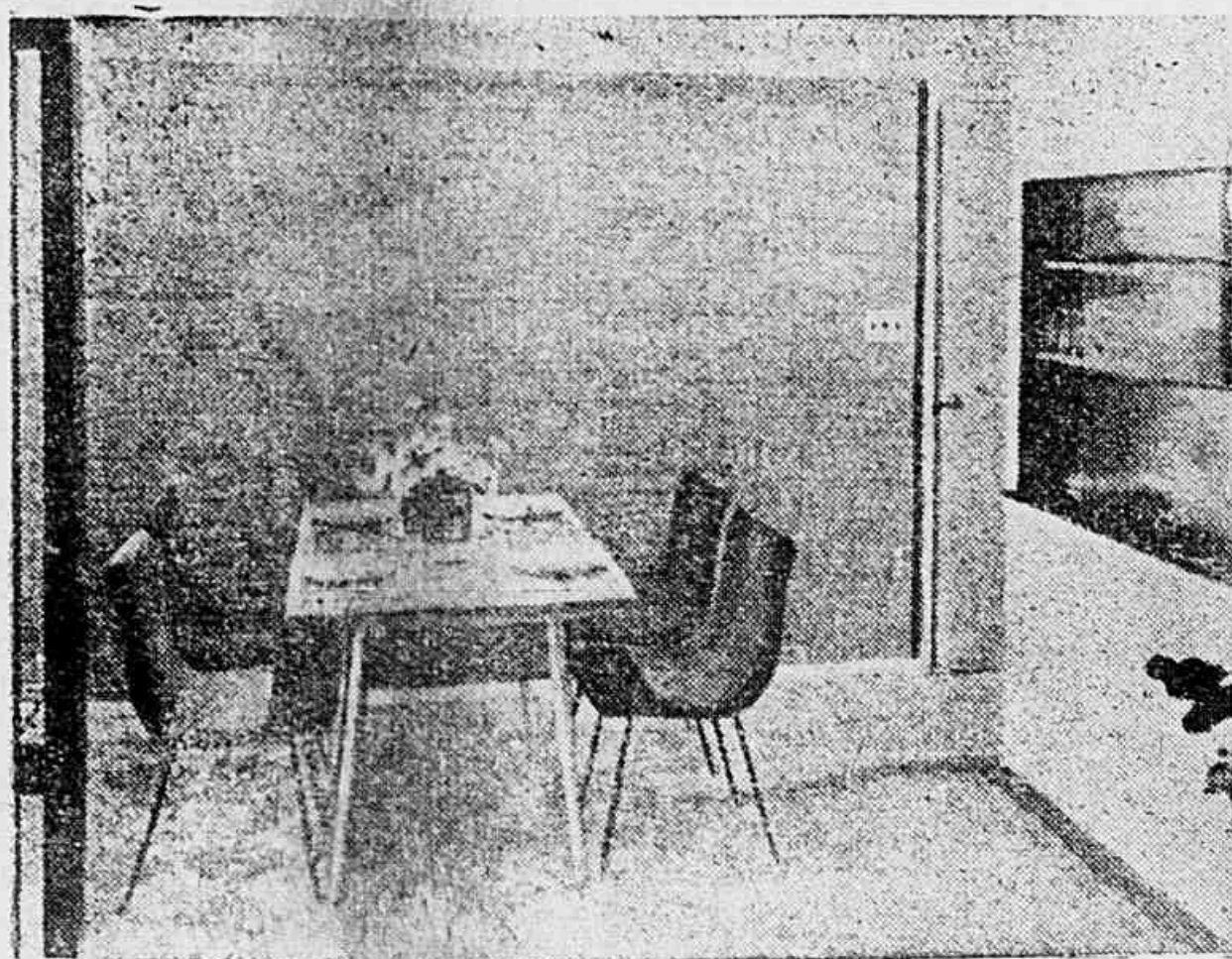
Já que se segura contra a chuva, a geada, o incêndio ou a deformação de um tornozelo também é possível fazer o seguro contra o celibato (o que significa que lá, eles consideram isso uma calamidade). A mulher solteira pagará anualmente uma taxa, e quando chegar ao prazo pre-fixado sem ter encontrado marido, receberá uma quantia em dinheiro ou uma pensão anual.

As taxas e prêmios variam segundo a idade da segurada e a idade em que deseja receber a compensação, em troca do marido inexistente.

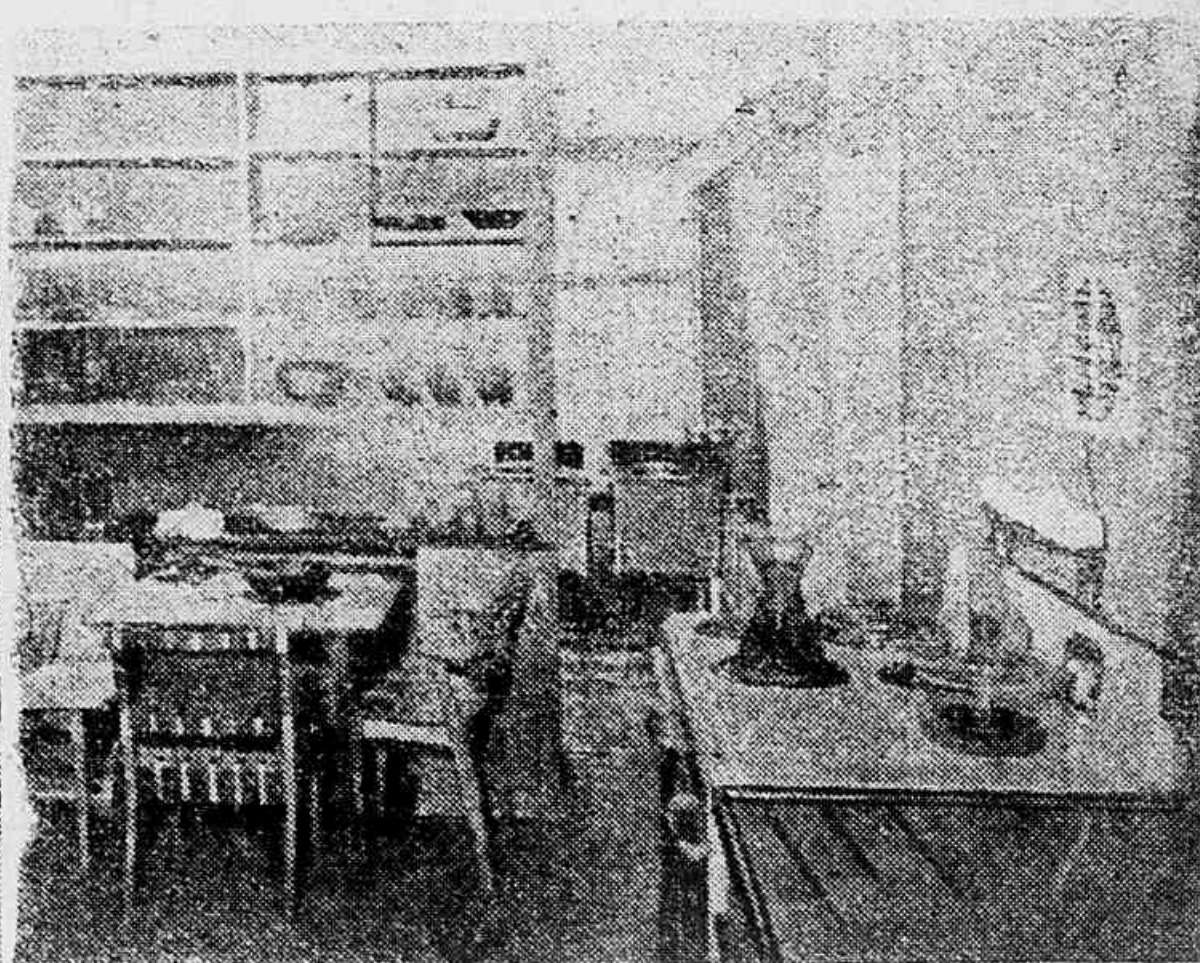
O espantoso é que não tenham levado em conta o seu físico e a sua fortuna. E, no entanto, são eles dois elementos determinantes em amor...



A SALA DE ESTAR — Chão de madeira, em tábuas longas e estreitas. Tapete de lã, com desenho ferrugem e cinza, formando quadrados grandes. A parte que cerca a boca do fogão de inverno, é de ladrilho de cerâmica vermelha, casando com as paredes de tijolos. Mobiliário simples, moderno, confortável. Nada de grandes sofás, de poltronas pesadas. Iluminação indireta, salvo a pequena lâmpada, de leitura, sôbre um canto do sofá e outra junto da cadeira anatômica



AO ALTO: — Deliciosa salinha de refeições, anexa do «living-room». Cadeiras forradas de pano azul, com pés pintados de azul. Tapete igual ao do «living». E' ligada à cozinha por um guichê aberto no armário-prateleira



A COZINHA, na extrema esquerda, também possui mesa de refeições (sala de almoço), com cadeiras forradas de couro-trançado. Ao fundo, a porta que se abre para a sala de jantar, já descrita

ACAUTELEM-SE OS HOMENS...



protesto... A política, a guerra, a bomba atômica... Onde se deterá a loucura masculina?

Os homens afirmam ser os mais inteligentes, os mais fortes, os mais hábeis... E se mentissem? Se a sua apontada superioridade sobre as mulheres não passasse de uma grosseira mentira? Se a humanidade se tivesse enganado, decidindo que cabia aos homens dirigir o mundo? Se, justamente, fôssem as mulheres as possuidoras das qualidades morais e físicas necessárias para desempenhar o papel que o homem se atribuiu?

Um escritor francês, Maurice Toesca, respondeu, há poucos meses, afirmativamente a todas essas perguntas, num livro audacioso, intitulado "A Questão das Mulheres", edição Bader-Dufour.

As conclusões de Maurice Toesca, e os argumentos que apresenta em seu apoio, receberão sem dúvida a aprovação entusiasta dessas incontáveis mulheres, que, diante do terrível fracasso da civilização moderna, cessaram de olhar os homens com aquela mesma admiração submissa de outrora.

Os homens falharam: — À luz dos últimos resultados conhecidos — escreve Toesca — as mulheres podem, de fato, deduzir que os objetivos mais recentes da civilização masculina são os seguintes: (A pretexto de estabelecer uma fraternidade humana) exterminar o maior número de indivíduos, destruir a maior quantidade de coisas construídas, enfim, desagregar a Terra, de um só golpe!... Eis o resul-

tado de 100.000 anos de inteligência masculina!

E então?

— Então, na verdade, os homens devem ter sido feitos principalmente para a moda e a cozinha, campos em que, aliás, brilham mais que as mulheres, sempre que a êles se dedicam.

São igualmente ótimos na gravura (em pedra, madeira, couro, etc.), como em geral em todas as artes decorativas.

São capazes de fazer coisas encantadoras com pequeninos nadas: fitas taquaras, cordéis, etc....

Milhares de mulheres compreendem hoje, que essa era a verdadeira vocação dos homens, e que no dia em que se voltarem para as ciências e ao mesmo tempo para a administração dos interesses da tribo (ou da nação), estava semeado o germe das piores aventuras!

As mulheres são mais capazes: — Está mil vezes provado que um homem celibatário é incapaz de manter asseado o seu interior. Nessas condições é até ridícula a pretensão do homem a dirigir o mundo.

As mulheres teriam feito coisa melhor? "Sim"! — Pensa Toesca. E seu argumento é simples, embora majestoso. Na verdade é quase irrefutável "As mulheres — disse êle — têm horror à destruição. Não admitem que se destrua seja lá o que fôr. Desejam, ao contrário, criar. Também têm horror ao porte de armas. Preferem carregar... os filhos. Não têm a tendência nem o gosto (digamos assim) de morrer gloriosamente. Ao contrário...

De todos os cantos do planeta, milhões de vozes femininas costumam protestar, perdida a paciência:

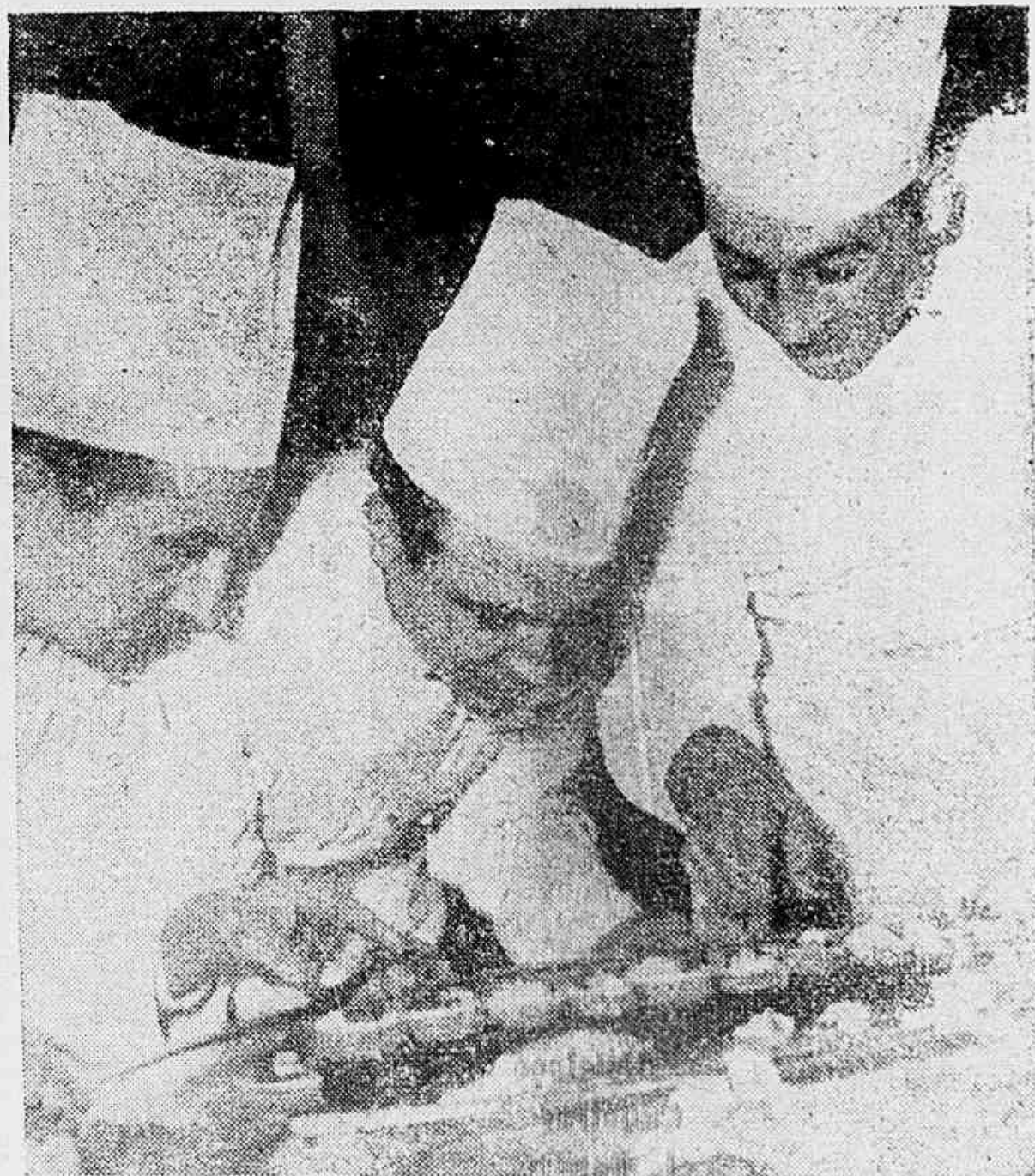
— Ah! Os homens!

Sim... Os homens que as enganam! Os homens que não usam a flor mas sim o punho fechado para bater nas mulheres! Os homens que bebem, que jogam, que...

E há ainda outras razões para êsse



Há profissões verdadeiramente... masculinas. São as que dependem de bom-gosto, arte e paciência. A de cabeleireiro para senhoras, chapeleiro...



... ou cozinheiro. As mulheres, que tanto se gabam de ser boas quituteiras, são dispensadas (nos grandes hotéis, palácios e transatlânticos), quando a habilidade e a arte culinária atingem níveis mais elevados

A HORA É DAS MULHERES!

gostam de viver. O homem tem uma inteligência destruidora. A mulher tem o instinto da conservação. O homem é um jogador sem freio. A mulher é o ser cauteloso e sério por essência. Eis por que é evidente que êle deve dirigir o mundo.

Essas afirmações revolucionárias provocaram desde logo uma violenta ironia masculina.

E' conhecida a eterna litania: **as mulheres são fracas e nervosas. São medrosas. Não entendem absolutamente nada de política e de negócios. Enfim — e principalmente — já vivem elas demasiadamente absorvidas pela educação dos filhos.**

Nem um só dêesses argumentos resiste ao entusiasmo pro-feminino do escritor Toesca.

— "As mulheres são, realmente, menos musculosas que os homens. Porém êsse argumento caiu em desuso desde que apareceu o maquinismo que **quase** anulou totalmente a vantagem que poderia proporcionar um maior poder físico."

E, se ainda querem coisa melhor e mais surpreendente, eis o incrível resultado a que chegaram os professores de cultura física: "a pêsco igual e a treinamento igual, verifica-se uma nítida superioridade das moças sobre os rapazes. ...na luta livre e no box! Suas reações musculares são mais rápidas e mais justas".

A resistência nervosa da mulher é, por sua vez, muito maior que a do homem. E' menos "dominável". Resiste melhor às decepções, .. angústia e às mil contrariedades da existência. Uma eloquente prova do que se afirma é que há mais suicídios de homens que de mulheres.

As mulheres, muitas vêzes, são também mais... corajosas. Mesmo na guerra. Agem elas mais por reflexo que por reflexão. Eis por que têm elas menos medo: **não medem o perigo.**

"Tive ocasião de ver, na Alemanha, — conta-nos ainda o escritor Toesca — uma legionária, pertencente ao Corpo Auxiliar Feminino, do Exército, condecorada com a Legião de Honra, a



Fúmidas? Fracas? Não... As mulheres também brigam... valendo tudo!



...os homens que não usam a flor... porém usam coisa mais grosseira para as sovar...

Medalha Militar, além de outras condecorações invejáveis; disseram-me que ela devia tais medalhas ao fato de haver matado com a própria mão, a punhal dezessete inimigos".

Na Rússia, as mulheres pilotaram, durante a última guerra, velozes aviões de caça e conduziram até o inferno das batalhas mais cruentas, pesados carros de assalto. Seus chefes ficaram infinitamente satisfeitos com o seu serviço e estupefactos com a sua coragem.

Quando uma mulher se mete em política, esmaga todos os seus concorrentes masculinos.

Quase tôdas as mulheres que reinaram foram grandes rainhas. Quase sempre deram o próprio nome ao século em que viveram. Se querem os exemplos mais célebres, ei-los: a grande Catarina da Rússia, a rainha Isabel da Inglaterra, a rainha Vitória, também da Inglaterra... Toesca cita ainda grandes exemplos contemporâneos.

"A sra. Roosevelt, que, na realidade, foi o braço político do seu marido, sendo êste mais um idealista, um utopista. A sra. Kolontai, que ocupa a embaixada russa em Estocolmo, há vários anos. E a Rumânia, quando necessitou de um ministro dos Negócios Estrangeiros, escolheu uma mulher para assumir a responsabilidade dessa pasta num período difficilimo para o país. Foi ela a sra. Anna Pauker. Por sua vez temos o caso da Argentina. Não foi o general Peron quem visitou as principais capitais européias; preferiu enviar sua espôsa. Quando a China

nacionalista se vê em cheque, sob a ameaça de esmagamento irremediável por uma China Comunista, é a sra. Chiang Kai Shek quem voa dos Estados Unidos, a fim de salvar a situação e restituir a confiança ao povo amante da liberdade.

— "As mulheres — conclui Toesca — são aptas ao governo (despótico ou





— Ah! Você esteve magnífica Doctórea!

não) porque possuem, reunidas, as virtudes necessárias ao governo e que são a firmeza, o gosto pela ordem e finalmente a autoridade".

Resta ainda uma grande objeção: quem criaria os filhos?

— "E por que não haviam de ser os homens?" — pergunta Toesca, que acrescenta, muito a sério: "os homens possuem, justamente — e muito mais que as mulheres — as qualidades requeridas para o cuidado, a educação e a vigilância dos filhos".

E' ainda o ousado escritor francês quem anota, de passagem, os costumes exemplares do sapo. "E' o macho o que cuida dos ovos e transporta os filhotes até a sua completa emancipação".

"O mito da mulher no lar não passa, talvez, de uma astúcia do homem, para afastar a mulher das tarefas que ela assumiria, com certeza (segundo ele receia) tão bem ou melhor do que ele.

As mulheres se desforram: — A reação feminina ao domínio do homem já foi iniciada.

Durante séculos, a mulher viveu no error de não encontrar marido. Esse temor já parcialmente desapareceu nos dias que correm.

Antes de mais nada, as mulheres conquistaram o direito de trabalhar. Não mais dependem de um marido.

Finalmente — na França pelo menos, segundo afirma o citado escritor — há já alguns anos o número de homens em idade de casar ultrapassou, sensivelmente, o das mulheres na mesma situação.

Hoje, cada mulher que o desejar pode ter um marido. Essa situação é, talvez, provisória. Os movimentos demográficos bem podem transtornar novamente o "mercado matrimonial" e reduzir outra vez o número de possíveis maridos.

George Bernard Shaw, o eterno brincalhão, propõe pura e simplesmente, a solução seguinte:

"Dado que existe superioridade numérica das mulheres em certos países anglo-saxões, proponho que todo homem tenha direito a duas mulheres a um só tempo. Para evitar risco de conflitos, considero, além disso, que a mulher deverá ganhar o dinheiro para o sustento do lar, impondo-se dessa forma um trabalho quotidiano cansa-

tivo, enquanto o homem ficará em casa, a fim de cuidar dos filhos, fazer as camas, preparar as refeições e lavar a louça. Esse trabalho subalterno embrutecerá rapidamente o homem a ponto de o fazer esquecer as preocupações da política e os perigos de guerra".

Também é essa a opinião de Toesca. "A poligamia, em democracia — afirma êle — consagra o poder da mulher".

Ter duas ou três mulheres em vez de uma, significa simplesmente, para um homem, estar duas ou três vezes na dependência delas em vez de uma só.

Desde já as mulheres reduziram o homem a uma semi-escravidão. As mulheres não são encerradas num harém. Os homens, sim, vivem fechados em seus escritórios, em suas usinas, etc.. Ali vão se embrutecendo lenta mas seguramente. Não têm sequer tempo para ler. A clientela das livrarias é, hoje, essencialmente feminina.

Os grilhões do homem norte-americano: — O fim dessa situação é seguro, irremediável... A sorte que



— Oh, querida! Foi uma loucura comprar um anel tão caro...

espera o homem brasileiro já está decidida. E, se querem um exemplo, é bastante olhar para o seu infeliz irmão, o norte-americano.

— "O homem norte-americano — declara o filósofo Keyserling — "dócil, cede sempre, submetendo-se à vontade feminina. Desposa — ou paga — cada vez que lhe pedem".

"Os norte-americanos dão todo o seu dinheiro à esposa e às filhas, que o gastam alegremente como as aristocratas do antigo regime gastavam o dinheiro que arrancavam dos que arrendavam suas terras hereditárias".

"O júri, nos processos de divórcio dão quase sempre razão à mulher".

"Quando um norte-americano fala a uma mulher (norte-americana), fala sempre como um escravo ao seu senhor (daí a sua reação surpreendentemente ríspida, quando passa a viver no estrangeiro e a lidar com mulheres não norte-americanas)".

Na grande maioria dos casos é o marido quem cuida dos filhos à noite, enquanto a esposa lê alguma obra sábia, vai ao clube ou ouve novela de rádio-televisão.

Recentemente o escritor Henri

Troyat, que percorreu a América do Norte, afirmou que ficou vivamente impressionado com "a calma feliz e o majestade serena das mulheres norte-americanas". Comparando-as com as francesas, encontrou nestas "uma expressão inquieta, e mesmo angustiada".

As mulheres norte-americanas reinam. Por isso são felizes. Pela mesma razão, gozam excelente saúde.

Há ainda outra explicação: as mulheres norte-americanas são desenvolvidas e sadias, porque calçam sapatos sempre perfeitos e bastante cômodos'.

Dirão os leitores: essa é uma explicação pouco séria. Pois aqui está a opinião de Jean Cocteau, que também esteve recentemente na América do Norte:

— "A mulher ocupa lugar destacado na América do Norte e o regimento dos homens é pôsto "ao passo" pela mulher tambor-mór. Quando um casal de Nova York recebe visitas, a dona da casa caminha ao encontro dos visitantes, enquanto o marido se dissimula atrás dela, timidamente..."

O escritor norte-americano Gore Vidal, resume categoricamente a situação:

— "Na América do Norte, somos conduzidos pelas mulheres. Os homens já foram devidamente "amansados" e hoje êsses infelizes não são mais perigosos que os cãesinhos domesticados".

Os homens se inquietam... tarde! — Outro escritor francês, François Mauriac sente o perigo.

— "A mulher — escreve êle — tem menos necessidade de ser livre do que de ser protegida. E o que surge para mim, nitidamente, é que, hoje acreditando quebrar os grilhões, progredir, desabrochar enfim, perde ela dia a dia, a sua influência sobre o homem, o seu misterioso fascínio sobre o mundo.

O ressentimento dos homens diante do crescente poder das mulheres se exprime também de maneira mais violenta, embora incoerente. Assim é que o jornal dos estudantes da Sorbonne "Hebdo-Latin", imprimiu em manchete
(Cont. na pág. 96)



— O senhor é capaz de indicar os militares que o desrespeitaram?

O enigma Luís XVII

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: —O futuro Luís XVII, feito d'infim com a morte de seu irmão mais velho, em 4 de junho de 1789, parece a princípio destinado a uma existência feliz entre os faustos de Versailles, porém não tarda a Revolução a obrigar a família real a viver em Paris, onde o malentendido inicial depressa se agrava entre o rei e a nação. Luís XVI decide fugir para o estrangeiro, mas, reconhecido e prêso em Varennes, é forçado a voltar a Paris. Em 20 de junho, 1792, o povo invade as Tulherias e, em fins de julho, o d'sastrado manifesto do duque de Brunswick desencadeia a cólera dos parisienses. O motim de 10 de agosto obriga a família real a fugir das Tulherias e a procurar refúgio junto da Assembleia Nacional, e a 13 a Comuna decide que o rei residirá no "Temple". Nessa noite uma recepção em sua honra é organizada nos apartamentos do Grande Prior, vizinhos da velha fortaleza, dominada por uma torre.

NESSE canto de Paris, ocupado por humildes casas comerciais, bodegas, barbeiros e casas de refeições populares, o Templo simbolizava a maravilha dos tempos passados. Era exatamente a residência que convinha à monarquia decaída.

Constava de três edifícios: o confortável palácio do Grande Prior; o enorme e sinistro bastião dos Templários, comumente chamado a Grande Torre, com mais de cinquenta metros de altura, e fazendo corpo com este uma torre menor, de quatro andares, habitada pelo arquivista da ordem de Malta, que, justamente, seria ocupado pela família imperial.

No palácio do Grande Prior, a monarquia poderia ainda conservar alguma ilusão; na torre menor não lhe seria possível esquecer a sua situação de prisioneira; entretanto, uma etapa lhe restaria ainda franquear, antes de perder todas as esperanças: os poucos metros que separam a pequena da grande torre; mas nem o rei

nem os seus pensam ainda em aceitar a possibilidade dessa ameaça, já porém inscrita em seu futuro.

Nessa noite, o povo festeja os soberanos, à sua maneira. Lá está ele gritador e desencadeado vestido um tanto à la diable, com

uniforme de municipais, com a fita tricolor, cobertos de andrajos e de galões vistosos, sob as ordens de Santerre. A mando deste, Cagnite, um dos atuais "mandões" das Tulhérias, comparece com a sua coorte de "rotisseurs", de "ceramistas" e "marmiteiros". As carnes cheiram e cheiram, apetitosas, nos espetos, que peritos oficiais fazem girar incessantemente, atentos ao perfeito acabamento da obra e recolhendo o mólho que escorre, generoso. Finalmente, às dez horas da noite, é possível servir o jantar à família real.

O menu é abundante e cuidado: patê d'enguias, omelette au boudin, fi'et de bœuf, presunto, beringelas e alcachofras; panquecas, merengues e amêndoas. Os vinhos são escolhidos entre os melhores: a Comuna desejou tratar os seus hóspedes largamente; mas estes fingem comer, e Luís XVI, até êle, apesar do seu fantástico apetite, apenas toca nos pratos.

Pela primeira vez, nessa sala de jantar que mal têm tempo de ajeitar e tornar decente, diante daquela multidão imunda e mantida a poucos metros de distância por soldados que cheiram terrivelmente a suor, a vinho e a gordura ou óleo de armas, tendo ao seu lado o assustador Manuel, procurador da Comuna, Luís XVI compreende inelutavelmente que seu reinado terminou e que a coroa está sem remédio e perdida para seu filho. Logo às primeiras garfadas a criança adormece sobre os joelhos de sua governante; às onze horas somente fica preparado o quarto de dormir.

Precedido de um guarda municipal, Mme. de Tourzel, atravessa um longo dédalo de corredores úmidos, galerias sombrias, escadas em espiral e chega finalmente a um aposento bastante vasto, mas de teto muito baixo — é o salão de bilhar do arquivista, que tinha sido transformado em quarto de dormir. Mme. de Tourzel deita o menino num leito simples, que lhe foi preparado por duas matronas e permanece sentada à cabeceira do menino. Há várias semanas que a pobre criatura adotou a precaução de ficar, assim, em vigília, no correr das quais tem ela a sensação de zelar pelo eterno repouso de um morto.

Pouco depois de meia-noite, a rainha entra no quarto. Está pálida, com a fisionomia crispada.

— "Minha amiga — disse ela, apoderando-se das mãos da marquesa — tudo corre como eu havia previsto!"

Curvou-se longamente para o filho adormecido. Estava pálida, com a fisionomia crispada. Lágrimas encheram seus olhos:

— "Meu pobre filho! — murmurou ela. — Que fizemos, afi-

nal, para que o povo nos deteste tão cruelmente?"

Em sua dor, não compreendera ainda, a orgulhosa e infeliz arquidulesa austríaca, todos os rancores acumulados durante anos, pretensiosa e incapaz, e a emocionante miséria de um povo, desesperado e ainda por cima pisado pelo calcanhar implacável de uma nobreza devassa.

— Vossa Majestade, não deve perder a coragem — respondeu Mme. de Tourzel. — O povo de França é leviano, caprichoso, incapaz de um esforço constante; sua loucura atual passará repentinamente.

Maria Antonieta moveu negativamente a cabeça:

— Para nós, nada espero de bom deste país — disse ela. — O povo perdeu a paciência sem remédio e nos considera respon-



sáveis por tôdas as suas desgraças. Ah, Madame! O rei e eu só sairemos daqui para morrer".

Dissera essas últimas palavras com simplicidade, esforçando-se por recuperar a calma. E acrescentou, designando o filho:

— "Queira Deus que êle seja poupado! Ele não tem culpa!"

Assim, abismadas numa dolorosa meditação, as duas mulheres ficaram longo tempo, silenciosas; depois a rainha voltou a falar com a voz pesada de resignação:

— "Infelizmente, é preciso continuar a viver!"

E quando ia se retirar, um municipal veio anunciar que as suas camareiras esperavam ordens.

— Queira agradecer por mim ao Sr. Petion — respondeu Maria Antonieta — mas prefiro arranjar-me sôzinha.

Para ela e para Mme. Royale, escolheu o salão vizinho do quarto do Delfim, onde armaram dois

leitos; numa alcova, Mme. de Lamballe repousou num canapé.

O rei preferiu o andar superior, onde havia um dormitório e uma cozinha, separados por um gabinete, onde se instalaram os municipais, indicados para a guarda dos prisioneiros. Excitados pelos potes de um capitoso vinho de Anjou, jogaram cartas e encheram a noite com pragas, blasfêmias e canções grosseiras; a tal ponto que Mme. Elisabeth e Pauline de Tourzel, que ocupavam a cozinha, não puderam fechar os olhos; apenas o rei dormiu como um justo.

Entretanto, logo na manhã seguinte, a Comuna tratou de dar aos seus prisioneiros o que pudesse tornar a reclusão menos penosa, principalmente roupas, lençóis, meias de sêda, sapatos, perfumes, etc.; um relógio de ouro da loja Breguet foi enviado para a rainha; para o rei, uma coleção de autores latinos; para Mme. Elisabeth, livros de orações e para o Delfim um leito de cretone com fundo branco, pontilhado de florinhas rosas, uma banheira, bolas, um "jôgo de Sião", um pião e seu chicote, dois pares de raquettes, doze "volantes", um jôgo de "damas" e "dominós".

A Comuna também não faz economia quanto à mesa: as refeições são fartas e variadas, com bons queijos, frutas e vinhos à vontade, sendo que para a rainha havia sempre, segundo a sua preferência um garrafão de água que haviam mandado vir especialmente de Ville d'Avray.

Esses cuidados e amabilidades não impedem, porém, o empreiteiro Palloy — o famoso demolidor da Bastilha — de ser encarregado de reforçar o recinto do "Temple" para tornar impossível de ora avante qualquer tentativa de fuga. A Comuna acumula as precauções: diariamente, quatro comissários são designados para vigiar os prisioneiros; são multiplicadas as portas e as guaritas dos vigilantes e até mesmo o admirável renque de tília do jardim é sacrificado, para facilitar a vigilância! Finalmente, é a Herbert que a Comuna confia a guarda da família real.

"Antigo vendedor de ingressos para os teatros de "Variedades" e o "Palais Royal", sempre variando de trabalho e mesmo desclassificado, outrora condenado a banimento, perdoado após a tomada da Bastilha, agora (menos por convicção que por rancor) o panfletário oficial da Revolução! Era o procurador-adjunto da Comuna, e conhecia a mais burguesa opulência.

Dêle disse Saint-Just: — "Varia suas côres segundo o espírito e o perigo; como o réptil que ras-teja ao sol".

Ardoroso "fornecedor" da gu-

hotina, cada manhã em seu jornalinho "Père Duchesne" não poupa insultos aos soberanos vencidos, reclamando para eles "a navalha nacional"; nos dias trágicos em que Maria Antonieta deveria se defender perante Fouquier-Tinville, ele iria levar ao Tribunal revolucionário uma acusação tão hedionda contra a mãe do Delfim, que revoltaria as mais desbocadas intrigantes das sargetas de Paris.

Tanta maldade e falta de decência não o impedia, chegada a noite, de ser no seu lar um bom chefe de família, vivendo entre sua esposa, sua filha, seu gato e seus canários, a existência pacata

comida. Era pagar muito bem seu emprêgo de espiões e, naturalmente, são destinados ao serviço da rainha, pois que o rei, sabe a Revolução que é inofensivo e que dessa vítima nada tem a temer.

Sendo, aliás, grande caçador, habituado a uma vida rude, ou pelo menos rústica, Luís XVI tudo suportava, acostumando-se depressa à nova vida.

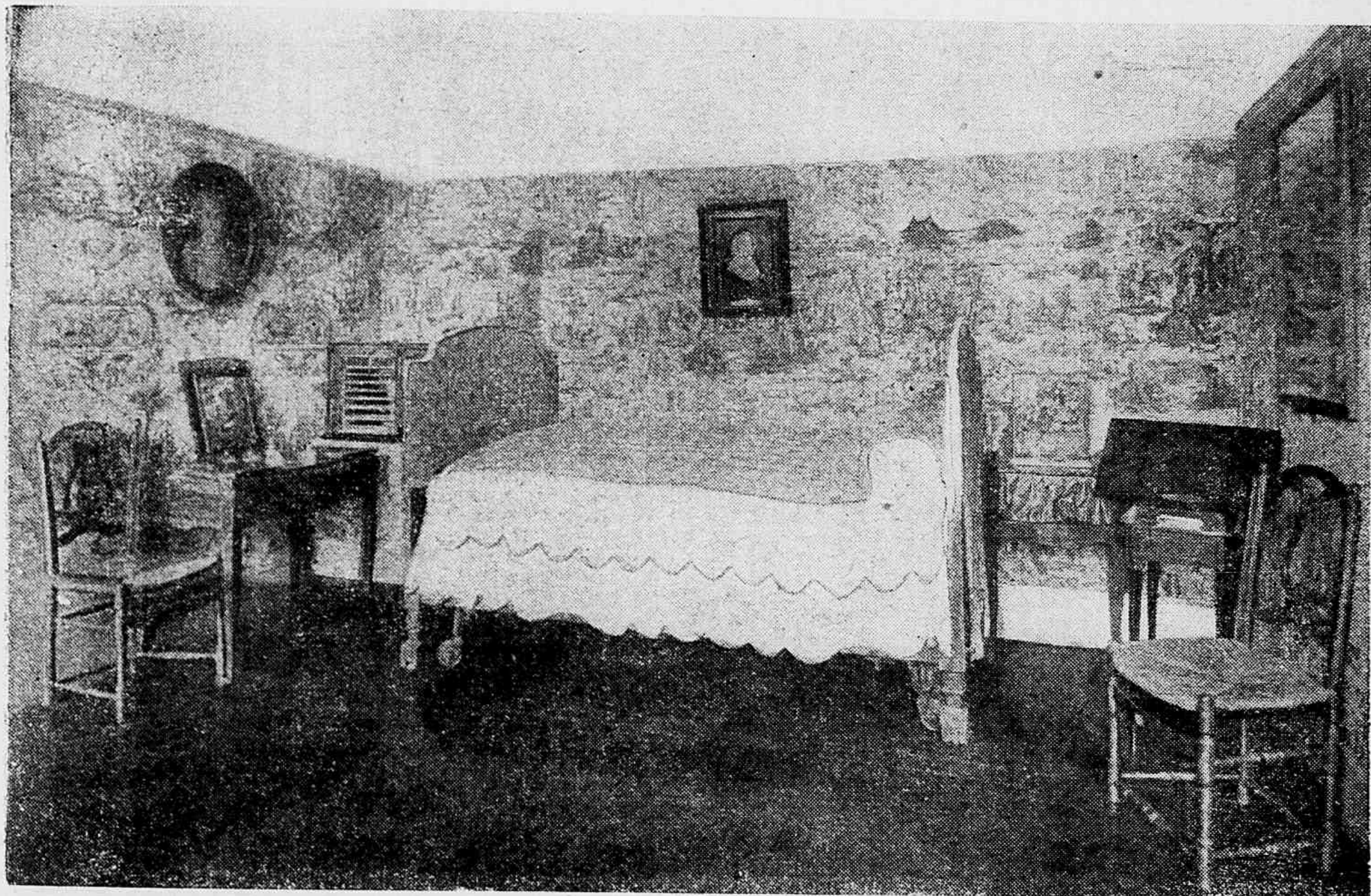
E, no entanto, que contraste com Versailles é mesmo com as Tulhérias!

A rainha, as princesas, o próprio delfim, são sensíveis a essa mudança; até então sua existên-

rei desce ao jardim com o filho e ali tentam levantar papagaios! A noite a rainha deita, ela própria, seus filhos e prolonga a vigília em palestras; acontece, às vezes, jogar cartas e até mesmo cantar; manda chamar Mme. de Lamballe, vão juntas para o "clavicin" e chamam em seu auxílio o gênio de Gluck ou de Mozart para ressuscitar naquela prisão as belas horas do passado. Assim, pode ainda a monarquia acreditar que seu isolamento entre a vida e a morte ainda não é completo.

Mas a noite de 19 para 20 de agosto tudo transformaria!

Onze horas tinham acabado de



MÓVEIS E DECORAÇÕES PROVENIENTES DA TORRE DO TEMPLO (cativeiro de Luís XVI e da família real). Leito de Madame Elizabeth (com cobertura da época). Colcha de Maria Antonieta (de seda azul e branca). Mesa para empoar (à esquerda do leito), mesa de serviço (à direita), uma outra proveniente do quarto da rainha, assim como as duas cadeiras com conchas (sobre a mesa de serviço). À direita do leito vê-se um púlpito que pertenceu a Madame Elizabeth, e no quadro suspenso à parede, um "petit habit" do Delfim. À esquerda, acima da mesa de empoar, um retrato do Delfim. Acima do leito, retrato da rainha executado na prisão da Conciergerie, por Prieur, em 1793

de um herói de Henry Monnier, tocando flauta, trauteando uma **romanza** sentimental ou discutindo sobre os benefícios da moral e da religião; após que, escrevia o seu artigozinho quotidiano contra "o porco do Temple e a víbora austríaca, que deveria ser despedaçada a machado, como carne para Pâté". O personagem seria grotesco se não fôsse ignóbil. Tal é o homem diante do qual a monarquia tem que curvar a cabeça. Na mesma época enviam para o "Temple", para ali realizar grandes trabalhos, o casal Tison e sua filhinha Pierrette.

Recebem uma pensão anual de nove mil francos, além de casa e

cia tinha sido atribulada, porém num quadro confortável e luxuoso; ali, sob os tetos baixos e entre as paredes úmidas da pequena torre, na promiscuidade dos comissários e dos "patriotas", vestindo-se de farrapos, não era mais possível ter ilusões.

Apesar de tudo, os desgraçados têm coragem de organizar a sua nova vida. Pela manhã, a rainha recebe os filhos e depois de recitadas as orações, obriga o delfim e Mme. Royale a trabalhar; ao meio-dia fazem uma refeição comum, finda a qual jogam o "trictac" ou o "xadrez". Pauline de Tourzel ensina ao delfim o jogo do "toton". Se faz bom tempo, o

soar, no carrilhão de **Sainte Elizabeth**. No "Temple", os prisioneiros dormem. Bruscamente, os corredores ressoam de vozes sonoras, de retinir de espadas, de passos pesados dos "sans-culottes"; as chaves giram nas fechaduras e, precedidos de uma guarda, dois municipais irrompem no próprio dormitório da rainha.

Despertada em sobressalto, Maria Antonieta mal tem tempo para lançar um chale sobre os próprios ombros.

— Que desejam ainda? — interroga ela, angustiada.

— Por ordem da Comuna, o Sr. de Chamilly, primeiro camareiro do rei, Mmes. de Navarie,

Bazin, camareira da rainha, Saint-Briecé, camareira do príncipe-real, Tourzel, governanta dos filhos do rei, demoiselle Pauline de Tourzel e "dame" Marie-Thérèse-Louise de Savoie de Bourbon Lamballe são separadas da família real e postas em estado de prisão."

Mais que qualquer outra, a vida era a infeliz princesa! Chocando Maria Antonieta se lança aos braços de sua amiga fiel. Beijam-se pela última vez...

O livro de missa de Mme. Tison: — Mme. de Lamballe em poucos minutos ficou pronta, compreendendo que para aonde a conduziram não teria necessidade de *toilettes* e que sua vida parava nesse minuto. Beijou o Delfim, sem o despertar, depois, caindo sobre os próprios joelhos, diante da rainha, balbuceou, com o rosto inundado de lágrimas: — "Majestade! Majestade!"

— Madame disse então a rainha, com voz rouca, enquanto a levavam: "Cogo a Deus que a proteja. Jamais esquecerei quanto dedicada foi para todos nós..."

E nesse instante entregou à infeliz princesa um coração de ouro ciselado e que continha uma mecha de seus cabelos, com esta inscrição: "Embranquecidos pela desgraça".

Ao mesmo tempo entregou a Mme. de Tourzel um cacho dos cabelos do delfim; finalmente, vencida por mais esse desgosto tombou sobre o leito em que dormia seu filho, e silenciosamente se entregou ao pranto.

Nesse instante um oficial veio prevenir que o rei se preparava para descer; então os municipais apressaram as despedidas, dando-se pressa de levar os suspeitos. Instantes depois, escoltados por gendarmes, atravessaram a elevada muralha fortificada do bastião e na noite cálida duas caruagens rolaram na direção de la Force. A família real pôde ouvir por algum tempo o ruído das rodas, depois foi o silêncio, a paz noturna envolvendo novamente a prisão. Luís XVI olhou tristemente os pobres rostos em lágrimas, que o cercavam, e em tom desolado, murmurou:

— Agora estaremos bem sós!

Sós, realmente, diante de seu trágico destino, no fúnebre bastião onde tentavam ainda organizar a vida pacata e familiarmente.

Pela manhã, logo às seis horas, a rainha estava de pé; terminada a sua *toilette*, despertou o delfim, vestindo-o, enquanto Mme. Royale era atendida por Mme. Elisabeth. A seguir vão aos aposentos do rei, para almoçar; às dez horas o delfim deve estudar.

Recebe lições de francês, latim, história e geografia, enquanto que Mme. Elisabeth ensina ao menino desenho e cálculo. Se o tempo é favorável, descem todos ao jardim, seguidos por quatro municipais, o velho Tison e algumas vezes também Santerre; às duas horas, sobem aos aposentos do rei, para o jantar; depois do jantar, descem aos aposentos da rainha; é a hora do recreio. As quatro horas o rei repousa; então as princesas abrem um livro ou trabalham; às 8 prepararam no quarto de Mme. Elisabeth a ceia do del-



fim, que é presidida pela rainha; o rei no correr da refeição, propõe a todos a solução de enigmas extraídos de uma velha coleção do "Mercúrio Francês"; depois da ceia, o delfim recita suas orações e vai dormir. A rainha e Mme. Elisabeth ficam ao seu lado até que o menino adormeça. O rei sobe para o seu quarto, onde lê e reza até meia-noite. Vida monótona, vida desolada, limitada a humildes alegrias nessa vasta solidão em que não lhes é poupado o menor ultraje, desde a Declaração dos Direitos do Homem, que orna a parede principal do dormitório do rei, as inscrições injuriosas sobre as demais paredes às canções grosseiras dos guardas de serviço, e a ironia do estribilho:

"Madame à sa tour monte,
Quand est-ce qu'elle descendra?"

Entretanto, separados do resto dos vivos, entre essas muralhas onde não podem fazer qualquer movimento sem que surja além dos guichets, na sombra cinzenta dos corredores, a silhueta de um guarda, se se revelam uns aos outros, e aprendem a melhor se conhecer e a melhor se estimar.

os desgraçados ignoram a tragédia que se desenrola em Paris. Instigada por Danton, a Comuna instaurou o regime do "Terror", e a 2 de setembro, cerca de duas horas bandos de assassinos estranguladores invadem o convento dos Carmos, as prisões de la Force e da "Abadia".

Gritos de agonia, berros selvagens, vociferações grosseiras, blasfêmias terríveis sobem para o céu. Do seu retiro a família real percebe esses fúnebres rumores e o desencadeamento desse povo em fúria, seguido pelo distante e surdo rololar do tambor e o sinistro chamado dos sinos, movidos por mãos impuras.

Que nova agonia se prepara?

A 3 de setembro, sem descanso, os assassinos prosseguem em seu hediondo trabalho.

Arrastada para fora de seu calabouço, trêmula e atordoada a princesa de Lamballe é logo cercada por um bando de assassinos.

A infeliz fecha os olhos. Então, um empregado do matadouro avança contra ela como uma fera contra a presa. Crava-lhe um facão no ventre e a seguir, usando um marco de pedra como um cêpo, com feroz machadada degola a desgraçada.

Entre aclamações do populacho, decidem levar o sangrento troféu à Austríaca, para que, quando viva — cruel ironia — sempre temera vir a ser enterrada viva.

A esta hora, a família real estava reunida nos aposentos da rainha; gritos furiosos lhe anunciaram a aproximação dos amotinados; o delfim trata de se refugiar, chorando, nos braços de sua mãe.

El, bruscamente, um choque faz vibrar a vidraça da janela: é a

cabeça de Mme. de Lamballe, que os assassinos, escalando o muro, conseguiram elevar na ponta de uma vara, até a janela dos prisioneiros!

— **Afastem a rainha!** — exclamou Luís XVI; mas era muito tarde. Maria Antonieta, ante o horror da visão, perdera os sentidos, caindo como massa inerte. Enquanto Mme. Elisabeth tratava de socorrer a rainha, um oficial municipal penetrou no quarto; as escadas e corredores estavam cheios de gritos e ameaças.

— **Senhor!** — disse êle ao rei. — **Se deseja evitar que o povo suba até cá, é necessário que apareça a janela.**

— **Como quiser...** — respondeu o rei, erguendo os ombros.

sioneiros estavam apanhados na rude engrenagem revolucionária, que não tardava a triturar todos êles.

Três semanas mais tarde, a 21 de setembro, a Convenção aboliu a realeza e proclamou a República una e indivisível.

A 29, retiraram aos prisioneiros as penas, a tinta e o papel; e o próprio Herbert lhes fez saber que Luís XVI devia ser separado de sua família e alojado na grande torre.

Na manhã seguinte, surgiram os municipais para o apanhar. A rainha não pronunciou uma só palavra, não deixou escapar um só grito, mas os seus olhos estavam queimados de lágrimas, e quando o rei partiu, ela se voltou para os seus filhos, que choravam, e pronunciou entre soluços

aposentos. As janelas tinham grades robustas e ainda um "corta-luz" que fazia parecer mais sombrios e mais curtos os dias de outono, tristes e frios. E da mesma forma como haviam feito na pequena torre, sobre a cabeceira do rei fôra colocado um colossal exemplar da **Declaração Dos Direitos Do Homem**.

Nesse lugubre aposento a monarquia chega ao crepúsculo da sua agonia; nem sequer a família real procura mais reagir. Continuar a viver, eis tudo o que ela deseja!

★

E' a rainha quem agora cuida da educação de seu filho. Corrige atentamente os seus deveres e ainda zela para que não mais assassine "Luís-Carlos, delfim". Duas vezes por dia os prisioneiros são



A SEPARAÇÃO — Gravura de Verité, segundo desenho de Boillon
Da esquerda para a direita: Mathei, carcereiro; Michonis; Hanriot, comandante da guarda nacional; Danjou, comissário da Comuna; Maria Antonieta; Madame Royale; o Delfim e Madame Elisabeth

Mas, apenas surgiu no balcão, as vociferações redobram.

— **Para que serve prolongar êsse suplicio?** — murmurou o rei, fechando a janela.

A horda de assassinos se retirou, orgulhosa com o seu triunfo; arrastando o cadáver de sua vítima, volta para o "Palais-Royal", onde o triste Felipe-Igualdade se regalará, por sua vez, com o espetáculo de sua cunhada mutilada.

Nos acanhados aposentos do "Temple", os prisioneiros rezam pela alma da desaparecida.

— **Eles não tardarão a fazer o mesmo conosco!** — murmura a rainha, apertando os seus filhos contra o coração e beijando-os entre lágrimas.

A esta hora, de fato, os pri-

agoniados, estas palavras trágicas:

— **Vosso pai está perdido!**

Entretanto, a 26 de outubro, juntaram-se todos ao rei, na grande torre, apenas, como Luís XVI ocupa o segundo andar, a rainha, seus filhos e Mme. Elisabeth se instalam no terceiro.

Cada um desses andares está perfeitamente descrito por G. Lenôtre. Tinham sido divididos, cada um, em quatro peças de dimensões mais ou menos iguais, medindo cerca de quatro metros por cinco.

Uma porta dupla, uma de madeira, outra de ferro e munidas cada uma de forte fechadura e quatro ferrolhos, tendo um "judas" de "correr", fechava os

autorizados a passear no jardim, sob a guarda dos municipais, mas uma pesada melancolia desce agora sobre os desgraçados. Apenas o delfim, com sua inconsciência de menino, continua a rir e a se divertir.

A Comuna renovou sua coleção de brinquedos: mandou vir para êle, da loja de Vaugeois, comerciante sob a insígnia do "Macaco Verde", um "solitário", um "billiard", mais "raquettes", mais boas, mais jogos de salão...

O próprio Hebert fica emocionado com a graça e a bondade do menino, e consente, algumas vezes, em jogar damas com o pequenino prisioneiro.

Não é êle mais o elegante menino de Versailles, vestindo belas

SÔNIA

Romance de HENRY GRÉVILLE
Tradução de NICOLE PASCHIER
para EU SEI TUDO

— Duas horas! — exclamou êle fazendo bater o pequeno tímpano de seu relógio de algibeira. — E' muito tarde... ou muito cedo para chegar. Enfim, aqui estou, e é o que importa!

O porteiro, semi-adormecido, veio abrir lentamente a grande porta de ferro. O trenó foi indezido e se afastou. Com a valise em mão e tratando de agasalhar a garganta, Boris subiu com passo rápido a pequena escada e acionou o cordão do tímpano, uma primeira vez suavemente, para não assustar Sônia; depois, uma segunda vez, um pouquinho mais forte.

Por trás da porta, ouviu aproximarem-se, correndo, dois pêzinhos descalços, como outrora, enquanto uma voz suave, um pouco assustada, perguntava:

— Quem é?

— Sou eu, Sônia. Boris Grebof! Estou chegando. Abra, por favor!

Um curto grito de alegria respondeu ao seu pedido. A chave logo girou na fechadura e a porta se abriu inteiramente, surgindo Sônia, com um pequenino lampeão junto do rosto.

— Patrão! Patrão! Então é o senhor! — exclamou ela, radiante e fechando a porta apressadamente.

Boris, porém, olhava para ela, sem a reconhecer.

Seria realmente aquela mesma Sônia que êle ali havia deixado, alguns meses antes, magrinha e frágil? Em seus olhos, agora, havia um brilho diferente, de alegria, talvez, ou de febre, pois que ela tremia da cabeça aos pés, dominada pela alegria e a surpresa. O rosto, iluminado pelo lam-

peão, ganhara côres vivas, um róseo esplêndido; os lábios, vermelhos, sorriam com aquêle bom sorriso emocionado e... e aquela cintura elegante, os braços arredondados e graciosos... Senhor! Seria mesmo Sônia?

Boris se voltou, como para pousar o chapéu, o cache-col, as luvas; mas, na verdade, para não deixar transparecer a emoção inédita que o assaltava. Sentia-se surpreendido, realmente, mas preocupado, muito preocupado...

Sônia, entretanto, não parecia suspeitar, absolutamente, do efeito que essa transformação provocava em seu patrão: chegara mesmo, em sua alegria de rever Boris, a esquecer a simplicidade de seu vestuário; o frio, entretanto, se encarregou de lembrar a ela que o tecido que a cobria não era suficiente para manter o seu corpo aquecido.

Com um repentino estremecimento, correu a vestir roupas mais pesadas; mas não tardou a voltar a fim de presidir à instalação de Boris. A chaleira depressa apareceu, fumegante, sobre a mesa.

— Senta-te ali; vemos tomar chá juntos — disse Boris. — Estás tremendo de frio, e isso é mau. E' preciso que tomes qualquer coisa bem quente!

— E' de prazer, meu patrão! — exclamou ela, juntando as mãos e inclinando a cabeça num gesto espontâneo. — Oh! Como esperei por êste momento!

E os olhos brilhantes de Sônia riram tanto quanto os seus lábios.

— Tinhas, então, muita vontade de me ver de volta? — perguntou Boris, sentindo-se imensa-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Boris Grebof, de família nobre, porém pobre, estudante em Moscou, para ajudar sua mãe, residente na pequena propriedade campestre distante da capital, com velhos e fiéis criados, emprega-se como professor, nos períodos de férias e assim vai para a casa do general Stepan Goreline, cuja esposa, de melhor família que o marido, não perdoa ao infeliz a situação de aperturas econômicas em que vivem, embora procurando ostentar. Boris terá que ensinar francês e outras matérias a Lydia e a Eugênio, filhos do casal, no período de férias que passarão numa propriedade campestre. Não tarda a nascer entre Boris, com seus vinte anos, e Lydia, de dezessete, um romance de amor. Há na propriedade uma menina de treze anos, órfã de pai e mãe e que vive na propriedade quase na situação de um animal doméstico, a quem todos maltratam e pouco dão com referência a dinheiro, alimento e roupa. Somente o general Goreline trata-a com carinho, embora lhe pague pouco. A menina, com quem Boris também se mostra carinhoso, toma grande afeição pelo estudante, passando a levar ao seu quarto, furtivamente, flores que ela mesma colhe com grande zelo. Um acidente banal, um espinho no pé da menina, aproxima-a ainda mais de Boris, que a trata com carinho, penalizado com a triste sorte da pequena, maltratada por todos, com exceção do general. Correm os dias, com o crescente namoro de Boris e Lydia, enquanto a dedicação de Sônia por seu benfeitor chega às raias da idolatria, fazendo questão de cuidar de seu quarto, sua roupa, de engraxar suas botas, enfim, servindo dia e noite ao estudante, esforçando-se por aprender coisas, a costurar, só para poder estar em condições de ser mais útil a Boris. E' claro, tudo isso em prejuízo de outros serviços da casa, o que lhe vale paciência quase que a toda hora. A êsse tempo, um vizinho, o jovem príncipe Armianof, figura destacada nos salões de Moscou, indo repousar, em sua chácara, decide visitar o general Goreline, que fôra grande amigo de seu pai. Não esconde a impressão favorável que lhe causa Lydia, o que enche de entusiasmo a sra. Goreline, que já imaginava sua filha princesa e brilhando na corte. Também Lydia fica impressionada e orgulhosa com os olhares admirativos do príncipe, e não foi com Boris que ela sonhou aquela noite. O príncipe volta muitas vezes à casa do general, o que

entristece Boris, porém, Lydia continua a ser a mesma criatura adorável e o namoro entre êles prossegue, até que Eugênio, censurado pelo professor por não haver estudado a sua lição, vingando-se denunciando o namoro da irmã e Boris. Surpreendendo a filha em colóquio com o professor, a generala tenta agredir o rapaz e expulsa-o ignominiosamente, conforme já fizera pela manhã com a pobre Sônia, por haver esta manchado um vestido de Lydia. O jovem estudante parte, levando em sua companhia a pobre órfã, que pretende confiar aos cuidados de sua velha mãe, sendo nisso apoiado pelo general. Na primeira parada onde descem para aguardar a passagem da diligência, Boris deixa Sônia guardando seus pobres haveres e regressa à casa do general, a fim de ter uma derradeira entrevista com Lydia. Esta vem falar com êle no jardim e trocam novas juras de amor. Pouco depois de sua partida chega o príncipe Armianof, sempre assíduo em sua corte a Lydia. Nota, porém, o ambiente desagradável que reina naquela casa, os olhos inflamados de Lydia, a carranca da generala, a tristeza de Eugênio e tudo descobre quando, ao perguntar por Grebof, a generala anuncia que o estudante fôra expulso daquela casa por se haver portado inconvenientemente. Imediatamente parte numa telega, com bons cavalos, em perseguição à diligência que conduz Boris. Desejava interrogar o estudante. Caso o mesmo fôsse culpado seria castigado. Em caso contrário... Alcança, de fato, Boris e logo é vencido pela franqueza do rapaz e ouve toda a verdadeira história do seu namoro com Lydia, dos maus tratos sofridos por Sônia, dos insultos recebidos da generala... e da promessa de Lydia de ser um dia sua esposa. Imediatamente afirma que será amigo de Boris, amigo incondicional, despedindo-se. Horas depois Boris chega à pequenina propriedade materna, que o recebe com surpresa e alegria e a quem êle apresenta a pequena Sônia, rogando que seja recebida e protegida. Sônia é recebida com carinho, embora esquiva e taciturna, não tarda a se fazer útil à sua moda, demonstrando verdadeira veneração pelo estudante ao qual continua a servir noite e dia, não admitindo a interferência das outras criadas. Mas era preciso viver e Boris partiu de novo para Moscou, a fim de prosseguir em seus estudos, com grande desespêro de Sônia, que desejava acompanhá-lo. O rapaz mal podia ver Lydia, sempre em festas e recepções. Um dia Boris recebe uma carta de Armianof.

mente feliz com tôda essa alegria exuberante, representada pelo radiante rostinho de Sônia.

— Oh! Tinha sim! Tudo estava tão triste, sem o senhor! Nem pode imaginar as saudades que eu tinha!

— E que fizeste para encher o tempo?

— Eu? — perguntou Sônia, surpreendida com a pergunta; depois, corando ligeiramente, continuou: — Fiz um vestido para mim... e li, li muito... Li tudo isso! Com a mão indicava um monte de livros pousados a parte, num canto da mesa.

— “Coloquei pedacinhos de papel, marcando os trechos que não podia compreender... O senhor explicará tudo para mim, não é verdade, meu patrão?”

Falava acompanhando tudo com êsse mesmo olhar transbordante de alegria e de confiança, e que ia procurar a resposta até o fundo do coração de Boris.

Entretanto, aquêle “meu patrão”, inexplicavelmente, começava a causar certa irritação no ânimo de Boris. Por que Sônia insistia com essa... Enfim, seus ouvidos não mais aceitavam aquêle tratamento, embora Sônia o pronunciasse com indescriível carinho, no seu timbre aveludado. Boris não podia compreender... Talvez fôsse, porque agora Sônia tinha uma voz de mulher e não mais de uma criança!

— Eu explicarei tudo o que desejares — disse êle, depois de um silêncio difícil. — Mas por hoje chega... Já é tempo de dormir...

— E eu que nem pensava nisso! — exclamou Sônia correndo na direção do roupeiro.

Num abrir e fechar de olhos, o leito foi preparado, os alvos lençóis de linho abertos e os cobertores estendidos. Depois, retirando-se e já no corredor, Sônia disse, como tôdas as noites:

— Boa noite, patrão. Não precisa mais de mim?

— ... Não, obrigado... — respondeu Boris, repentinamente invadido por não sabia que preocupação estranha e nova, que o deixava acima de tudo aborrecido consigo mesmo, e depois com

Sônia ou antes: com aquêle “meu patrão” que o enervava.

Sônia desapareceu e o jôvem escritor ficou só, a fitar a porta por onde ela desaparecera e a perguntar a si mesmo se havia sonhado tudo aquilo... — a transformação que nela se operára. Provavelmente êle havia imaginado, sem bem saber, que Sônia continuaria sempre como a menina magrinha e meúda, a pobre órfã que êle livrara das crueldades de Generala Goreline.

E agora, ali estava ela! Repentinamente, como certas plantas de rio, que crescem — galhos, folhas e flores, — em uma só noite, e que desabrocham finalmente, abundantes e soberbas sobre as águas, a menina se fizera mulher, — e que mulher! Graciosa e digna; casta e atraente a um só tempo; faceira sem disso suspeitar; ignorando a fascinação do seu sorriso e dos seus olhos magníficos... Isso mesmo! Em vez de uma garota insignificante e dócil, tinha agora sob o seu tétio uma moça no desabrochar dos seus deztoito anos. Que faria êle, Senhor?

Aqui a meditação de Boris parava diante de um obstáculo invencível; a esta pergunta, nenhuma resposta; nem em sua cabeça, nem em seu coração. Que fazer de Sônia? E podia êle viver sem ela? Não fazia ela parte do seu lar, do seu ambiente doméstico?

Estando ainda assim pensativo, esquecido de dormir, uma vibração sonora e prolongada fez estremecer levemente a casa inteira. Boris se ergueu, num salto.

— “A primeira pancada das matinas... Quatro horas, já”.

Outra vibração, mais fraca, respondeu ao longe; depois dez outras. Um silêncio completo e, repentinamente, todos os sinos começaram o timplanar funebre da quaresma, tão estranho, tão solene e que ninguém mais pode esquecer, depois de ouvir uma só vez.

De sua janela, ouvido aberto para o espaço deserto, Boris ouvia êsse queixume grandioso dos sinos de Moscou.

Os sinos menores soavam uma vez e outra, com

O príncipe oferecia-lhe um emprêgo de secretário e colaborador junto a um eminente sábio que ia partir em viagem ao estrangeiro. O ordenado era bom e o futuro ganhava novas perspectivas. Aceitar? Separar-se de Lydia? Explica-lhe tudo e ela, ao contrário do que êle esperava, aceita a idéia da separação e ainda o anima a viajar. Ao anunciar a novidade à sua mãe, Boris se emociona por ver a dor que isso causa à veneranda senhora. Porém, ela, resignada, aceita a separação desde que é para o bem do filho. Sônia não se resigna, porém, à idéia de ver partir novamente o seu “patrão”, deixando-a ali, em Grebova, morrendo de saudades. Porém, aceita o irremediável e promete a Boris melhorar de gênio e aprender muita coisa a fim de um dia poder servi-lo como convinha. Novamente em Moscou, verifica que Lydia não comparece ao encontro de despedida e só mesmo após muita insistência de sua parte obtém que ela o veja na estação, minutos antes do trem partir. Coloca uma aliança no dedo de Lydia e ouve dela a afirmativa de que aguardaria o seu regresso para ser a sua esposa. No estrangeiro, escreve constantemente para Lydia, que só muito tempo depois responde, pedindo-lhe não escrever tanto e dando para êsse pedido uma razão qualquer. Boris se abisma em desespero, até que o sábio, com o qual viaja, notando sua dor, anima-o, conseguindo que êle se interesse mais pelo trabalho, que é o melhor dos bálsamos. Passados dois anos e meio, Boris recebe do padre de sua aldeia um aviso, anunciando ser bastante precária a saúde da sra. Grebof. Imediatamente regressa à sua aldeia, onde ainda encontra sua mãe com vida. Mas não por muitos dias mais. Ao se aproximar o Natal a santa criatura morre, depois de abençoar o filho e recomendar-lhe Sônia, por quem também ela se afeiçoara profundamente. Depois das sucessivas e arrastadas cerimônias fúnebres, à moda russa, Boris anuncia às velhas criadas que pretende ir residir em Moscou, Dacha, a criada cega, que o vira nascer, aconselha o rapaz a levar Sônia, para cuidar de sua nova residência. As outras criadas são tôdas muito idosas e Sônia, ao contrário, seria mais útil. Para Sônia aquilo era a realização do seu velho sonho. Em Moscou não tarda a surpreender Boris com a sua grande eficiência e ordem econômica, proporcionando ao jôvem sábio um lar confortável. Boris pensa então em se aproximar de Lydia, não ousando ainda se apresentar oficialmente em sua residência, embora assim o

permitisse a sua atual situação. Consegue avistar-se com ela numa reunião na residência de um sábio seu amigo, cuja casa Lydia frequentava. Ali, Boris, sem ser visto, observa o manejo de Lydia junto de um velho general. Fala-lhe pouco depois e ela promete que no dia imediato o procuraria em seu próprio apartamento. Porém, na mesma reunião encontra o general Goreline e êste também anuncia que o visitará para tornar a ver a pequena Sônia. Na manhã seguinte quem surge primeiro é Goreline, e Boris luta bastante para que o general apresse a visita, conseguindo afinal que êle saia, com Sônia, ficando êle próprio só. Pouco depois chega Lydia e anuncia que “tudo está terminado entre êles, pois pretende casar-se com outro”. A seguir exige que Boris lhe restitua tôdas as cartas de amor.

Nesse instante são surpreendidos pelo inesperado regresso do General e entre pai e filha há uma cena violenta e desagradável, retirando-se ambos. Boris sofre terrivelmente com o rompimento e a traição de Lydia, até que a boa Sônia o anima e êle reage afinal. A convite de Armianof, Boris vai para o campo e leva Sônia, instalando-se em Grebova. Ali o príncipe o põe a par do que fizera Sônia em sua ausência e por sua vez anuncia que se casará com uma boa moça, pobre e de origem humilde. Corre o tempo e Boris sempre mais em evidência no mundo intelectual e na sociedade, onde as mães desanimavam de conquistar aquêle solteirão para as suas filhas. Boris parecia realmente apaixonado apenas pelo seu trabalho. Sônia, que pouco crescera chegara, porém, a essa idade em que as moças passam a rir menos. A rotina foi quebrada com a chegada da carta do velho amigo professor, que pedia a Boris ir em seu lugar — pois estava enfermo — a Petersburgo, fazer a revisão total do livro, já em vias de ser impresso. Na sua ausência, Sônia lê e aguarda o regresso do “patrão”. Nesse espaço de tempo recebe a visita de Armianof, que quase a trata cerimoniosamente, surpreendido e mesmo estupefato com o milagre da transformação física de Sônia, agora uma moça, uma esplêndida e bela moça. Outra visita é a da sra. e srta. Goreline, de luto, e que vão procurar o “Sr. Grebof”. As visitantes não perdem ensejo de humilhar a pobre Sônia, injuriosas por certo do seu bom aspecto e beleza. Finalmente, Boris, terminado o seu trabalho, regressa a Moscou, já madrugada.

uma só pancada, como lágrimas discretas e isoladas; depois os grandes martelos voltavam a cair, pesados e a um só tempo sobre os sinos de vozes mais poderosas, formulando um queixume lúgubre e desesperado. Ao norte, ao sul, à esquerda, à direita, de todos os pontos do horizonte, chegava o chamado fúnebre; e os três mil sinos de Moscou respondiam, vibrando como uma gigantesca harpa eólia.

Uma melodia bizarra, impalpável, feita de notas esparsas, voava de cada torre de igreja, saltando de um sino para outro, colhendo aqui e ali, à sua passagem, um acorde estranho. Ainda algumas notas fugitivas, depois um acorde final, verdadeiro clamor de almas penadas, flutuando nessa noite de nevoeiro úmido, sobre um solo insólito de neve espessa semi-derretida.

Nenhum ruído fora, nas trévas quase palpáveis; nada, além desse lamento caprichoso embora medido.

Esse canglor imenso, que, isoladamente, em cada torre de igreja, teria sido fúnebre, despertava a confiança e até mesmo uma espécie de alegria seria. Pela harmoniosa e maravilhosa solidariedade de todas essas vibrações, punha na alma do sonhador contemplativo certo vago sentimento de vida, de segurança, de associação, — e, para o poeta, que harmonia! A do vento, nas altas florestas respeitadas pelo homem, não tem que temer nada mais grandioso nem mais solene!

Boris ouviu até o instante em que, pouco a pouco, as vibrações se extinguíram; um sino, muito distante, continuou ainda por alguns segundos a enviar seus apelos para o céu quase negro. Depois tudo cessou.

Um grande silêncio desenrolou a cidade; o crepitar das gotas d'água, que calam do telhado sobre a neve derretida era o único ruído a quebrar a solidão muda e sombria; um golpe de vento quase morno, precursor da primavera, lançou os cabelos de Boris sobre o seu rosto. Repentinamente, sem bem compreender porque, sentiu-se invadido por uma emoção alegre.

— “O fim da quaresma”. — Pensou êle — “Em breve teremos a páscoa e depois a Primavera...” E meu nome surgirá, impresso sobre um grande livro, com o do bom e grande sábio meu amigo. Conquistarei enfim a fortuna?

Foi para o leito cheio de esperanças e pensamentos diversos e otimistas. Não tardou a dormir profundamente.

Era muito tarde quando Boris despertou. O forte vento da noite levava as nuvens e o nevoeiro; um alegre sol derretia rapidamente a neve dos telhados, formando alegres goteiras que desciam brilhantes como a prata. Alguém bateu discretamente à porta.

— Que aconteceu? — perguntou Boris, ainda semi-adormecido.

— E meio dia, senhor. Não quer almoçar?

— Meio dia! Tão tarde assim? — respondeu o rapaz, esfregando furiosamente os olhos. — Não me demorarei. Pode preparar a mesa.

Realmente num instante estava pronto e abriu a porta da pequena sala, que servia para as refeições.

A toalha branca, os pratos reluzentes, o garrafão de cristal brilhante, onde brincavam os raios do sol, filtrados pelas folhas verdes das plantas que guarneciam interiormente as janelas, tudo isso tinha um ar de saúde e de alegria que encantava Boris.

Respirou calma e profundamente, cheio de satisfação, instalando-se à mesa diante do seu prato ainda vazio; reencontrava o seu interior! E que palácio, por mais suntuoso que possa ser, vale a

morada humilde em que se é o senhor, onde cada objeto nos pertence e nos deseja a boavinda?

— Não se impaciente, patrão! Não vai demorar... — anunciou a voz de Sônia atrás da porta.

Realmente, entrou; instantes depois, trazendo em mãos um prato fumegante e cujo vapor cercava seu rosto radiante e rosado como uma nuvem delicada, ou uma aureóla flutuante.

Orgulhosamente veio depositar o seu fardo no centro da mesa.

— Bom dia, patrão! — disse ela, inclinando profundamente a cabeça à moda russa.

Depois, recuando ligeiramente, ficou de pé, diante dele, pronta para o servir em seu menor desejo.

Boris hesitou com uma estranha sensação de timidez, como nunca sentira. No entanto o olhar que encontrou era o mesmo olhar claro, cheio de bondade e que o fazia pensar em sua mãe.

— Deve comer, senhor — disse ela, insinuante. — Espero que esteja bom... E o senhor deve estar com fome!

Sim. Boris tinha fome; mas não podia desviar seu olhar daquele rosto rosado; do colo branco; das tranças pesadas; desse vestido modesto e severo; dos punhos alvos e delicados, que surgiam das mangas um pouco levantadas, para facilitar os movimentos dos braços e das mãos, sempre ativas!

Boris baixou o olhar por alguns instantes; depois, reticente e corando, perguntou:

— Sônia... Que idade tem você?

Esse “você” surpreendeu a adolescente.

— Por acaso está zangado comigo? — balbuceou ela, levando das mãos à garganta.

— Zangado? Claro que não! — respondeu Boris corando mais ainda. — Foi... uma distração. Que idade tens?

Sônia respirou, aliviada.

— Não sei ao certo — respondeu ela imediatamente tranquila e sorridente. — Creio que devo ter dezessete... ou dezoito. Por que?

Oh, aquê! “por que?!” Habituará-se a perguntar, sempre que ignorava preferindo que ela não perguntasse.

— Para saber! — respondeu com voz insegura.

E, de fato, por que? Por que perguntára? Nem êle mesmo sabia.

— Aqui estiveram visitas, enquanto o senhor esteve fóra... — tornou Sônia a falar, vendo que Boris emudecera. — O príncipe Armianof...



UM "FECHO" MUITO PRÁTICO...
— Agora a torquez!

— Sim, sim, eu sabia! — Ele me escreveu — respondeu Boris, comendo com bom apetite.

Sônia mencionou ainda alguns outros visitantes, depois, finalmente, com uma pequenina hesitação, anunciou a visita feita pelas Goreline.

— Goreline? — repetiu Boris, que parou o garfo no ar, a meio caminho. — Não estás enganada?

— Não, meu patrão; eram elas realmente. E estavam tôdas de preto... e vestidas quase pobremente.

— Ah! — respondeu Boris, pensativo. — Não disseram o que desejavam de mim?

— Não. Ficaram de voltar mais tarde...

Grebof continuou a refletir por alguns instantes, depois voltou ao seu talher, como se estivesse disposto a não perder um só dos apetitosos quitutes preparados por Sônia. Esta, que o acompanhava em seus menores gestos com olhar atento, ficou surpreendida com sua própria alegria interior à vista dessa retomada de ofensiva contra sua obra-prima culinária.

— Está gostoso, patrão? — perguntou com infantil curiosidade.

— Excelente! Por que não almoças também?

— Depois... quando o senhor tiver terminado.

Boris observou as faces rosadas e os olhos felizes que o examinavam sem malícia, guardou para si mesmo alguma coisa que tinha na ponta da língua, e terminou o seu almoço em silêncio. No instante em que se levantava Sônia se deu pressa de retirar pratos e talheres.

— Deixa isso, por favôr! — disse Grebof com uma sombra de impaciência.

Sônia levantou para ele um olhar interrogador.

— Então você é quem há de carregar essas coisas?...

Deteve-se, não sabendo ao certo do que desejava dizer.

— Sônia abriu a boca duas vezes, antes de poder falar.

— Ora, meu patrão! E quem serviria a mesa senão eu mesma? — perguntou ela, rindo mansamente e com a cabecinha ligeiramente inclinada, como era o seu costume, rindo mais com os olhos que com os lábios. — O senhor me aceitou para o servir, e é preciso que tudo esteja sempre em ordem, sem o que o senhor me expulsaria!

E ria ainda, ria muito, indo e vindo, do salão para a cozinha.

Expulsá-la! Boris quase odiou, repentinamente, por esse gracejo. Expulsar Sônia! Como seria isso possível, santo Deus? Seria o mesmo que expulsar a própria luz do seu lar!

E então voltou a sua mente, torturando-o, a pergunta insolúvel:

“Que fazer dessa moça?”

— Pensarei nisso, mais tarde. — Prometeu ele a si mesmo, para fugir ao cerco angustiante que tal pergunta promovia em seu pensamento dolorido.

E pouco depois, sem olhar para Sônia, saiu, a fim de tratar dos seus trabalhos.

“Mais tarde” é o grande amigo dos Russos.

Em caminho, veio-lhe à mente uma idéia maravilhosa; mas a verdade é que essa idéia tomando mais consistência, acabou por levar os mesmos a sua alegria da manhã. A força de refletir, entretanto, certificou-se de que nela estava a definitiva solução do problema. Mas, por que razão essa excelente solução não oferecia consolo e tranquilidade ao seu espírito, foi coisa a que não soube ou não quis responder.

★

O dia correu lento para Boris. Lento e desagradável. Seu estado de ânimo não o ajudava, positivamente, a bem receber as vantajosas propostas que lhe foram feitas. Positivamente, não

houve mortal capaz de se louvar por haver inspirado simpatia ao jovem escritor, cujo mau humor não escapou nem mesmo àqueles que o conheciam ligeiramente.

Nem por isso Boris abandonou o seu plano, e voltou para casa plenamente decidido a levá-lo avante com habilidade e êxito.

Depois de se fechar num mutismo que pouco foi notado por Sônia, tôda entregue ao preparo do primeiro jantar do “patrão” depois da sua longa ausência, Boris já de roupa caseira voltou à sala de refeições.

— Sônia — disse ele, enquanto ela servia o jantar. — Não pensaste até hoje em... em casar?

— Eu? — perguntou Sônia, detendo-se, surpreendida.

Em seguida, com ar quase cômico, examinou Boris com repentino cuidado, como para ter a certeza de que não o haviam mudado em Petersburgo. Esse rápido exame pareceu tranquilizar a boa Sônia, porque então respondeu, sorrindo:

— Não!

— Nenhum rapaz te fez a côrte, durante a minha ausência? Nenhum jovem simpático desejou casar contigo?

Sônia corou fortemente, mas respondeu nitidamente, fitando seu patrão:

— Nenhum... Por que?

Fôra Boris quem ensinára Sônia a perguntar “por que?”, quando não compreendia; mas, neste momento, lamentou que ela seguisse tão à risca às suas ordens.

— E’ que... — respondeu ele, depois de procurar desesperadamente um pretexto nas profundezas do seu espírito estranhamente distraído. — Estou decidido até conceder um bom dote, quando te casares. E como já tens dezoito anos...

Deteve-se A idéia que conseguira achar não ia mais além... Sônia esperou um instante, antes de responder; depois certificando-se de que Boris nada mais tinha a dizer, falou por sua vez, com a sua voz grave e lenta, como já o fizera duas vezes apenas em sua vida; no dia em que ele perdera Mme. Grebof e naquele em que sofrera a cruel traição de Lydia.

— Patrão — disse ela (vibrava em sua voz uma leve censura inconsciente); Mme. Grebof me fez prometer servir ao senhor fielmente tôda a minha vida. Se eu tivesse a desgraça de desagradar ao senhor e se o senhor me expulsasse desta casa, eu não iria procurar um marido, mas sim a casa do Senhor, aonde talvez me aceitassem como criada de servir. Se algum dia eu ofender o senhor, somente Deus me dará consolo, e o mosteiro será a minha morada. Enquanto eu não desgostar o senhor, espero que me permitirá continuar a viver aqui mesmo, para o servir!

Mantinha-se de pé, o corpo direito, os braços pendentes. Voltára a ser a Sônia de outróra; suas palavras eram humildes em sua dignidade simples e foi Boris quem se sentiu pequenino e humilhado.

Quando terminou de falar, tentou prosternar-se, à velha moda russa. Boris, porém, precipitou-se sobre ela e a recebeu, a meio caminho, em seus braços. Ela não insistiu e ficou de pé, imóvel, diante dele, esperando uma resposta, e com o seu honesto e casto olhar fixado sobre ele.

— Tens razão... E eu sou um imbecil! — disse ele, repentinamente, sem olhar para ela.

Sentia-se de fato envergonhado diante dela; mas não pôde resistir e ao fim de poucos instantes levantou o olhar, magnetizado por aqueles olhos que esperavam ainda uma resposta.

— Sou um imbecil! — repetiu ele, tentando rir, para esconder a própria confusão. — Vai... Não tornarei a falar nessas tolices.

Sônia exibiu imediatamente seu calmo e riso-

nho semblante de sempre isto é: aquêle que era inteiramente novo para Boris! A expressão en-ternecida e misteriosa dos seus olhos e dos seus lábios voltou como um raio de sol e, algumas horas depois, enquanto a chaleira cantava sô-bre o fogo, êle a ouviu cantarolar, a meia, voz, uma velha canção camponesa, coisa que não lhe ocorria há muitos anos.

Inúmeras providências, dezenas de visitas e de serviços a executar se haviam acumulado na ausência de Boris e durante uns quinze dias voltou êle para casa quase que unicamente para dormir. Sônia não pudera, assim, encontrar uma ocasião para lhe falar de suas leituras; tinha porém a paciência longa e não se queixava; de resto, para ela, nada mais faltava, posto que a felicidade voltara para aquela casa. Finalmente, todos êsses movimentos se acalmaram, pouco a pouco, e os hábitos da casa retomaram a sua regularidade, com grande alegria para os dois solitários.

XXVI

Uma tarde, o jovem escritor acabára de almoçar; Sônia terminara a arrumação da saleta, pon-do tudo novamente em ordem, quando a sineta soou nervosamente e uma voz, que Boris não reconheceu, de tal forma o timbre se tornara seco e mordaz, perguntou "se o Sr. Grebof estava em casa".

— Queira entrar, senhorita. — Respondeu Sônia.

— Anuncie a nossa visita! — ordenou a mesma voz.

A seguir houve um silêncio, enquanto Sônia ajudava as visitantes a retirar os casacos de pele. Nêsse instante, porém, a voz acrescentou, mais baixo, em francês:

— *Veia só, mamãe, que elegância!*

— *E' o cúmulo! Uma simples criada!* — respondeu uma outra voz.

Por essa caridosa observação, Boris não pôde mais duvidar da identidade das pessoas que o vinham visitar: eram, sem qualquer sombra de dúvida, as Goreline!

Instintivamente observou Sônia, que, tendo conduzido as visitantes até o salão, surgia diante dele, para anunciar o nome das recém-chegadas. Sua *toilette* nada tinha de elegante, em si mesma; era um simples vestido de lã marron, ornado com uma pequenina gola branca e um curto avental de fazenda preta; — era êsse, afinal, o uniforme de tôda arrumadeira cuidadosa de sua aparência; mas o que dava um ar de festa a êsse uniforme severo, austero mesmo, desprovido de uma ponta de fita ou de renda, era a limpeza minuciosa de cada uma de suas peças; era, principalmente, a forma graciosa desse corpo moço e bem feito, a riqueza das pesadas tranças, a alvura da pele puríssima e também o ar de dignidade simples da excelente Sônia. Não tinha o aspêcto de uma criada. Quanto a isso não havia a menor dúvida; e no entanto tôda a sua *toilette*, somada, não valia talvez cinco rublos!

Sim. Boris viu tudo isso em um só olhar; e sorriu para Sônia, que o interrogava com os olhos, sem nada entender. Empalidecera ligeiramente ao pronunciar o nome da Srta. Goreline. Receiaria ela uma emoção penosa para o seu patrão? Talvez.

Êsse sorriso a tranquilizou; correspondeu com um sorriso igual, e retirou-se para a cozinha, a fim de cuidar de suas ocupações.

Entrando no salão, Grebof se sentiu perfeitamente senhor dos próprios nervos; o passado estava bem morto; tão morto como se já jamais ti-

vesse existido. Vendo-o chegar, as duas mulheres se levantaram; êle as saudou delicadamente, convidou-as a sentar e sentou-se por sua vez.

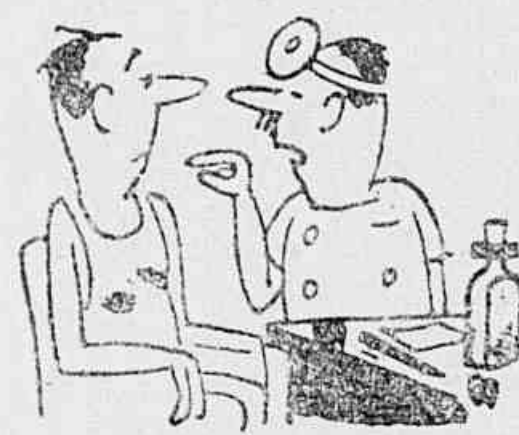
Lydia... não era mais Lydia; era uma solteirona apagada. E, refletindo bem, tinha ela apenas vinte e cinco anos! Mas para as *caçadoras de marido* os anos de "campanha" contam em dôbro; êstes últimos sete anos de incessante vida social, de noites perdidas em bailes e reuniões, de esperanças desfeitas, de revêses do amor-próprio, tudo isso somado às devastações de uma ambição insaciável e sempre impotente e irrealizável, tinham mudado o seu semblante, assim como a sua voz e o seu caracter.

Sob as luzes dos salões ela devia ser ainda bela e sedutora, pois que os seus traços tinham conservado sua pureza perfeita e quase clássica; mas assim, à luz do dia, tal como Boris a via, em seu vestido de seda preta, com multiplos serzidos, seu chapéusinho de rendas nada frescas, as luvas já bastante usadas — e com os olhos avermelhados, a pele fatigada, os lábios com uma desagradável expressão de amúo, não era nem sequer a sombra de Lydia; era, sim, um segundo exemplar de Mme. Goreline!

Boris, vendo-a assim, condeu-se íntimamente, mas como teria sentido piedade de uma desconhecida, de alguém que tivesse tombado de um passado de agitado esplendor para um presente melancólico de miséria e de sombra.

Sua comiseração, entretanto, foi curta e superficial; a bem dizer, Boris jámais a conhecera, pois que o que havia amado, de fato, não era ela, mas apenas o que ela poderia ter sido, o que ela *deveria* ter sido! Fôra por isso, justamente, que se afastara dela, sem possibilidade de retôrno, no dia da traição.

Enquanto fazia êsse exame, Mme. Goreline tomára a palavra com uma abundância que não conseguia esconder uma certa confusão, e apesar de sua reconhecida petulância. Boris voltára para ela tôda a sua atenção, observando-a em seus menores gestos estudados, em suas mais simples palavras e em suas repetidas trocas de olhares com a filha. Sem corar desfiou um longo rosário de misérias, como pessoa habituada a êsses discursos. Seu marido morrera, — aquêle excelente homem, tão respeitado e amado por todos! — e, longe do que ela poderia esperar, tinham criado tôda sorte de dificuldades para a obtenção de sua pensão de viúva.



— Deixe-me ver a língua...



— Huum!...



— ... —



— Tome o remédio conforme o rótulo.

Deteve-se, aguardando uma observação de Boris, uma palavra de encorajamento. O jovem escritor, entretanto, manteve-se imóvel, sem ao menos pestanejar. Sem desanimar, Mme. Goreline reencetou o seu discurso, já agora com mais calor e gesticulando nervosamente.

— Minha filha, aliás, foi a mais prejudicada — explicou ela com ênfase. — Ela, sim, que tinha direito a uma pensão especial! Mas alegaram que a minha devia chegar e que meu filho, Eugênio, já estava em idade de sustentar a família; na verdade — não é por ser meu filho. — Eugênio é hoje um belo rapaz de dezoito anos. Mas como é lá possível um rapaz ser útil à família com apenas dezoito anos? Que responda o senhor mesmo, Boris Ivanovitch. Se um rapaz que ainda não deixou o ginásio pode prestar para alguma coisa!

Boris pensava, justamente, nêsse instante, que aos dezoito anos, durante o seu primeiro ano de Universidade, já lecionava a uma dezena de colegas, afim de aliviar as pesadas despêças de sua boa mãe; mas em vez de responder, limitou-se a esboçar um gesto que podia muito bem passar por uma aquiescência.

Isso foi o suficiente para provocar o entusiasmo de Mme. Goreline.

— Ainda bem que o senhor concorda comigo! — continuou ela, agora *a todo vapor*. — E foi justamente o que eu disse no ministério! Então disseram-me que, se alguma pessoa influente quizesse interceder por mim, talvez pudessem fazer qualquer coisa... Resolvi, então, escrever ao príncipe Armianof, nosso vizinho. Sem dúvida, era uma humilhação terrível para mim, depois a maneira como êsse cavalheiro se conduziu conosco!

Parou novamente, a fim de esperar uma reação qualquer de Boris. Não tendo êste feito qualquer gesto ou dito uma só palavra, ela continuou:

— Pois saiba que o príncipe casou e nem ao menos nos apresentou a espôsa. E não imagine que ela seja pessoa interessante; não é sequer bonita... E se visse como é prosa! Com certeza não achou que eramos vizinhos suficientemente bons para ser visitados! E quando se pensa que ela não passa da filha de um professor de Latim! Enfim, não há nada que uma boa mãe não deva suportar em benefício dos seus filhos, e por isso escrevi ao príncipe, para lhe relatar tôdas as injustiças com que nos atingiram. Pois bem êle não se dignou visitar-nos; muito simplesmente escreveu uma carta muito curta e muito seca, prometendo cuidar do nosso caso... E foi só! Bem se vê que não passo de uma pobre viúva indefesa! Se o meu querido espôso ainda estivesse vivo, não ousariam me tratar dessa forma!

E Mme. Goreline enxugou os olhos perfeitamente secos com um lençinho de batista rasgado.

Já era tempo de encerrar aquela longa história e apressar o final de uma vista que, na realidade, se transformava num rosário de queixas e de acusações desagradáveis.

— E o príncipe Armianof nada conseguiu em favor da senhora? — Perguntou Boris, afinal, em tom glacial.

— Bem... Êle conseguiu trezentos rublos de aumento de pensão... reversíveis sobre minha filha, após minha morte; mas, *importante* como resolveu ser agora, não julgou necessário comunicar-me o fato pessoalmente e assim, quando recebi a notícia, se não tivesse corrido ao ministério para me informar sobre como e quando tudo fôra conseguido, jámais teria sabido que fôra êle quem solicitara e obtivera o aumento em meu favor. Na verdade, Boris Ivanovitch, há pessoas que não têm a mais elementar educação!

Disse e ficou diante de Boris, movendo a cabe-

ça com ar de desaprovação e aguardando a sua reação favorável.

Boris, porém, não entendia dar qualquer satisfação à insuportável criatura, muito principalmente quando ela desandava em ataque tão injustos e tão ingratos ao seu bom amigo Armianof.

— Não estou compreendendo muito bem. — Disse êle, contendo com esforço o riso. — Se a senhora conseguiu o que desejava, creio que é o caso de se felicitar e não de se lastimar...

Mme. Goreline ficou um momento muda de espanto, como se não esperasse êsse comentário, depois retomou a palavra, falando com volubilidade:

— Sim, sim... disse ela. — Mas isto não é suficiente, Sr. Greboff. Tivemos que comprar nossas *toilettes* de luto... E temos ainda Eugênio. Um rapaz custa muito caro, o senhor deve saber, e não conseguimos, nessas condições, conciliar as despêças com o que recebemos do govêrno; pesame ter que estar dizendo estas coisas, Sr. Greboff, principalmente ao senhor que nos conheceu em tempos mais felizes; mas, que fazer? Temos que dizer tudo claramente e expôr como estamos vivendo... simplesmente, pobremente mesmo! E por mais que façamos economias não conseguimos atender às despesas. Foi então que pensei no senhor... Talvez nos pudesse ajudar... O senhor é tão bom!

A Sra. Goreline se deteve, o olhar voltado para Boris, aguardando um encorajamento.

Coisa extraordinária! Esquecera ela, totalmente, que tentara esbofeteá-lo, que o cumulára de injúrias, que o expulsára de sua casa, e tudo isso... por que êle ousára olhar para a sua filha e pedir a sua mão em casamento! Nada disso recordava ela! Ou antes, recordava uma só coisa: recordava que Boris amára Lydia e, nestas condições, devia necessariamente estar dispôsto a se colocar de quatro, para lhe ser agradável.

Apesar de tudo tais naturezas não são raras em parte alguma do mundo; tôdas as sociedades podem ciferer exemplos numerosos e cada qual mais desagradável; o verniz de educação e de decência que as recobre é mais ou menos espesso, porém é uma questão de milímetros.

Boris, estupefato, mal acreditando no que ocorria, ouvia êsse fluxo de palavras, cuja conclusão inesperada pareceu-lhe de um cômico completo. Sem a presença de Lydia, que, muda e de olhar voltado para o tapete, não parecia estar à vontade, êle teria delicadamente reconduzido a Sra. Goreline até a porta, assegurando-lhe que não devia confiar muito na sua bondade; o ar de confusão da filha forçou Boris a se mostrar misericordioso com a mãe; deixou-a, pois, sair como pudesse do discurso iniciado.

— O Sr. E' tão bom! — prosseguiu ela, depois de esperar em vão uma resposta animadora. — O senhor se tornou um homem célebre... — acrescentou com um leve sorriso, que se esforçou por parecer admirativo. — Acaba de publicar com um grande sábio um novo livro... Oh! Foi muito bonito! Apreciamos muito, Lydia e eu, Sr. Boris! (aqui moveu enérgicamente a cabeça, com ar entendido). O senhor é quem manda nos jornais e nas revistas... Por isso mesmo pensamos que talvez nos pudesse ajudar... Como eu estava dizendo, fomos tão amigos, outrora, Sr. Greboff! — acrescentou, lançando um rápido olhar de inteligência à filha.

Boris, agora completamente estupefato e mesmo escandalizado, fitava-a com incredulidade.

— Oh, sim, sim... Fomos amigos, sim! Fui, talvez, um pouco... viva — confessou, suspirando. — Era o meu gênio... Que queria que eu fizesse? Ah! A verdade é que desconhecemos onde está a nossa felicidade! Quem podia prever... depois

de tantos anos? O senhor virá à nossa casa, espero, Boris Ivanovitch?

— A senhora desejava alguma coisa de mim? — indagou Boris em tom glacial.

— Sim... E' o seguinte. Minha filha não queria vir, é natural... Dizia que com certeza o senhor já nos havia esquecido; mas decidi vir assim mesmo, e ela foi forçada a me acompanhar. Lydia traduziu um romance alemão, do princípio ao fim: três volumes, Sr. Grebof! Se o senhor soubesse como é longo!... Então pensei que o senhor poderia recomendá-lo ao diretor de uma revista, o "Mensageiro da Europa" ou o "Mensageiro Russo", talvez...

— "Não faltava mais nada, Sra. Gorelina". — Pensou Boris, que continuou mudo e frio.

— "Aqui está o manuscrito — continuou a velhota tomando um rôlo volumoso que sua filha acabara de retirar do seu "manchon". Se quiser examinar?... Oh! Está muito bem feito, posso jurar, e traduzido com grande capricho. Lydia procurou no dicionário tôdas as palavras que não sabia. Está mesmo muito bem feito!

Boris recebeu o manuscrito. Aquela letra fina e desenvolta teria feito o seu coração saltar, outróra. Mas como estavam distantes os ditados de "Jocelyn!" Abriu sem emoção o grande caderno e leu o título.

Era uma elucubração empolada e sentimental, tal como se vê surgiu nos jornais de mocinhas, mas onde os lábios dos enamorados desempenham papel pelo menos tão importante como o seu coração, à moda alemã.

Lydia, trêmula de emoção, observava os dedos impassíveis de Boris folheando o manuscrito. Recordaria êle Lamartine e os seus dezoito anos? Quem sabe? Tantos acontecimentos tinham passado, depois! Aquêlo pequenino salão, por sua vez, devia recordar alguma coisa...

Ao fim de um minuto Boris cessou de folhear o caderno:

— Lamento... Lamento profundamente que tivesse se esforçado tanto e perdido tantas horas... — disse Boris, realmente contrariado pela resposta que era forçado a dar, e levantando pela primeira vez um olhar benevolente sôbre a Sta. Goreline. — Empreendeu um trabalho enorme e foi realmente lamentável que não tivesse pedido o conselho de alguém mais entendido, um profissional da pena, antes de começar esta tradução. Creio, aliás, que a tradução é boa, mas a escolha foi infeliz, muito mesmo; nenhum diretor de revista consentiria em publicar ou imprimir uma obra de tão pouco valor.

A Sra. Goreline o interrompeu, com um gesto teatral.

— Oh! Mas se fôr o senhor levar o manuscrito, Boris Ivanovitch... Bem sabemos que eles não poderiam recusar... Todos têm tão grande confiança no seu gôsto que aceitariam, de olhos fechados, uma obra apresentada pelo senhor... Fôsse ela qual fôsse!

Estou, infelizmente, longe de ter essa influência que me atribue — respondeu tranquilamente Boris; mas, se assim fôsse, eu me sentiria mais rigorosamente forçado a não pôr aos que tivessem con-

fiança em mim uma obra tão completamente nula como é êsse infeliz romance. Repito, com pesar não é pela tradução, mas sim pela escolha da obra, que reprovo e que o gôsto público reprovaria com certeza.

Houve um silêncio difícil de ser sustentado e que afinal foi quebrado pela visitante:

— O senhor recusa o que lhe pedimos, Boris Ivanovitch? — perguntou a Sra. Goreline com a sua voz mais insinuante. — Não é gentil da sua parte; outróra o senhor se mostrava mais disposto a agradar a minha filha! — acrescentou ela com um sorriso que desejava parecer de cumplicidade.

Lydia avançou rudemente a mão sêca na direção do braço de sua mãe, para a deter, mas era muito tarde! Boris se levantára, pálido de indignação, e saudava suas visitantes de maneira a lhes indicar que a entrevista havia terminado. Porém a Sra. Goreline não era criatura que se deixasse despedir sem vingar essa injúria.

— O senhor recusa porque tem outra coisa! — continuou ela, levada pela cólera. — A sociedade de pessoas decentes não é mais coisa do seu agrado! Quando se vive criminosamente com uma mendiga, sempre se está pouco disposto a prestar serviço às pessoas da nobreza.

— Que disse? — perguntou Boris, ainda recusando acreditar no que ouvira.

— Eu disse — gritou a Sra. Goreline com a sua voz mais aguda — que prestei um grande serviço à sociedade no dia em que o joguei à porta com essa rapariga com a qual o senhor hoje vive publicamente e que chega ao desplante de abrir a porta às suas visitas. Vamos, Lydia! Nunca deveríamos ter posto os pés nesta casa!

— Eu bem que dizia à senhora, mamãe! — respondeu a filha com a sua voz aguda e fanhosa.

Nêsse instante ouviu-se o ruído de um corpo que tombava. Boris nada ouviu; tremia da cabeça aos pés; o sangue subia-lhe aos olhos, cegando-o; o fundo eslavo de sua robusta natureza forçava irresistivelmente seus dois punhos fechados e poderosos a cair sôbre a cabeça das duas miseráveis mulheres; deu um passo à frente com tamanha cólera e tão grande fôrça, que elas recuaram diante do seu olhar.

— Mamãe, mamãe! — gritou Lydia, refugian-



do-se atrás de uma poltrona. — Ele vai nos bater; chame por socorro!

Estas palavras restituiram a Boris todo o seu sangue frio. Afastando-se diante das visitantes ainda trêmulas abriu inteiramente a porta do salão. Elas passaram diante dele e se apressaram a apanhar seus agasalhos pendurados na ante-câmara.

O manuscrito rolára pelo tapete; Boris o apanhou e pousou sobre a mesinha diante de Lydia, que calcava às pressas as botas forradas. Nesse instante ela ergueu um olhar tímido e assustado para o homem que a amára.

A cólera, o medo, um retorno de respeito e talvez de admiração se mesclavam nêsse olhar, que encontrou o de Boris, frio como o aço e cheio de um indizível desprezo. Tôdas as suas más paixões ferviam no espírito de Lydia, tôdas insopitáveis; ao cruzar a porta, lançou a Boris estas últimas palavras de ódio:

— Fiz bem em não me casar com um bruto, um criminoso que cria meninas inocentes para as perder...

— Depois da traição, a calúnia! — disse sorrindo Boris, completamente senhor de si mesmo. — Não há surpresa! Passem muito bem. E fechou a porta sobre as duas mulheres.

Ficou então um momento, imóvel, na saleta, tentando lançar um rãio de luz na perturbação do seu espírito. Que tinham dito, afinal, essas miseráveis caluniadoras?

Um relâmpago de indignação atravessou seu coração: Sônia devia ter ouvido tudo! Sim; as frágeis divisões do seu apartamento deixavam passar o menor ruído.

Precipitou-se para a cozinha, com uma pressa febril; tinha já então um vago sentimento de que uma desgraça ocorrêra.

A pequenina cozinha, clara, e reluzente de limpeza estava deserta. Boris abriu a porta da escada de serviço e prestou atenção: ninguém, nenhum ruído.

Realmente assustado, agitou febrilmente os vestidos e aventais de Sônia suspensos em um pequenino armário: o manto e o chale que ela geralmente usava para sair estavam no lugar habitual. Penetrou em seu próprio quarto: também ali não estava.

Restava apenas o pequenino quarto, pouco iluminado, onde Sônia tinha o seu leito, e onde êle jámais penetrára desde o dia de sua instalação.

Até então, com o coração oprimido pela angústia, êle chamára Sônia; porém, já com a mão na maçaneta da porta, no momento de entrar, deteve-se e murmurou em voz baixa:

— Sônia!

Um frágil rumor, soluço ou gemido, respondeu ao seu chamado. Boris entrou vivamente na meia-sombra. As longas tranças de Sônia estavam desfeitas e cobriam os seus ombros com ondas sedosas... À entrada de Boris, ela pareceu encolher-se mais, como se um sentimento de vergonha a forçasse a fugir aos olhares dele.

— Sônia! — repetiu Boris, avançando um passo em sua direção.

Seu coração estava dolorido e a garganta se comprimia contendo gritos de protesto; sentia mesmo uma piedade indizível. Teria dado tudo neste mundo para poder acalmar os soluços desesperados que agitavam os ombros da pobre criaturinha tombada a sua frente; queria apertá-la em seus braços, secar suas lágrimas com beijos, como se faz com uma criança ferida. — Mas não ousava, porque cada um dos seus gestos podia, de ora avante, parecer uma ofensa à pobre Sônia pura e ultrajada.

— Sônia! disse êle mais uma vez, agora falando muito baixo.

Êsse apêlo continha tôda a ternura do seu coração.

Ela levantou para êle olhos afogados em lágrimas. Que olhar submisso e transbordante de súplicas! Era um olhar que pedia graça, quando tinha o direito de fulminar.

Boris sentiu o próprio coração bater violentamente dentro do peito: aquêles olhos suplicantes lhe revelavam um mundo de sentimentos até então ignorados.

— Sônia. — Disse êle. — Fui culpado, peço-te perdão...

— Perdão? — Exclamou ela, erguendo-se num só movimento. — O senhor? Mas sou eu quem devo pedir que me perdôe!

Antes de que êle pudesse impedir caiu de joelhos.

— Eu devia ter compreendido que a minha presença aqui só poderia causar mal ao senhor; que não convinha que continuasse assim tanto tempo como a sua criada; que o senhor seria acusado de coisas feias! Oh, meu patrão! O senhor que me deu tudo! Graças ao senhor conheci Deus e as pessoas de bem; conheci a abundância e a liberdade... E o senhor gostou sempre de mim, como a Sra. Grebof também gostou... e eu, eu só lhe trago a vergonha e a injúria! Oh! Eu devia morrer!

Boris não ousava interrompê-la. Parecia-lhe que essa hora ia decidir da sua vida, que seu destino estava prêso aos lábios de Sônia, e que ela, só ela ia decidir de sua sorte.

— Sim, eu devia ter morrido... ou saído d'aquí. — Recomeçou ela entre soluços e com apaixonada veemência. — Mas não podia ir, porque o senhor, meu patrão, o senhor é tudo para mim; não quero, não posso viver longe do senhor! Porque o amo cem vêzes, mil vêzes mais que a todo o resto! Poderia eu viver onde o senhor não estivesse?... Quando o senhor estava fora, cheguei a imaginar que não havia mais sol, que não havia mais o bom Deus! E depois não tive coragem! Quando o senhor perguntou se eu não pretendia casar, eu tinha que responder que sim... e partir de uma vez; mas não podia... E não imaginava que o senhor pudesse ser insultado por minha causa!

Boris a ouvia, e com as palavras de desespero da pobre criaturinha, uma alegria íntima e transbordante enchia o seu coração; um horizonte novo se abria diante dele, — uma vida cheia de sol e de felicidade; — ouvia, os olhos dilatados para melhor a ver, os lábios entreabertos para melhor a ouvir, os braços meio estendidos para ela, para a colher quando tivesse dito tudo.

— Agora eu irei, meu patrão, irei ainda hoje, agora mesmo, e o senhor lhes dirá que não era verdade, que mentiram e que eu já deixei esta casa. Ah! Eu devia ter feito isto antes, muito antes; mas tenho eu lá culpa se o amo mais que a minha própria vida? Ao menos, quando eu aqui não estiver mais, o senhor será feliz!

Pouco a pouco ela se levantára, apoiada, com uma das mãos, ao pequeno cofre que continha todo o seu pobre haver; levantava agora para Boris um rosto resplendendo tôda a alegria do sacrifício. Ia partir realmente, como anunciára.

Boris a deteve, tomando-a nos braços.

— Feliz sem ti? — Disse êle. — Sem ti? Mas se eu te adoro, Sônia! Então!? Queres ser minha esposa?



Uma mulher de pequena estatura, de uns vinte-e-cinco ou vinte-e-seis anos, abriu a porta do apartamento...

FORAM MUITOS OS QUE VIVERAM...

Novela curta, policial, de
DASHIEL HAMMET

— pessas — denotava tão atento interesse como sua voz:

— Por que?

O homem dos olhos verdes falou tranquilamente, com segurança:

— A você posso dizer, Spade. Tem a classe de reputação que desejo encontrar em um detetive particular. Por esta razão aqui estou.

O gesto de assentimento de Spade não significava grande coisa.

O outro acrescentou:

— E qualquer preço razoável estará muito bem para mim...

Spade voltou a esboçar o mesmo gesto de assentimento:

— E para mim também! — disse — Mas preciso saber o que deseja comprar. Deseja saber o que ocorreu com esse tal... Como é mesmo?... Ah! Eli Haven...

O dos olhos verdes baixou a voz, porém ligeira foi a mudança no seu semblante.

— Em certo sentido me interessa muito. Por exemplo, se o senhor o encontrasse, e pudesse agir de modo a que êle se afastasse para sempre, isso representaria mais que dinheiro para mim.

— Quer dizer... Mesmo que êle não quisesse permanecer afastado?

— Especialmente assim — respondeu o outro sem pestanejar.

Spade sorriu e moveu a cabeça com ar misterioso.

— Provavelmente o dinheiro que pensa pagar não é mais suficiente. Enfim... — Retirou os longos e grossos dedos dos braços da poltrona, e estendendo as mãos, com as palmas voltadas para cima, perguntou:

Sua gravata era amarela, como um pôr de sol. Era um homem enorme, alto e bem servido de carnes, sem com isso ser pesadão. O cabelo escuro, repartido ao meio e achatado sobre o crânio; os maxilares cheios e firmes; a roupa que vestia, ajustando-se notavelmente ao corpo, até as pequenas e rosadas orelhas achatadas contra os lados da cabeça — cada coisa parecia ser uma parte distintamente colorida de uma mesma suave superfície. Sua idade podia ser trinta e cinco ou quarenta e cinco.

Estava sentado num canto do escritório de Samuel Spade, apoiando-se, ligeiramente inclinado para a frente, em uma bengala de málaca.

— E' isso! — disse êle — Desejo que você trate de averiguar o que aconteceu. Espero que jamais encontre...

Seus olhos verdes e protuberantes fitavam Spade com insistência e frieza.

Spade se moveu na cadeira. Seu rosto — de tão desagradável aspecto satânico, por seu queixo afilado, a boca, o nariz e as sobrancelhas es-

— Então Colyer? De que se trata?
O rosto de Colyer corou ligeiramente porém seus olhos sustentaram o mesmo olhar frio e sereno.

Esse homem é casado... com a mulher que eu amo! Desentenderam-se a semana passada e êle saiu de casa. Se eu conseguisse convencê-la de que êle partiu de vez, talvez houvesse uma possibilidade dela solicitar o divórcio.

— Terei que falar com ela — disse Spade — Quem é êsse... Eli Haven? Em que se ocupa?

— E' um mau sujeito. Não trabalha... Vive escrevendo versos... ou coisa parecida.

— Que pode dizer a respeito dele capaz de ser útil à minha missão?

— Nada... além do que Júlia, sua espôsa, possa dizer... O senhor falará com ela...

Colyer se levantou, vagaroso e depois acrescentou:

— Tenho compromissos agora... Talvez eu possa informar melhor, mais tarde...

★

Uma mulher de pequena estatura, de uns vinte e cinco ou vinte e seis anos, abriu a porta do apartamento. Seu vestido azul cinza estava ornado com botões de prata. Era fina de corpo, porém com busto amplo, ombros retos e seu porte tinha um garbo que, noutra qualquer, dotada de menos graça, teria parecido faceirice.

— Sra. Haven? — perguntou Spade.

— Sim — respondeu ela depois de hesitar um instante.

— Gene Colyer me enviou aqui. Meu nome é Spade. Sou detetive particular. Deseja que encontre o seu marido...

— E o senhor... o encontrou?

— Disse a Colyer que, primeiro, eu precisava de falar com a senhora...

Seu sorriso desapareceu. Estudou o rosto do visitante, atentamente, traço após traço, depois disse:

— Com muito prazer... E caminhou de costas, abrindo mais a porta.

Depois de sentados frente a frente, em uma sala modestamente mobiliada e que abria janela para um pátio infantil, de onde subiam os gritos e risadas da meninada, perguntou:

— Gene... disse ao senhor porque eu desejava encontrar Eli?

— Contou-me, realmente, que, se a senhora soubesse que êle se afastou para sempre, talvez atendesse aos seus rogos...

Ela nada respondeu.

— Êle já... saiu assim de casa, alguma vez, antes desta?

— Oh! Muitas vezes...

— Que aspecto tem êle?

— E' um homem esplêndido, — respondeu ela sem paixão — quando está calmo; mesmo quando se embriaga está bem... exceto com o que se refere a mulheres e dinheiro.

— Isso deixa boa margem a favor da senhora. Que meios de vida tem êle?

— E' poeta! — respondeu ela —

E o senhor deve saber... Ninguém vive disso!

— E então?

— Ora! De vez em quando arranja dinheiro. "Poker", corridas de cavalo... Pelo menos é a explicação que dá. Não posso saber, realmente.

— Há quanto tempo estão casados?

— Quase quatro anos.

Êle sorriu ligeiramente.

— Sempre residiram em San Francisco?

— Não; o primeiro ano passamos em Seattle; depois viemos para cá.

— Êle é de Seattle?

Ela fêz um gesto negativo, com a cabeça.

De algum lugar de Delaware.

— Que lugar?

— Não sei.

Spade contraiu ligeiramente suas espessas sombrancelhas.

— E a senhora... De onde é?

— Não é a mim a quem o senhor está procurando... — disse ela com um breve sorriso.

Sua atitude quase justificaria que assim fôsse — replicou êle ligeiramente irritado. — Enfim... Que amigos tem êle?

— Oh! Não pergunte a mim!

Êle esboçou um gesto de impaciência.

— Sem dúvida a senhora conhece algum deles — insistiu.

— E' claro... Há um indivíduo, chamado Rinera e um tal Louis James e outros mais, a quem chamam de "Conny".

— Que espécie de gente é essa?

— Isso é coisa que não sei — respondeu ela friamente. — Costumam chamá-lo por telefone... ou surgem quando menos se espera, para buscá-lo... Também costume ver meu marido com êles, pela cidade. E' tudo o que sei!

— De que vivem? Creio que nem todos êles escrevem versos!

Ela riu, agora com um riso franco e prolongado.

— Poderiam tentar... Um deles, Louis James, é um... membro do pessoal de Gene, segundo creio. Com sinceridade, não sei deles mais do que já disse.

— Acredita que êles saibam onde está o seu marido?

Ela encolheu os ombros, num gesto de indiferença.

— Se sabem tratam de me fazer acreditar o contrário, pois continuam a telefonar, de vez em quando, perguntando se êle já apareceu.

— E... essas mulheres que a senhora mencionou há pouco?

— Ah! Não as conheço.

Spade mirou fixamente o chão, depois perguntou:

— Que fazia êle... antes de começar a não ganhar a vida escrevendo poesias?

— Qualquer coisa... Vendia aspiradores; vagabundeava; navegou durante algum tempo, depois passou a vender madeira, trabalhou em estradas de ferro, fábricas de conservas, serrarias, casas de espetáculos de va-



riedades... Também estive num jornal... Fazia qualquer coisa!

— Tinha dinheiro, quando saiu daqui a última vez?

— Três dólares, que me pediu emprestados.

— Que disse êle?

Ela riu, ao responder:

— Disse que se eu fizesse alguma promessa a Deus, enquanto êle estivesse fora, talvez estivesse de regresso à hora do jantar, trazendo-me uma surpresa!

Spade coçou a barba lentamente.

— A senhora e êle... viveram em boas relações?



Com a mão enluvada e aberta, Colyer desferiu violenta bofetada contra a face direita de James, fazendo-o cair da cadeira

— Oh! sim! Nossa última briga tinha terminado dois dias antes.

— Quando êle saiu de casa?

— Quinta-feira à tarde... **cêrca** das três, creio.

— Tem alguma fotografia dele?

— Sim.

Dirigiu-se a uma pequena mesa, num canto, junto da janela, puxou a gaveta e voltou para junto de Spade tendo uma fotografia na mão.

Spade examinou o semblante do

hômern de rosto fino, olhos encovados, boca sensual e uma fronte sulcada de rugas, corcada com uma verdadeira mata de cabelo louro e em desordern.

Guardou a fotografia de Haven no bolso interno do paletó, e apanhando o chapéu, dirigiu-se para a porta. Ali porém, antes de sair deteve-se:

— Que classe de poeta é êle? Bom? — perguntou sério.

Ela fêz um gesto de indiferença, ao responder.

— Isso depende de quem seja a pessoa a quem o senhor faça a pergunta.

— Tem algum trabalho dele, por acaso?

— Não — respondeu ela. — Acredita que êle esteja escondido entre as páginas?

— Nunca podemos prever de onde partirá um indício... Voltarei a qualquer hora. Pense um pouco nestas coisas e veja se pode achar um modo de ser mais franca comigo, entendido? Adeus.

Encaminhou-se por um curto corredor e desceu em Post Street, logo caminhando para a livraria que ficava na esquina de Mulford, onde pediu um volume de versos de Haven.

— Sinto muito, senhor — disse a vendedora. — A semana passada vendemos o último exemplar. Ao próprio sr. Haven! — acrescentou sorrindo — Mas poderei conseguir outro, se desejar...

— Conhece o sr. Haven?

— Apenas porque costuma vir aqui, comprar livros.

Spade apertou os lábios e depois perguntou:

— Em que dia foi? — E entregando-lhe um cartão profissional acrescentou: — "Trata-se de assunto muito importante".

A vendedora imediatamente mudou de atitude. Dirigiu-se com ar grave para um armário onde apanhou um "registro" cujas páginas consultou. Instantes depois regressou para o balcão em que deixara Spade. Tinha em mãos o livro aberto.

— Foi na terça-feira passada — disse ela. — E entregou o livro a um sr. Roger Ferris, na Pacific Avenue, número 1891.

— Agradeço o seu favor. — disse Spade.

Já novamente na rua, chamou um "taxi" e deu ao chauffeur a direção do sr. Roger Ferris.

★

A casa da Pacific Avenue era um edifício de quatro andares, construído de pedra cinzenta, e diante dele havia uma espessa franja de ficus. A sala a que Spade foi admitido por uma gorducha criada, era ampla e de teto alto.

Spade escolheu a poltrona que lhe pareceu mais confortável, onde se instalou; mal, porém, a criada se retirou, levantou-se e começou a percorrer a sala. Deteve-se diante de uma pequena mesa sobre a qual estavam três livros. Um deles tinha a capa rosada e sobre ela, impresso em tinta vermelha, o desenho de um raio que tombava sobre a terra entre um homem e uma mulher e, em tinta negra, as palavras: **Luz de Côr**, por Eli Haven.

Spade apanhou o livro e voltou à poltrona que já antes havia ocupado.

Na primeira página, havia uma inscrição em caracteres gordos, irregulares, escrita com tinta azul:

"Ao bom amigo Buck, que distinguia a côr das luzes, em memória daqueles dias. Eli".

Spade volteou as páginas ao acaso e inconscientemente leu um verso:

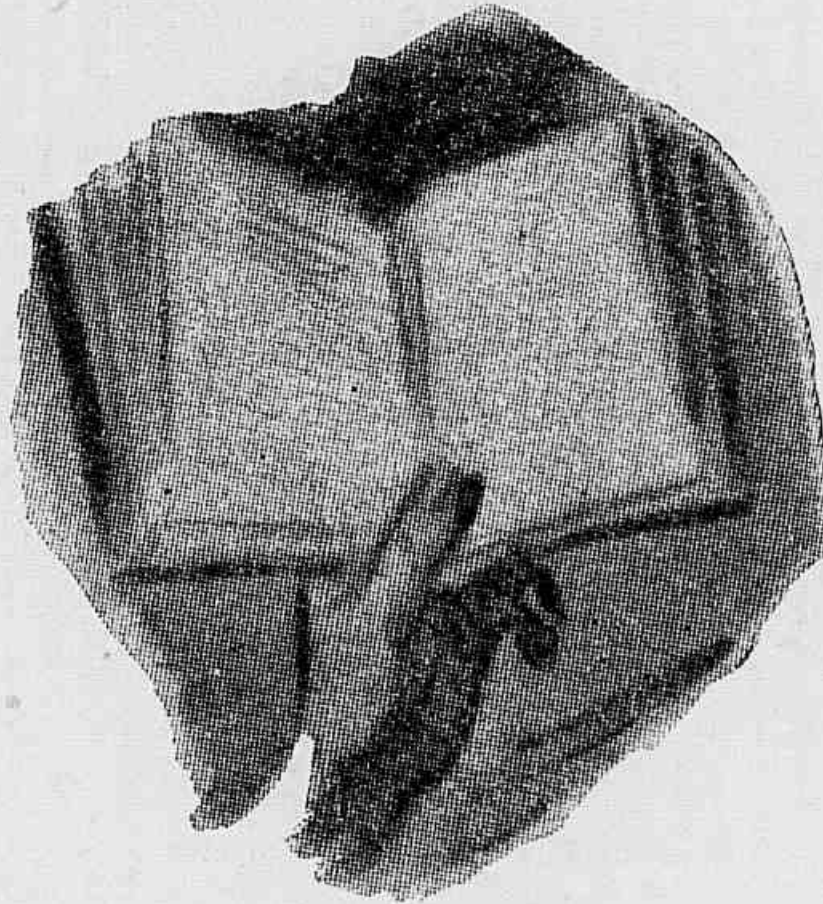
Declaração

Foram muitos os que viveram
Como vivemos nós
Para que nossos vidas
Fôssem prova de nossa vidas.
Foram muitos os que viveram
Como morremos nós
para que suas mortes
Fôssem prova de nossa morte...

Levantou a cabeça, que estivera curvada para o livro, quando um homem, vestindo **smoking**, penetrou na sala. Não era alto, porém o caminhar direito, de cabeça erguida, dava ao mesmo boa altura mesma depois de se aproximar do metro e oitenta e tantos de Spade. Seus brilhantes olhos azuis estavam empanados por cinquenta e muitos anos, que aparentava ter; rosto bronzeado pelo sol no qual nem um músculo se agitava; fronte ampla e sem rugas, cabelos curtos, abundantes e brancos. Seu aspecto anunciava dignidade e disposição amistosa.

Com um gesto de cabeça indicou o livro que Spade ainda sustentava na mão esquerda, e disse:

— Que tal? Gostou?



Spade respondeu, sorrindo:

— Não entendo dessas coisas.

Foi deixar o livro sobre a mesa, onde o encontrara e, voltando-se, noutro tom, explicou:

— "No entanto, Sr. Ferris, aqui vim justamente por isso... Conhece Haven?"

— Sim, conheço. Mas, por favor queira sentar, Sr. Spade.

Instalou-se, por sua vez, em outra poltrona não muito afastada e prosseguiu:

— "Conheci êsse rapaz... Não está... metido em complicações, eh?"

— Não sei... E' o que trato de verificar — explicou Spade.

Ferris falou com ligeira hesitação:

— Posso saber... por quê?

— Conhece Gene Colyer?

— Sim, conheço — respondeu Ferris hesitando novamente. Depois acrescentou, mais decidido: — O que lhe vou dizer é confidencial. Tenho um circuito de cinemas no norte da Califórnia, e um par de anos atrás, quando tive certas dificuldades com os empregados, disseram-me que Colyer era o homem indicado para **arranjar** as coisas... Foi assim que o conheci.

— Sim — comentou Spade secamente. — Muitos conhecem Gene... por êsse caminho.

— Mas que tem que ver Gene com Eli?

— Quer que seja encontrado... Quanto tempo faz que não o vê?

— Quinta-feira última estêve aqui.

— A que horas se retirou?

— A meia-noite... ou pouco depois. Veio à tarde, cêrca de três horas e meia. Havia anos que não nos víamos. Insisti para que ficasse para jantar comigo — não parecia andar bem de vida — e até lhe emprestei algum dinheiro.

— Quanto?

— Cento e cinquenta... Tudo quanto tinha em casa.

— Disse êle para aonde ia, quando se retirou?

Ferris meneou a cabeça negativamente:

— Disse que me chamaria por telefone, no dia seguinte.

— E telefonou?

— Não.

— O senhor o conheceu... tôda a vida?

— Não tanto; mas trabalhou para mim durante quinze ou dezesseis anos, quando eu tinha uma companhia de "variedades", com um sócio primeiro, depois por minha conta exclusiva... Sempre gostei dêsse rapaz.

— Há quanto tempo não o via?

— Sabe Deus! — respondeu Ferris. — Perdi o rastro dêle durante anos. Depois, na quarta-feira, como se tivesse caído do céu, recebi êsse livro, sem qualquer indicação... Nada! Apenas o que está garatujado na primeira página. Na manhã seguinte êle telefonou. Fiquei contentíssimo por saber que estava vivo e que tinha coisa tão importante em que se ocupar... Foi assim que veio até cá e passamos bem umas oito ou nove horas de boa palestra sobre os tempos passados.

— Contou êle alguma coisa sobre o que havia feito até então?

— Bem... Apenas que andara **dando voltas**, tratando de uma coisa e outra, aceitando trabalho à medida que se apresentava e como se apresentava. Não se queixou muito! Tive mesmo que forçá-lo a aceitar os cento e cinquenta dólares.

Spade se pôs de pé.

— Muito obrigado, Sr. Ferris. Eu... Ferris o interrompeu:

— Não tem o que agradecer... E se houver alguma coisa que eu possa fazer, apareça ou telefone...

Spade consultou o relógio.

— Posso falar por telefone para o meu escritório? Assim saberei se há alguma novidade...

— Claro que pode; o telefone está na outra sala, à direita.

— Obrigado — disse Spade e dirigiu-se para o local apontado.

Quando regressou, enrolava um cigarro de palha. Seu rosto estava sério.

— Alguma novidade?

— Sim. Colyer cancelou o pedido que me fêz. Disse que encontraram o corpo de Haven, em um matagal, pouco além de San José. Tinha três balaços no corpo. — sorriu ligeiramente, ao acrescentar: — "Êle me havia dito que poderia também ave-

(Cont. na pág. 95)

Miraculoso pelo desenho. Gigante pelo desempenho. é verdadeiramente, a "Mola-Mestra" da vida

A MÁQUINA PRODIGIOSA

O CORAÇÃO

NOS Estados Unidos da América do Norte as estatísticas acusam o coração como o maior ceifador de vidas. Melhor diríamos: entre as causas das mortes, na grande nação do Norte, surgem em primeiro lugar as moléstias do coração e as variadíssimas lesões que afetam esse órgão vital.

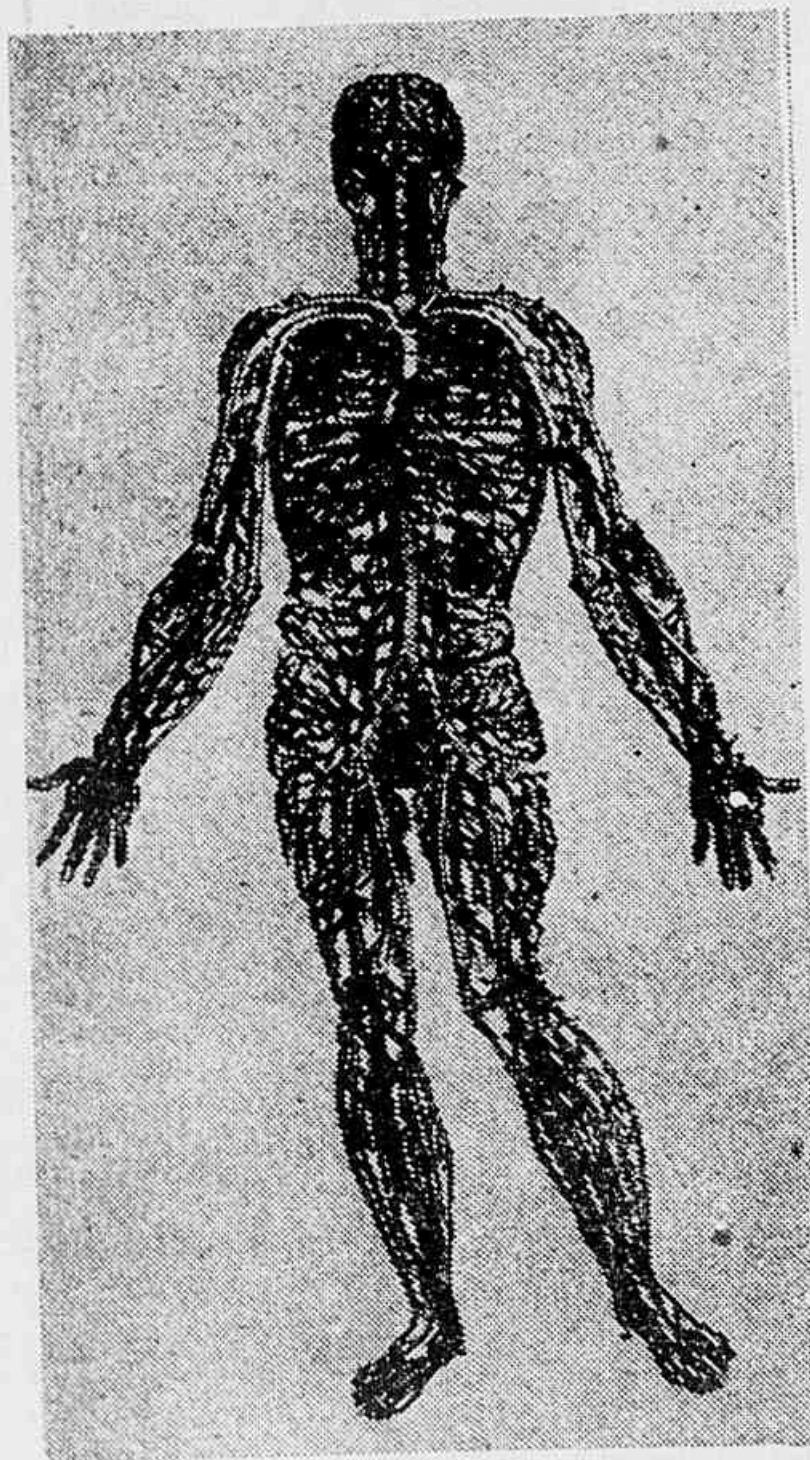
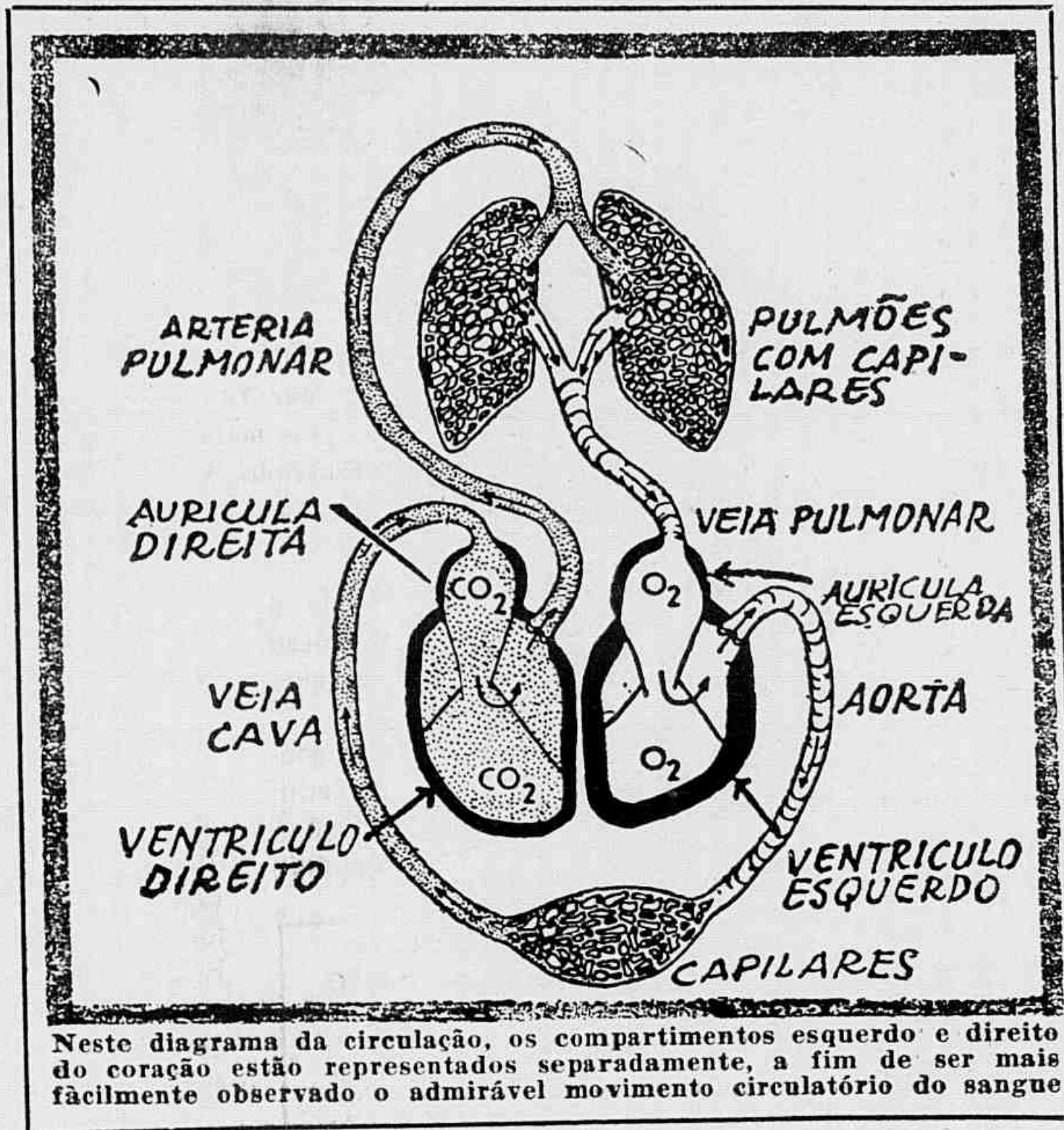
Lutando há muitos anos, organizadamente, contra essa verdadeira hecatombe constituída pelo número elevado de mortes do coração, foi instituída, a partir de 1949 o que denominaram "Semana Nacional do Coração" (14 a 21 de fevereiro) em que o público é alertado por meio de relatórios, conferências radiofônicas, exposições, etc., sobre os sintomas desses males, e instruído sobre o melhor modo de se defender dos seus terríveis efeitos.

E, realmente, é preciso que o grande público conheça melhor e estime melhor esse órgão, dando ao mesmo os cuidados de que necessita para trabalhar melhor e mais tempo, pois de fato, o coração é um prodigioso trabalhador.

Vamos supor, por exemplo, que caminhamos em redor da terra, pela linha do Equador — uma distância de aproximadamente 24.000 milhas — e suponhamos ainda que a cada marco-de-milha depositamos uma caneca contendo 150 centímetros cúbicos de suor. Suponhamos, prosseguindo, que repetimos essa volta em redor do mundo, 72.649 vêzes! Teremos então depositado um número de canecas suficiente para conter o fantástico total de 385.316.000.000 centímetros cúbicos ou cerca de 400.000.000 de litros em 2.754.440.000 canecas.

E agora, se considerarmos que cada uma das canecas representa uma batida do coração, perceberemos que tremendíssimo trabalho esse órgão realiza no correr de uma vida de setenta anos — pois que esse é, aproximadamente, o número de pancadas que executa nesse espaço de tempo.

Esse é um cálculo que nos ofereceu o grande William Harvey! Realmente,



John Stephen, de Calcar, compôs este belíssimo desenho para a obra de De Humani Corporis Fabrica (1543). Mostra esse trabalho a distribuição das artérias e das veias

no seu livro "De Motu Cordis et Sanguinis" (Do Movimento do Coração e do Sangue), publicado há 322 anos, descreveu ele quão extraordinário era o desempenho do coração; e como não podia imaginar de onde provinha tanto flúido... Começou a pensar — acrescentou ele — que se tratava de um movimento circulatório!

Foi essa, muito provavelmente, a primeira vez em que a aritmética foi empregada no sentido de auxiliar um descobrimento fisiológico.

Na realidade, quase pederíamos dizer que o coração não é apenas um coração, porém dois (Figura 1) - o direito e o esquerdo - reunidos num só órgão, por necessidade da natureza.

Essa máquina é tão engenhosamente construída que nenhum engenheiro teria sido capaz de construir outra máquina tão excelente, e capaz de trabalhar em média setenta anos sem um minuto — (sem dois se-

gundos de pausa! E tudo isso é realizado por um órgão formado, aparentemente por materiais bastante insubstanciais, com 78 partes de água e apenas 22 partes aparentemente sólidas. Antes da era da ciência racional, na idade chamada dos milagres, o coração foi considerado um milagre.

Aquela idade já passou. Porém o que o coração realiza, sem qualquer dúvida, continua sendo um grande milagre.

★

O diagrama (Fig. 1) torna supérfluo o uso de maior número de palavras descritivas. Mostra-nos como o sangue sai do ventrículo direito e entra na artéria pulmonar. Nos pulmões, a artéria se espraia em finíssimos tubos chamados capilares. O sangue ali é libertado de suas impurezas (dióxido de carbono) e recebe oxigênio fresco. O sangue retorna ao ventrículo esquerdo, para ser bombeado na aorta. A aorta também se subdivide em capilares que estão presentes, a bem dizer, em toda parte (fig. 2). Esses capilares tão minúsculos podem mesmo assim acomodar células de glóbulos vermelhos (7,7 micra em diâmetro) embora apenas numa simples coluna. Para todos os tecidos e órgãos do corpo, o sangue fornece oxigênio puro e ao mesmo tempo, deles retira o dió-

xido de carbono, pois que os tecidos e órgãos precisam estar constantemente livres dele.

Para algumas dessas substâncias, distantes órgãos e tecidos têm uso especial; outros estão dispostos sob a pele (suor), os pulmões (respiração), rins (urina) e intestinos (fezes).

Para ser uma boa bomba, o coração precisa, além de músculos poderosos, de um perfeito complemento de válvulas. Não deverá haver retorno do fluxo da aorta para o ventrículo esquerdo, do ventrículo esquerdo para a aurícula esquerda, dos pulmões para o ventrículo direito ou do ventrículo direito para o aurículo direito.

Essas válvulas são de duas espécies, **semilunar** e **flexível**. As últimas são reforçadas por anéis — estes maravilhosos de eficiências, finíssimos, delicados, flexíveis e, quando o indivíduo é moço sua consistência é como a do papel.

A grande força, a verdadeira força está, entretanto, no músculo. Não existe em todo o corpo outro músculo igual. A contextura dos músculos do biceps, por exemplo, consiste de fibras correndo paralelamente, uma às outras. Já o músculo cardíaco exibe uma arquitetura complexa e toda especial, chamada "syncytium". É um entremeado de ramos, recebendo outros ramos, de todas as direções da frente, dos lados e de trás, todas essas fibras, por sua vez dividindo-se e unindo-se (fig. 3). Todas as fibras reforçadas por fibrilas e estas obedecendo ao mesmo processo de intercruzamento.

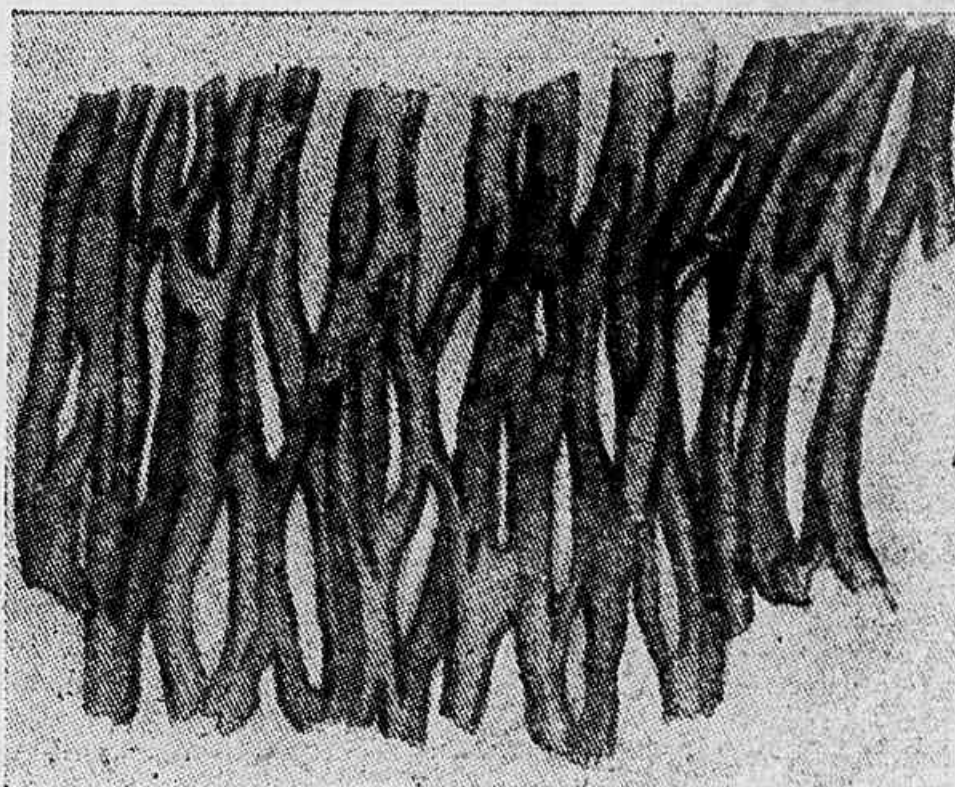
Sob o microscópio, o músculo cardíaco é o mais complicado de todos os tecidos. E só depois de examinar minuciosamente sua contextura compreendemos o fim a que se destina e o trabalho que realiza. Cada célula, esteja onde estiver, tem um núcleo e um corpo célula (cytoplasma), pleno de minúscula e intrincada estrutura e de ação intensa, estrutural e quimicamente. Porém essas fibras cardíacas e as fibrilas são ainda mais intrincadas. Possuem também o normal núcleo e o cytoplasma, mas o núcleo está no centro das fibras, não dos lados, como na contextura dos músculos.

As fibras apresentam estriações cruzadas, como se fôssem empilhadas como discos ou antes: como moedinhas com ranhuras. Há discos claros, alternando com discos escuros. Cada disco é formado por outros discos menores, ligados entre si por fios finíssimos.

Com o avanço da idade, surgem dramáticas transformações. Na infância são discos mais espessos e de nítida coloração. Com a meia-idade, são mais delgados e de coloração falha. Na última etapa da vida, já apresentam interrupções constantes e com saltos avantajados quebrando a linha primitiva.

Também o núcleo sofre alteração com a idade. Ao nascer o indivíduo

parecem numerosos, embora relativamente pequenos e localizados no interior das fibras, de forma oblonga. Com a idade avançada desaparecem as estriações cruzadas em redor do núcleo. Surgem espaços vazios acima e abaixo dele, aparecendo então no



A surpreendente estrutura do músculo do coração foi desenhada uma primeira vez por Van Leeuwenhoek, em 1694. Somente 150 anos mais tarde, pôde ser essa estrutura observada e desenhada novamente

seu lugar um pigmento granulado e marrom. Que função desempenha esse pigmento? É coisa que os cientistas ignoram.

As fibras do músculo cardíaco contêm ainda em sua intrincada estrutura — além do núcleo e cytoplasma fibrilas, estriações cruzadas, formando

AS PANCADAS DO CORAÇÃO

O coração "dança conforme a música", bem poderíamos dizer, apoiados no que se contém em recente livro publicado pela editora Harper, de Nova York, sob o título "Information Roundup".

Referindo-se a casos individuais, diz a obra que o coração pode bater tão vagarosamente como 16 pancadas por minuto, enquanto que em outros pode atingir a acalorada marcha de 200 pancadas no mesmo espaço de sessenta segundos.

Em recente caso, o coração de um homem minutos antes de ser executado passou de 72 pancadas para 180, por minuto!

Por outro lado o coração de uma mulher pode acusar, em média, oito pancadas a mais, por minuto que o do homem, enquanto que o de um recém-nascido bate duas vezes mais depressa que o de um adulto.

discos claros e escuros, discos intercalados, formando saltos, etc. — sem dúvida muitas substâncias químicas, essenciais ao bom trabalho do coração, especialmente proteínas e substâncias como o açúcar.

Há nele um sem número de tecidos vivos, aparentemente sem função, porém que ali não estão, certamente, como ornamento.

No coração, por exemplo, durante a contração é desenvolvido um po-

tencial elétrico (eletricidade). Em cada pancada cardíaca normal, os aurículos contraem primeiro e, depois deles os ventrículos. Nesse instante dão saída a uma corrente capaz de mover o indicador de um galvanômetro, podendo esses movimentos ser fotografados.

Desenham curvas mais ou menos características de cada saúde individual segundo a idade e, ainda, indicam qualquer lesão específica do músculo cardíaco.

O músculo cardíaco tem característica comum com duas outras estruturas — (a) as células do sistema nervoso e (b) **glomeruli**, as unidades excretórias do rim. Nenhuma delas pode ser regenerada. Uma vez destruídas não podem ser substituídas.

Na sua contração ocorrem, sem dúvida, mudanças químicas. Porém que transformações químicas são essas e como ocorrem, é coisa que os sábios ainda ignoram.

Da mesma forma ignoram que transformações químicas presidem cada uma das estruturas já acima descritas. E qualquer segura informação nesse sentido seria de utilidade incalculável.

Alguma coisa já se sabe. Por exemplo, é conhecida a boa utilização do oxigênio na estrutura do músculo em certos animais, e o que se presume é que o músculo cardíaco use o oxigênio no mesmo sentido. Alguma coisa se sabe sobre o ciclo químico — o oxigênio glicogênio, e o ciclo ácido-lático, parte da maquinaria de transformação de energia. Os Drs. A. V. Hill (de Londres) e O. Meyerhof (de Heidelberg) venceram o Prêmio Nobel em 1922, pelo fornecimento dessa descrição.

Também alguma coisa começa a ser conhecida relativamente a certa proteína, actomyosin. É ela formada de largas e longas moléculas, bastante intrincadas, em químicas dinâmicas e que, segundo se acredita, são as unidades que agem sobre a maior ou menor duração da contração. Como trabalha... é o que, infelizmente, ainda não se pôde saber. Esta é, aliás, a performance central e indispensável do coração. Seria inestimável vantagem saber como essa propriedade pode ser alterada em favor de um enfermo sob tratamento.

Retornando a considerar o consumo do oxigênio, devemos esclarecer que o volume de oxigênio queimado pelo coração foi descoberto pela observação constante e através de indizíveis dificuldades técnicas, nos últimos cinco anos. Hoje sabem os cientistas que se o coração de um homem adulto se comportar como o de um cão, consumirá 30 centímetros cúbicos de oxigênio por minuto ou 1.103.760 litros em 70 anos de vida. Interessante é saber que o coração humano (23.4 centímetros) afinal é quase similar ao de um cão. O coração humano, segundo parece, é até mais econômico, relativamente ao oxigênio, que o do cão. Está claro, essas figurações sofrem impor-

tantes variações de acôrdo com a idade dos indivíduos, o tamanho do coração de cada um, a variação do número de pancadas e o acúmulo de trabalho comum às diferentes classes de homens, mulheres e crianças.

De maneira geral e resumida, procuramos descrever a estrutura do coração. A seguir, diremos alguma coisa referente ao trabalho e finalidades desse complicado engenho.

Uma resposta simples e inicial poderá ser esta: O coração é a bomba do sangue. Isso realmente é o que ele faz, lançando o sangue por todo o corpo sem deixar de banhar a menor célula do corpo. O coração de um adulto lança cerca de 150 cc em cada "batida". Durante uma vida de 70 anos, chega a lançar um total de 385.316.000 litros.

Essa figura é tão grandiosa e aparentemente tão irreal e mesmo extraordinária que exige alguma interpretação a fim de trazer os fatos até os limites da compreensão ordinária. Com o devido respeito — não esquecendo de que se trata de sangue e não de gasolina — suponhamos que todos esses litros ou galões fossem... de gasolina. Então teríamos o seguinte resultado: dado que um automóvel, com um galão de gasolina pode fazer dezesseis e meia milhas, poderia, com aquele total perfazer 1.743.751,500 milhas, desde que tivesse resistência para viver o tempo indispensável para percorrer essa distância, que seria equivalente a 72.649 circuitos da terra pela linha do Equador.

O coração, como se verifica, é uma "bomba". Suas paredes são feitas de músculos e é ele, de fato, o músculo mais importante do corpo. Dia e noite, incessantemente, ele bate e baterá enquanto estivermos vivos.

Se parar ou enfraquecer, por menor espaço de tempo que seja, perderemos os sentidos e nos sentiremos bem fracos. O trabalho do coração é simplesmente prodigioso. E se pensarmos que a parte do corpo que, antes de todos, necessita de sangue é o cérebro e que,

estando nós constantemente de pé, o sangue terá que ser impulsionado com enorme força para chegar até ele, compreenderemos melhor a potência de uma pulsação do coração. Por outro lado, o coração deve lançar o sangue que circula nas pernas com bastante força para que a pressão seja

des é insuficiente.

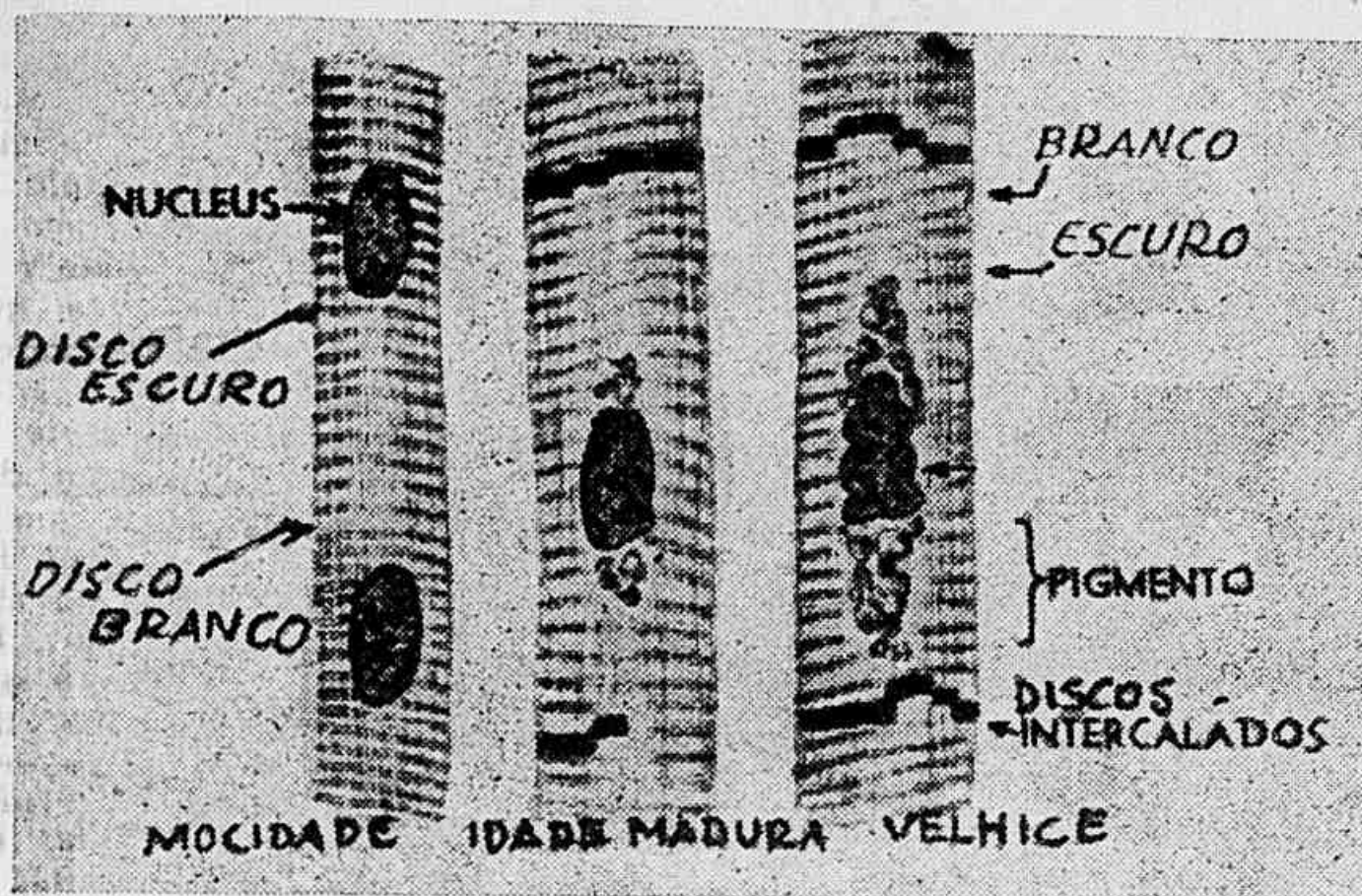
O coração está situado na metade superior do tronco, que chamamos peito, e o peito está cercado por esses ossos finos e longos que chamamos costelas. Na linguagem vulgar costumamos chamar de peito apenas a parte dianteira do corpo; é um erro. O peito, ou caixa torácica, é a cavidade da metade superior do tronco; tem portanto uma parede pela frente e outra por trás. Em geral pensamos que o coração está situado do lado esquerdo, mas na verdade, cerca de um terço está do lado direito e dois terços do lado esquerdo. Se colocarmos a mão sobre o centro do peito — poderemos, com a ponta dos dedos, sentir o próprio coração bater, particularmente depois de uma corrida ou se nos assustarmos ou entramos em um acesso de cólera.

Sentiremos os dedos repelidos por um ligeiro choque, cerca de 80 vezes por minuto. O número de batidas do coração, entre as pessoas adultas é de 70 a 80 por minuto. É pouco menos elevado para os homens que para as mulheres. Mas entre as crianças, o coração bate muito mais rapidamente e para um recém-nascido há cerca de duas batidas por segundo ou sejam: cerca de 120 por minuto. Quando temos calor ou febre, o número de batidas aumenta.

Se colocarmos os dedos de uma das mãos sobre o pulso da outra, sentiremos também ali essas pancadas. É o que se chama geralmente: o pulso. Se colocarmos uma das mãos sobre o coração e o polegar, da outra mão, sobre o pulso da primeira, verificaremos que o número de pulsações é o mesmo nos dois locais, mas notaremos também que as pancadas ou pulsações do pulso, são ligeiramente mais atrasadas que as pancadas do coração. Entretanto, se

colocarmos as duas mãos, ao mesmo tempo, sobre os dois pulsos de outra pessoa, verificaremos que as pulsações são sentidas num mesmíssimo tempo.

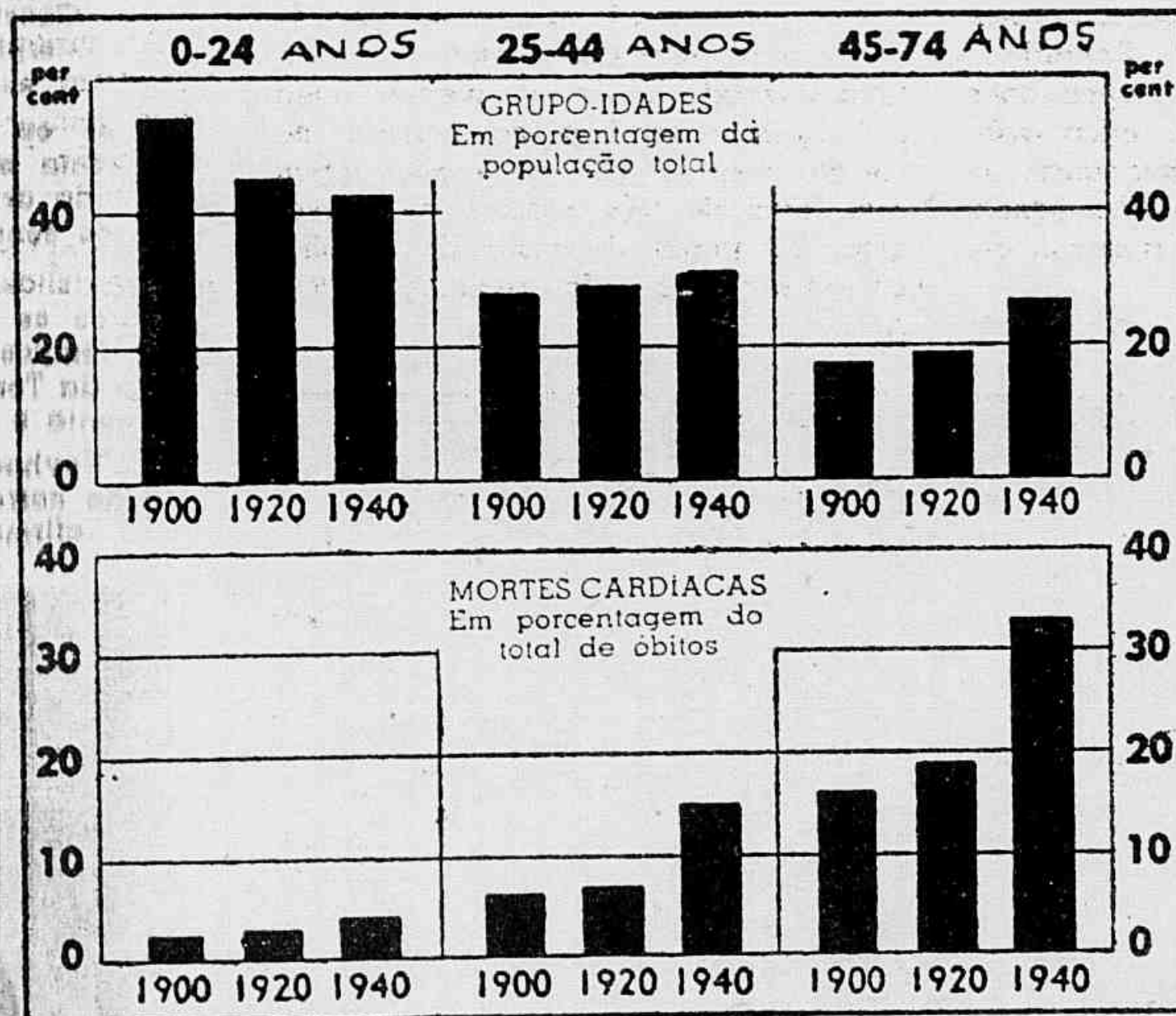
(Cont. na pág. 97)



Fibras do músculo do coração. Com o avanço da idade sua estrutura sofre alterações cuja significação os cientistas ainda ignoram

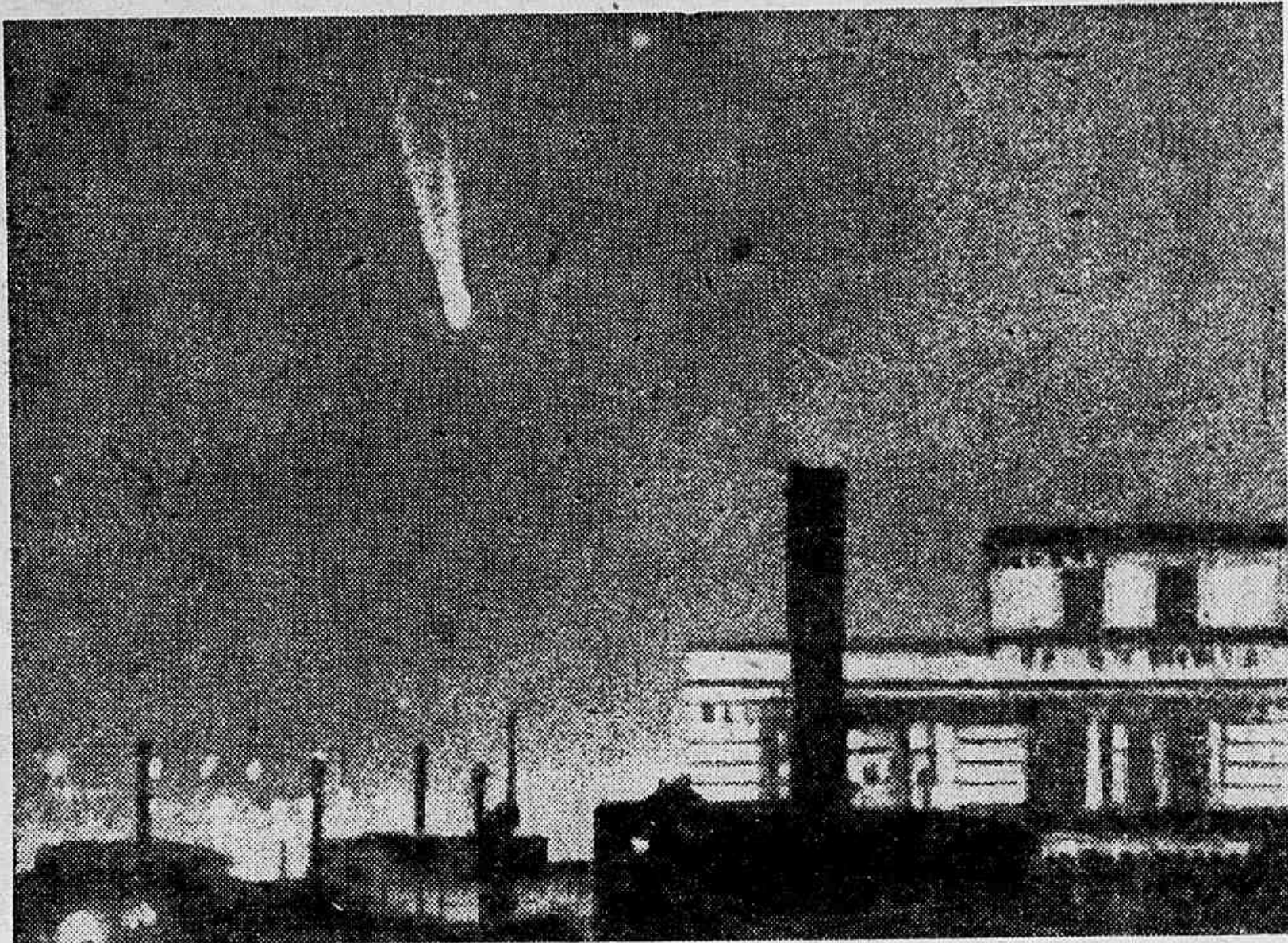
suficiente para o fazer subir, de retorno através das veias até o ponto de partida!

Bem sabemos a tendência que têm os nossos pés de se resfriar; a razão principal está no grande esforço que o sangue tem que desenvolver para su-



A tabela comparativa acima mostra que, apesar das mortes do coração terem aumentado em todos os grupos de idade, quase dobraram entre 45 e 74 anos, nos Estados Unidos, onde constituem verdadeiro flagelo

bir ao longo das pernas e que, por isso, provoca o retardamento da circulação sanguínea nos pés. É o sangue quente que conserva quente os pés, pois que a quantidade de calor que se produz em nossas extremida-



Um meteórito sobre Melbourne

OS "DISCOS VOADORES" VÊM DE OUTRO PLANÊTA!

AFIRMA UM TÉCNICO NORTE-AMERICANO

OS leitores da revista "True" sentiram, ao ler um dos seus últimos números, uma emoção compreensível. Assinado por Mr. Donald E. Keyhoe (que foi durante muitos anos o diretor dos serviços de informação da aviação civil norte-americana), leram um artigo referente às sensacionais "revelações" que a seguir resumimos.

Um vasto sistema de espionagem

intersideral — Mr. Keyhoe, depois de pouco mais de um ano de investigações pessoais, adquiriu a certeza de que um planeta do sistema solar estava povoado de seres viventes, cuja civilização científica se orienta no mesmo sentido que a nossa, porém com mais de três séculos de vantagem, do ponto de vista dos conhecimentos gerais e das realizações teóricas.

Sobre quê se baseia semelhante teoria, formulada sem nenhuma reserva pela respeitável revista "True", que, como todos sabemos, significa "Verdade"? Simplesmente nos discos voadores, que ultimamente tanto vêm apaixonando a opinião mundial. Segundo o sr. Keyhoe, os sábios desse planeta de civilização superior aperfeiçoaram diversos meios para verificar o que está ocorrendo na Terra. Os discos fazem parte, portanto, de um vasto sistema de espionagem intersideral. No entanto, Keyhoe não se atreve a opinar justamente sobre um ponto de sua demonstração: **os discos voadores contêm seres viventes de uma espécie desconhecida ou, simplesmente, instrumentos registradores semelhantes ao nosso radar?** Esta é a única hesitação de Mr. Keyhoe, que não vacila em apontar mesmo a própria direção geral da base experimental de Wringhton Field, em Dayton, Estado de Ohio.

Segundo a revista "True", os técnicos e os teóricos da citada base aérea (especializada em projéteis-foguetes radiodirigidos do tipo da V-2) estão com Mr. Keyhoe e chegaram a declarar ao pessoal das Forças Aéreas norte-americanas:

"— Os discos voadores existem realmente. Constituem meios de comunicação interplanetária. Não podemos dar outra explicação."

Pratos ou discos voadores, datam de setenta e cinco anos — A conclusão do artigo de Mr. Keyhoe não é menos sensacional:

"As visitas dos observadores extra-terrestres se multiplicaram nestes últimos tempos, porém o exame sistemático da Terra vem sendo feito desde há setenta e cinco anos."

Mr. Keyhoe não dá qualquer explicação correta relativamente a esta última afirmativa. Segundo ele, c



Marte, visto de uma das duas "luas" que possui: Fobos, por exemplo, e da qual alguns sábios canadenses e outros australianos afirmam ter recebido "mensagens", sem entretanto chegar a um acôrdo quanto à expressão dos marcianos



O marinheiro da Rádio-Patrolha Guarda-Costas, Frank Ryman, que conseguiu fotografar um "disco voador" em julho de 1947

primeiro disco voador fêz sua aparição na atmosfera terrestre em 1774.

Os intérpretes de diversas profissões não deixam de considerar todos os aspectos daquele ano: os historiadores comprovam que Luís XV morreu depois de quarenta e nove anos de reinado; os economistas sabem que o ano de 1774 assinala o momento em que se concretizaram as teorias de Adam Smith sobre o trabalho, única fonte de riqueza e da criação. Um ano antes, a Rússia, a Prússia e a Áustria dividiram entre si a Polônia... Porém nem a repartição da Polônia, nem as teorias de Adam Smith, nem a morte de Luís XV podem ser consideradas — mesmo com muito boa vontade — como signos da aparição dos discos interplanetários.

Relativamente às teorias de Mr. Keyhoe, as Forças Aéreas dos Estados Unidos se julgaram no dever de fazer uma declaração oficial, cuja essência damos a seguir:

Desmentido da "Air Force" — "Após dois anos de incessantes investigações, devemos concluir que os discos voadores não existem. Todas as provas e análises demonstram que as informações sobre o tema dos veículos interplanetários são o resultado de erros de apreciação referentes a diversos objetos que correm pelo espaço. Também pode o assunto ser atribuído a uma forma atenuada de histeria coletiva ou a simples gracejos."

O Estado Maior da "Air Force" acrescenta que em 1949 os especialistas da base experimental de Wright Peterson começaram a construir um disco voador artificial, a fim de poder completar praticamente as observações dos mencionados fenômenos. A construção foi interrompida diante das provas da inexistência desses discos.

Por sua parte, o professor O. U. von Willer, catedrático de física na universidade de Sydney (Austrália), manifestou à United Press que somente acreditaria em "True" e em Mr. Keyhoe no dia em que puderem apresentar um desses discos ou quando algum desses pseudo-aparelhos interplanetários fôr obrigado a aterrissar.

Outro sábio australiano, Sir Kerr Grant, declarou à mesma agência noticiosa que considera o artigo da revista "True" com muito cepticismo. Para Sir Kerr, a aparição dos discos é, simplesmente, uma ilusão de ótica.

Confusão nas observações e nos atos — Fazemos algumas advertências. Primeiro, as declarações da "Air Force" apresentam algumas contradições. Se se nega a existência do fenômeno chamado (erradamente) "pires", "prato" ou "disco" voador, como se animaram os sábios e técnicos de Wright Peterson — todos eles especialistas eminentes, não duvidamos



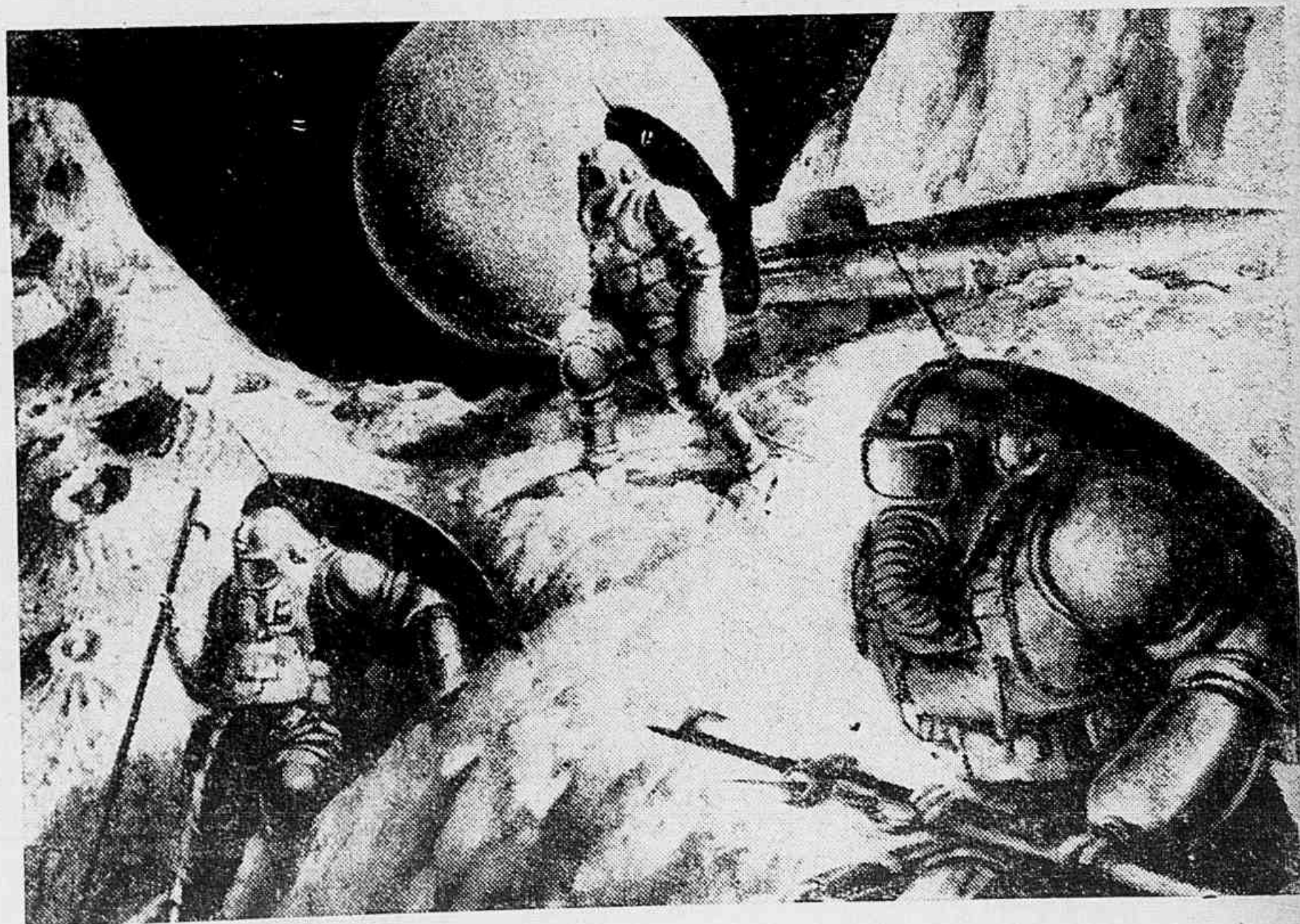
Que são os "discos" voadores? Se os marcianos fotografam a Terra, devem possuir "vistas" análogas às fotografias tomadas por meio dos "foguetes"

AFINAL POR QUE NÃO EXISTIRIA OUTRO PLANETA HABITADO?

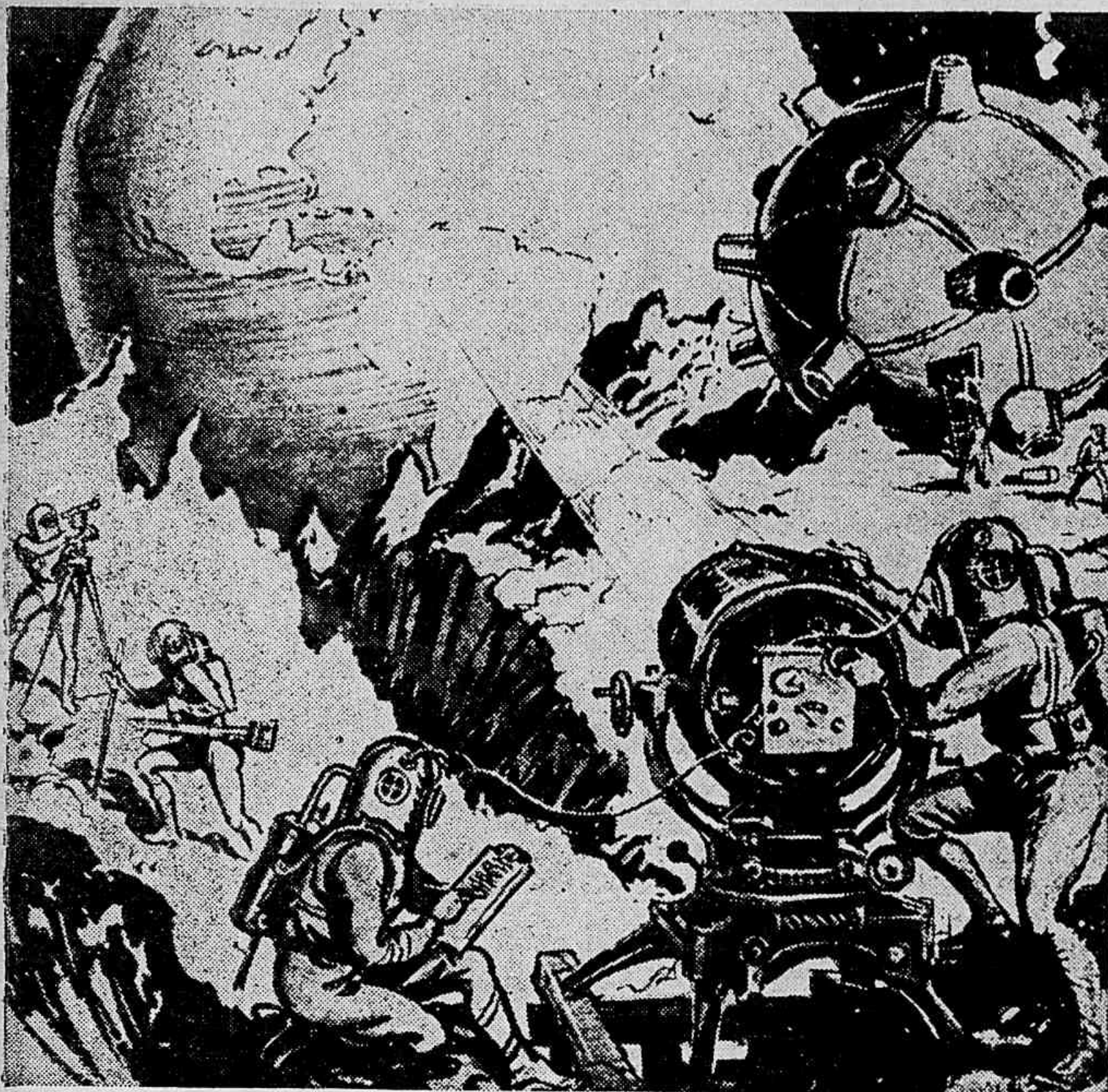
iniciar a construção de uma coisa que não existia e que não podia existir? Com que planos? Com que modelo? Por que, igualmente, a alta direção do centro de experimentações da V-2, de Wright Field não desmentiu imediatamente as declarações que lhe atribuiu a revista "True"? Por que é a direção central da "Air Force" que se vê obrigada a dar toda uma série de desmentidos à United Press? Tentaremos responder a estas perguntas.

Há dois anos, de posse de certo número de informações e de obser-

vações científicas sobre aquilo que se chamava de "discos voadores", opinamos que se tratava, mais provavelmente, do aparecimento de um número considerável de aerólitos, de tamanhos e formas diferentes. Não vimos nisso nada de extraordinário. A imprensa mundial, entretanto, deformou os fatos e logo se multiplicaram os casos de alucinação coletiva; coisa também normalíssima. Não faltaram os gracejadores que fabricaram "discos" voadores de tamanho reduzido, o que contribuiu para aumentar



Os primeiros homens a pisar em Marte terão que vestir esse equipamento, que não lhes proporcionará vida fácil — mas garantirá a mesma, que é importante



É possível que um dia os homens se comuniquem, da Lua, com a Terra...

a confusão dos observadores. Logo a seguir, os observadores militares de alguns países justificaram o seu papel, redigindo informações nas quais certos fatos, possivelmente, eram tratados de maneira inexata. Hoje nos afirmam que uma instituição tão respeitável como a "Air Force" norte-americana ordenou a construção de um "disco voador". A idéia foi abandonada pouco depois. Mas bem pode ser que outros países tenham fabricado, efetivamente, aparelhos desse gênero. Em todo caso, vários construtores particulares lançaram o seu "disco" voador, de diferentes tamanhos, nos Estados Unidos e na Europa.

Devemos classificar a segunda etapa dos "discos voadores" como um episódio curioso da guerra de nervos.

Os marcianos, afinal, disseram "Zipp" ou "Jopp"? — Mr. Keyhoe pretende que o Ministério do Ar, de Washington, faz mal em não aceitar a sua teoria; e os partidários da sua teoria, exposta pela revista "True", falam, uma vez mais, da possibilidade de comunicações entre Marte e a Terra.

Lamentamos não poder aplaudir essa opinião. E, no entanto, no correr do último meio século, quantas vezes ouvimos afirmar que tinham sido, enfim, estabelecidas as comunicações interplanetárias?

Em agosto de 1924, segundo a agência "Central News", os marcianos deram sinais de vida. Alguns sábios (?) canadenses receberam esta **estranha mensagem do planeta: "Zipp"**. Porém outros especialistas (?) austra-

lianos afirmaram logo a seguir que os marcianos não haviam dito "Zipp", mas sim "Jopp". Na mesma ocasião o dr. Abbott, norte-americano, afirmou que a mensagem fora enviada de Vênus e que dizia "Kopp". Em 1936, o dr. Robinson convocava em Londres a reportagem e declarava aos jornalistas, assombrados, que tinha conseguido comunicar-se com Marte... Em 1932, o engenheiro da Companhia Telefônica Bell, Karl Jansky, tinha feito igual declaração.

No dia 30 de outubro de 1938, os marcianos **desceram** à Terra, no Estado de Nova York. Uma companhia emissora de rádio havia montado tão bem "A Guerra dos Mundos", de H.

G. Wells que o medo se apoderou dos ouvintes. Houve arruaças, numerosos feridos e até mortos. O mesmo desagradável incidente foi repetido, há coisa de cinco anos, em Paris, em consequência de uma emissão sobre a guerra atômica. E, há apenas três anos, no Equador, também por culpa da emissão de "A Guerra dos Mundos", de Wells, houve pânico entre a população, registrando-se feridos entre as classes menos cultas.

A vida humana, segundo alguns sábios, é totalmente impossível em Marte, cuja atmosfera — dizem eles — carece de oxigênio. Os únicos vegetais que ali poderiam viver são espécies de musgos e, assim mesmo, seria necessário explicar de que maneira esses vegetais se adaptariam à terrível secura que reina em Marte.

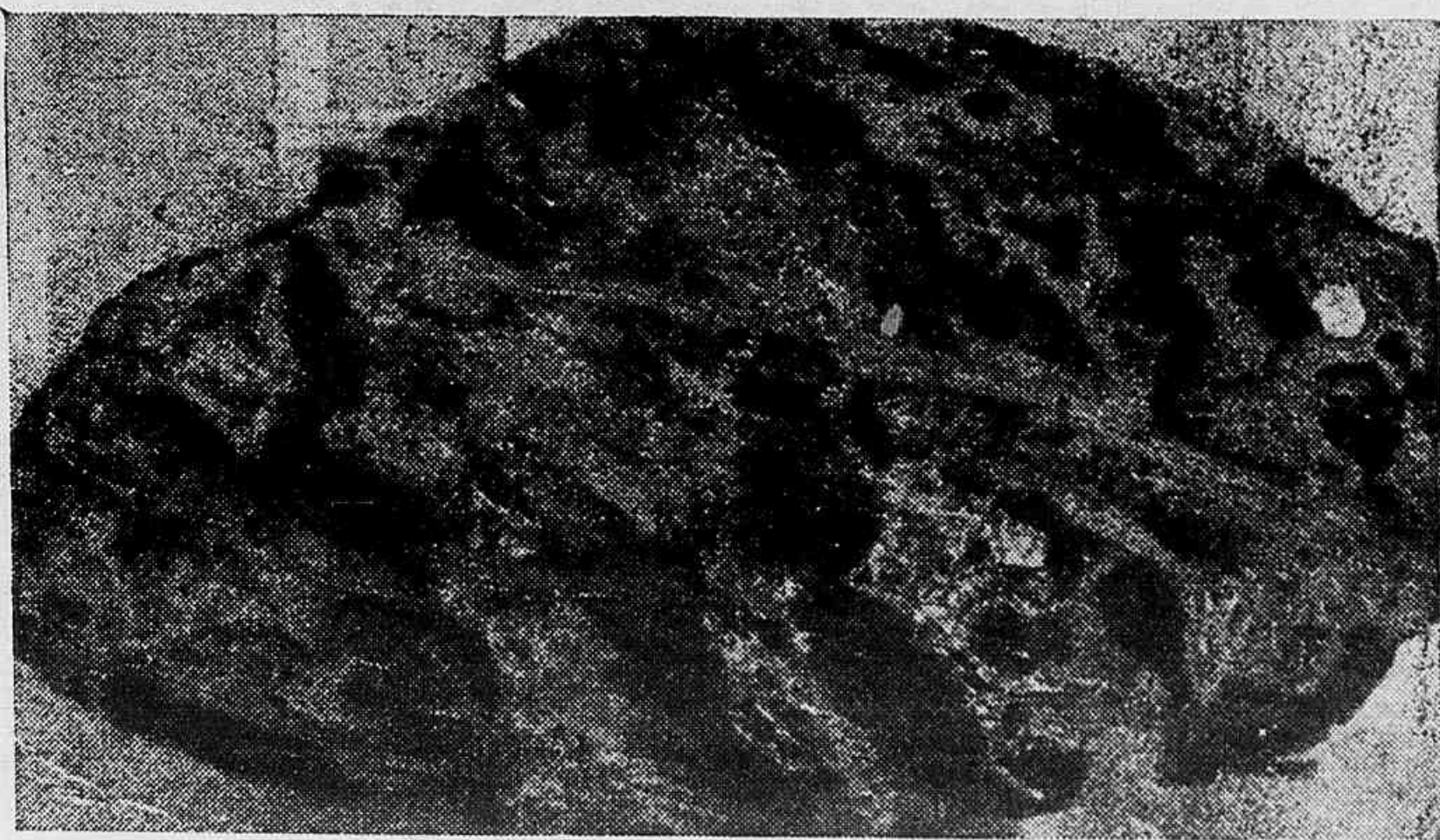
A atmosfera de Vênus, ao contrário, é excessiva, muito rica em gás carbono. A temperatura passa dos sessenta graus. As temperaturas de Júpiter Netuno, Urano e Saturno (cujo anel está gelado) variam entre cento e sessenta e duzentos graus sob zero; a de Mercúrio é de duzentos e cinquenta acima de zero.

Por isso há os que erguem os ombros e indagam, incrédulos, de onde poderiam vir esses "espíões" siderais descobertos pela revista "True"?

Mas... por que haveria um só planeta habitado? — Não está longe o dia em que todos os habitantes da Terra, sejam amarelos ou brancos, bebam "coca-cola" ou "vodka", serão enfim unidos, vivendo em perfeito e definitivo acordo, encerradas para sempre as suas querelas político-econômicas.

Haverá uma razão imperiosa para isso. Sim... Somente unida a Terra poderá ser eficazmente defendida contra os invasores vindos... de outros planetas! Isto, é claro, desde que eles, por sua vez, não ataquem todos a um só tempo; depois de haver assinado um "pacto-interplanetário" de agressão do qual, então, seríamos as vítimas sem remédio.

Tal previsão é feita por um francês, pessoa de bom senso reconhe-



Os "discos" voadores talvez não passem, afinal, de meteoritos. Acima, um desses corpos, pesando treze toneladas e meia, encontrado no Oregon, EE. UU.

cido e mesmo de certa nomeada nos meios jornalísticos e intelectuais da Europa, sr. André Pericat.

Isto êle afirmou depois de ler recentes telegramas oriundos dos meios científicos norte-americanos e que afirmavam, entre outras coisas tremendamente assustadoras, que **dois habitantes de Júpiter tinham caído no território do Estado de Carolina do Norte, morrendo esmagados a bordo de... um disco voador.** Um sábio (também norte-americano) chegou mesmo á sustentar que nestes últimos 115 anos nosso globo tem sido objeto de estudos incessantes por parte de "batedores" interplanetários. Mais recentemente astrônomos japoneses assinalaram em Marte uma explosão gigantesca, que não hesitaram em classificar de "adiantada experiência atômica". Tal informação foi imediatamente seguida e reforçada por outra, oriunda da Espanha e atribuindo tudo a "ensaios feitos por observadores marcianos para estudar a vida em nosso planeta". Para êste último caso eram citados fenômenos de fosforescência "de origem desconhecida"...

★

Parece assim, ter chegado a hora de nos entregarmos ao que os técnicos militares chamam de "uma revista das forças em presença", isto é: fazer um recenseamento, tão aproximativo como o dêles, de nossos eventuais adversários interplanetários. Aliás, é curioso notar que todos os estudos feitos até o presente visaram principalmente saber se nós, terrenos, poderemos (no dia em que a astronáutica estiver tão adiantada como a aeronáutica está hoje, desembarcar em outro planeta — o que nos colocaria no campo dos "agressores" e não no dos "agredidos"...

Ora isso nos leva a esmiuçar um ponto sôbre o qual nunca se insistiu

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

UM PRODÍGIO DE AGILIDADE

Debra Paget, uma das novas estrelinhas do cinema, descoberta pela 20th. Century-Fox. Patinadora, cantora agradável, bailarina acrobática, Debra ingressa no cinema com grandes probabilidades. Há menos de um ano ganhava 40 dólares por semana, para tocar piano numa casa de refeições



muito, a saber: que não é porque tal planeta não tem atmosfera, porque está privado de água ou suporta temperaturas extremas, insuportáveis mesmo para todos os organismos vivos (por nós conhecidos) que não possa êle ser habitado. Quem nos diz que essas condições são, justamente, **as que convêm ao melhor desenvolvimento e à existência de outros sêres?**

Nessas condições podemos perfeitamente ter por vizinhos imediatos selenitas ou habitantes da Lua. Os sábios não eliminaram essa hipótese, pois que indicaram que, para um selenita, o Sol gasta cinquenta minutos para nascer; que o mesmo vê a Terra sempre no mesmo lugar, e que quando estamos na época da "Lua Cheia", está o selenita na fase da "Terra Nova".

O selenita deve, evidentemente, poder viver sem água suportar até 184º ao meio-dia e 100º à noite. Goza, em compensação, de maior agilidade

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

e leveza do que nós, pois que, segundo os nossos cálculos, um pêso de 600 quilos não pesaria mais que 100 sôbre o nosso satélite.

Sôbre Mercúrio, **as condições de existência são ainda mais penosas... para nós, terrenos.** Aproximadamente vinte e cinco vêzes menor que a Terra, êsse planeta roda em redor do Sol em 88 dias. Só é visível para nós durante alguns dias cada ano e afirma-se que Copérnico morreu sem haver jamais haver conseguido percebê-lo.

Mercúrio não possui atmosfera. Roda sempre com a mesma face voltada para o Sol, de onde recebe, apenas sôbre essa parte, uma temperatura capaz de fundir o estanho e o chumbo. Sôbre a outra, ao contrário, calcula-se que o termômetro desça a 273º! Êsse lado é iluminado por dois outros planetas, e se existe o mercuriano (e fala português) deve dizer: "**— Vejam só... Temos hoje um belo brilho de Vênus combinado com um belo brilho de Terra...**".

Vênus, a nossa "estrela do Pastor" de tão forte brilho que pode ser visto em certas ocasiões até mesmo em pleno dia, parece mais habitável (sempre do nosso ponto de vista). Sensivelmente do tamanho da Terra — seu diâmetro tem 400 quilômetros de menos que o nosso que é de 12.756 quilômetros — está cercada por uma atmosfera espessa com nuvens muito densas. Acreditou-se por muitos anos que se tratava de vapores de água, mas segundo o espectroscópio que permite analisar o gás a distância, tratar-se-ia de gás carbono.

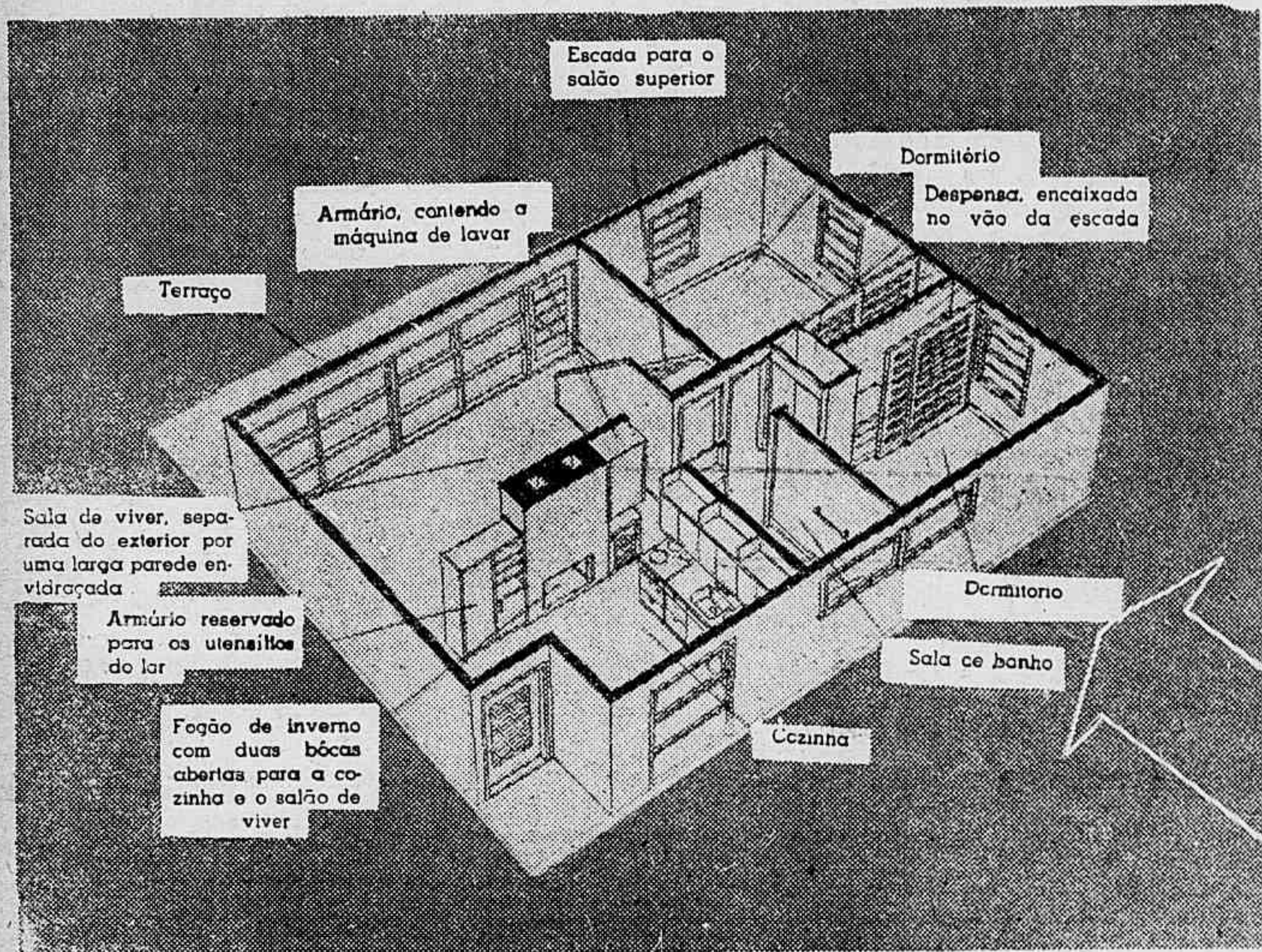
Acredita-se ainda distinguir em sua superfície mares e montanhas (algumas com 40 quilômetros de altura; cinco vêzes mais elevadas que o Everest). Há, além do mais, uma troca de processo entre nós e Vênus, pois que a Terra é para ela a sua "estrela do Pastor", isto é, a sua vizinha mais brilhante.

★

O afastamento de Saturno, que está a um bilião de quilômetros de nós torna difícil a sua observação. A presença de vários anéis, alguns opacos, outros transparentes como o chamado "anel de crepe", complica ainda mais o trabalho dos observadores. Acreditam os sábios que se trata de um astro ainda em estado gasoso, como Júpiter, planeta onze vêzes maior que a Terra e que gira sôbre si mesmo (mas não de uma só peça) em nove horas e 55 minutos. Júpiter está cercado de nuvens que os sábios acreditam formadas de amoníaco concentrado. Isto quer dizer que se existem jupiterianos, serão êles, **sem dúvida, tipos "duríssimos"...**

Citemos ainda Urano, que gira em sentido inverso ao dos demais planetas e cuja atmosfera se compõe de hidrogênio, metano e amônia; Neptuno descoberto graças à ciência pura... e chegamos a Marte.

(Cont. na pág. 97)



Eis a planta geral da casa pre-fabricada. Iguais a essa estão construindo quatro por hora, nos subúrbios de Nova York

UM BOM EXEMPLO PARA NÓS

UMA CASA CADA DEZESSEIS MINUTOS

QUEM entrar pela primeira vez no escritório do sr. Levitt, construtor de casas pré-fabricadas, em Nova York, fica impressionado, antes de tudo, por um curiosíssimo relógio que, cada dezesseis minutos aciona um carrilhão festivo. Esse relógio marca simplesmente o fim da montagem de uma das casas de material leve, durável, higiênico e construídas pela firma Levit & Sons.

E, realmente, cada hora, numa vastíssima área reservada para esse fim em Long Island, quatro casas pre-fabricadas são abertas... a novos locatários!

E' a mais espantosa fabricação desse gênero jamais realizada antes, mesmo nos Estados Unidos! A Cidade Levitt já comporta 7.000 habitantes. Dentro de poucas semanas essa cidade pré-fabricada contará com 20.000 almas.

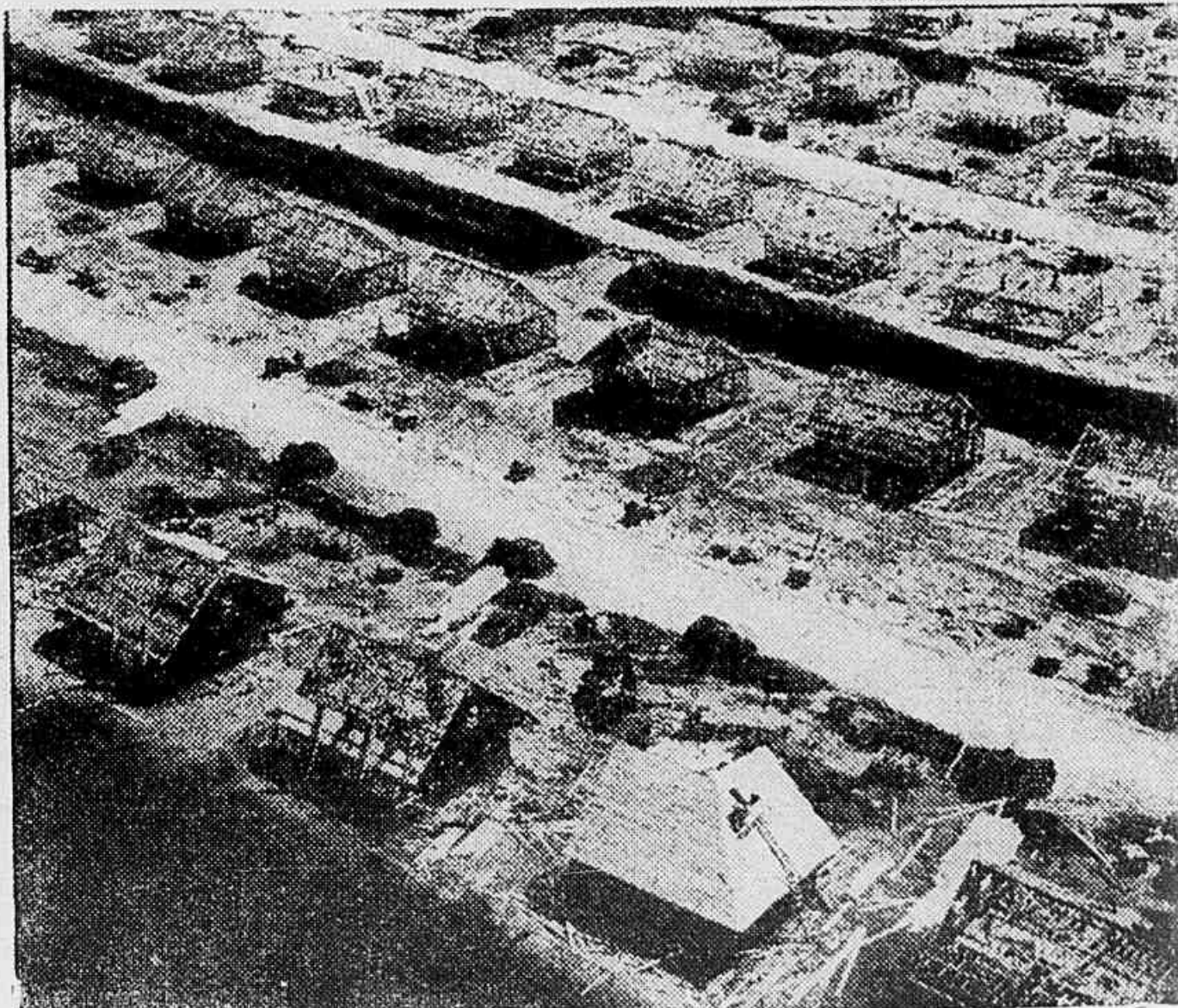
O meio de se tornar proprietário de uma dessas casas uniformes é reduzido ao mínimo das formalidades; um telefonema e, meia hora mais tarde, um caminhão entregará no próprio terreno a casa em múltiplos pedaços. Dezesseis minutos depois, o engenheiro da firma entregará as chaves do novo domicílio ao comprador... contra o pagamento, em cheque, da quantia de 7.990 dólares (160 contos, aproximadamente, com o dólar a 20 cruzeiros).

Tôdas essas casas são idênticas, com exceção das pinturas externas. Cada casa é pintada de uma cor diferente, à vontade do proprietário. Construídas sem alicerces, são pousadas sobre o próprio solo.

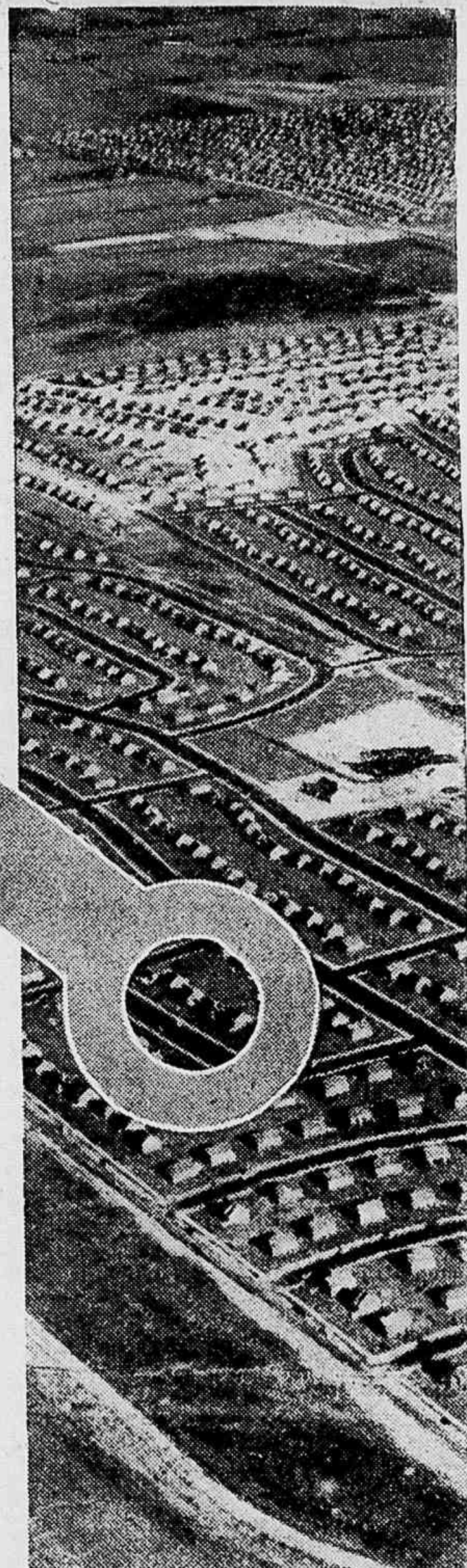
A firma Levitt não se limita apenas à construção das casas pre-fabricadas. Tôda a cidade é realizada em marcha record: calçadas, canalizações, instalação comum de eletricidade, são igualmente concebidas com ajuda dos materiais preparados antecipadamente nas usinas da firma Levitt.

Vista aérea da cidade pre-fabricada de Long Island, próximo de Nova York, onde estão sendo construídas sete mil casas

Por 7.990 dólares (159 mil cruzeiros, com o dólar a 20 cruzeiros)



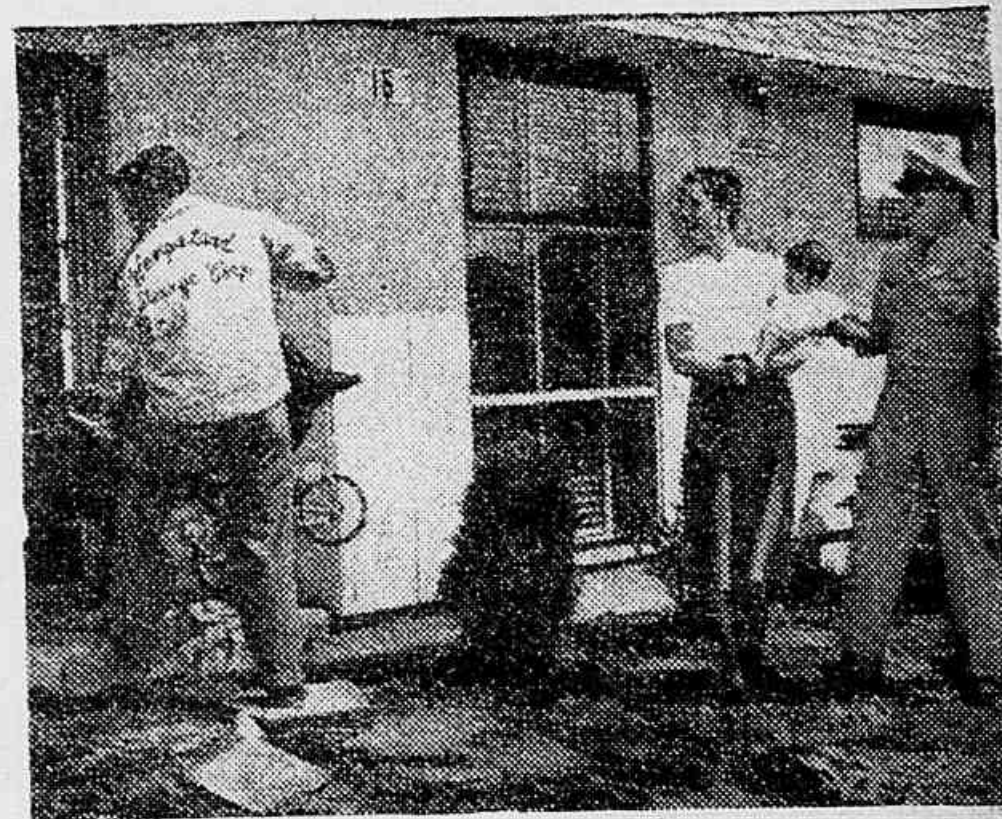
Cada novo proprietário é automaticamente premiado com uma assinatura do jornal local "Levitt Tribune", órgão





As calçadas também são formadas por material pre-fabricado, de secamento rápido

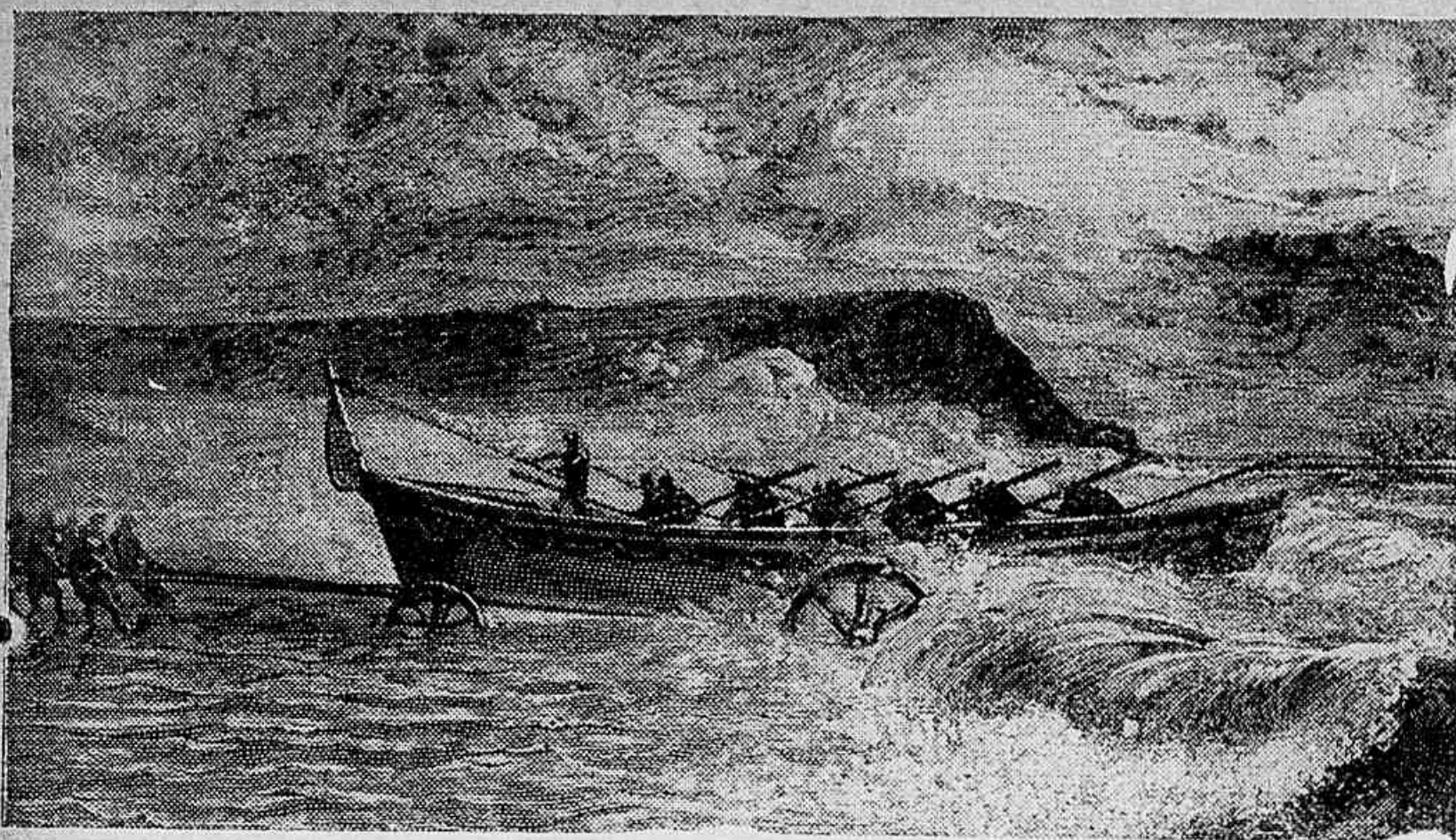
John Ertel e família, primeiros ocupantes da cidade Levitt



quotidiano dessa gigantesca cidade pre-fabricada, que informa diariamente seus leitores das modificações introduzidas na cidade. Esses cuidados depressa se tornaram indispensáveis. Isto porque na primeira semana que se seguiu à inauguração da cidade "Levitt", 750 habitantes se viram incapazes de encontrar a própria casa... pois que outras muitas tinham sido construídas nas horas se-

guintes à da sua instalação e outras mais, enquanto estavam fora da cidade, atendendo ao seu trabalho. As cenas que então se desenrolaram foram dignas dos gaços norte-americanos. Um comandante da U. S. Navy errou, durante três dias, com a esposa e um filho menor, em busca do seu domicílio.

(Cont. na pág. 97)



Barco salva-vidas em luta contra a fúria do mar, cujas vagas se precipitam sucessivamente, açoitadas pela ventania. (Desenho de Riou)

AS ONDAS FALAM DO SEU DESTINO ONDULANTE!

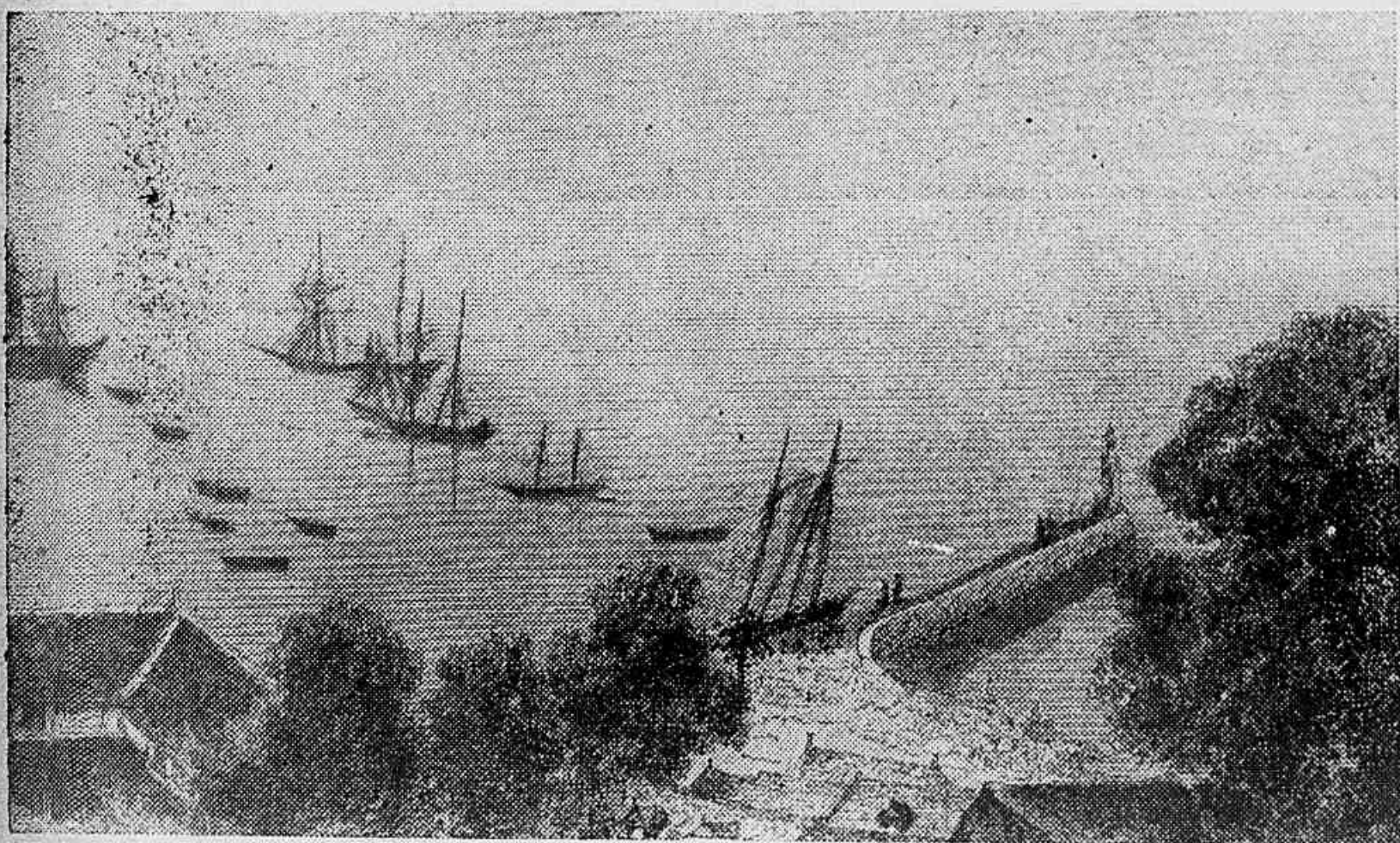
As fábulas dos antigos navegantes e a realidade marinha

De MATTOS PINTO

A GRAÇA DA VAGA QUE SE CURVA E SACODE A ESPUMA

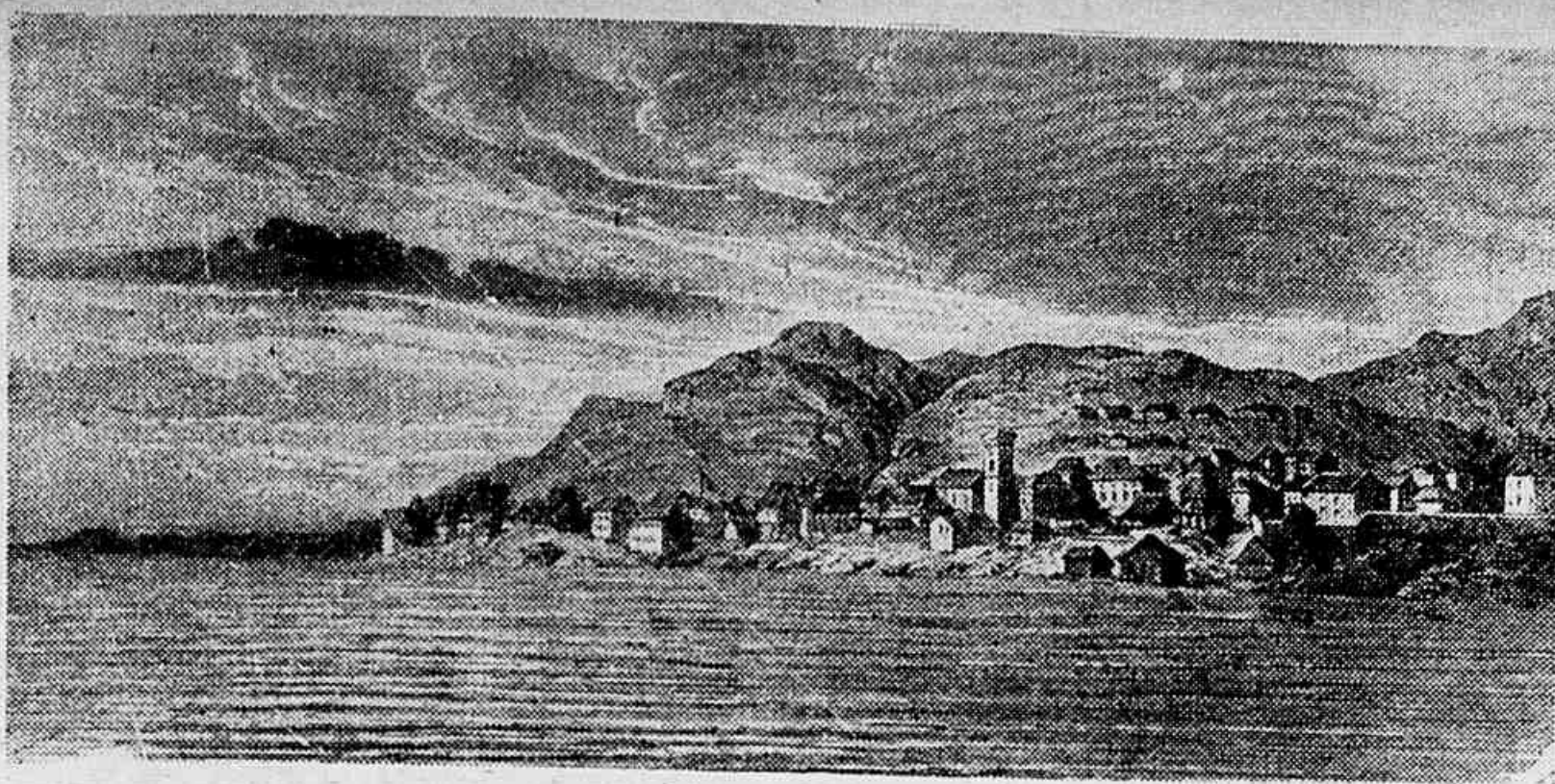
O mar imprime em nosso mundo interior uma emoção múltipla, cuja ondulante imagem dimana do seu cósmico movimento. Com as suas ondas que vibram e os seus refluxos que oscilam, com as suas cores cambiantes, o oceano provoca na imaginação quesitos de curiosidade. Quem vendo a amplitude das águas esquece os mistérios que ela encerra? Prosadores e poetas da antiguidade e dos tempos modernos, Homero, Vergílio, Lucrécio, Jean de Richepin, Victor Hugo, Jules Michelet, Joseph Autran, Pierre Loti, Guy de Maupassant, Alphonse Karr, cantaram a sua beleza, que toca os extremos limites, suave e tremenda, luminosa e descomunal. Em face do marulho oceânico, parecemos ouvir o indefinido sôpro do Cosmos.

A ondulação oceânica anima a inteligência, manifestando na eternidade da sua causa e do seu efeito a permanência das leis naturais. A gravitação que faz volutear os astros, passa-se muito além, no espaço infinito, para que o olho possa examinar as curvas das órbitas. O movimento das vagas desenrola-se ao alcance dos nossos sentidos e insinua a idéia do motucontínuo, cuja descoberta fatigou os visionários da mecânica e da engenharia. A superfície do mar encrespa, porque o vento ruga sôbre a imensidade viva das águas. As vagas



Vista da Baía de Cayenne, num dia de calmaria e de intensa luminosidade marinha. (Desenho de Riou, baseado numa fotografia de Masson)

se sucedem em ordem de duas a duas, numa sequência que poderemos julgar poética, mas que obedece, em realidade, a certos fatores meteorológicos. Fenômeno resultante de uma causa instável, como os deslocamentos da atmosfera, a onda sofre todos os acasos do ar. Nos dias calmos, o mar se espreguiça na praia, com a mesma indolência e a mesma serenidade da brisa. A observação de que as forças atmosféricas produzem o jôgo da superfície do oceano, vem de longe, de Publius Vergilius Maro, o maior poeta da Roma Imperial, na "Eneida". Pela aderência das moléculas do ar às moléculas marinhas, formam-se as ondas, êsse ritmo líquido, tão agradável à poesia do olho. Entre o calmaria e o tufão, a vida do salso elemento se transforma, muda de fisionomia, oferece os aspectos mais antagônicos. O movimento ondulatorio apresenta efeitos de extrema variabilidade, que nem os bardos saberiam cantar. Basta que um nimbo se levante no espaço, que um bafejo mais cálido ou mais frio circule nas camadas de ar, para que logo se note a percussão no oceano. Como as terras firmes, o mar possui uma topografia, com a diferença de que o relêvo continental permanece fixo e o relêvo marinho muda a todo instante a sua luminosa configuração. A brisa, o vento, a tempestade e o ciclone representam outras tantas modificações das vagas. Deve-se a Franz Gerstner a teoria ondulatoria da face do mar. Expôs o matemático e astrônomo austríaco que as moléculas de água salgada descrevem um círculo uniforme e agem umas sôbre as outras. O fenômeno das vagas mereceu ainda estudos de hidráulica e de matemática, bem como teorias mecânicas, de Scott Russel e de Charles-Marie Brun, bem como de outros naturalistas interessados na dinâmica do mar. Também se dedicou a êsse problema Valentin-Joseph Bousineq, autor de uma "Teoria da Luz", de memórias sôbre o movimento dos sólidos elásticos, de trabalhos sôbre hidromecânica e de um "Ensaio sôbre a teoria das águas correntes". Essas massas líquidas que se levantam e caem periodicamente ocupam tanto a curiosidade dos filósofos como a decadência dos impérios e a morte das civilizações. No seu eterno rumor, as ondas falam das permanentes energias da natureza. Numa harmoniosa poesia, Théophile Gautier entoou o cântico à graça da vaga, que se curva na praia e sacode a espuma, comparando-a a um capitel grego, contornando as suas volutas. Todos notam que as flutuações do mar obedecem a um ritmo, mas que há entre um grupo e outro grupo de ondas um espaço de calmaria. Êsse intervalo se explica pela intermitência do vento e pelas suas rajadas descontínuas. Quando o ar fere verticalmente, vemos os volumes se quebrarem mesmo no alto do oceano. Cada onda defende a onda da retaguarda, do sôpro do vento. Graças a essa



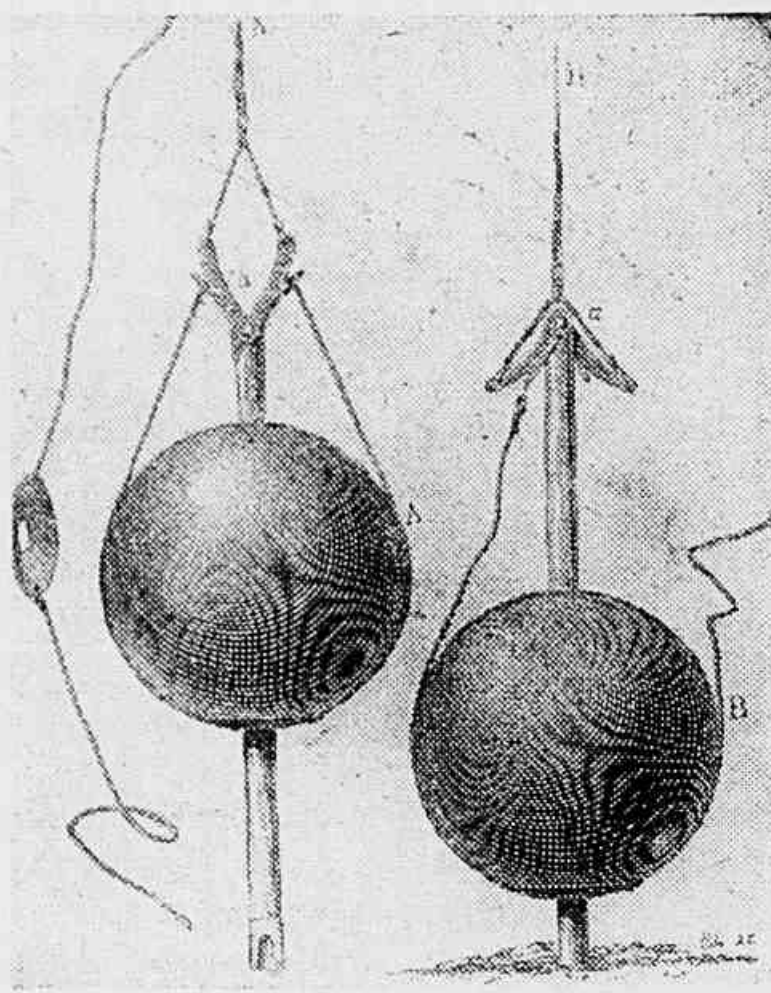
Desenho de A. de Bar, expondo o obscurecimento das águas oceânicas, pela aparição dos nimbos no horizonte

proteção física, as águas do mar conservam a tôda hora o seu ondulante aspecto. Jacques Delille, o poeta dos "Três Reinos da Natureza", também cantou a vaga que acompanha a vaga, a onda que segue a onda, fenômeno resultante do choque das moléculas do ar, com as moléculas do oceano. Estreito vínculo cósmico une a atmosfera ao mundo das águas.

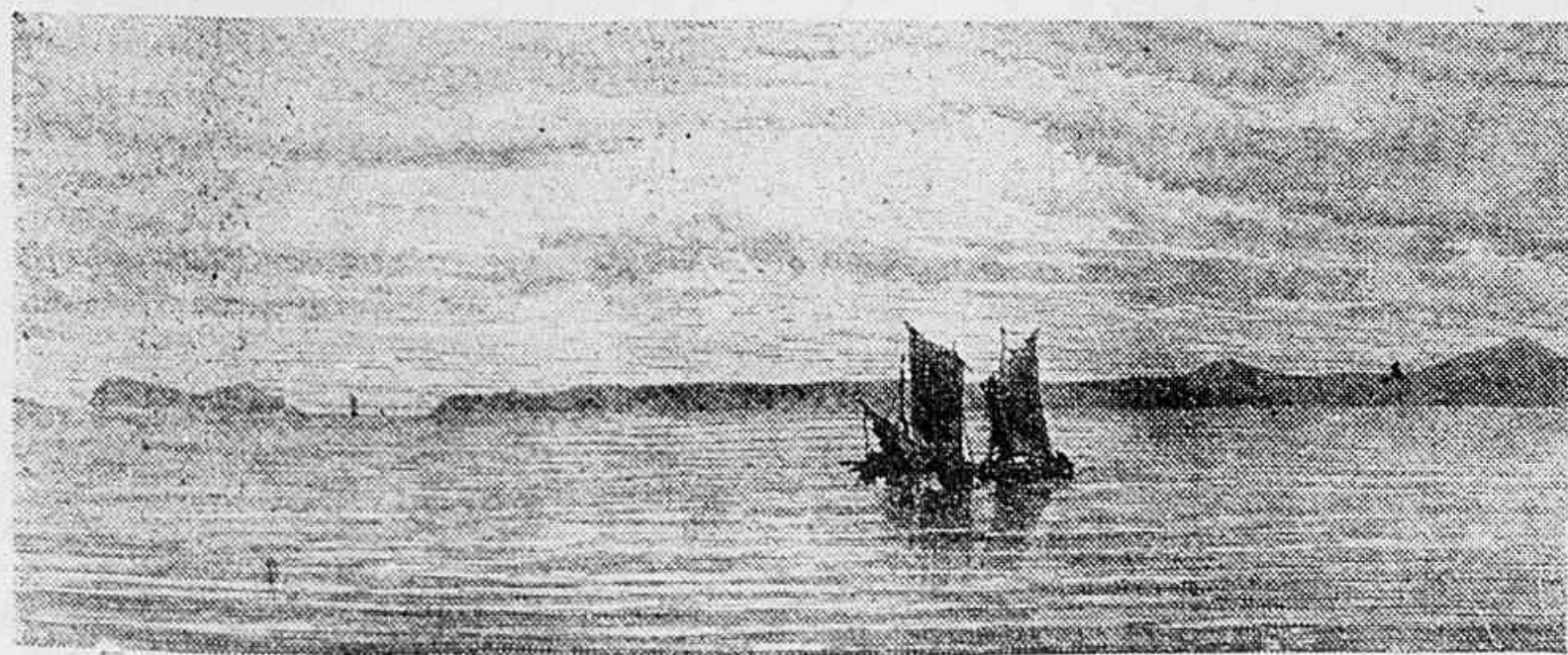
AS CONVULSÕES DO INFINITO LÍQUIDO

À proporção que a ciência distende a sua luz, os mitos rolam dos pedestais em que os colocou a fantasia, substituídos pela sabedoria dos fatos. O mundo físico perde o seu aspecto fantástico, porém adquire consistência, revelam as leis íntimas, que escapam à mitologia. Quem não ouviu falar nas ondas altas como montanhas, com que os antigos navegantes enfeitavam as suas fabulosas narrativas? Semelhante excesso caiu, destruído pela experiência dos modernos marinheiros e por medidas muito exatas dos oceanografistas. No Cabo Horn, onde a agitação do mar se faz sentir com frequência, a altura média das vagas atinge 7 metros. O hidrógrafo Matthew Fontaine Maury viu no Golfo do México, durante furiosas tempestades massas d'águas que se elevavam a mais de 9 metros de altura. A coincidência de duas ondas de altura média produz, em ocasiões anor-

mais de ventania, um volume duplo. Duas vagas de 6 metros, que se combinam pelo jôgo das correntes atmosféricas, formam a altitude marinha de 12 metros. Em circunstâncias opostas, anulam-se e perdem o efeito. Os fortes ventos que assaltam os Açores, levantam, muitas vêzes, ondas de 13 e 15 metros de altura. As velhas avaliações sobre as extraordinárias convulsões do oceano provinham de ilusões óticas, devidas ao jôgo do navio no mar encapelado. O declive do mar, que a onda provoca, as oscilações



Sonda de Brooke para pesquisar as profundezas do mar



A superfície do oceano vibra com as variações luminosas no céu, brilhando com um azul puríssimo nos dias solarentos, acinzentando-se quando os stratus se formam em faixas largas e horizontais. (Desenho de Riou)

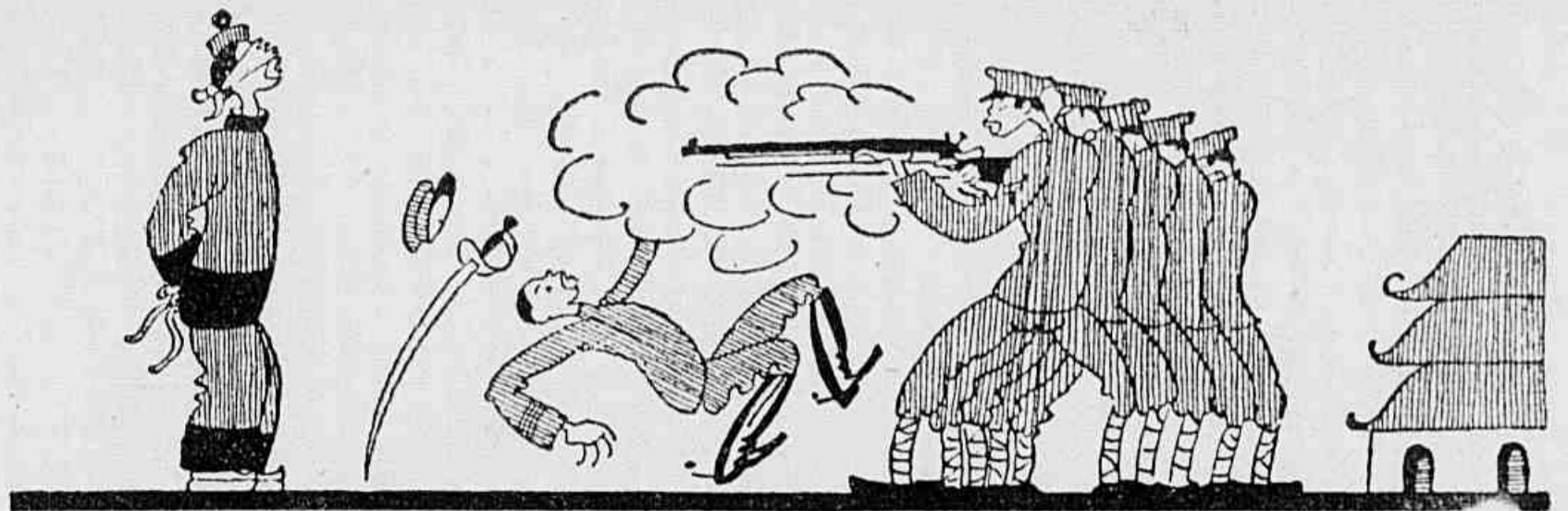
brutais do ciclone, concorriam para gerar **monstruosidades óticas**, se assim podemos dizer. Se as vagas não soerarem cimos altos como as montanhas, arrojam água à altura de 40 metros, batendo no costado dos transatlânticos e nas escarpadas dos rochedos. Os penhascos submarinos dão a certos litorais uma fisionomia particular, como sucede com a Bretanha, cujas ondas se enfurecem constantemente. A altura das vagas oscila com a meteorologia da região. Vemos massas de água de 1 metro em certos lugares da Espanha, ondas de 3 metros no Báltico, volumes aquosos de 4 metros no Mar do Norte enquanto se levantam na Mancha a 5 metros. A comoção das camadas superficiais do oceano progride com a intensidade do vento. E deparamos no Atlântico, na zona dos ciclones, com ondas de 8 metros. O Oceano Índico apresenta ao viajante, curioso de sensações, vagas majestosas de 11 metros de altura. Só nos Mares do Sul observamos com abundância ondas de 16 metros. O vento faz pressão sobre as águas, anima-as, excita-as, provoca as suas fúrias e, ao mesmo tempo, pacifica a salsa imensidade, amansa as suas rebeldias. A extensão das ondas, que também varia com os deslocamentos atmosféricos, pode ir a 150 metros. Por extensão das vagas entende-se a distância que separa dois cimos de duas vagas. Como a sua altura e a sua extensão, a velocidade do movimento ondulatório do oceano muda com a força dos ventos que sopram. Há velocidade de 7 quilômetros e há velocidade de 56 quilômetros por hora, como verificou David Thomson. Com o ímpeto dos vendavais, as vagas alcançam velocidades de 110 e 120 quilômetros horários. Em circunstâncias ordinárias, as ondulações marinhas se propagam com a velocidade de 12 metros por segundo. A atmosfera só agita as camadas superiores das águas. Diz a teoria mecânica das ondas do oceano que a vaga de 1 metro vibra o mar até a profundidade de 300 metros. Obedecendo a êsse cálculo, o vento que soerque uma massa aquosa de 5 metros de altura transmite a sua influência até 1.500 metros. A onda de 10 metros de altitude vibraria o seio do mar a 3.000 metros. Assim instrui a teoria, robustecida por experiências de laboratório. Porém a imensidade do oceano transforma os dados do cálculo mental. Praticamente o submarino que mergulha a 60, 80 e 100 metros de profundidade, fica ao abrigo das tormentas da superfície. E a 3.000 metros reina quietação completa, só comparável ao silêncio dos Polos.

EFEITOS LUMINOSOS DAS ÁGUAS MARULHANTES

Se a poética cadência das ondulações agrada ao olho que ama a lei dos ritmos, o colorido dos mares constitui outro prazer estético, não menos de-

licioso. Viajai pelas latitudes do Sul e do Norte, atravessai o Atlântico e o Pacífico. E vereis a festiva variedade das suas côres, azuladas e sombrias, esverdeadas e claras, cinzentas e nebulosas, profundas, serenas, espessas, transparentes. Quem não ouviu falar no azul da Gruta de Capri? Mais do que o céu, o oceano joga com os efeitos luminosos, muda de brilho e de reflexo, transforma a sua alma cósmica. O azul constitui a côr natural das águas salgadas. Sôbre ela outras tintas se sobrepõem, fundem-se, variam de matizes. O verde e as suas cambiantes modificam com o auxílio de fatores circunstanciais, a ótica do salso elemento. A ciência, que o poeta Alfred de Vigny chamou o divino elixir que o espírito bebe, procurou determinar a origem das tintas oceânicas. Sabe-se que a base física do seu colorido parte do cobre, que abunda em todos os mares. A presença dêsse metal e dos seus compostos, com a ação de outras substâncias, fazem variar os matizes das águas. A côr azul resulta do amoníaco do cobre e a côr verde do clorureto de cobre. O fundo do mar influi, ao mesmo tempo, sôbre a côr da superfície. Em certos litorais pouco profundos, o limo e a areia recebem a luz do sol, refletem-na, provocando modificações da onda luminosa. A areia branca faz a côr verde tomar reflexos acinzentados, enquanto o fundo amarelo torna verde o mar. Na Baía de Loango, as águas aparecem rubras, em virtude da geologia do solo submarino. Os naturalistas assinalaram influências das terras submersas, em profundezas de 200 metros. Pelo fenômeno da transparência, demonstrou-se experimentalmente que a coloração marinha advém da presença de substâncias minerais e orgânicas. O grau de transparência das águas verdes que possuem o máximo de materiais, vai a 16 metros. As águas azuis-esverdeadas deixam-se examinar através da luneta até profundidades de 17 a 25 metros. E nas águas azuis a transparência alcança 28 metros. A análise química prova que na água azul há um mínimo de substâncias. À proporção que o oceanografista percorre os mares vê o reino ondulante em que passeava Netuno e as Nereidas, nos tempos fantasistas da mitologia, mudar de brilho e multiplicar os reflexos. Cadiz, Tarife, Liverpool, Açores, Valparaiso, Rio de Janeiro, Olinda, Hawaii, Coréa, significam outras tantas fases luminosas do oceano. Na vizinhança das terras, as águas tendem a permanecer verdes, em razão dos detritos, que recebe das praias. Uma mesma côr pode tomar intensidades cromáticas diferentes. O azul do Atlântico, o azul do oceano polar, o azul do Pacífico, quase nunca se confundem. Podemos como Joseph Autran, nos seus "Poemas do Mar", despedir o nosso grito à imensidade que vive a solicitar do próprio oceano que nos revele os seus insondáveis segredos.

INFORMAM DE TODO O MUNDO



Os chineses, para as execuções, preterem o espadão ao fuzil... porque a sua pontaria não é lá muito perfeita. Um clássico exemplo ocorreu na província de Hunan, em 1926, quando um pelotão de fuzilamento, composto de nove soldados, errou a pontaria e em vez de acertar no condenado matou o seu oficial comandante. (Informação de J. She-Les-Tian, Tintsin, China.)

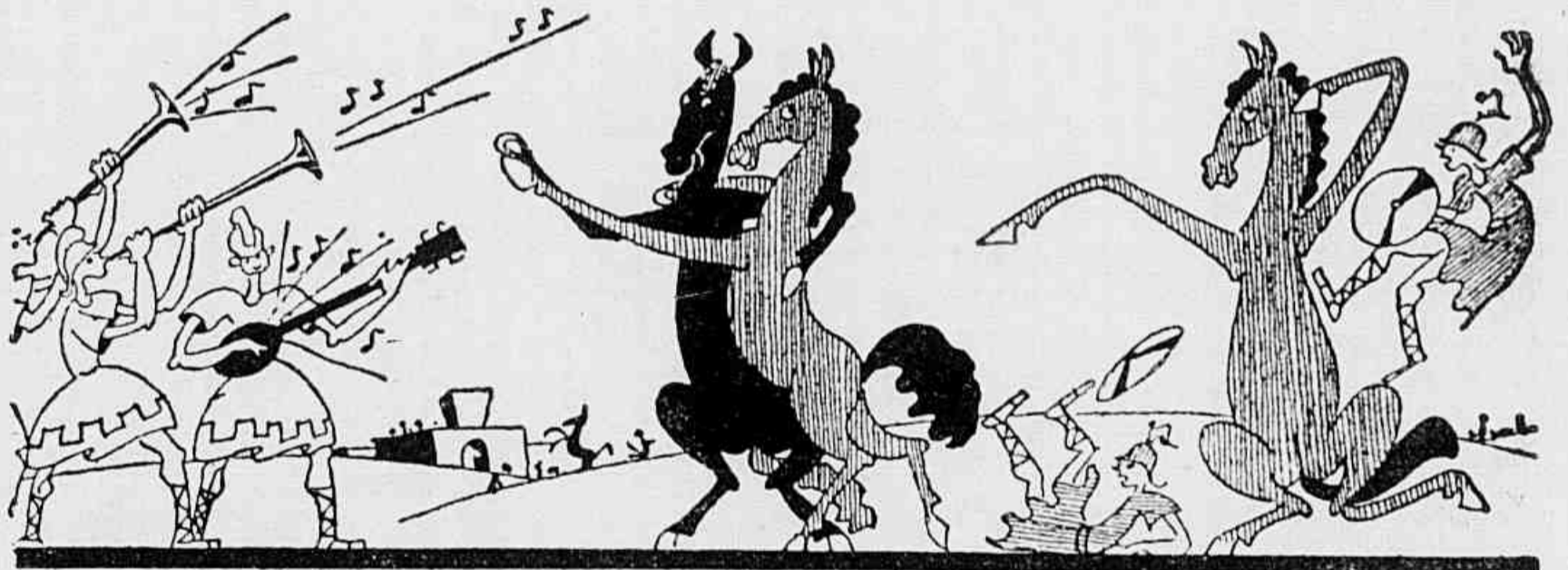


Provavelmente mais de 100.000 espões trabalham ativamente no mundo atual. Mais de 40.000 foram, com certeza, apanhados somente na Europa, nos últimos quinze anos, tendo confessado suas culpas. Só na Rússia, durante esse longo período, foram presos espões (que confessaram seus delitos) numa média de um cada seis horas! (E.S.T.)

O total médio anual dos cidadãos que, nos Estados Unidos, viajam em automóveis, trens, ônibus, bondes elétricos, elevadores, embarcações de todos os tipos, aviões e outros veículos, ultrapassa 94% da população do mundo. (Inform. de E. D. Foskey, Bamberg, Carolina do Sul, Estados Unidos.)



As quintuplas Dione, atingindo, juntas — é claro! — a idade de um ano galgaram os riscos equivalentes aos que ameaçam a média feminina que atinge os 51 anos de idade. Como resultado dessa "proeza", está calculado que possam viver, em grupo, até os 39 anos de idade. A vida média calculada para cada uma delas, individualmente, é de 65 anos. (Inform. de Mrs. Blanche K. Eisele, Chicago, Illinois, Estados Unidos.)



Os antigos Sybaris foram literalmente riscados do mapa no ano 510, antes de Cristo, por causa dos cavalos dançarinos que formavam a sua famosa cavalaria. De fato esses animais eram constantemente submetidos a um treinamento de evoluções que não excluía a dança, segundo certa composição musical, que o inimigo pôde conhecer e que, propositadamente, mandou sua banda executar quando atacaram a cidade daqueles. Em consequência, os cavalos dos defensores Sybaris entraram a dançar, atirando ao solo seus pesados guerreiros e provocando entre as hostes defensivas enorme confusão. O inimigo não apenas capturou e arrasou a cidade, como ainda sepultou as suas ruínas, desviando sôbre elas o curso do rio Crathis. (E.S.T.)



Geralmente, as tripulações dos modernos navios de aço encalhados em rochedos, perdem a vida ao tentar

escapar de bordo durante uma tempestade. Parece não saberem que um navio de moderna feitura pode resistir muitos dias, semanas e até anos. Mesmo os navios de madeira têm resistido por períodos espantosamente longos. Em Juan de Nova Island, à vista de Madagascar, o "Tottenham", de Londres, permanece intato depois de ter encalhado num recife de coral há vinte e um anos! (E.S.T.)



Em todos os países e em todos os tempos têm aparecido indivíduos oferecendo à venda as mais incríveis e falsas antiguidades, "reliquias" de outras eras, etc. Porém nenhum pôde ganhar de um norte-americano que durante vários anos andou caminhando de uma para outra instituição e procurando vender "a pele da serpente que tentou Eva no Jardim do Eden". (Inform. de H. F. Johnson, Cleveland Heights, Estado de Ohio, Estados Unidos.)

O "STAND" TRÁGICO

Do romance policial "Mystery at Olympia", de JOHN RHODE. — Traduzido da versão francesa de HENRI THIES

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Mr. Pershore, ao ir visitar uma exposição de automóveis com dispositivos modernos, sente-se mal e cai morto. Ao mesmo tempo, em seu solar de Firlands, em Weybridge, arredores de Londres, uma sua empregada de nome Jessie Twyford, involuntariamente, se envenena com arsênico ao comer umas azeitonas. Chamados os parentes de Mr. Pershore, o médico Formby e autoridades policiais, começa o inquérito para se desvendar tanto mistério. Fazendo suas deduções, o comissário Hanslet começou a pensar que miss Rissington, sobrinha do morto, fôsse a culpada de sua morte. Apesar de ver seus planos desfeitos pelo imprevisível dos acontecimentos, o comissário Hanslet estava com a idéia fixa de que miss Rissington era a culpada e prosseguiu em suas pesquisas, aguardando a hora em que fôsse

— Parece que desejou mesmo guardar segredo. De que auto Mrs. Sulgrave se serviu para vir buscá-la e depois trazê-la?

— Do seu próprio. Um pequeno carro "Comet" de fabricação do ano passado.

— Como passou a noite com ela, miss Rissington?

— Jantamos. Ao nos levantarmos da mesa, os vizinhos de Irene os Ford, chegaram. Então jogamos o bridge até à meia-noite.

— No decurso da noite, Mrs. Sulgrave saiu, ou mesmo a senhora?

— Sair? Para que? Não.

— Mais ou menos às nove horas Mr. Hardisen viu um carro igual e da mesma marca, parado ao fim do atalho, próximo ao jardim. Poderia ser o de Mrs. Sulgrave?

— Não. A menos que uma terceira pessoa o houvesse retirado da garagem e o recolhido antes de meia-noite. Mas isso parece muito improvável.

Hanslet chegara ao fim de seu interrogatório. Para que insistir, pelo momento?

— Eu lhe agradeço, miss Rissington. Não quero incomodá-la mais. Todavia, desejo trocar umas idéias com Mr. Hardisen.

— Neste caso, peço licença para retirar-me.

Depois que ela saiu, Hanslet fechou novamente a porta.

— Bom! — disse Hardisen. — Felizmente o senhor acabou. Ela disse a verdade. Isso o reconheceria o primeiro imbecil. Que deseja agora de mim?

— Diga-me alguma coisa sobre sua correspondência com Mr. Micah Pershore, Mr. Hardisen.

— Não tenho muita coisa a dizer. Trocávamos carta de longe em longe, por alguns anos. Micah é um tipo interessante. Ele não podia ver a família, o que não é nada surpreendente, aliás. Foi-se logo que pôde. Sua mãe lhe deixara algum dinheiro, o necessário para estrear na vida. Causa curiosa: ele sempre desejou saber notícias dos seus. As encrencas do país, a voz do sangue, provavelmente. Porém não queria escrever-lhes. Eu servia de intermediário. Escrevi-lhe quando da morte de suas irmãs, bem como quando morreram os seus maridos. Agora, também vou escrever-lhe comunicando o falecimento de Nahum. Pobre Nahum!

— Quando lhe escreveu ele pela última vez?

— Já faz uns meses. Não posso precisar exatamente a data. Sua carta nada continha de interessante. Não escreve mais que algumas linhas referindo-se ao recebimento das minhas. Mas falava de Philip.

— Que desejou saber a respeito de Mr. Bryant?

— Eu explico. Já faz isso muito tempo. Quando

descoberto o seu paradeiro, ausência que significava o temor de ser encontrada. A dupla tentativa de matar Pershore por envenenamento em sua própria casa só poderia ser obra de quem desfrutasse de ampla liberdade e da confiança do morto. Pondo-se de lado as domésticas, só mesmo sua sobrinha ou pessoa que gozasse de relativa familiaridade.

Hanslet, por intermédio de Hardisen, amigo íntimo de miss Rissington, conseguiu entrevistá-la na própria residência de Mr. Pershore, nada resultando de positivo para esclarecer o misterioso crime. Tudo o que pôde descobrir o comissário foi que o tiro de espingarda de caça em Mr. Pershore fôra disparado pelo velho Hardisen, com intenção de meter medo em Pershore. Novas suspeitas surgem no ânimo do policial. Mr. e Mrs. Chantley, o próprio casal Sulgrave...

Philip se tornou solicitador, Micah desejou conhecer detalhes e se era Philip a pessoa de confiança dos negócios de Nahum. Eu respondi afirmativamente, pois que nada sabia eu de Judson.

— Creio que Mr. Judson limitou-se a redigir o testamento. Mr. Bryant continuou a ocupar-se dos negócios de seu tio. Mr. Micah Pershore nunca falou em voltar à Inglaterra?

— Não. Ele jurara não voltar aqui enquanto houvesse gente de sua família com vida. Agora, quando souber da morte de Nahum, poderá vir. Foi o derradeiro. A segunda geração não entra nisso, pois que Micah jámais teve contactos com ela.

— Está certo de que ele está ainda na Argentina?

— Assim penso. Estava lá não há três meses. Nem falou em mudar-se. Ganha sua vida por lá mesmo.

— Muito bem, Mr. Hardisen! Estou-lhe muito agradecido por ter encontrado miss Rissington para mim. Pode ajudar-me ainda?

— Em que? — Rosna ele com suspeita.

— Veja: muito gostaria que o senhor telegrafasse a Micah Pershore comunicando-lhe a morte de seu irmão e me científicasse da resposta.

— Não vejo nenhum inconveniente nisso. Farei com prazer. Mas que está pensando, Sr. Comissário?

— Quero apenas certificar-me de que está mesmo na Argentina e não na Inglaterra.

Hardisen pareceu surpreender-se. Depois balançou a cabeça.

— Percebo. Mas o senhor se engana. Micah não se interessaria por isso, de forma alguma. Nada ganharia. Mas... pouco importa. Mandarei o cabograma. E que mais?

— A que horas saiu o senhor, na segunda-feira, de Olímpia?

— Aí pelas cinco horas. Fui a pé, de Addison Road a Paddington. Tomei um copo de vinho e, em seguida apanhei o trem das seis para Wells.

— Viu Mr. Bryant no Salão de Automóveis?

— Não. Ignorava que estivesse lá. Betty m'o disse. E' curioso: é encontrado por todos os lados: na Exposição, no escritório de Nahum, no seu próprio gabinete de toilette...

— Como sabe que esteve ele no gabinete de toilette de seu tio? — Pergunta Hanslet.

— Hardisen se pôs a rir.

— O senhor deveria adivinhar. Viu o vestiário? Do outro lado do corredor, em frente ao escritório. Não? Não há lavatório. E' uma lacuna lamentável, e, por várias vezes fiz essa observação a Nahum. Esteve lá?

— Quer então dizer que, quando Mr. Bryant precisava lavar as mãos, tinha que ir ao toilette de seu tio?

— Exatamente. Nahum o punha à disposição dos homens. Para as mulheres, era outra coisa. Betty se encarregava disso. Cada macaco em seu galho.

Hanslet franziu as sobrancelhas e se voltando rapidamente para Hardisen:

— Decididamente está o senhor perfeitamente persuadido que Mr. Bryant sabia muito como orientar-se em seus intentos. Mas, não haverá outra razão para isso, fora sua antipatia ao mesmo?

— Eu não gosto dele, e isso já disse ao senhor por várias vezes. Não tenho confiança nêle.

— Nada vejo que o induzisse a desejar a morte de seu tio.

— Seu dever é procurar. Que sabe o senhor de Philip? De seus planos? Muito pouco. E eu sei muito menos. Mas há qualquer coisa. Pode crer-me.

Hanslet estava bastante inclinado a assim pensar também. Era necessário um plano de campanha com Hardisen. Este ficaria um dia ou dois, em Londres, tempo necessário para esperar a resposta do cabograma que ia enviar a Micah Pershore.

Os dois se separaram. O comissário almoçou pão e queijo, tomou um copo de cerveja e partiu para Byfleet, distante algumas milhas.

"High Elms" era uma linda casa moderna na tradição Willett. Mrs. Sulgrave havia chegado àquela manhã e receberia Mr. Hanslet. Mandaram-no entrar para o salão, onde a dona da casa apareceu sem tardança.

Era uma linda mulher de olhos e gestos vivos, provavelmente mais idosa do que miss Rissington. Respondeu, sem hesitação a tôdas as perguntas. Confirmou todos os pontos e afirmações de sua amiga: haviam ido a Paris, secretamente. Nem seu espôso, nem Mr. Pershore gostavam dos amigos parisienses. Antipatias. Para que provocar desavenças quando uma simples mentirinha pode evitá-lo?

Irene Sulgrave confirma tôdas as declarações feita por Betty em relação aos seus movimentos daqueles sábado, à noite. Ninguém poderia ter-se servido de seu carro sem que ela o soubesse. Fechara a garagem e guardara a chave consigo. Ninguém forçara a porta.

Ela não havia dado a Mr. Pershore cartão de ingresso ao Salão; seu marido tampouco, estava certa disso.

— No domingo, George veio e nós falamos acerca de Mr. Pershore. George me sugeriu fossemos tomar chá em casa dele, o que fazíamos muitas vezes. Mas Betty me havia avisado de que Philip Bryant estaria em Firlands.

— Tinha a senhora alguma razão para renunciar a essa visita? Pergunta Hanslet.

— Não. Nenhuma. Mas, quando George soube que Philip estaria lá, não mais insistiu. Não era que desejasse evitar Philip. Mas correríamos o risco de topar com Ellen.

— Ellen? Quem é ela? — Indagou Hanslet.

— A esposa de Bryant. Não a conhece ainda? Sem desejar ser faladeira, asseguro-lhe que é ela a criatura mais detestável do mundo. Ela nos detesta tanto quanto nós a detestamos também.

— Isto me espanta, diz Hanslet cortesmente. Irene Sulgrave sorriu, prosseguindo:

— E' a pura verdade — diz ela. Não sei qual o cão danado que a mordeu, mas parece que lhe é impossível, ao menos, ser simplesmente polida com George e comigo. Também é muito grosseira com Betty. Acho que tem ciúmadadas de todos nós. Ela não admitia que Mr. Pershore se ocupasse de outra pessoa que não de Philip.

— Conhece as disposições testamentarias de Mr. Pershore, Mrs. Sulgrave?

— Não. Como poderia conhecê-las? Soube de sua morte por intermédio de Betty, que insistiu para que eu regressasse com ela. Acabo de telefonar a George, mas êle estava muito ocupado lá no "stand" para poder dar-me detalhes. Com efeito, ignoro tudo. Espero que o herdeiro seja Betty e não Philip, não?

— Miss Rissington herderá a maior parte da fortuna; mas há uma clausula que deve interessar a senhora mui particularmente Mrs. Sulgrave. Sabia a senhora que Mr. Pershore era credor hipotecario com a garantia desta casa?

— Sim. E isto muito me inquietava. De alguns anos para cá os nossos negócios iam muito mal. Betty me forçou confessá-lo, e penso que ela chegou a falar a seu tio e lhe pediu sua atenção. Era êle um grande amigo do pai de George.

— Disseram-me isso, com efeito.

— Mr. Pershore mandou chamar George e lhe perguntou inopinadamente de quanto precisava para consertar sua situação. Meu marido lhe respondeu, com franqueza, que cinco mil libras eram bastantes. Ouvindo isto Mr. Pershore lhe disse que ia ordenar a Philip Bryant a preparar uma hipoteca dessa soma sobre nossa casa. Foi muito bom para conosco e chegou a dispensar juro durante dois anos, até que George conseguiu equilibrar-se novamente. Eis a razão dessa hipoteca. Mas, pergunto a mim mesma onde vai George buscar tal importância para resgatá-la! E logo agora, que Mr. Pershore morreu!

— E' inutil, Mrs. Sulgrave. O testamento previu a liquidação da hipoteca a título gratuito.

O comissário acompanhava atentamente os movimentos fisionomicos de sua interlocutora e reconheceu que sua alegria fôra sincera.

— Que felicidade! Que excelente homem! Como lamento não o ter sabido antes para agradecer-lhe pessoalmente!

Depois disso Hanslet nada mais tinha a fazer senão retirar-se. Estava certo de que essa mulher não podia estar envolvida na morte de Mr. Pershore. Ela lhe ofereceu uma xícara de chá. Ele aceitou e, em seguida se despediu indo tomar o trem para Surbiton.

Capítulo X

Ao ir ver Mr. Chantley, obedecia Hanslet às sugestões do Dr. Priestley. Êle desejava fazer uma incursão no passado de Mr. Pershore, não que, com isso obtivesse algo inesperado, mas porque êle deveria tentar obter situações já entrevistas sob ângulo novo.

Mr. Chantley acabava justamente de chegar de seu escritório e nada opôs para receber o comissário. O homem e o meio em que vivia eram da mais apurada elegância. E essa elegância contrastava com a ostentação de Firlands. Mr. Chantley, bastante reservado, concordou, entretanto, em conversar sobre suas relações com Mr. Pershore.

— Fiz conhecimento com Mr. Pershore através de negócios. Por ocasião de ir eu tratar com a casa da qual era êle comanditário, vi-o em seu "bureau". Já lá se vão cinco anos, pouco depois que êle comprou essa extraordinária casa de Weybridge. Convidou-me para almoçar e, desde aí, nos conhecemos. Minha espôsa e eu iamos a Weybridge. Viamo-nos constantemente.

— Conheceu os amigos e parentes de Mr. Pershore?

— Sim, disse Chantley.

Ao dizer isso, pareceu ao comissário que Mr. Chantley ia acrescentar mais algumas palavras, mas se deteve e emudeceu.

Hanslet sorriu.

— Muito gostaria de ouvir o que o senhor ia dizer, Mr. Chantley.

— São uma gente esquisita. Creio que isso não lhe terá passado despercebido ontem no entêrro. O senhor terá notado, como eu notei, a ausência de muitos que deveriam ter comparecido ao cemitério.

— E' verdade. Miss Rissington, por exemplo. Ela estava de viagem, no estrangeiro e ignorava a morte de seu tio.

— Ao estrangeiro? Isso muito me surpreende. Pershore estava a par do fato?

— Não. Miss Rissington me parece ser de espírito muito independente.

— E' uma forma de ver. Eu jámais pude compreender aquela jovem. Em presença de Pershore, era doce e reservada ao extremo. Era êle dar as costas e eis que ela se convertia na moça moderna que não pensa senão nela mesma. Minha mulher, nos principios sentia muita simpatia por ela, sentimento que não obteve reciprocidade. Miss Rissington preferia amigos duvidosos. Aquêlê velhote de Wells, por exemplo.

— Mr. Hardisen? Êle brigara com Mr. Pershore, creio eu.

— Oh! Eu não o censuro por isso. Pershore era difícil de aturar-se, pois não era homem disposto a fazer concessões. Eis aí, porém, todo o segredo do sucesso de miss Rissington perante Mr. Pershore. Jámais o contrariou abertamente.

— E' ela a principal herdeira, disse Hanslet.

— Ah! Isso já esperava eu! Vai causar desgosto aos Bryant. A luta entre os primos era dura. Mas Bryant devia ser batido. Não estava no local. Os desesperados esforços de sua espôsa resultaram inúteis. Mas, esqueço, comissário, que o senhor não veio aqui para ouvir dêsses mexericos...

— Para falar com franqueza, não é propriamente isso que me trouxe aqui, Mr. Chantley. Estou certo de que acompanhou o inquerito, nos jornais. Se o senhor fôsse um dos jurados, acharia que a morte de Mr. Pershore, foi natural?

— Penso que não deve ser permitido a um profano dar palpites sôbre assunto de natureza médica e especializada. As simples suposições não bastam para fazer-se uma idéia. Especialmente pelo fato de as afirmações de médico serem algo surpreendentes.

— A própria polícia tem suas dúvidas e, por isso me esforço para obter esclarecimentos complementares. Não posso dar meus relatos sem conhecimento perfeito acêrca dos amigos e relações de Mr. Pershore. Prestar atenção àquilo a que o senhor chama de "mexericos", permite-me justamente estender o campo de minhas pesquisas.

A fisionomia severa de Mr. Chantley se desfez com um fraco sorriso.

— Pelo que vejo espera o senhor separar o jôio do trigo. Detesto o *diz que disse*; mas estou disposto a prestar, em seu favôr, as informações de que necessitar, desviando-me um tanto dos meus propositos de não interferir nem interessar-me pela vida dos outros. Que deseja saber?

— Falou-me o senhor da luta entre os primos, arrisca Hanslet.

— Oh! isso nos divertia muito; a mim e à minha espôsa. De um lado, Betty Rissington e sua amiga Mrs. Sulgrave, que, aqui entre nós, era persona grata a Pershore. Do outro, Bryant e sua senhora. Os dois partidos se esforçavam para ganhar as boas graças do senhor do solar. Mas Bryant não teria tido, dêsde o começo, qualquer chance de vitória se não fôsse sua mulher. Bryant sempre me pareceu ser bastante correto; mas êle nunca pôde acomodar-se à servilidade que Pershore exigia. Nem sequer aparentava. Mrs.

Bryant compreendia isso e intervinha rapidamente, como sômente ela sabia fazê-lo.

Chantley fêz silêncio e Hanslet arriscou uma palavra:

— Quais eram os metodos de Mrs. Bryant?

— Não gosto de falar dessas coisas, sobretudo agora que está morto Pershore. Mas o senhor pertence à policia e eu não posso esquecer isso. Para dizer as cousas em uma só palavra, Pershore, como todo celibatario de sua idade, gostava da sociedade das mulheres belas. Betty sabia muito bem o que fazia, convidando constantemente Irene Sulgrave para a casa dela. Ora, a César o que é de César... Quero dizer, apenas, que êle gostava de ver lindas mulheres em tórno a si. Não procurava escondê-lo, dissimular as coisas aliás. E as preferia quando casadas. Estavam menos aptas a armar-lhe algum laço... Mrs. Bryant é uma mulher de forte personalidade e pode apresentar-se com elegância e encantos, desde que assim o queira. Como que se impôs a tarefa de ocultar, apagar, Irene Sulgrave, tomando lugar no coração de Pershore. Eu sei, pela própria confissão de Pershore, que ela ia vê-lo sem o marido, muitas vêzes. Almoçavam juntos, a sós, em Londres. Que mal poderia haver nisso? Depois de tudo, era sua sobrinha, por afinidade. Livre em seus movimentos, talvez o sucesso tivesse coroado os seus esforços. Mas Betty Rissington estava atenta. Sabia que Ellen devia reconhecer que ela, em breve, mandaria em Irene Sulgrave; como antidoto, crei eu. E as duas mulheres tratavam indignamente a infeliz Mrs. Bry-



— DOIS cocktails de frutas, DOIS consommés, DOIS roast-beefs, DOIS cafés!

ant. Eu as compreendia muito bem. E também minha senhora.

Isto não era desprovido de interesse. Hanslet não entrevira em Mrs. Bryant um fator de drama.

— Qual é sua impressão pessoal em relação a Mrs. Bryant?

— É uma senhora habil e decidida, tendo muito mais bom senso do que tôdas as outras reunidas. Pode ser que não lhes seja agradável, mas sabe mostrar-se agradável quando a inveja a assalta. Já faz bastante tempo que não a vemos, pela simples razão de que nos evita. Pershore não gostava que os seus amigos mantivessem relações de amizade com os que lhe tivessem caído em desagrado.

— Que teria causado essa situação perante Mr. Pershore; o senhor ou Mrs. Chantley?

— Ele implicava com qualquer pessoa que não se sujeitasse a estar sempre com os seus pontos de vista. Não quero que o senhor deixe nossa convicção de que eu procurava denegrir a memória de Pershore, influenciando o espírito do amigo. Ele havia acumulado grossa fortuna com os seus próprios esforços. Nos seus negócios era ele muito severo, mas muito honesto e escrupuloso. Muito franco, jámais recuava de sua palavra. Podia ser extremamente generoso e não tinha vícios. Era, porém, intolerante ao mais elevado grau. Quem não fôsse de sua opinião passava a ser um ser desprezível e até mesmo perigoso. E aquêle que persistisse em sua oposição a ele, Pershore jámais o perdoaria. Faria tudo para prejudicar essa pessoa e, se isso fôsse impossível, ele a riscava definitivamente de sua existência.

— Poderia eu perguntar-lhe qual o motivo que pôs fim à amizade que lhe dedicava Mr. Pershore? — Disse Hanslet.

— Porque não? Coloquei-me no lugar de quem não concorda com ele e... eis tudo! O objeto de nossa discussão era sua governanta, Mrs. Markle.

O comissário lembrou-se do pouco interesse dessa senhora em falar acêrca dos Chantley. Entretanto, calou-se, preferindo ouvir as explicações de seu interlocutor. Chantley prosseguiu:

— A situação de Mrs. Markle naquela casa era das mais curiosas. Tinha tôdas as inconveniências de uma condição servil, sem receber em troca nenhuma vantagem. Era tratada como uma doméstica, mas uma empregada a quem se incumbia tôda a responsabilidade da casa. Além de tudo, quando era Pershore sacudido por seu mau humor, Mrs. Markle era sempre o alvo escolhido... Não quero dizer que ele tenha desejado ser cruel; mas o fato existia; ele tratava indignamente aquela pobre mulher. Ninguém ignorava que ambos foram educados juntos. Esse individuo de Hardisen sabe muito bem disso. Mais do que ninguém. Ele os conheceu quando meninos, penso, e costumava chamar sempre Mrs. Markle, de Nancy, o que irritava a Pershore, sem que o velho de Firlands pudesse protestar. Nunca pude compreender o motivo por que Pershore tratava Mrs. Markle como a um ser inferior. Sabia que podia fazê-lo impunemente, pois ela não o deixaria, de maneira alguma. Era-lhe devotada de corpo e alma como um cão a seu dono. Pershore não ignorava isso e procurava tirar partido. Gostava de fazer comparações em tôrno de diferenças de condições, confrontando a pobreza de uma com a prosperidade dele e dizia: "veja até onde cheguei pelo meu valôr pessoal!" O senhor me compreende, não?

— Muito bem, disse Hanslet. O senhor sabe, sem dúvida, que Mr. Pershore contemplou Mrs. Markle em seu testamento?

— Eu o ignorava, embora o previsse. Ela bem o mereceu, creio. Eu tremia ao ver como Pershore lhe falava. Até que um dia, já lá se vão al-

guns meses, não pude mais conter-me e lhe disse umas verdades. Respondeu-me que tinha o direito de tratar sua governanta como bem lhe aprouvesse. Repliquei-lhe que um homem com vida tão prospera não devia jámais conduzir-se como um tropeiro. O resultado, o senhor deve calcular: frieza em nossas relações. E devo adiantar-lhe que nenhum de nós procurou a reconciliação.

— Cré o senhor que Mrs. Markle tenha guardado rancor a Mr. Pershore?

Chantley dirigiu ao comissário um olhar penetrante.

— Não sei. O senhor a conhece e lhe falou. Ela sempre me pareceu muito reservada. Aparentemente as brutalidades de Pershore não a atingiam. Por outro lado, nunca se mostrava ela satisfeita quando, por acaso, ele parecia amável. Não creio que pudessemos, eu ou o senhor, vir a saber o que Mrs. Markle pensa ou sente. Ela fala muito, mas sua conversação é tôda superficial.

O comissário julgou chegado o momento de voltar aos Bryant que o interessavam muito mais do que Mrs. Markle.

— Devo compreender que o senhor romperá, igualmente, com o sobrinho e a sobrinha de Mr. Pershore?

— Com miss Rissington, certamente. O mesmo, porém, não sucedeu com Mr. Bryant a quem encontro de tempos em tempos. Na última segunda-feira, por exemplo.

— Viu Mr. Bryant na segunda-feira passada? — Repetiu Hanslet com surpresa. No dia da morte de Mr. Pershore?

— Sim. Não lhe disse ele? No Salão de Automóvel. Eram duas e meia, mais ou menos. Trocamos algumas palavras e nos separamos. Não o vi depois disso senão no enterro, ontem.

— Mrs. Bryant estava com ele?

— Não. Ele estava só. Pareceu surpreendido e mesmo contrariado ao ver-me. Tão surpreendido quanto eu mesmo ao saber que Pershore tinha ido também a Olimpia. Era que entre mim e Pershore havia um ponto comum: ambos eramos parecidos neste particular, isto é, os automóveis não nos interessavam de forma alguma. Nunca os possuí e espero jámais possuí-los. Quando preciso viajar, alugo uma viatura; é mais barato e me poupa aborrecimentos.

— Ainda não pude descobrir o motivo da visita de Mr. Pershore a Olimpia, disse Hanslet.

— Assim? Talvez o mesmo que eu tive. Muita gente vai ao Derbi sem olhar as corridas, bem como há muitos que vão ao Salão e nem olham os automóveis expostos. É este meu caso. Mas gosto de ver a multidão. É o meu fraco. Confesso.

— Não encontrou, por acaso, Mr. Pershore?

— Não. Ficariamos muito surpreendidos se nos encontrássemos. Mas, alguns minutos de ligeira conversa com Bryant, observei um movimento anormal na massa e vi, em seguida que passavam dois enfermeiros conduzindo uma maca. Não fui certificar-me do que se passava e sai quase ao mesmo tempo.

— Depois que Mr. Bryant o deixou, dirigiu-se ele para aquêle mesmo lado?

— É possível. Mas não posso afirmá-lo. Perdi-o de vista quase que imediatamente.

— Mr. Hardisen também estava em Olimpia, segunda-feira. Viu-o lá?

Mr. Chantley fez um gesto negativo.

— Em meio de multidão tão densa, não se podia ter muita chance de encontrar-se um conhecido.

Hanslet se despediu. Não havia perdido o seu tempo. Sem o saber Mr. Chantley lhe havia permitido divisar o problema sob outro prisma. Por esse motivo convenceu-se o comissário de que pre-

— cisava revisar sua teoria anterior. Era indispensável cumprir um ponto: interrogar Philip Bryant sem mais um minuto de tardança.

— Voltando a Londres, Hanslet se dirigiu à residência de Bryant, em Bayswater. Sentiu muita satisfação de lá encontrá-lo e percebeu que a acolhida que lhe fez Bryant revelava uma certa contrariedade.

— Eis aqui uma visita inesperada, Mr. Hanslet. Descobriu algo de novo sobre a morte de meu tio?

— Prossegui no meu inquérito, respondeu o comissário e é justamente para verificar a exatidão de certas circunstâncias que tive de vir vê-lo mais uma vez. Podia o senhor, em primeiro lugar, dizer-me onde estava, sábado último às nove da noite?

— A pergunta como que surpreendeu Philip.

— Onde eu estava? Posso dizer-lhe, sim. Um cliente me havia pedido para jantar com êle afim de conversarmos sobre negócios.

— O senhor possui uma viatura?

— Sim. Mas não me servi dela àquela noite. Tomei o "metro" de Baker Street na ida e na volta. Voltei à minha casa à meia noite.

— Sua senhora o acompanhou?

— Não. Tratava-se mais de um encontro para negócios do que mesmo um convite para jantar. Minha mulher jantou mais cedo afim de ir ao teatro.

— Que marca tem seu carro?

— E' um pequeno carro "Comet". Amigo que sou de Sulgrave, não podia comprar de outra marca. Sulgrave é bom vendedor; pelo menos para os seus amigos. Ele deseja tomar meu carro do ano passado para vender-me um dêsse de novo modelo.

— Foi êsse o motivo que o levou ao Salão, na segunda-feira passada?

— Em parte. Mas em vão tentei aproximar-me do Stand da "Comet". Eis por que motivo tudo eu ignorava acêrca do acidente sobrevivendo a meu tio. Não pude ficar mais tempo. Regressei ao meu escritório às quatro horas.

— Encontrou em Olimpia, alguma pessoa conhecida?

— Sim, Chantley, um antigo amigo de meu tio. Sua presença me surpreendeu, bem como a de meu tio, uma vez que ambos nunca se interessaram por assunto de automóveis.

— Não encontrou o senhor, igualmente, Mr. Hardisen?

— Philip lançou ao comissário um olhar perscrutador.

— Hardisen! Esteve êle lá?

— Ao que êle diz, esteve. E teria visto seu tio, com o qual não falou, naturalmente.

— E' extraordinário! Hardisen é um homem incrível, um impulsivo! Não sei mesmo se êle estaria de todo na ignorância sobre a morte de meu tio. Sabia o senhor que êle andava de brigas com o falecido?

— Antes que me esqueça, Mr. Bryant: Mrs. Bryant costumava dirigir seu carro?

— Quase sempre. Quando saímos vai ela, constantemente, ao volante.

— Passaram a tarde de domingo em Firlands? Depois do almoço o seu tio o conduziu ao seu escritório. Esteve o senhor, ali a sós, por uns instantes?

— Sim. Um ou dois minutos, enquanto foi meu tio à reservada que fica do outro lado do corredor.

— ... esteve o senhor no gabinete de toilette dele afim de lavar as mãos?

— Para a perspicacia de Hanslet, pareceu que Bryant vacilava.

— E' exato-respondeu com frieza. Onde poderia eu ir? Não há lavatórios no andar térreo!

— Teria o senhor, por acaso, atravessado o quarto de seu tio?

— O quarto? — exclama Philip — Que idéia, Mr. Hanslet! Porque deveria fazê-lo? Tudo o de que precisava tinha eu no gabinete de toilette.

— Está o senhor bem certo disso, Mr. Bryant?

— Insistiu o comissário.

— Absolutamente certo. Nem mesmo pensei nisso.

— Seguiu-se ligeiro silêncio. Philip se enervava. Inopinadamente Hanslet mudou de tática.

— Conhece as causas dos desentendimentos de seu tio com Mr. Chantley?

— Não com muita precisão, responde êle visivelmente aliviado. Chantley, de certo, o aborrecera. Meu tio nunca me falou disso, mas Mr. Chantley me deixou perceber que o caso se ligava a uma discussão a respeito de Mrs. Markle. Uma dessas discussões ridículas como eram as de Mr. Hardisen. O senhor esteve ontem com êle. Com certeza Hardisen já o informou de tudo.

— Com efeito, manteve com êle uma conversa bastante interessante, Mr. Bryant. Mas... permita-me o fazer-lhe ainda uma pergunta: o senhor conhecia a cláusula do testamento de seu tio referente à anulação da hipoteca de High Elms. Dissera o senhor qualquer coisa a tal respeito, a Mr. ou a Mrs. Sulgrave?

— Ai está uma pergunta que cheira a forte insulto, diz Philip franzindo as sobrancelhas. Além de um homem da lei, não costumo divulgar segredos de meus clientes.

— Minha pergunta não teve nenhuma intenção menos justa. Mrs. Markle sabia que Mr. Pershore a mencionava em seu testamento?

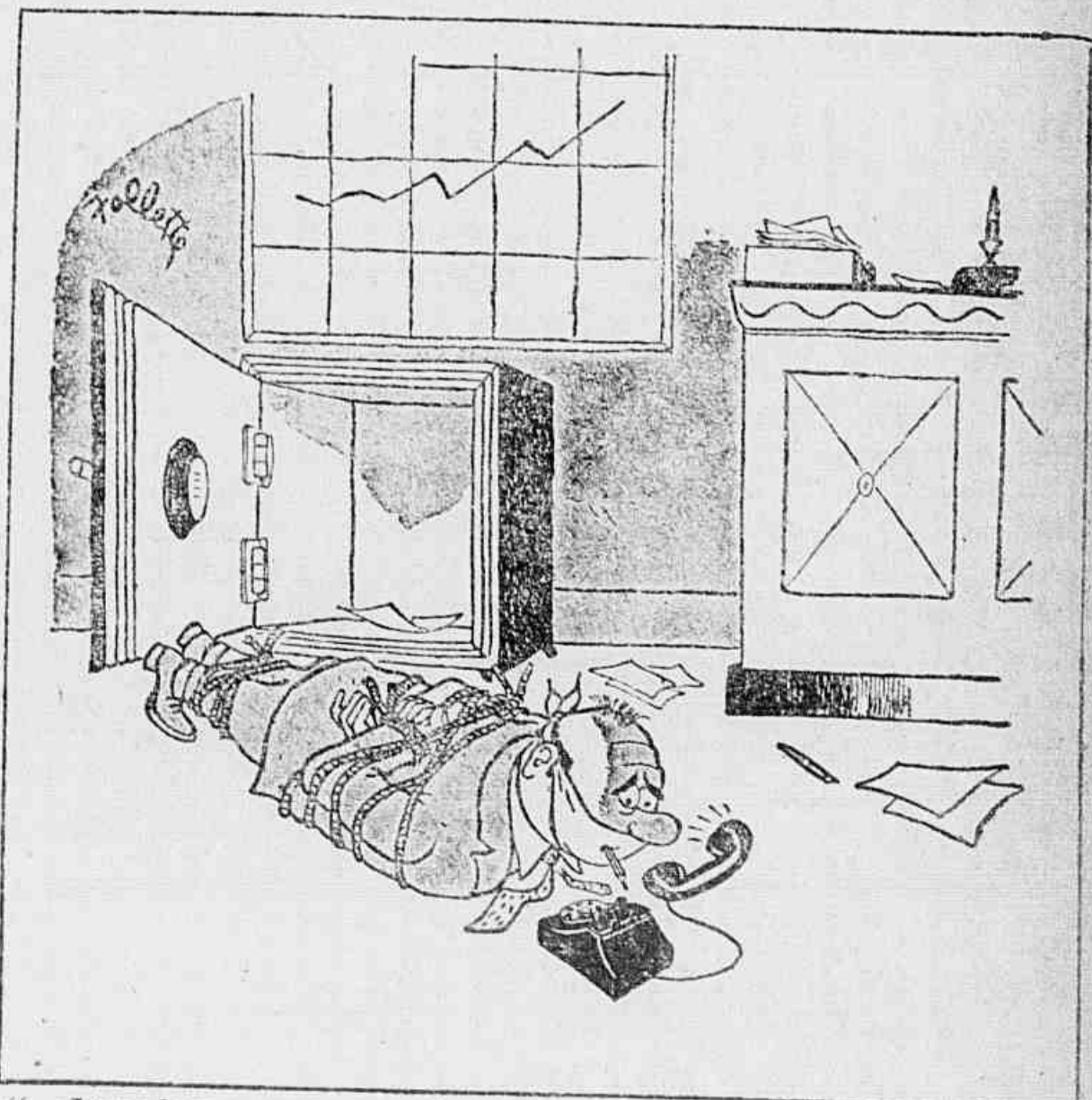
— E' muito provavel. Betty o sabia e é certo que ela o havia transmitido a Mrs. Markle. O senhor conhece as mulheres!

— Não acha que seu tio houvesse dito, êle mesmo, à sua governante?

— Não. Pelo menos até onde sei as cousas, êle não discutia assuntos de natureza íntima, e sim, conversava apenas sobre motivos puramente domesticos.

— Não seria curioso que se analisassem as suas relações antigas?

— Não deve o senhor esperar que eu faça qualquer crítica das relações que existiram há tempos entre meu tio e a sua governante de agora. Pergunte a Betty. Ela poderá dizer algo. Posso, entretanto assegurar-lhe que Mrs. Markle não tem de que se queixar. Ela recebe da morte de meu tio um proveito certo. Não é êste o meu caso. Se-



“...deve haver engano. Queira desligar e discar novamente”

rei obrigado a sacar fundamente de meu bolso recursos necessários afim de suprir a insuficiência do ativo da sucessão.

— Creio, da mesma forma que o senhor, que ela não pode lamentar-se agora, diz Hanslet. Mas, não crê o senhor que Mrs. Markle tenha podido guardar rancôr em face da maneira por que o seu tio a tratava?

Um certo espanto se desenhava na face do solicitador.

— Confesso que jámais pensei em tal coisa, disse êle.

— E' meu dever descobrir a verdade esteja ela onde estiver, Mr. Bryant. Qualquer que seja a causa primária da morte de seu tio, estabeleceu o inquérito que alguém atentou contra sua vida. A menos que êle houvesse resolvido matar-se...

Philip moveu negativamente a cabeça.

— Seria êle o último a fazer isso, diz.

— Voltemos, mais uma vez à hipótese do assassinio. Ninguém comete êsse crime sem um motivo imperioso que o impulsione até ao ato de causar a morte de sua vítima. Qual, dentre os amigos de seu tio poderia ter semelhante motivo?

— Em primeiro lugar, os beneficiários do testamento, diz Philip.

— Não os esqueci, Mr. Bryant. Mas tenho a impressão de que, talvez, haja motivos menos aparentes. Ninguém mais do que o senhor sabe dos negócios de seu tio. Poderia fornecer-me algumas sugestões?

Philip refletiu alguns instantes, antes de responder.

— Eu ignorava, e somente agora sei porque o senhor mesmo me revelou, que houvesse estado Hardisen, em Londres, segunda-feira última. Dêsde que dia estava êle lá? Sabe?

— Dêsde sábado ao meio dia, conforme êle mesmo m'o confessou.

— Deveras? Como já lhe havia dito eu, Hardisen e meu tio estavam zangados um com o outro. De amigos íntimos que eram, tornaram-se inimigos declarados. E Hardisen é um impulsivo.

— Já o notei, respondeu Hanslet reprimindo um sorriso. Mas êle não teve acêso a Firlands antes da morte de seu tio. Nada poderia fazer.

Philip franziu as sobrancelhas. Seus dêdos tamborilaram nervosamente sôbre a mesa.

— O senhor sabe como me é desagradável discutir tais coisas. A suspeita deve cair, necessariamente, sôbre meus amigos ou sôbre membros da minha família. Já pensou na hipótese de ter Hardisen um cúmplice na casa de meu tio?

— Analisei essa possibilidade, respondeu gravemente Hanslet. Não me escapou que Mr. Hardisen e miss Betty parecessem muito ligados um ao outro.

— Betty! — Exclamou Philip. Mas isso seria horrível! Não notou que Mr. Hardisen é a única pessoa no mundo a chamar Mrs. Markle por seu prenome?

— Êle a conhece dêsde muito criança, conforme declarou.

— Sim. E' verdade. Mas isso não agradava a meu tio. Penso que tinha lá suas razões.

A declaração de Bryant se tornava misteriosa.

— Que razões seriam essas, então?

— Razões que não interessam nem a mim, nem ao senhor. Meu tio, se tratava mal a Mrs. Markle, não deixava de apreciar os seus serviços. Cuidava muito bem da casa, e a mantinha como jámais se vira. Êle temia, sôbre tudo, que alguma coisa a desgostasse e ela deixasse o serviço.

— Houvera alguma ameaça?

— Ignoro.

Depois de breve pausa, prosseguiu:

— Achava meu tio que Hardisen tinha os olhos sôbre ela. Disse-me êle certa vez, depois de Hardisen passar uma tarde em Firlands. Hardisen é

viúvo. Segundo meu tio, teria êle desejado tornar Mrs. Markle sua espôsa. Em que se baseava? Não sei. Mas continuo a pensar e estou convencido que foi essa idéia que o fêz brigar com Hardisen. Uma briga ridícula...

— Acha o senhor então, que, se Mr. Hardisen tivesse um cúmplice na casa de Mr. Pershore, êsse não poderia ser outro que não Mrs. Markle?

— E' minha opinião. Mrs. Markle? tinha tôda a liberdade de ação. Poderia mui facilmente envenenar meu tio. Hardisen podia dar-lhe os meios; ela não teria mais que empregá-los.

Hanslet ergueu-se.

— Eu lhe agradeço, Mr. Bryant. Deu-me bastante materia para reflexão. A proposito, sabe o senhor, talvez, onde está, atualmente, Mr. Micah Pershore, irmão de seu tio?

Philip lançou ao comissário um olhar de surpresa e começou a rir.

— Micah Pershore? Oh! Não é mais que um simples nome para mim. Deixou o nosso país antes de eu ter nascido, conforme dizem. Êle rompeu com todos os da família. Ignoro tudo o que diz respeito ao mesmo. E' fácil de o senhor compreender.

— Sinto muito, diz Hanslet. Nesse caso, permita-me que me retire. Boa noite, Mr. Bryant.

O comissário saiu, e, a despeito da hora avançada, dirigiu-se para a Scotland Yard.

CAPÍTULO XI

No dia seguinte, um sábado, e, como costumava ser, ia sempre o Dr. Oldland jantar em casa do Dr. Priestley. Naquele sábado não abriu exceção ao antigo hábito.

— Button veio ver-me, disse Oldland sentando-se em uma poltrona da biblioteca depois do jantar. Foi êle, sabe você sem dúvida, que fez a autopsia do infeliz Pershore. Foi a tal respeito que me procurou para conversar. Desejava saber se eu tinha algo a sugerir-lhe alguma nova sugestão, em virtude da retomada do inquerito pelo juiz preparador do processo.

— E você o pôde satisfazer? — Pergunta Priestley.

Infelizmente, não. Clinicamente falando, essa morte se mantém um mistério. Um colapso cardíaco que nada o justifica. Em morte por síncope, a autopsia tudo esclarece, encontrando-se alguma coisa, uma lesão do coração, por exemplo; uma indicação, ao menos. No caso de Pershore, nada se conseguiu descobrir. Quanto aos agentes venenosos colhidos no organismo, nenhum dentre os mesmos poderia provocar a paralisação subita do coração.

Eu e Button — prosseguiu — discutimos o caso a fundo. Para terminar, chegamos a esta conclusão: que a morte de Pershore deve ter sido provocada por causas a que dá a lei o nome de naturais. Expressão absurda que apenas significa não haver ninguém culpado. O estado atual de nossos conhecimentos não pode permitir vislumbramos outra solução.

— E' ela muito pouco satisfatória, diz o Dr. Priestley.

— Não vale nada, quer o amigo dizer. Depois que Button se foi passei a consultar os tratados e manuais para ver se não haveria um meio de encontrar outra solução. E, absolutamente por acaso, vim diante de um assunto que desejei discutir com você. Creio que há aqui um Dixon Mann, não?

Ergueu-se e, atravessando a sala retira de uma das prateleiras da biblioteca um grosso volume intitulado "Medicina e Toxicologia Legais", de J. Dixon Mann, M. D. — F. R. C. P. (*) Com o livro na mão, volta Oldland a sua poltrona e prossegue.

— Permita que lhe leia uma passagem desta obra, sem fazer comentários; ei-la: "A morte súbita pode vir por meio de um golpe à boca do estômago; neste caso, é provável que sobrevenha a morte por paralisia reflexa do coração. Maschka cita dois casos: o de um jovem atingido por um sôco no estômago, e o de um homem forte, que recebera no mesmo lugar um golpe com uma pá. Em ambos os casos, os resultados da autópsia foram nulos, negativos. Beach registra o caso de um homem embriagado e que foi detido por policiais numa rua. Resistindo violentamente à prisão, um dos guardas lhe vibrou um golpe com o casse-tête na região epigástrica. E quando o apresentaram na delegacia, já era cadáver. Entretanto não descobriram nenhum traço de ferimento externo ou interno".

Oldland pousou o livro ao lado. E continuou:

— Como já lhe disse, foi por acaso que dei com os olhos nesse passo. Mas, confesso, me fez pensar. A semelhança entre os casos mencionados e a morte de Pershore é extraordinária. Dixon Mann a descreve com tôdas as letras: "a autópsia não deu nenhum resultado". Não revelou nada. No último exemplo, foi ainda mais explícito: "não se encontrou nenhum traço de ferimento interno ou externo".

— E' muito interessante, diz o Dr. Priestley. Sabemos agora que Pershore pode ter morrido de um golpe no estômago. E' uma probabilidade de caráter médico. Mas, na prática, algumas dificuldades se nos apresentam. Pershore morreu, se não me engano, em meio de densa multidão, não foi isso mesmo?

— Sim, sei bem. Mas não é isso argumento decisivo. A massa era, evidentemente compacta. Eu mesmo a atravessei e constatei essa verdade. O tratado de Dixon Mann menciona três casos: um sôco, um golpe com a pá e um casse-tête. Nenhum desses casos se ajusta ao de que nos ocupamos. Em qualquer deles o agente teria necessitado de espaço suficiente para vibrar o golpe. Mas, suponhamos que a arma tivesse sido excepcionalmente outra? Uma muito pesada, por exemplo. Percebe?

O Dr. Priestley se acomoda em sua cadeira e fixa o teto como quem medita.

— Muito bem. A intensidade de um golpe depende do pêso da massa da arma empunhada, bem como da rapidez com que, no momento, atinge o seu objetivo. Uma arma leve, mas impulsivada de grande velocidade, dará um golpe tão violento, como uma arma pesada, mas dotada de velocidade mais reduzida.

No caso — continuou êle — de golpe vibrado por um objeto que se tenha na mão, é obtida a velocidade necessária com um movimento do braço bastante largo, para criar o impulso; mas, se se trata de objeto muito pesado, de várias libras, o golpe produzirá o mesmo efeito sem que seja preciso um movimento do braço muito grande, bastando algumas polegadas. E' êste o seu pensamento?

— Exatamente. Um golpe sêco, no estômago, com o punho munido de algum corpo pesado a fim de produzir um resultado fatal. Os gladiadores romanos, êles mesmos, usavam uma espécie de luva fortemente guarnecida de metal, ou seja a manopla, com o fim de aumentar o peso do punho e, conseguintemente, obter golpes mais possantes, com o mesmo espaço percorrido pelo braço.

A "Comet" montou seu stand em Olimpia em meio de peças metálicas de formas e de variados tamanhos. Eram, segundo me disseram, peças destacadas de seu novo sistema de transmissão. Suponhamos que alguém se houvesse servido de

uma dessas peças, algumas das mesmas bastante pesadas. Um golpe em curto espaço, mas vibrado com um desses pedaços de metal seria suficiente para produzir um choque perigoso.

Não há nisso nenhuma intenção de prejudicar o andamento da pesquisa. Mas esta hipótese me parece muito aceitável. A multidão era bastante densa e permitia agir com absoluta impunidade. Tôda aquela gente imprensada uns contra os outros, como manequins de modistas não despregavam os olhos do empregado a demonstrar as excelências do novo sistema...

O Dr. Priestley o interrompe sem mesmo desculpar-se.

— Quando fecha o Salão?

— Esta noite, às dez horas, disse Oldland.

O Dr. Priestley se ergue e consulta o relógio.

— São nove horas menos cinco. De táxi poderemos estar em Olimpia dentro de vinte minutos. Preciso observar tudo isso indo ao local. Pode acompanhar-me?

Oldland fez uma cara de quem não gostou muito da sugestão. E' que êle preferia ficar-se ali, junto ao fogo, bebericando o excelente uisque do seu amigo.

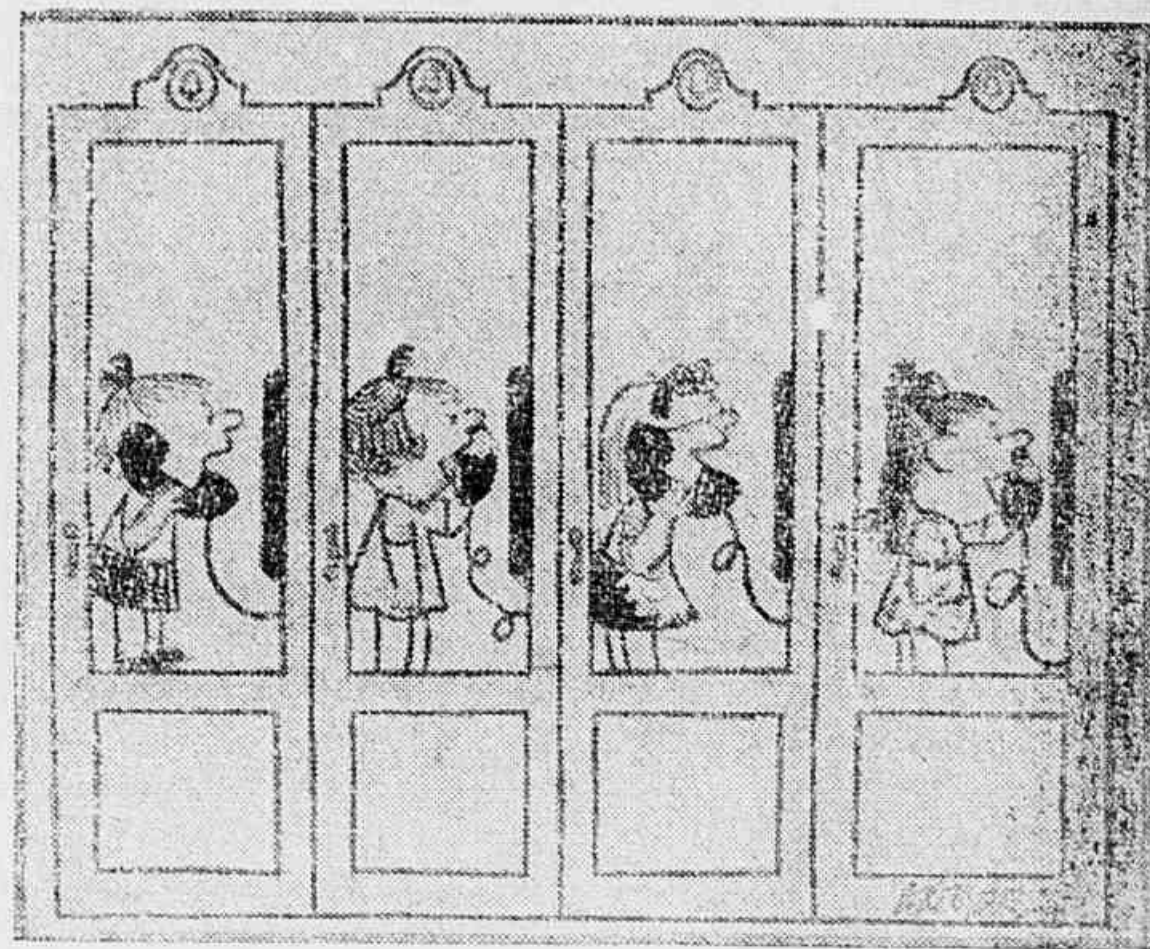
— Preferia esquivar-me a isso; entretanto, vamos lá, se é assim que o deseja.

Harold Merefield já estava ao telefone pedindo um táxi. Cinco minutos depois estavam êles a caminho. Ainda não eram nove e meia, quando ambos penetravam no vasto "hall" de Olimpia. O Salão de Automóveis ia fechar suas portas e a afluência era intensa. Os stands, as aléias, tudo parecia bloqueado por uma compacta massa humana.

Mas o Dr. Priestley e Oldland eram decididos. Levavam sôbre os que o circundavam o objetivo que até ali os levaram e, após pacientes esforços chegaram às proximidades do stand 1.001.

Ali era necessário ficarem. Não podiam avançar mais. No stand, George Sulgrave demonstrando em seu rosto as fadigas registradas durante o decurso desses dez longos dias de incessante trabalho de exposição ao público, fazia uma demonstração da transmissão Lovell. Sua voz se perdia no murmúrio confuso da multidão. Um grupo se espremia em redor do stand, acompanhando com os olhos tôda a exposição e esclarecimentos que eram feitos acêrca das diversas partes do "chassis" colocado diante do expositor.

— Está vendo? — Diz Oldland. — Não há um só desses imbecis que preste a menor atenção a qualquer de seus vizinhos. Tratemos agora de nos aproximarmos.



— Posso ir ao cinema, mamãe? As mães das outras meninas disseram que elas podiam ir!

(*) — Dr. em Medicina-Membro da Academia de Medicina.

Passo a passo foram êles avançando para o stand até que não ficaram distantes dele mais que alguns passos.

— Estamos agora justamente no local em que se achava Pershore no momento em que tombou. Eu estava diante, dele, próximo aos cordões de isolamento. Ai!

Uma dor violenta em suas costas lhe cortou a conversa. Olhou em torno a si. Nenhum dos seus vizinhos havia retirado os olhos do demonstrador. De pé, a um lado, o Dr. Priestly olhava atentamente para a frente.

Oldland se pôs a rir. Em seguida prosseguiu.

— De nada valeu o metodo experimental. Você está vendo que era possível. Em todo caso, me convenceu: ninguém viu que você me golpeou. Pershore cai ao chão e a multidão se afasta a exclamar: oh! Nada mais. O assaltante se aproveita da confusão para escapar. Agora veja aos seus pés essas peças em fila.

— Sim; vejo-as, diz o Dr. Priestley. Estão apenas colocadas na borda do stand. Mas, segundo parece, estão ligadas entre si por forte corda. Seria impossível retirar uma sem deslocar as outras.

— Claro! E' verdade! — Diz Oldland. E' curioso! Teria jurado que não estavam amarradas umas às outras. E' estranho que...

A êsse momento a orquestra começa a executar o "God Save the King". Eram dez horas da noite. A multidão se cala, imobilizada e, em seguida, começa a dispersar-se. Um caudal humano se forma e se dirige, lentamente, para as portas.

— Muito bem. Está satisfeito? — Pergunta Oldland.

— Um momento. Desejo fazer uma pergunta a um dos empregados dêsse stand.

A multidão escoara. Em pouco tempo já não havia ninguém entre êles e o "chassis" que havia interessado tão fortemente os visitantes do Salão. O Dr. Priestley deu alguns passos e George Sulgrave, já no instante de deixar o stand se volta para êle.

— Queira desculpar, — diz o doutor. Podia dizer-me por que motivo estão estas peças avulsas ligadas entre si?

Todo empregado de um stand de exposições deve estar sempre pronto a responder com paciência às perguntas que lhe fazem os visitantes; se alguém lhe pergunta porque os pneus guarnecem as rodas do auto em lugar de serem colocadas no teto ou capota, deve o empregado explicar polidamente que são postos nas rodas para amortecer os choques da marcha. George Sulgrave teve um sorriso para aquêle velho senhor que se demorava ali apenas para conhecer um detalhe tão insignificante!

— Para impedir que nos levem, senhor!

— Espanto-me ao saber que alguém fôsse tentado a fazer isso, notou Priestley.

— Da mesma forma. No começo não os protegiamos com essa ligação, até ao dia em que uma dessas peças desapareceu.

— Na segunda-feira passada, não foi?

George Sulgrave pareceu surpreendido.

— E' exato, senhor; saberia, por acaso, quem foi que a levou?

— Não. Posso pedir-lhe que m'a descreva como era?

Com o dedo, mostra Sulgrave um bloco de aço em forma de cogumelo.

— Era uma destas aqui. O ladrão a abandonou

em um dos carros expostos no stand da "Solent". Com certeza a achou muito pesada e largou-a na primeira oportunidade. Achou-a um dos meus amigos e m'a entregou.

O dr. Priestley a observa com muito interêsse.

— Poderia dizer-me que pêso tem?

— Umas doze libras, respondeu Sulgrave um tanto já impaciente. Desculpe-me senhor, mas o Salão acaba de fechar. Queira ter a bondade de vir ver-nos na segunda-feira em nossos salões de exposição. Terei muito prazer de fornecer-lhe todos os esclarecimentos em que esteja interessado.

Priestley já sabia o bastante. Saudando cortêsmente a Sulgrave, dirigiu-se para a saída seguindo de Oldland.

Dirigiram-se para Westbourne Terrace e lá encontraram Merefield fazendo companhia ao comissário Hanslet.

— Achei conveniente esperá-lo, Dr. Priestley, disse Hanslet. Estou aqui já faz perto de uma meia hora, e soube pelo Sr. Merefield que o senhor fôra ao Salão. Antes tarde do que nunca!

O Dr. Priestley parecia estar de excelente bom humor.

— Uma visita muito interessante, Comissário. Veio o amigo comunicar-me que desvendou o problema da morte de Pershore?

— Infelizmente ainda não cheguei a êsse ponto. Mas, antes de falar-lhe de meus progressos, cedo a palavra ao Sr. Merefield, que segundo creio, tem algo a dizer-lhe.

— E' que veio um outro visitante, Doutor, — diz Hanslet. Não quis esperar, nem dar seu nome, acrescentando que voltaria mais tarde. Parecia estar muito interessado em ver o Sr. Hanslet.

— Por êsse motivo também fiquei, acrescenta o comissário. — Pela descrição do Sr. Merefield, trata-se de meu amigo Hardisen.

— Terei muito prazer de conhecê-lo, respondeu Priestley. Agora, meu caro comissário, conte-nos os seus sucessos.

Hanslet resumiu sua conversa com Betty Rissington, Mrs. Sulgrave, Mr. Chantley e Felipe Bryant.

— Começo a perceber com clareza o meio social em que vivia Pershore. Estava, evidentemente, cercado de pessoas que desejavam sua morte por diversos motivos. E em cada lugar êsses interessados pareciam formar um par...

Em primeiro lugar-prosseguiu temos miss Rissington e sua amiga Mrs. Sulgrave. Ambas declararam nada saber. Miss Rissington tinha tôdas as faculdades de ação. As duas amigas se beneficiavam com a morte de Pershore. E elas tinham um representante de seus interêsses em Olympia, na pessoa do marido de Mrs. Sulgrave. Em seguida vem a parêlha Hardisen — Mrs. Markle. Hardisen confessa ter dado o tiro em Pershore na noite de sábado. Mrs. Markle tinha ainda mais liberdade de ação na casa do que Miss Rissington. Hardisen declara, sem nenhum constrangimento, que êle quis vingar-se de seu antigo amigo. Por sua vez pode Mrs. Markle guardar rancor de seu patrão, por suas brutalidades. Hardisen ainda confessa que estava em Olympia, quando se deu a morte de Pershore.

(Continua)

REVELANDO O BRASIL AOS BRASILEIROS

BARRA DO GARÇAS,

ESTADO DE MATO GROSSO

IGNEZ MARIZ

A reportagem sobre Altamira bateu o recorde, em correspondência, sobre tôdas as demais que temos publicado nestas páginas. Leitores dos mais longínquos recantos escreveram pedindo novas informações sobre as imensas comunas encravadas no Centro ou no Extremo-Norte do país.

Saibam pois, todos quantos este instrumento de divulgação virem, ou dele tiverem notícia, que são quatorze, os municípios brasileiros medindo mais de cem mil quilômetros quadrados, na seguinte ordem: 1.º lugar — Altamira, Estado do Pará, contando 258.424 km²; 2.º — Barra do Garças, ex-Araguaiana, Estado de Mato Grosso, 181.082 km²; 3.º — Cuiabá, (capital do Estado de Mato Grosso) 177.099 km²; 4.º — Pôrto Velho (capital do Território do Guaporé) 170.069 km²; 5.º — Uaupés, Estado do Amazonas, 169.051 km²; 6.º — Itaituba, Estado do Pará, 160.863 km²; 7.º — Boa Vista (capital do Território do Rio Branco) 155.426 km²; 8.º — Aripuanã, Estado de Mato Grosso, 154.118 km²; 9.º — Borba, Estado do Amazonas, 133.693 km²; 10.º — Diamantino, Estado de Mato Grosso, 134.930 km²; 11.º — Barcelos, Estado do Amazonas, 128.847 km²; 12.º — Tefé, Estado do Amazonas, 122.835 km²; 13.º — Oriximiná, Estado do Pará, 108.003 km²; e 14.º Lábrea, Estado do Amazonas, contando 104.700 km².

Dêses Quatorze Grandes o "menorzinho" ainda aguentaria, dentro da sua área, quase duas vezes o Estado da Paraíba!

Goiás velho está se civilizando. Nada além de cem mil quilômetros quadrados! O seu maior, Pôrto Nacional, conta, apenas, 85.897 km². Todos os demais municípios do Estado são pequenos. Isto é, "pequenos" à moda da região, pois que, dos 77 municípios goianos, oito ainda são maiores que o Estado de Sergipe...

Vamos hoje estudar Barra do Garças (ex-Araguaiana) o segundo município brasileiro em extensão, "irmão xifópago" do município de Altamira, pois a ele se liga fraternalmente nos confins das matas virgens.

Fundara o Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, à margem direita do rio Araguaia, um povoado com a designação de "Re-

... "Se o nobre deputado quer autoridades sobre a necessidade da divisão das Províncias, poderia ter citado a do Marquês do Paraná e a do Senador Vergueiro, que queriam que entre nós houvesse DELEGACIAS DE PRESIDÊNCIA, ou TERRITÓRIOS, "ad instar" do que se tem praticado nos Estados Unidos, porque aquelas regiões que não tivessem ainda os elementos necessários para constituir Províncias, mas que os pudessem ter, pela sua vastidão e afastamento dos atuais centros administrativos, tivessem, contudo, administrações locais como "Delegacias de Presidência". E eu não estou longe desta idéia. Se traduzir-se em lei este pensamento, terá a minha aprovação; uma vez que o nosso funcionalismo provincial é um pouco numeroso e dispendioso, e que não podemos acabar com êle, por ser próprio do nosso sistema, não se deixem de dar centros administrativos a certas grandes regiões, embora não tendo o nome de Províncias, mas de Delegacias de Presidência, de modo que essas grandes regiões recibam mais alguma vida do que aquela que de longe lhes é dada, e possam constituir-se Províncias em um futuro mais próximo, por isso que merecem ou necessitam ter os cuidados de uma administração local; e algumas Províncias temos, que lucrariam em ser divididas em Territórios."

Antônio Cândido da Cruz Machado, Barão de Sêro Frio.
(Discurso de 28-5-1873).

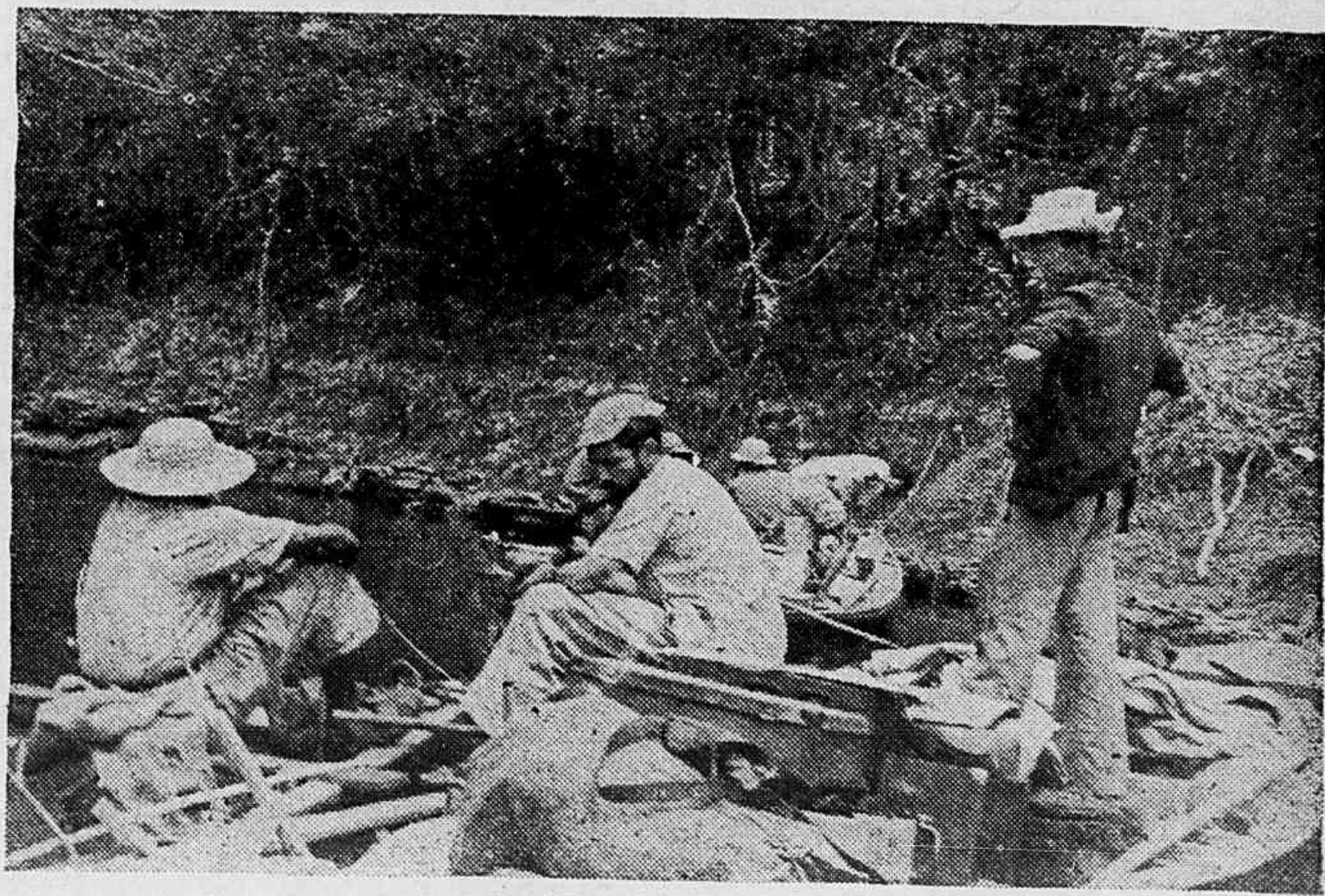
gistro do Insuá". Pelo nome deduz-se que se tratava de um pôs-

to de fiscalização do comércio de ouro e diamantes, preciosidades abundantes na região. Em 1813, outro governador, atendendo decreto a novas conveniências de estratégia fiscal, resolveu transplantar o arraial para a margem esquerda do mesmo rio, mudando-lhe o nome para "Registro do Araguaia". O povoado subiu à categoria de vila por lei estadual n.º 587, de 12 de abril de 1904. Outra lei, a de n.º 630, de 8 de julho de 1913, criou o município, com o nome de Araguaiana, desmembrando-o do de Cuiabá. Foi Araguaiana elevada à categoria de cidade pelo decreto-lei estadual n.º 208, de 26 de outubro de 1938.

Como, entretanto, a vila de Barra do Garças se mostrasse muito próspera ultimamente, a lei n.º 121, de 15 de setembro de 1948, elevou-a a categoria de cidade, dando-lhe as honras de sede municipal e fazendo Araguaiana retroceder à condição de vila. Esse tem sido o destino melancólico de velhas e tradicionais cidades, quando dentro do mesmo município jovens e petulantes sedes distritais as conseguem, finalmente, sobrepujar.

E' regra geral que o município adote o nome da cidade que lhe destinaram para sede, por isso todo o município de Araguaiana passou a chamar-se Barra do Garças desde setembro de 1948. Seus limites são os seguintes: ao norte os municípios paraenses de Altamira e Conceição do Araguaia, a leste o rio Araguaia, a oeste o rio Xingu e ao sul o diamantífero Rio da Garças, do qual veio a adotar o nome.

Pelo Recenseamento de 1940 a densidade demográfica do mu-



Rio Caluene. Partida da «Expedição Roncador-Xingu», chefiada pelos irmãos Vilas Boas

nicípio de Barra do Garças era igual à do município de Altamira: 0,02 de habitante por quilômetro quadrado. Mas, enquanto Altamira possuía um orçamento anual de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros) graças à extração da borracha, Barra do Garças, vivendo da pecuária, tinha a receita de, apenas Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros). Dizem que, nesses últimos anos, com a ajuda que a Constituição de 1946 garantiu aos municípios do interior, o orçamento de Barra do Garças se teria elevado para Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros).

Entre o Araguaia e o Xingu habitam os índios Bororós, Carajás, Canoeiros, Tapirapés e os célebres Xavantes, que ocupam quase diariamente o noticiário dos jornais, por causa das expedições que desde 1946 um punhado de bravos tem levado a efeito a fim de trazê-los à Civilização. O Serviço de Proteção aos Índios mantém no município que estudamos os postos de São Lourenço, Córrego-Grande, "Couto de Magalhães", "Taunay" e "Alípio Bandeira", consagrando assim, em comunhão com assuntos indígenas, o nome de grandes homens que se preocuparam a fundo com os problemas de nossa Hinterlândia.

Dizia o General Couto de Magalhães que o Araguaia é "a segunda costa do Brasil, quase tão vasta como a que lhe oferece o Oceano Atlântico". Sonhando de certo com um plano sábio de fixação de imigrantes, escreveu o seguinte, no seu famoso livro "Viagem ao Araguaia": "Quanta felicidade não poderia haver por estas paragens, onde o solo é tão fértil, onde o rio oferece ao pescador numerosos pescados, onde o bosque encerra tanta caça, onde a vida é alimentada por um clima saudável e o espírito animado por tantas impressões grandiosas! De todos os rios que tenho visto, nenhum oferece, nem de longe, a majestade do Araguaia: suas águas estendem-se na largura de quinhentas braças; essa massa gigantesca desce toda por igual, ao longo do enorme leito, sem se ver uma torrente mais apressada em seu veio, de modo que parece antes um corpo sólido e orgânico do que uma porção de líquido. Há na grandeza destas águas uma calma tão serena

como aquela que se observa no oceano visto de longe".

Sobre a pujança da flora e da fauna assim falou Couto de Magalhães: "Nas margens do Araguaia o algodoeiro cresce por uma forma tal que fica desconhecido às pessoas que por ali viajam; a reprodução do gado é anual, e ele vive sempre gordo, visto que, no tempo das águas tem verdes os pastos das montanhas e terrenos elevados, e, no tempo sêco, tem as várzeas do rio, das quais, afastando-se as águas, brota um capim especial a esse terreno, cujo talo tem quase a grossura da cana e que, dando sementeiras como o arroz, oferece uma nutri-

gens. Isto só seria possível no regime de Territórios Federais, mas alguns deputados, morando na beira do mar, a isto se opõem de maneira lamentável, fechando os olhos, intransigentemente, aos problemas vitais da desgraçada Hinterlândia. Quatro séculos e meio já se passaram, desde que o Brasil é Brasil. Entretanto, ainda hoje podemos contemplar aquela massa gigantesca de municípios desabitados, no centro do país, e representando um verdadeiro desafio à capacidade colonizadora do povo brasileiro! "Irmãos xifópagos" os chamamos nós, porque os unem liames impenetráveis de matas virgens. Ninguém sabe exatamente onde andam os seus

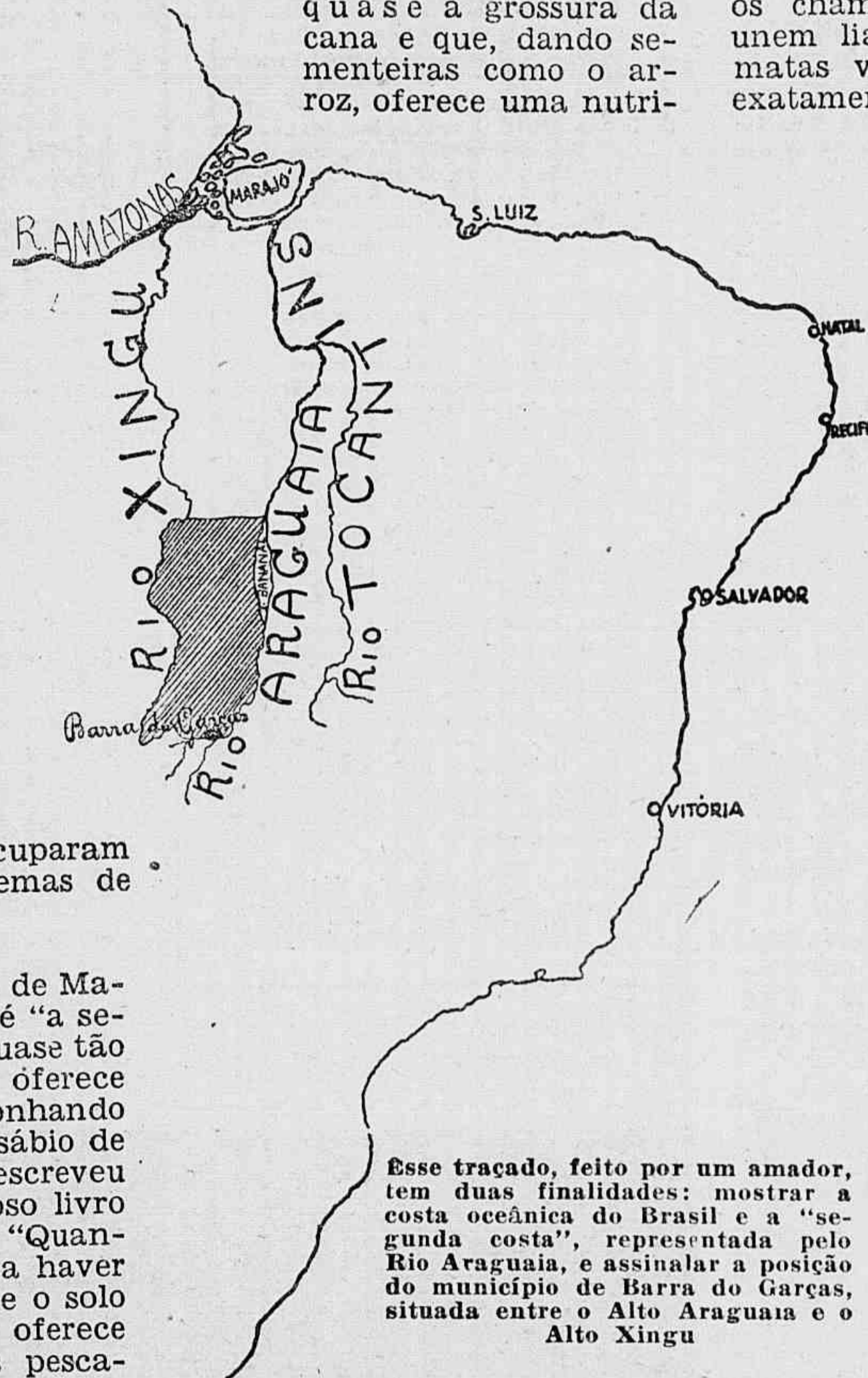
limites, pois nenhum pé de homem civilizado ali jámais pisou. Talvez daqui a outros quatrocentos e cinquenta anos os nossos descendentes possam contemplar (enfim!) uma cidade populosa assenta sobre a reta imaginária que divide atualmente os municípios de Altamira, Cuiabá e Barra do Garças, em pleno coração do Brasil.

A pequena biografia escrita pelo Dr. Afonso Celso é uma das melhores coisas que temos lido a respeito do General Couto de Magalhães. Governador de Goiás, depois do Pará e de Mato Grosso, em qualquer desses postos foi o rio Araguaia a sagrada obsessão de sua vida. Deve-se-lhe a primeira exploração do rio por um profissional, o engenheiro Vallée, o qual levantou uma planta dos dois colossos Araguaia-Tocantins.

Tomou a si o general a missão de estabelecer um caminho fácil entre as três

grandes Províncias que governou, procurando comunicar as bacias do Amazonas e do Prata, levando assim, para o terreno das realizações, a idéia externada pelo Marquês de Pombal e tentada pelos jesuítas.

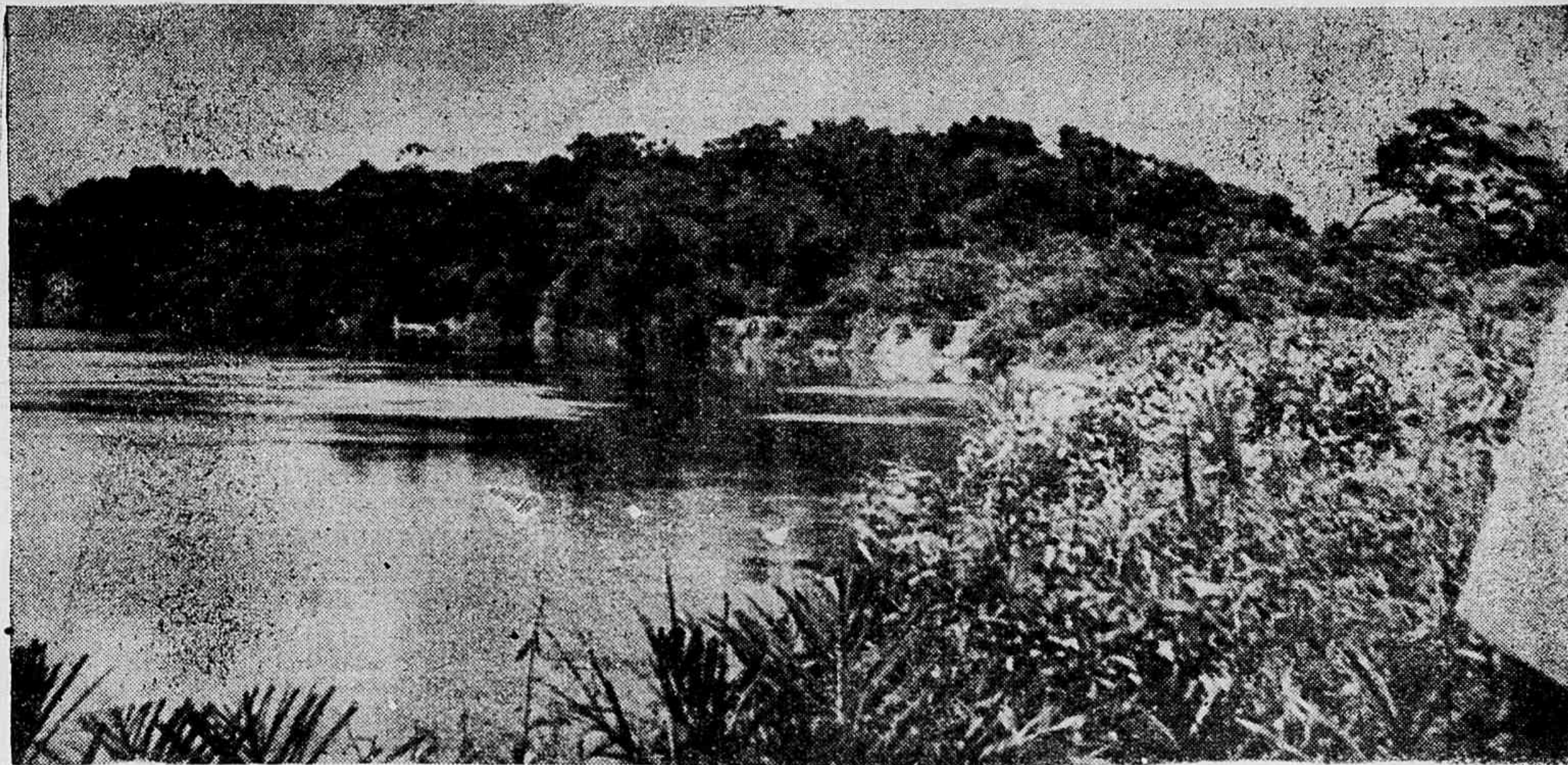
Depois de muita luta conseguiu Couto de Magalhães, em 1866, que o governo imperial lhe concedesse crédito para iniciar trabalhos de desobstrução no leito do Araguaia. Mandou buscar na Inglaterra um navio munido de dispositivos próprios para quebrar pedras abaixo do nível das águas. Em 1867, tudo



ção samamente apetecida por toda sorte de ruminantes".

O habitante do Rio de Janeiro, há longos anos comprando carne magra no mercado negro, dificilmente acreditará que dentro do seu próprio país existam regiões onde o gado poderia viver e se reproduzir de maneira a abastecer de filé barato não apenas os 45 milhões de brasileiros, mas, talvez, até o mundo inteiro!

Entra ano e sai ano, entra século e sai século, e a evolução natural não consegue alcançar aquelas pará-



Uma paisagem do Rio das Mortes, afluente do Araguaia, próximo ao Pôsto Indígena Pimentel Barbosa

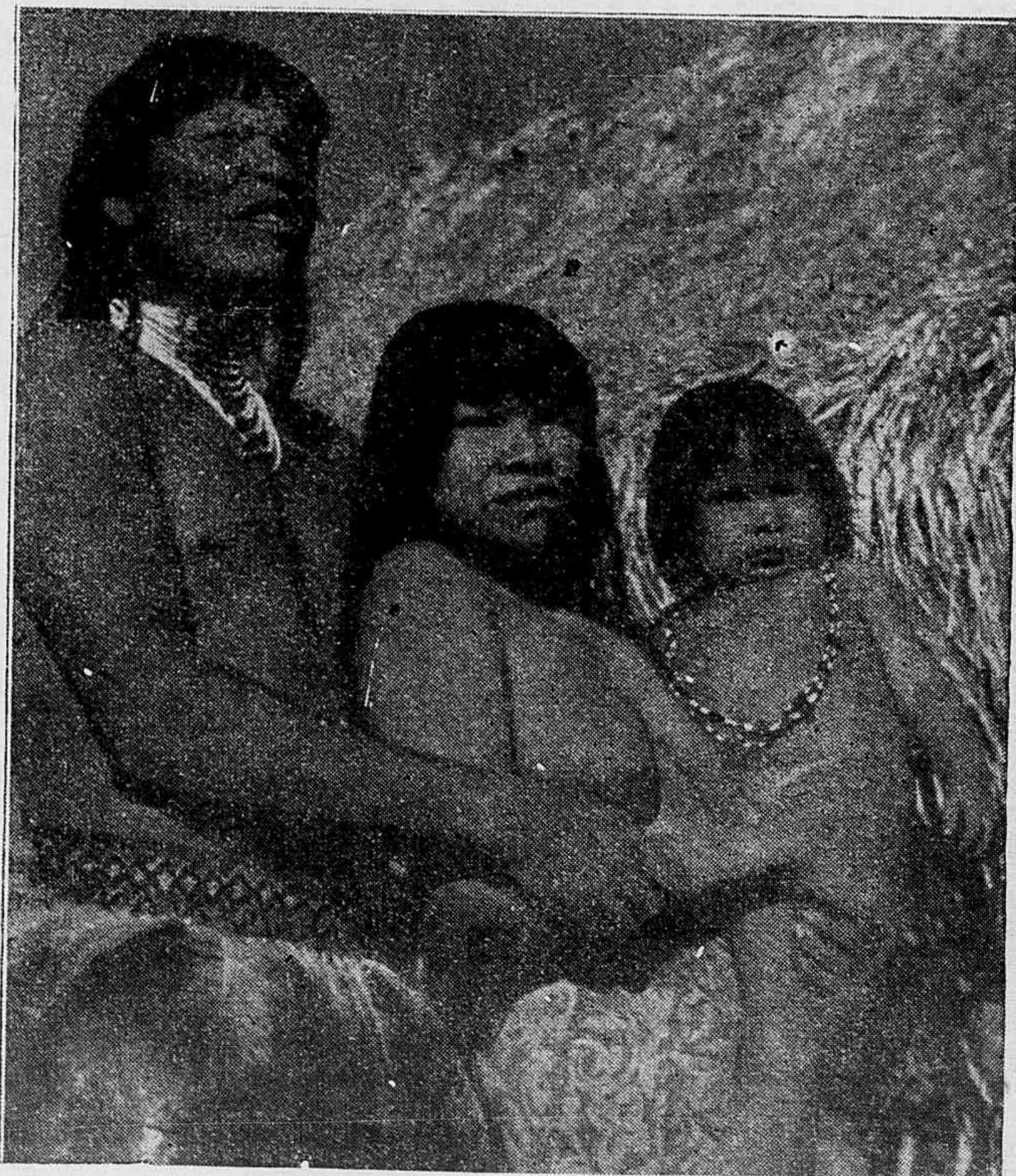
pronto, escrevia êle: "Vou tentar a passagem do vapor através das cachoeiras do Tocantins e Araguaia, se agora estiverem em ponto que me pareça isto possível. Para o bom êxito desta experiência tem-se preparado largamente tudo quanto é possível que se prepare com os meios de que se dispõe; infelizmente, porém, a previdência humana não é suficiente para garantir o sucesso desta causa, e só Deus, a quem a confio, pode fazer com que ela seja propícia".

Deus não esteve de acôrdo. A expedição fracassou. Mas o ânimo de Couto de Magalhães não se rendeu ao infortúnio. Em 1868, então presidente de Mato Grosso, comprou um navio ancorado no Rio Paraguai e o mandou desmontar e levar por terra até o Araguaia. O transporte se efetuou em dezesseis carros, que se arrastaram através de cem léguas (600 quilômetros) de sertão brabo, por vêzes coberto de mato fechado. Os componentes da jornada heroica muniram-se de foices e machados, pois muitas vêzes teriam de abrir passagem em lugares nunca dantes visitados. Alguns pagaram pesado tributo à grande causa, ficando em meio da estrada, prostrados de fadiga ou atacados de sezões. Certos jornais da Côrte atacaram rudemente o General Couto de Magalhães, vaticinando-lhe derrota. Diziam que o navio estava fadado a virar ferro velho no meio do caminho: jámais chegaria ao seu destino.

Mas chegou. Dois têrços deste feito heroico se desenrolaram em terras do atual município de Barra do Garças. A expedi-

ção fez alto na confluência do rio Vermelho, já na margem direita do Araguaia, em Goiás, onde se começou imediatamente a montar o navio. No dia 29 de maio de 1868, tendo convidado

outros presidentes o general Couto de Magalhães foi presidir a inauguração da navegação do Araguaia. Num rochedo ali existente mandou gravar em língua tupi, a falada pelos canoieiros,



Família Carajá da Ilha do Bananal. O índio é o cacique Ataú

a seguinte inscrição: "Sob os auspícios do Senhor D. Pedro II passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veio chamar à civilização e ao comércio os esplêndidos sertões do Araguaia, com mais de vinte tribos de selvagens, no ano de 1868".

Não consentiu em nenhuma referência ao próprio nome.

Estava o Brasil em guerra contra o ditador do Paraguai, Francisco Solano Lopez. O principal objetivo de Couto de Magalhães, promovendo a navegação daqueles rios, era fazer vir pela província do Pará as munições que o inimigo não consentia subissem pelo rio Paraguai. Cogitou o governo imperial de mandar por aquêle meio monitores que, desmontados à margem esquerda do Araguaia, e levados por terra, atacassem o inimigo de surpresa. Dificilima empreitada!

Homem de vasta cultura e

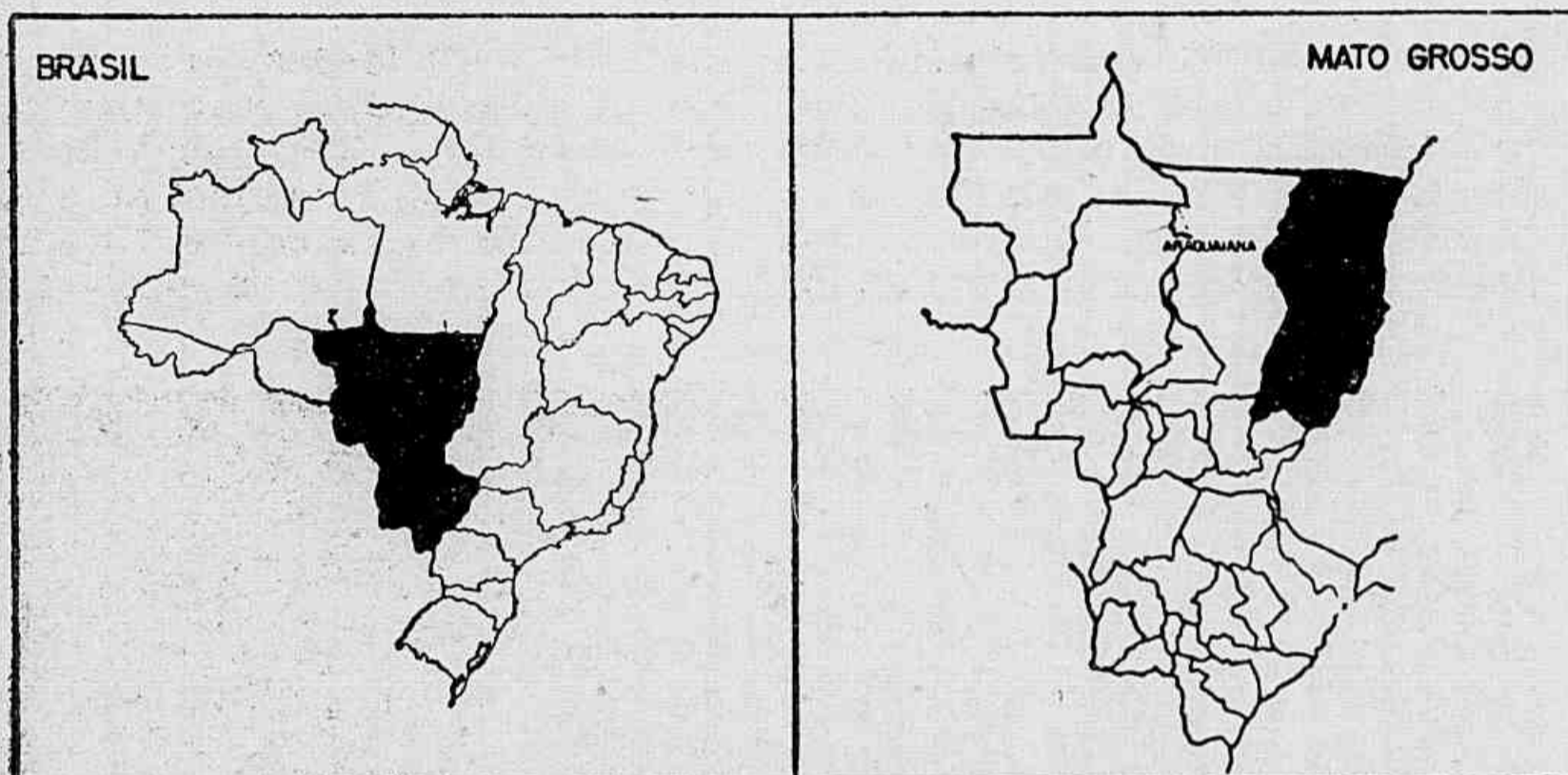
o Parnaíba até à extremidade meridional do Gurupi, a linha divisória das águas do Balsas e do Tocantins das dos afluentes dos rios que desaguam no litoral do Maranhão entre a foz do Itapicuru e a do Gurupi; da extremidade do mesmo rio uma outra linha até à confluência do Araguaia com o Tocantins e a margem dêste até frontear a barra do das Tracaiúnas. Ao sul: A Serra dos Dois Irmãos, a partir do ponto de divisão das águas do Piauí das do Gurgueia, a serra do mesmo nome e a do Duro até à primeira vertente do rio "Manuel Alves da Natividade" êste até sua barra no Tocantins, êste acima até à do São José, êste até sua última vertente a Oeste, e dêste último ponto uma linha E. O. alcançando a barra do rio dos Xavantes no braço pequeno".

Foi nas matas do município de Barra do Garças que desa-

entradas dos membros bandeirantes. O filme "SERTÃO — ÍNDIOS DO BRASIL CENTRAL" é testemunho do que pode a força de vontade a serviço das boas causas. Comodamente sentado em confortável cadeira, o espectador talvez não acredite que, naquela hora de projeção, esteja concentrado o trabalho de longos meses de canseiras levadas a efeito selvas a dentro. Mais de mil quilômetros viajou a máquina cinematográfica, transportada em avião, em barcos possantes ou em simples canôas. Sensacionais flagrantes do primeiro contacto dos Xavantes com os homens brancos, cenas de caça e de pesca entre os índios, paisagens deslumbrantes da terra maravilhosa, tudo vai passando na tela, numa comovedora revelação do Brasil aos estrangeiros... e aos próprios brasileiros.

As fotografias que ilustram esta reportagem foram gentilmente oferecidas pela "Produtora Cinematográfica G. M. L. do Rio de Janeiro", empresa que levou a efeito a filmagem de "SERTÃO — ÍNDIOS DO BRASIL CENTRAL".

Amigo leitor: não deixe de ver esse filme, quando êle passar em sua cidade. Quase tôdas aquelas cenas se desenrolaram entre o Alto Araguaia e o Alto Xingu, em terras do município de Barra do Garças, que acabamos de estudar.



Mato Grosso no Brasil e o município de Barra do Garças no Est. de Mato Grosso

grande fortuna, falando várias línguas, podendo gozar a vida em qualquer grande capital do país ou do estrangeiro, preferiu o General Couto de Magalhães a vida áspera dos sertões, onde apanharia as febres que lhe estragaram a saúde para o resto da vida. Certa vez disse-lhe o Imperador que escolhesse, para governar, Minas (sua terra natal) ou o Pará. Êle preferiu o Pará, "porque assim ficaria mais perto do seu Araguaia". Fenômenos de tal despreendimento só se explicam com a teoria das predestinações.

Outros homens de responsabilidade se preocuparam em todos os tempos com o problema dos grandes municípios desabitados. Para povoá-los sonhou o Barão do Sêrro Frio com o desmembramento de várias Províncias para o estabelecimento de novas unidades administrativas. A "Província do Araguaia", por êle defendida, possuía os seguintes limites: "Ao norte: Da confluência do Rio das Balsas com

pareceu Fawcett, o famoso e lendário explorador inglês

Nêsses últimos anos um surto de interesse pelos problemas do Brasil Central vem se registrando de maneira promissora. Dêsde 1946 os Irmãos Meireles estabeleceram contacto com os Xavantes, índios que dêste então têm ocupado continuamente o cabeçalho dos jornais cariocas

Grandes desbravadores modernos são também os Irmãos Vils Boas, um dos quais, Orlando, é chefe da "Expedição Roncador-Xingu".

Há poucos dias sobrevoou o Ministro da Aeronáutica uma imensidão de florestas. Viajando como co-piloto, de Manaus a Goiânia, o Ministro Trompowsky procurou localizar, do alto, pontos apropriados para descida de aviões, tarefa que a Expedição Aeronáutica do Briedeiros Aboim está procurando levar a efeito por terra.

Últimamente audazes cinegrafistas vêm acompanhando essas

PUBLICIDADE

Nos subúrbios de Paris uma grande empresa de publicidade está treinando atualmente, com muito empenho e pressa, duzentos papagaios brasileiros para que digam (em francês, é claro!) "Beba X gelado".

Depois de bem decorada a propaganda, os papagaios serão colocados em luxuosas gaiolas, nos principais "bars" e "cafés" da capital francesa.

★

TERMOS MÉDICOS

Desmaio — Desfalecimento com privação dos sentidos e do movimento. Sobrevém como causa de um transtorno circulatório, o qual dá lugar a uma repentina perturbação cerebral. Êsses transtornos podem ter origens emocionais repentinas e intensas, traumatismo hemorrágico vazio no estômago, determinante de um estado de séria debilidade, etc.. Um calor muito forte, uma prolongada permanência em pé ou uma pancada também podem provocar um desmaio.

NO MUNDO DOS SELOS



1.º selo aéreo comemorativo

6.º RECENSEAMENTO

O selo comemorativo do Recenseamento, e cujo modelo reproduzimos acima, começou a circular no dia 1.º de julho.

CARIMBOS COMEMORATIVOS

De 8 a 18 de junho foi utilizado nesta capital e em São Paulo um carimbo obliterador comemorando o II Congresso Brasileiro de Homeopatia.

★

Na I Exposição de Animais que foi realizada na capital do Estado do Espírito Santo, de 24 do corrente a 1 de julho, o quichê postal instalado na referida exposição utilizou um carimbo obliterador solicitado pela Sociedade Filatélica de Cachoeiro de Itapemirim.

★

Comemorando a 17 de junho o centenário da elevação de S. João da Barra à categoria de cidade, o Departamento de Correios mandou confeccionar um carimbo obliterador que foi utilizado naquela data.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA

Homenageando o II Congresso Brasileiro de Homeopatia, o Departamento de Correios vai emitir um selo postal tendo como motivo principal a efígie do conselheiro do Império, dr. Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada, um dos introdutores da Homeopatia no Brasil e fundador do Montepio Municipal.

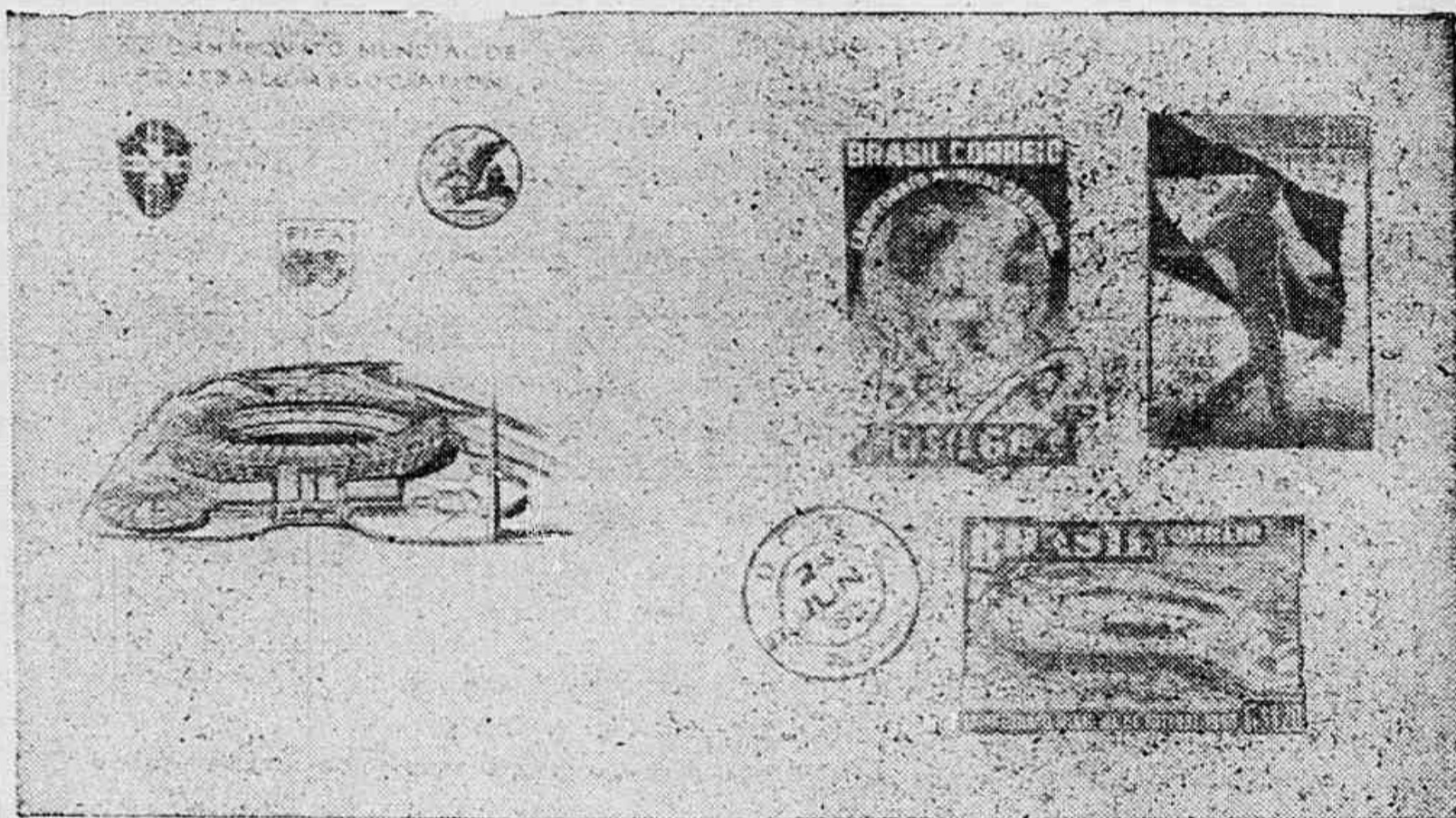


CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL

Por ocasião do início do Campeonato Mundial de Futebol, a 24 de junho, foi posta em circulação uma série de três selos postais das taxas de Cr\$ 0,60, 1,20 e 5,80. Impressos em off-set, com a filigrana Brasil-Estréla-Correio, 5 mm., a emissão foi de 6 milhões, sendo 2 milhões de cada taxa. O selo de Cr\$ 0,60, formato retangular-vertical, nas cores roxo-azul, ultramar e cobalto, tem como motivo principal uma alegoria ao futebol internacional; o de Cr\$ 1,20, retangular-horizontal, impresso nas cores azul, cobalto e terra de siena, contém uma vista aérea do Estádio Municipal, e o de Cr\$ 5,80 nas cores de terra de siena queimada, verde, amarelo e azul, apresenta um jogador de futebol tendo ao fundo o pavilhão nacional.

Se o leitor é um colecionador "puro", isto é, se consegue os selos por amor às imagens agradáveis e instrutivas que representam, não temos — evidentemente — nenhum conselho a dar. Mas, se junta a esse interesse sentimental, o desejo de tirar algum lucro — ou muito lucro — dessa distração, então tome nota: Há países completamente depreciados, do ponto de vista filatélico, enquanto outros, ao contrário, também filatêlicamente se destacam enormemente.

A filatelia, considerada sob o ângulo especulativo, tem essa vantagem sobre as corridas de cavalo, por exemplo, e todos os jogos de azar, pois que nela conhecemos perfeitamente os bons e os maus cavalos, os números que ganharão com certeza, e os que não têm a menor probabilidade de pagar sequer o capital empregado.



Cartão do Clube Filatélico do Brasil com os selos comemorativos do IV Campeonato Mundial de Foot-Ball Association, distintivos do Clube Filatélico, da C. B. D., FIFA e o carimbo do dia (24-jun.-50)

CONSELHO AOS COLECCIONADORES

Compre um Catálogo — Mas não escolha o menos caro; depressa lamentará os cinquenta ou cem cruzeiros de economia que tenha feito. Será preferível comprar uma obra capaz de fornecer informações completas sobre os selos e suas cotações. Será ela para um colecionador instrumento indispensável ao seu trabalho.

Não deve dizer, quando possui um selo que ele se parece com outro, que ele é um "doble". Deve sim, examiná-lo com atenção. Talvez encontre nele a variedade de tonalidade, de filigrana ou de gravura que vale muito mais que o próprio selo.

Dado o número crescente das emissões de selos, torna-se quase impossível a menos que se consagre à filatelia um orçamento considerável, formar uma coleção universal.

Será conveniente portanto, desde cedo, procurar a "especialização". Mas... Que país escolher?

RECENTES EDIÇÕES

Albânia — Dois selos foram emitidos para comemorar o quinto aniversário da revolução comunista... e três outros em homenagem a Joseph Stalin.

Andorra — A administração francesa aprovou a emissão de um selo aéreo de 100 francos com o desenho representando dois véados numa escosta da montanha.

Cuba — Selo de dois centavos carimim: outro de 5 c. azul, para comemorar o centenário do nascimento do General Enrique Collazo.

Grécia — Dois selos de 1937, foram recarimbados com o novo valor de 50 drachmas.

Israel — Um carimbo especial foi usado (19 de fev.) em Jerusalém, Tel-Aviv e Haifa, para comemorar o "Dia da Criança Judia".

Nos domínios da Gramática

"Num país, à semelhança do Brasil, onde a cultura filológica se patenteia assaz desenvolvida, não há cabimento para o desaprêzo iníquo em que são tidos aquêles que, se o quiserem, podem rir-se dos escritores que menos prezam a sua língua" — LAUDELINO FREIRE.

★

CURIOSIDADES ETIMOLÓGICAS

Os estudos de etimologia oferecem vasto campo de indagações cujos arcanos às vezes têm sido impenetráveis até mesmo aos habituados às mais delicadas pesquisas.

Os textos arcaicos são a matéria-prima de que se servem os filólogos para a reconstituição da origem e evolução das palavras; mas êsses textos nem sempre encerram o material necessário à reconstituição das formas intermediárias, que, por indução, conduzem à forma primitiva. À falta de dados concretos, pululam as hipóteses, com sabor científico, algumas, cerebrinas, outras, mas nem por isso menos dignas de interesse.

De além-mar tem-nos vindo a quase totalidade do que sobre o assunto existe, concernente à língua portuguesa. A explicação é fácil: os documentos antigos, os que datam da formação da língua (sec. XII) até os da sua fixação, com os *Lusíadas* (sec. XVI), lá estão, nas ricas bibliotecas (Torre do Tombo), desafiando a sagacidade dos estudiosos.

O Brasil não tem tradição medieval. Recebeu o idioma plasmado, na fase do advento do classicismo. A ausência do manancial primitivo afasta-nos, por condições históricas, da possibilidade de maiores indagações etimológicas, em que pesem as publicações admiráveis dos textos arcaicos, divulgados é certo, mas já acompanhados, quase sempre, de comentários e explicações científicas.

★

A etimologia das preposições é assunto explorado pelas gramáticas históricas, mas cuja invocação é oportuna, porque recorda problemas que têm suscitado opiniões díspares.

É o que ocorre com a preposição *até*, cujo étimo tem sido, por alguns, considerado desconhecido; encontram-se-lhe, nos textos arcaicos, as formas paralelas, *atá*, *ataa*, *ataens*, e outra forma de grafar, com o *til* sobre o *e* (*atães*). A coexistência de *atá* e de *ataens* cria, de início, o problema, dada a impossibilidade fonética da evolução do *atá*, *ataa*, para *ateens*, *atee*, ou vice-versa.

Surgem as explicações: o *atá*, arcaico, perdido no tempo, seria de origem árabe (*atah*), não desprezada a hipótese da influência do espanhol arcaico *atanes*, tendo em vista as formas *ateens*, *ataes*, e uma terceira com o *til* sobre o *e*.

(Leite de Vasconcelos): até, correlato de *atees*, a forma com o *til* sobre o *e*, viria de *ad tenes*, por *tenus*. (J. J. Nunes).

A etimologia oferece, outras vezes, aspectos curiosos. É quando se busca a explicação de certos erros. O correto é *braguilha*; mas a associação de idéias, com *barriga*, criou *barriguilha*...

C. C. Branco, em cuja época os estudos de glotologia não estavam adiantados, saiu-se, de feita, com êste disparate, procurando justificar a grafia *auctonomia*: "*Auto* (autôs) é um prefixo significando — *de si mesmo* — e com êle se forma *autobiografia*. Ora, eu, assim como escrevo *auctor* e não *autor*, cujo prefixo grego *autôs* é o mesmo na formação da voz latina *auctor*, por que não hei de escrever *auctonomia* — *lei própria, autoridade de lei sua?*"

★

CORRESPONDÊNCIA

U. L. (Nesta) — Submete-me à análise o seguinte período: "Deixai-o ir, ao velho fidalgo".

Pertence o trecho enviado ao velho e conhecido livro *Contos e Lendas*, de Rebêlo da Silva, parcialmente transcrito na Antologia Nacional, de Carlos de Laet e Fausto Barreto, sob a epígrafe *Última Corrida de Touros em Salvaterra*.

A consulta levou-me aos bancos ginasiais, onde, com prazer e emoção, lia as páginas admiráveis. Ainda hoje, vem-me à mente: — "...o mancebo desprezava o perigo, e, pago até da morte pelos sorrisos que seus olhos furtaram de longe, levou o arrôjo a arrear a testa do touro com a ponta da lança; precipitou-se então o animal com fúria cega e irresistível. O cavalo baqueou traspassado, e o cavaleiro, ferido na perna, não pôde levantar-se. Voltando sobre êle o boi enraivecido...". Mas, vamos à análise:

Existem, no período, duas orações: *deixai* e *ir*.

Período composto por subordinação.

Oração principal: *deixai*.

Oração reduzida, infinitiva substantiva objetiva direta: *o ir, ao velho fidalgo (= que vá)*

O *o* é sujeito de *ir*; *ao velho fidalgo* (e aqui talvez esteja a dificuldade do consulente) é sujeito pleonástico. O sentido da frase, tal como decorre do texto, com a vírgula depois do verbo *ir*, é exatamente êste: *deixai que o velho fidalgo vá*.

J. R. (Nesta) — *Ali* não leva acento. Só se acentuam, entre os oxítonos, os terminados em *a*, *e*, *o*, seguidos ou não, de *s*: *sofá(s)*, *café(s)*, *cipó(s)*. Os oxítonos em *i* e *u* não se acentuam: *tupi*, *urubu*. Os paroxítonos em *i* e *u* é que levam acento: *júri*, *bônus*.

RICARDO NETO

Kenya — Selos correntes usados outrora para outros misteres postais, ou para fins de beneficência foram reconhecidos agora para uso exclusivamente postais.

Índias Ocidentais Holandesas — Nova série de selos em numero de 15 e de valores variando de 6 centavos a 10 guilders.

Filipinas — Sêlo de 30 centavos, laranja e 50 c. carmin, aéreos para comemorar o quinto congresso mundial da "Junior International Cham-

ber of Commerce". Selos de 2 c., violeta; 6c. verde e 18c., azul, foram, para uso corrente.

Áustria — Cinco novos valores surgiram para completar as vinte e sete denominações "costumes séries" postas em circulação a partir de maio de 1948. Êstes incluem sêlo de *groschen*, cinzento, Tyrol; 30 g violeta e encarnado; 1 *schilling*, encarnado e azul; 1,70 sc. azul, Tirol Oriental, e 10 10 sc., cinzento e azul Viena. O de 10 sc. é em *off-set* enquanto os demais em fotogravura. Uma folhinha contan-

do os selos de 1 sch azul, aéreo e um sêlo verde em Esperanto, foi também editada para comemorar a Exposição de Selos Austríacos na Exposição de Filadélfia.

Ilhas Comoro — Selos definitivos editados pelo govêrno francês. Os "adesivos" de Madagascar eram usados na ilha desde 1912.

Itália — Dezenove selos com valores variados de 50 *centesimi* a 200 liras. Os desenhos homenageiam várias indústrias nativas.

ILUSIONISMO TRUQUES TELEPATIA FAKIRISMO
SEGREDOS E MÁGICAS
 PARA **VOCÊ**
 DIREÇÃO de THE GREAT WALNER
 PRESTIDIGITAÇÃO SORTES PACIÊNCIAS

ABRACADABRA HOKUS-POKUS

Continuando a apresentar truques com cartas, esperamos que os nossos leitores tenham podido tirar algum partido dos que foram por nós apresentados em nossa edição anterior e já agora muitos possam ser hábeis manejadores do baralho. Embora tivessem sido quatro truques apenas

com o número da carta pensada secretamente). Digamos que ele tenha pensado num 9 e apontado para o 5. Então contará, a partir do 5: nove (o 5), dez (o 4), onze (o 3), doze (o 2), treze (o ás), quatorze (o 10) e... o seu dedo se deterá sobre o nove (pensado) quando mentalmente contar... o quinze!

Como se verifica, um truque muito simples, mas de grande efeito.

6 — COLUNAS MISTERIOSAS: — Eis um truque em que podem tomar parte cinco das pessoas que "rodeiam" o mágico. Este abre um baralho em "leque" e pede a cinco pessoas entre a assistência, que retirem 5 cartas, cada uma e a seguir pensem numa das cinco cartas retiradas.

Findo esse "prólogo", o operador pedirá às cinco pessoas que o atendem, que coloquem as cinco cartas em um pequeno "monte", à sua frente. Depois de cada espectador fazer conforme pediu, o operador tomará as 5 cartas da pessoa colocada à sua esquerda, colocando as cinco seguintes sobre elas e, assim, sucessivamente até que tenha as 25 cartas em ordem, nas mãos.

A seguir o operador deitará as cartas sobre a mesa, em cinco fileiras horizontais. As primeiras cinco cartas assim dispostas horizontalmente sobre a mesa serão as que foram retiradas pela pessoa à sua direita, enquanto que a última fileira horizontal será composta das cinco cartas retiradas pela pessoa à sua esquerda, etc..

Perguntará então ao espectador da direita, por exemplo, qual é a coluna vertical que contém a carta pensada. Logo que essa coluna tenha sido indicada, o operador poderá



(o nosso espaço é bastante reduzido) é claro, eles serviram para que o leitor divertisse alguns amigos, proporcionando aos mesmos uma boa hora de divertimento, tudo graças aos "segredos" ensinados nesta nova seção.

Hoje apresentaremos quatro novos números esperando que futuramente seja possível ampliar um pouquinho o nosso espaço e, desta forma, apresentar maior quantidade de truques e segredos do que ora estamos fazendo.

Mas, vamos "trabalhar".

5 — O RELÓGIO ESTRANHO: — Este truque, também conhecido como "Relógio Mágico", apresenta as cartas como se formassem o "mostrador" de um relógio com apenas dez horas. E' ele um dos que dificilmente o observador pode compreender (principalmente se não se repete o truque)

O operador dispõe as cartas em número de dez, sendo de qualquer naipe, em círculo, de 1 a 10 e, a seguir, pede a um espectador que aponte qualquer das cartas... e pense em outra carta que também esteja no "mostrador".

O "mágico" dirá então que pode ler abertamente o pensamento e que pode igualmente fazer o espectador apontar a carta em que pensou. Secretamente o operador adicionará 10 ao número para o qual o espectador apontar; se ele, por exemplo, indicar um 5, obrigue-o a contar no círculo em sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio, até 15, iniciando a contagem no 5, que foi apontado (mas que deve ser chamado



Dirá, então, ao espectador que coloque a carta escolhida sobre o baralho. A seguir cuidará de embaralhar — em falso, de modo a que não sejam alteradas as posições da carta da boca do baralho (que você gravou na memória) e da carta superior (que é a escolhida pelo espectador). Depois, parando de embaralhar, o espectador cortará o baralho, ou pedirá ao espectador que o faça. (Isto fará com que a carta escolhida pelo espectador fique exatamente sob a carta que o operador viu na boca do baralho). Fingindo, então, refletir profundamente, o operador abrirá o baralho em leque, dele retirando com gesto teatral... a carta escolhida pelo espectador!

8 — MAGIA PRETA OU VERMELHA: — Há ainda outro processo para o operador descobrir rapidamente duas cartas escolhidas por dois espectadores diferentes. Para esse truque (muito simples e também de grande efeito), o operador deverá preparar um baralho "preparado" em dois pequenos maços, cada um contendo cartas de

da, juntará o outro nessa mesma mão, fingindo usar a direita para endireitar o colarinho, coçar a cabeça, crastar um objeto qualquer sobre a mesa ou mesmo, de dedo em riste, recomendar aos espectadores que guardem bem na memória o valor de cada carta, **para que não haja confusão...** etc., etc.. Quando voltar a apanhar o maço de cartas, com a esquerda. Assim nada será notado.

Quando as duas cartas forem devolvidas — é claro — ficarão em maços diferentes daqueles de que saíram, pois a carta vermelha será introduzida no maço das cartas pretas e a preta, por sua vez no maço que só continha cartas vermelhas. O que o operador terá que fazer, agora, é apenas apanhar as duas cartas, que se acham deslocadas das demais... e apresentá-las, para espanto geral, num abrir e fechar de olhos.

Como vêem os leitores, um truque muito simples... para o operador, **que sabe como agir.** Mas, podem acreditar, o mesmo parecerá complicadíssimo

apontar a carta pensada, pois já então saberá que as cartas da 1.ª coluna horizontal foram as retiradas pela pessoa da direita e que entre elas pensou numa só. Ora se essa pessoa indica a coluna vertical em que se encontra a carta pensada, a 1.ª carta dessa coluna terá que ser essa carta! O processo é o mesmo para as demais pessoas.

7 — ADIVINHAÇÃO POR MEIO DE CORTE: — Uma das "manobras" mais fáceis do operador fazer o assistente engolir é a que passamos a descrever.

O operador permite que um espectador qualquer retire do baralho uma carta qualquer e então anunciará que poderá dizer imediatamente qual é essa carta.

Enquanto o espectador está procurando ver o valor da carta escolhida, o operador vê, de relance — e gravando imediatamente na memória — o valor e a cor da carta que está na "boca" do baralho.



uma só cor: num deles estão todas as cartas vermelhas, enquanto que no outro estarão todas as cartas pretas.

Então o operador avançará os dois maços pequenos, um em cada mão, a dois espectadores, para que escolham e examinem as respectivas cartas escolhidas. Enquanto eles assim procedem você trocará os dois baralhos de mão, o que é muito fácil, pois, por exemplo, tendo já um na mão esquer-



mo e mesmo **inexplicável** para o espectador. Experimentem!

★

No próximo número depois desta série de truques com cartas, para variar um pouco daremos uma série de "Segredos dos Fakires" os quais, estamos seguros, vão agradar bastante. E, portanto, até setembro. — **The Great Walner.**

NÃO VALE "FÔRÇA DE VONTADE"

Num jornal londrino lemos, recentemente, este curioso anúncio, que não podemos afirmar se se trata de brincadeira ou verdadeiro e sério apelo aos "corações generosos", pois é difícil decifrar esses **enigmas** na Inglaterra, país em que os maiores gracejos são ditos com o ar mais sério deste mundo. Mas vejamos o anúncio

"Procura-se pessoa generosa e competente, capaz de recomendar um remédio eficaz para curar o vício de fumar num senhor que não tem mais recursos para comprar cigarros. **Roga-se, acima de tudo, não aconselhar recorrer à força de vontade!**"

GRANDE E VAZIA

A imensa área conhecida como "Floresta Amazônica", maior que a das Repúblicas Argentina, Chile e Uruguai reunidas, conta apenas com 300.000 habitantes.

SIMPLES ENGANO

Frank Kerton, um inglês, foi preso, recentemente, sob suspeita de conspirar contra o Estado logo depois de receber o seguinte telegrama: "**Felicitações. Três quilos e meio dinamite chegaram sem novidade**"

Tratava-se, entretanto, de um telegrama anunciando a feliz chegada do seu primeiro filho!

OLHANDO O MUNDO
HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO DE EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS
EM JUNHO DE 1950

1 — QUINTA-FEIRA: — O Presidente Truman, falando à imprensa, diz que o mundo, hoje, se encontra mais próximo da paz como em nenhum momento, nos últimos cinco anos. — O Secretário da Defesa norte-americano, sr. Johnson, pugnou pela aprovação do serviço militar obrigatório. — *Ajuda militar norte-americana às nações livres* — O Presidente Truman recomenda a concessão de 1.222 milhões de dólares, destinados à ajuda militar às nações livres, pois que “a ameaça de agressão projeta sua sombra sobre todo o mundo”. — Em Belgrado tem início o julgamento de altas patentes do Exército que se colocaram a serviço de Moscou quando do rompimento do Marechal Tito com o Cominform. — Anuncia-se que o Presidente da França, Sr. Auriol, visitará os Estados Unidos em março do ano vindouro. — Agrava-se seriamente o estado de saúde do Marechal Smuts, ex-chefe do governo sul-africano. — Os Estados Unidos preocupados acêrca das crianças gregas ainda não repatriadas. — Criada, na Argentina, a Comissão de Energia Atômica. — A polícia argentina vareja a sede do Partido Comunista, efetuando numerosas prisões. — Desastre com um avião da marinha norte-americana, ocasionando a morte de 9 pessoas.

2 — SEXTA-FEIRA: — Os três altos comissários aliados da Alemanha Ocidental recebem instruções para iniciar conversações com o governo federal da Alemanha sobre a organização de uma força policial armada nesse país. — O governo britânico comunica à França que se opõe ao plano francês a respeito da fusão dos recursos industriais da Europa. — A Iugoslávia ordena o regresso de seu embaixador na Polônia, como represália pela decisão polonesa chamando a Versóvia o seu embaixador em Belgrado. — Eleito presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais o Dr. Henrique de Toledo Dodsworth.

3 — SÁBADO: — O Senador Democrata Richard B. Russell diz que o governo norte-americano talvez já se tenha comprometido a enviar divisões do Exército dos Estados Unidos para lutar sob o comando francês, se irromper a guerra na Europa. — Um comunicado, publicado simultaneamente, pelos governos da França, Alemanha Ocidental, Bélgica, Itália, Luxemburgo, Holanda, diz que os governos francês, alemão, belga, italiano, luxemburguês e holandês estão decididos a prosseguir na ação de paz, de solidariedade européia e de progresso social e econômico (em relação com a proposta francesa do consórcio carbonífero e siderúrgico). — O governo britânico não se sente capaz de aceitar previamente, nem deseja rejeitar previamente, os princípios que regulam a proposta francesa. — A senhora Antonia Kleinorova, ex-membro do parlamento tcheco, declara-se culpada das acusações de alta traição e espionagem. — O Papa Pio XII insta ao capital e ao trabalho a chegar a um entendimento, de modo que todos os homens possam viver condignamente. — Diz o Papa que os capitalistas devem abandonar “a sua atitude feudal e paternalista”, com relação aos trabalhadores, a fim de conjurar uma revolução social, da qual somente o socialismo sairia ganhando. — Falece Monseñor Ismael Perdonio, Arcebispo de Bogotá e Primaz da Colômbia. — Prosseguem os trabalhos do Conselho Interamericano de Jurisconsultos. — No Palácio Itamarati, reu-

ne-se a Comissão Consultiva de Acordos Comerciais, tendo sido examinado o acôrdo entre o Brasil e a Alemanha Ocidental.

4 — DOMINGO: — O Sr. Dean Acheson e o Secretário da Defesa dos Estados Unidos discursam, salientando a necessidade de se rearmar poderosamente a Europa, “para que fique assegurada a paz mundial”. — Os Socialistas cristãos belgas obtêm esmagadora vitória nas eleições gerais, o que favorece o retôrno do rei Leopoldo. — Os comunistas perdem cinco cadeiras na Câmara dos Deputados belga. — Espera-se que o comunismo seja colocado fora da lei, no Japão, em atenção a uma ordem de Mac Arthur nesse sentido. — Os jornais ingleses elogiam a política financeira do Brasil.

5 — SEGUNDA-FEIRA: — O Presidente Truman assina a lei de auxílio aos países livres, fazendo declarações otimistas sobre a paz e a prosperidade internacionais. — O



Sally Winters, da Universal Pictures Co. Inc.

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use lâminas de navalha; use RACÉ, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó perfumado. — Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.



O perfeito destruidor do pêlo.

A venda nas boas perfumarias

LABORATÓRIOS VINDOBONA

RUA URUGUAIANA, 104-5º — RIO

Queiram enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

Nome
Rua
Cidade
Estado

E.S.T.R. 8

REI

O REI DOS CHUVEIROS ELETRICOS

Perfume "Riaj"

Suprema criação de NOVITEX



3 PAISES CONCORREM PARA SUA REALIZAÇÃO

DA FRANÇA - A ideia, a fórmula, o preparo
DA SUÍSSA - O Segredo de sua fixação
DA ÍNDIA - A essência - o aroma misterioso dos marajás.

Riaj - O aroma impressionante, misto de elegância e bom gosto, preparado em 2 tonalidades distintas:

91º. 1 - Suave e delicado, para Senhoras
91º. 2 - Seco e discreto, para Cavalheiros

PELO REEMBOLSO

A FEIRA POSTAL - R. Marechal Floriano, 67 - sob RIO DE JANEIRO
 Peço enviar-me 1 vidro RIAJ Nº _____ ao preço de Cr\$ 87,00 mais 6,00 de porte

Nome _____
 End. _____
 Cidade _____
 Estado _____

CR\$ 87,00

Sr. Duviensart é encarregado de formar o novo gabinete belga. — Os comunistas são fragorosamente derrotados nas eleições para a Câmara Alta japonesa, não conseguindo eleger um membro, sequer. — Prosseguem em Londres as conversações entre os Trabalhistas sobre a proposta francesa de unificação da indústria pesada europeia. — Os aliados ocidentais resolvem afrouxar o controle da fabricação de certos produtos químicos e materiais de eletricidade até agora proibidos. Mantida a proibição referente à borracha sintética e água pesada.

6 — TERÇA-FEIRA — O Sr. Trygve Lie, em cartas dirigidas aos 59 países da O.N.U., envia relatório. — O relatório da "American & Foreign Power Company", fez referências ao progresso industrial do Brasil. — O jornal "La Prensa" informa que o governo argentino lhe forneceu uma quota de papel que permitirá a circulação daquele órgão até o dia 17. — O governo chileno desmente as notícias, segundo as quais o porto de Arica seria cedido à Bolívia. — Um avião C-46, que se dirigia a Nova York, caiu ao mar em consequência de falhas no motor. O aparelho conduzia 65 pessoas, tendo sido recolhidos 37 sobreviventes. — Inaugura-se, em Montevideu, a 3.ª Reunião da Comissão Econômica para a América Latina, organismo da O.N.U. — O Gabinete japonês anuncia que a ordem do General Mac Arthur para o fechamento do Partido Comunista, será cumprida em 24 horas. — Os socialistas apoiam a decisão de Mac Arthur.

7 — QUARTA-FEIRA — O Secretário de Estado, Dean Acheson, declara que a negativa soviética em participar

dos trabalhos da O.N.U., devido ao problema existente em torno da delegação chinesa, constitui uma "tentativa de coação injustificável". — Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha manifestam sua total aprovação ao acordo celebrado entre a Polônia e a Alemanha Oriental e pelo qual esta cede território àquela, mediante a ratificação das respectivas fronteiras. — O General Douglas Mac Arthur proibe a 17 diretores de jornais comunistas que participem da vida pública. — O General George Marshall adverte que a negligência militar dos Estados Unidos, no atual momento, ajudaria a política de pressão da Rússia para o futuro. — A Polônia, Tchecoslováquia e Hungria, abandonam a sessão de abertura da trigésima terceira conferência da Organização Internacional do Trabalho, em sinal de protesto contra a presença de delegados nacionalistas chineses. — Falece nesta Capital o Sr. General Álvaro Guilherme Mariante, Ministro aposentado do Superior Tribunal Militar.

8 — QUINTA-FEIRA — O acordo de retificação de fronteiras entre a Polônia e a Alemanha Oriental, ditado pela Rússia, é recebido com protestos por parte dos Estados Unidos e da Inglaterra, que negam seu reconhecimento ao referido Tratado. — A Inglaterra determina medidas no sentido de incrementar o combate ao comunismo na Maláia. — O General Kotikov é substituído pelo Sr. Alexejevich, no posto de comandante da zona russa de Berlim. — Também afastados, os dirigentes militares soviéticos na Turingia, Brandenburgo e Saxônia. — Divulgada a constituição do novo governo belga, chefiado pelo Sr. Jean Duviensart, o qual foi empossado pelo Príncipe Regente Carlos. — Os socialistas divulgam comunicado a propósito da propalada notícia de retorno do Rei Leopoldo. — Os aliados ocidentais outorgam novos direitos ao governo de Bonn, pelos quais poderá ele negociar e subscrever acordos internacionais, sem a anuência das potências ocupantes. — Divulga-se, em Londres, que cresceram acentuadamente as compras britânicas no Brasil. — Na reunião da Organização dos Estados Americanos são estudadas medidas de saneamento dos cafeeiros. — Noticiado que o Brasil e outras nações americanas reduziram seus atrasados comerciais.

9 — SEXTA-FEIRA — A Comissão Senatorial, presidida pelo Senador Gillette, que investiga a situação do mercado do café, publica um relatório acusando o governo brasileiro de protecionismo secreto e de haver demonstrado parcialidade. — O governo da Alemanha Ocidental decide negar-se a reconhecer o acordo de Varsóvia, pelo qual a Polônia e a Alemanha Oriental ratificaram a fronteira do Oder-Naissa. — O Presidente Truman, em breve discurso pronunciado na Universidade de Missouri, esboça um "programa de paz e liberdade" de cinco pontos que, segundo disse, foi adotado pelos Estados Unidos. O encarregado de Negócios Soviético Vladimir Bazykin entrega ao subsecretário de Estado James Wess um memorandum relativo às reivindicações russas na Antártida. — Foi assinado entre o governo do Brasil e o Fundo Internacional de Socorro à Infância das Nações Unidas acordo visando a concessão de 500.000 dólares para o financiamento de um programa de auxílio às crianças brasileiras. — O General Omar Bradley, chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, adverte que este país não po-

A beleza dos seus móveis consiste unicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

CONSERVE A SUA PELE LIMPA E MACIA...

SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS

POMADA SÃO SEBASTIÃO



A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

derá ganhar uma guerra sem aliados, e seis embaixadores norte-americanos recomendam, ao mesmo tempo, ao Congresso a aprovação, o quanto antes, do gasto de 1.222.500.000 dólares, destinados a armar as Nações "amigas".

10 — SABADO: — O Presidente Truman formula uma acusação minuciosa contra os líderes russos que, diz êle, ameaçam a paz mundial. Acusou os chefes soviéticos de "Infiltração, subversão e propaganda" e de "táticas detestáveis". — O presidente ataca ásperamente os isolacionistas americanos, dizendo que estão golpeando a segurança nacional com tentativas de destruir os planos ocidentais de defesa do mundo livre contra "as ominosas atividades da União Soviética". — Os Estados Unidos, Inglaterra e França rejeitam a proposta soviética de retirada de tôdas as forças de ocupação de Berlim, como requisito a realização de eleições livres, destinadas a unificar a dividida cidade. — Afirmado que os russos "querem conquistar o mundo segundo os princípios da revolução comunista", o Senhor Herbert Morrison, Lord presidente do Conselho, declara que "enquanto as nações livres permanecerem unidas e conservarem sólidos seus meios de defesa combinada, não devemos temer a guerra". — O Senador Robert Taft anuncia sua "enérgica oposição" às disposições do projeto de lei do rearmamento que permitem ao presidente Truman enviar armas a qualquer país do mundo. — Encerra-se a Convenção Nacional do P.S.D., que homologou a candidatura do Sr. Cristiano Machado à Presidência da República. — Continuam os trabalhos das subcomissões do Conselho Interamericano de Jurisconsultos. — Prosseguem os trabalhos do III Congresso Brasileiro de Homeopatia, tendo os congressistas prestado uma homenagem à memória de Samuel Hahnemann.

11 — DOMINGO: — O General Lucius Clay adverte o Congresso, dizendo que os Estados Unidos não podem perder a "guerra fria". — O Partido Trabalhista não se mostra favorável ao apoio "direto" da Inglaterra ao plano francês de unificação das indústrias pesadas do ocidente europeu, aguardando-se apenas a palavra oficial. — Iniciada em Lake Success, a Conferência das Nações Unidas, destinada a estudar o programa de auxílio às regiões pouco desenvolvidas. — Revela-se extra-oficialmente que o govêrno francês pretende, breve, abolir o contrôle do câmbio estrangeiro.

12 — SEGUNDA-FEIRA: — O Sr. Philip Jessup responsabiliza a Rússia pelo fracasso do plano de contrôle da energia atômica. — Espera-se pleno apoio "Conservador" à decisão "Trabalhista" referente ao chamado Plano Schuman. — Publicado relatório oficial, elaborado pelo Marechal Alexander, das batalhas travadas pelos exércitos aliados na Itália. — O Senador Gillette continua em sua campanha contra a alta do preço do café, com acusações diretas contra os plantadores e os exportadores. — Protesta violentamente o chanceler da Colômbia, Sr. Sourdis, provocando reação favorável em tôda a imprensa norte-americana. — Será submetido à aprovação da Alta Comissão Aliada o Tratado Comercial concluído entre o Brasil e a Alemanha.

13 — TERÇA-FEIRA: — O Sr. Dean Acheson declara que a "guerra não é inevitável". — A Câmara Baixa do Parlamento aprova a adesão da Alemanha Ocidental ao Con-

Liderança contínua



...exige
aperfeiçoamento
contínuo

O exercício contínuo é indispensável aos artistas de circo. Seguindo este princípio, Continental permanece, há 15 anos, o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Além de mantermos a magnífica qualidade deste cigarro, vimos introduzindo em sua fabricação aperfeiçoamentos resultantes de nossa vasta experiência no plantio, seleção e mistura de tabacos finos... e hoje Continental é ainda mais suave, mais gostoso, melhor que nunca!

cigarros

Continental

uma preferência
nacional



produto SOUZA CRUZ

REI

o REI DOS CHUVEIROS ELETRICOS

selho da Europa, em tumultuosa sessão, assinalada pela expulsão do líder comunista. Max Reimann. O debate durou sete horas. Votaram a favor os democratas-cristãos e o Partido da Alemanha Livre, e, contra, os socialistas, comunistas, extremistas da direita e alguns membros do Partido do Centro. — O Primeiro Ministro Clement Attlee declara que a Inglaterra desempenhará um papel importante na unificação dos recursos das potências do Atlântico, não obstante sua negativa a unir-se, por enquanto, ao plano Schuman, para fundir as indústrias do carvão e do aço da Europa Ocidental. — O presidente da delegação do Brasil, General Anápio Gomes, declara perante a Conferência Econômica Latino-Americana reunida em Montevideu, que o Brasil deseja e necessita da colaboração do capital estrangeiro, salientando que nos últimos tempos não houve importante corrente de inversões diretas, a despeito do apoio jurídico e ambiente de segurança na política social. — O governo dos Estados Unidos anuncia que concedeu asilo a Vladimir Heudek, ex-delegado principal da Tchecoslováquia ante as Nações Unidas, que renunciou a seu posto em sinal de protesto contra o domínio de seu país pela Rússia. — Ao Sr. Presidente da República é feita a entrega de credenciais do novo Embaixador da Bolívia no Brasil, Sr. Edmundo Vasquez. — Encerram-se, em Petrópolis, os trabalhos da II Conferência Interamericana de Nutrição.

14 — QUARTA-FEIRA — O Sr. van Meltzan, chefe da delegação comercial alemã, que esteve recentemente no Brasil, faz declarações acerca do Tratado Comercial Teuto-Brasileiro. — Irrompe movimento revolucionário na cidade de Arequipa, que se encontra em poder dos rebeldes. — O governo de Lima anuncia que a insurreição é dirigida pelos apristas. — O Sr. Jaime Torres Bodet, demite-se do cargo de Diretor Geral da UNESCO. — Em consequência dessa atitude, são suspensos os trabalhos da Conferência que se realizava em Florença. — O governo chileno toma medidas drásticas para enfrentar a greve dos funcionários dos Correios e Telégrafos. — Cai um avião

REI

O REI DOS FOGAREIROS

militar norte-americano, perecendo seus nove tripulantes. — O chanceler da Colômbia, faz declarações criticando as recomendações do subcomité senatorial norte-americano sobre o comércio do café. — Prosseguem os trabalhos das subcomissões do Conselho Interamericano de Jurisconsultos. — Chega a esta Capital, o Sr. Contra-Almirante Milton E. Miles, que vem inspecionar os serviços da Missão Naval norte-americana.

15 — QUINTA-FEIRA: — O Parlamento da Alemanha Ocidental aprova a entrada da Alemanha Ocidental no Conselho da Europa. — O General Sir Brian Robertson, Alto Comissário Britânico na Alemanha, declara que os aliados ocidentais "jamais abandonarão Berlim à sua própria sorte". — A subversão de Arequipa foi plenamente dominada com a intervenção das forças armadas que, como medida de precaução, estão de prontidão. — A rádio de Sofia informa que a Bulgária protestou ante a Turquia, contra as deliberadas e provocadoras violações da fronteira búlgara por grupos armados procedentes da Turquia. Porta-voz da Embaixada da Iugoslávia, em Londres, acusa a Tchecoslováquia de ter prendido e manter em cárcede cidadãos iugoslavos, bem como à Rússia de tomar medidas políticas, econômicas e militares contra o Marechal Tito. — A Duquesa de Valência, conhecida monarquista espanhola, é absolvida da acusação de haver organizado propaganda clandestina contra o regime de Franco. — Toma posse do cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, o Sr. Dr. Rocha Lagoa. — Encerram-se os trabalhos da reunião do Conselho Interamericano de Jurisconsultos, tendo o Sr. Ministro das Relações Exteriores oferecido, pela manhã, um banquete aos membros das Delegações. — Anunciada a prisão do ex-Presidente da Hungria, Sr. Szakaritz. — Divulga-se o início de uma grande depuração na Rumania.

16 — SEXTA-FEIRA: — As potências ocidentais rejeitam a nota soviética sobre Trieste e responsabilizam a Rússia pela não execução de certas cláusulas do Tratado de Paz com a Itália. — A Tchecoslováquia pede a retirada de membros das embaixadas da Bélgica e da Inglaterra. — O Sr. Anthony Eden critica a atitude assumida pelo Partido Trabalhista em face da unificação da indústria pesada europeia, proposta pelo governo francês. — O "Journal Commerce" volta a criticar as recomendações da subcomissão Gilette sobre o preço do café, dizendo em seus comentários que "não vê razão alguma para a fúria do ataque da Comissão, à indústria cafeeira do Brasil ou Colômbia". — Noticia-se que os países produtores entregarão na próxima segunda-feira, ao Senhor Acheson, um memorando de protesto contra o relatório da citada subcomissão. — A polícia norte-americana prende mais dois cientistas e um sub-oficial do Exército, acusados de terem fornecido segredos atômicos em favor da Rússia. — Ainda continua tensa a situação em Arequipa, apesar de sua retomada pelas forças governistas. — O "New York" tece comentários em torno do movimento revolucionário abortado naquela cidade peruana. — A radiodifusão francesa presta uma homenagem ao Brasil, tendo nessa ocasião falado o Ministro Clemente Mariani, que se encontra em Paris. — Chega o escritor francês André Maurois.

17 — SÁBADO: — O Conselho Geral do Partido Socialista Belga aprova moção pedindo que o congresso decreta impiedosa e irredutível oposição à volta de Leopoldo III. — O espião David Greenglas é preso sob a fiança de

OCULOS PARA ESMERIL E SOLDAS

CAPACETES PARA JATO DE AREIA

EXTINTORES DE INCENDIO E CARGAS DE TODOS OS TIPOS E TAMANHOS

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS OS PERIGOS: NA TERRA - NO MAR - NO AR
INDUSTRIA BRASILEIRA

DIAS GARCIA IMP. S. A.

RUA VISCONDE DE INHAUMA, 23/25
TEL. 23-2017
COR. REJA GARCIA
RIO DE JANEIRO

CAPACETES E ESCUDOS DE FIBRA PARA SOLDA ELETRICA E OXIGENIO

CAPUZES, LUVAS, AVENTAIS E ROUPA DE ASBESTOS E COURO PARA FORNALHAS

ESCAFANDROS E ARTIGOS PARA MERGULHADORES

MASCARAS CONTRA POEIRA "DELTA"

MASCARAS CONTRA GASES INDUSTRIAIS

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

100.000 dólares enquanto se investiga se ele entregou ou não à Rússia alguns segredos da bomba-atômica quando sargento do exército dos Estados Unidos. — O Comitê de Programa e Orçamento da UNESCO aprova resolução citando aquela organização a fazer tudo ao seu alcance em prol da paz. Essa resolução, adotada por proposta conjunta das delegações do Brasil, Canadá, Egito, Equador, Estados Unidos, França, Índia, Grã-Bretanha e Itália, é considerada um triunfo pessoal do diretor-geral da U. N. E. S. C. O., Sr. Jayme Torres Bodet, que ameaçara renunciar depois de uma controvérsia sobre a participação e apoio da organização aos programas de paz. — Dois altos estrategistas militares dos Estados Unidos chegam a Tóquio, para uma série de conferências com o General Mac Arthur, e fortalecer a posição norte-americana na "guerra fria" no setor do extremo oriente. — A Comissão Especial do Café, do Conselho Econômico e Social Interamericano, adverte que o relatório da subcomissão senatorial atacando a conduta no negócio de café pode "ter desastrosos efeitos sobre a compreensão e boa-vontade pan-americana" — O Primeiro Ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, diz que o sueste da Ásia constitui a zona de maior perigo que existe atualmente no Panorama Internacional. — Cinco dos sete países pertencentes à Liga Árabe assinam pacto de segurança coletiva, abstendo-se de subscrever o documento o Iraque e a Jordânia. — O Sr. Presidente da República seguiu por via aérea, para o Alto do São Francisco, onde, em Januária, fará inspeção às grandes obras em andamento. — Encerra-se no Palácio Tiradentes a Convenção Nacional do P.T.B. que homologou a candidatura do Sr. Getúlio Vargas à Presidência da República. — Falece nesta Capital o Sr. Dr. Francisco Tavares da Cunha Melo, Ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal.

18 — DOMINGO: — Os países produtores do café, inclusive o Brasil, por seus representantes diplomáticos em Washington entregam ao sr. Dean Acheson, nota de protesto contra as recomendações da comissão presidida pelo Sr. Gillette. — As nações árabes preocupadas com a possível interdição de venda de armas que já haviam encomendado à Inglaterra. — Nas eleições efetuadas nas zonas da Renania e Westfália, os resultados foram de fragorosa derrota para os Comunistas. — Os jornais russos atacam os Estados Unidos, afirmando que este país se prepara para "uma comédia de assinatura de paz com o Japão". — Falece nesta capital o escritor Leôncio Correia.

19 — SEGUNDA-FEIRA: — Os círculos oficiais e a imprensa norte-americana dão plena razão ao ato de protesto das nações produtoras de café, afirmando que "o senador Gillette desfaz depressa a salutar influência da política de boa-vizinhança, adotada pelos Estados Unidos e continuada em longos anos de esforços incessantes". — Revela-se que um tratado sui-generis está sendo negociado com o fim de transferir milhares de tchecoslovacos anti-comunistas para a Rússia, enquanto milhares de russos seriam enviados para a Tchecoslováquia, com a missão de "fortificar" o regime... — A Liga Árabe dará amanhã resposta oficial à declaração ocidental sobre o fornecimento de armas aos países do Oriente Médio. — Divulga-se que, com a chegada do General Bradley a Tóquio, aumentaram as possibilidades de ser negociado um Tratado de Paz, em separado, entre o Japão e os Estados Unidos.

20 — TÊRÇA-FEIRA: — O Secretário de Estado, Sr. Dean Acheson, declara que o objetivo do Programa do 4.º Ponto é "ajudar a criar um clima no mundo em que nós e nossos filhos possamos viver em paz e harmonia". — A Comissão de Assuntos Agrícolas e Florestais do Senado norte-americano decide fazer uma revisão de relatório da Subcomissão, presidida pelo Senador Gillette, na questão dos preços do café, em consequência das críticas feitas ao citado relatório pelo Departamento de Estado e também por motivo dos protestos dos países latino-americanos produtores dessa

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

DO CONTRA?
-EU, HEIN!...



Estou sempre "O. K."

Gracias ao "Sal de Fructa" ENO, quando ao deitar e ao levantar, mantenho a alegria e a boa disposição para as festas e para o trabalho. ENO é laxante ideal alcalinizante eficaz, antídoto seguro e eficiente para a saúde. Combate a prisão de ventre, evita a azia e corta a enxaqueca. Não seja do "contra". Tome "SAL DE FRUCTA"

ENO

A vida de hoje precisa do ENO

rubiácea. — O Ministro do Exterior da França, Robert Schuman, inaugura a conferência de seis nações, destinada a preparar planos para a fusão das indústrias do aço e do carvão da Europa Ocidental, e predisse que esse plano porá fim ao ódio tradicional entre a França e a Alemanha. — A Grã-Bretanha admite que não está obtendo êxito em seus empenhos destinados a conseguir a admissão da China comunista no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

21 — QUARTA-FEIRA: — A França proporá, no dia 3 de julho, uma declaração das potências ocidentais para o levantamento do estado de guerra com a Alemanha. — Adiantou-se que essa proposta é ligada ao plano francês de unificação das indústrias pesadas européias. — Divulgados dados estatísticos acerca do comércio entre o Brasil e a Inglaterra, nos primeiros 4 meses do corrente ano. — O Departamento do Comércio, norte-americano, noticia que decresceu o "deficit" mundial de dólares, no primeiro trimestre de 1950. — Na Austrália prosseguem as medidas tendentes a colocar o Partido Comunista fora da lei. — Aprovada, pela Assembléia Sul-Africana, a dissolução do Partido Comunista. — O Conselho Econômico-Social Interamericano apóia a atitude dos países produtores de café contra as recomendações do relatório Gillette. — Noticia-se, em Nova York, que o governo do Brasil pretende restringir as transações de trocas privadas. — Iniciada, no Japão, a construção de navios-petroleiros para o Brasil. — Noticiado que a polícia húngara deteve numerosos monges e freiras, tendo também fechado diversos mosteiros e conventos. — Prosseguem, no auditório do Ministério da Educação, os trabalhos do III Curso Internacional de Organização e Administração de Hospitais. — Encerra-se o I Seminário do Ensino do Exército, realizado na Escola Militar de Rezende.

22 — QUINTA-FEIRA: — O governo britânico decide apoiar a decisão do Partido Trabalhista, a propósito do plano de unificação da indústria pesada européia. — O gabinete deu à publicidade a emenda, que importará num voto de confiança, e que traçará a conduta da Inglaterra em face do Plano Schuman. — O Primeiro Ministro Men-

zies declara que o Partido Comunista da Austrália terá mais 3 meses de vida. — O "New York Times" ocupa-se da infiltração comunista na Guatemala. — Aprovada, pelo Congresso norte-americano, a prorrogação do contróle dos aluguéis. — O chanceler chileno declara que será emitida nota sobre as pretensões da Rússia na região Antártica. — Verificam-se diversos incidentes no Senado italiano quando se votava projeto que concede pensões aos mutilados de guerra. — Falece o Sr. Henry Truchy, membro da Academia de Ciências da França. — O Presidente Truman faz declarações contrárias à criação de um exército do ar compreendendo 70 grupos de aviões. — Aprovada a prorrogação, por 3 anos, da lei de serviço militar obrigatório. — O general Sprague Eddy é nomeado comandante na Europa. — O Sr. Prefeito do Distrito Federal sanciona lei criando o Retiro dos Professores Primários. — O Sr. Presidente da República comparece à recepção oferecida para a inauguração da nova sede de Embaixada Britânica.

23 — SEXTA-FEIRA: — Círculos parisienses fizeram os prognósticos pessimistas acêrca da posição do gabinete Bidault, na questão da votação do projeto que reajusta os salários dos funcionários públicos. Em Paris prosseguiram as conversações entre os países interessados no plano de unificação da indústria pesada europeia. — O governo boliviano propôs a formação de uma frente anticomunista na América do Sul. — O Senado Sul-Africano aprova a proscricção do Partido Comunista. — Um deputado norte-americano sugere o aumento da produção do café no sueste da Ásia, sugestão que foi logo considerada ridícula. — Prosseguem em Tóquio as negociações para a conclusão do Tratado de Paz entre os Estados Unidos e o Japão. — O Marechal Alexander dá esclarecimentos acêrca do seu relatório sobre a campanha da Itália, que provocou reação desfavorável entre os italianos. — Novos incidentes se verificaram no Senado quando da discussão do projeto que beneficia os mutilados da guerra. — O Sr. Prefeito do Distrito Federal manda cumhar medalhas comemorativas da construção do Estádio Municipal.



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

REI O REI DOS FOGAREIROS

24 — SÁBADO: — O governo centrista do Primeiro Ministro Bidault cai, mergulhando a França num crise política no momento em que esse país tomava a liderança da unidade europeia. — A Sra. Roosevelt defende a missão a Moscou do Secretário Geral das Nações Unidas, Trygve Lie, e propõe que a Assembléia Geral decida a controvérsia sobre a admissão da China comunista na organização mundial. — Descoberto um "complot" para assassinar o "premier" Salazar, sendo acusados sete indivíduos perante o tribunal competente. — Os socialistas belgas lutarão infatigavelmente para impedir a volta de Leopoldo III ao trono — declarou o Sr. Max Buset, presidente do Partido. — Tropas da República da Coréia, dominada pelos comunistas, iniciam o que parece ser uma ofensiva em vários pontos da linha fronteira entre a Coréia do norte e a Coréia do sul. — Soube-se que o General Douglas Mac Arthur rejeitará a nota em que os russos exigem seja suspensa a depuração de dirigentes do Partido Comunista japonês e que se ordene ao governo nipônico que ponha fim às suas medidas anticomunistas. — O Sr. Presidente da República compareceu ao Estádio Municipal, onde assistiu ao jogo Brasil x México, em disputa do Campeonato Mundial de Futebol. — Em disputa do Campeonato Mundial de Futebol jogam no Estádio Municipal os "teams" do Brasil e do México, saindo vitorioso o primeiro por 4x0. — No Espírito Santo é inaugurada com a presença do Sr. Ministro da Agricultura a I Exposição Pecuária do Estado do Espírito Santo.

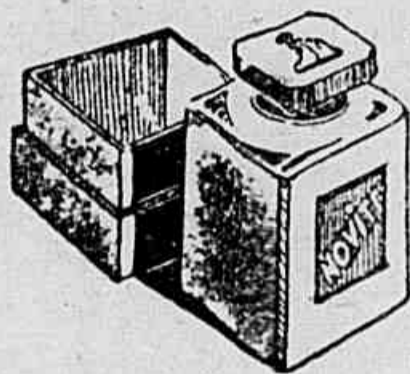
25 — DOMINGO: — Guerra entre as duas Coréias, a comunista — criada por Moscou — e a democrata — fundada pela ONU. — Afirma a rádio de Moscou que tanques da Coréia do norte penetraram em Seul, capital da Coréia do sul. — Um caça norte-americano derruba um avião Yak, pertencente à força aérea norte-coreana. — O governo britânico declara que "está muito preocupado com a violação da paz na Coréia". — Insiste o General de Gaulle em intervir na atual política francesa. Aproveitando a queda do gabinete e a crise atual, exige êle novas eleições gerais.

26 — SEGUNDA-FEIRA: — O Presidente Truman assume pessoalmente o contróle da ajuda anticomunista norte-americana no Extremo Oriente e condena a invasão vermelha da Coréia do Sul, como "ação ilegal que não pode ser tolerada". — Exigem os Estados Unidos que a Coréia do norte retire as forças com que invadiu a Coréia meridional. — Os senadores republicanos concordam unanimemente em que não se deve permitir que o ataque comunista à Coréia do Sul, envolva os Estados Unidos numa guerra. — O Presidente Auriol encarrega o ex-presidente do Conselho, Sr. Henri-Queuille, de constituir o novo gabinete. — Sabe-se que se pretende realizar em La Paz uma Conferência de Chanceleres, com o objetivo de criar uma frente única na América Latina, contra a expansão comunista.

27 — TERÇA-FEIRA — O Quartel-General de Mac Arthur anuncia que forças aéreas e navais norte-americanas estão participando de missões de combate na Coréia, em apoio das forças da Coréia meridional, seguindo instruções do Presidente Truman. — Os Estados Unidos pedem à União Soviética que intervenha junto à Coréia do norte a fim de que esta faça retirar as tropas de invasão e providencie a cessação das hostilidades. — O ex-Primeiro Mi-

PERFUMES PELO REEMBOLSO

Produtos **NOVITEX** preparados com legítimas essências francesas



NOVITEX POPULAR
Em vidros meio cristal, realçando a fragrância de seu conteúdo. Em cinco tonalidades diferentes:

X I K I T A
C A N N E S
L O V E R
M I S T I C A
F E M I N A

Extrato — Água de Colônia ou Loção — Cada vidro Cr\$ 50,00 — Mais Cr\$ 6,00 de porte correio

ESTOJOS "NOVITEX"
(Um lindo presente)

Conjunto aprimorado de extrato, Água de colônia e loção nos seguintes perfumes:

EXOTIQUE — KLIPPER
CYBÈLE — MYKOTIA

Preço de cada conjunto Cr\$ 114,00 ou mais Cr\$ 6,00 porte correio

Pedidos à **FEIRA POSTAL** — Avenida Marechal Floriano, 67 — sobrado **RIO DE JANEIRO**

ministro Henri-Queuille informa ao Presidente Auriol que não pode formar um governo para substituir o Gabinete de Georges Bidault. — O Partido Radical Socialista francês dirigiu um apelo a todos os partidos não comunistas da França, pedindo-lhes que esqueçam suas divergências e formem um governo de coalisão nacional, "em vista da gravidade da situação internacional". — A Comissão Mista de Representantes da Câmara e do Senado aprova a prorrogação, por um ano, da atual lei de recrutamento militar. — O governo trabalhista britânico obtém um voto de confiança, a propósito do Plano Schuman.

28 — QUARTA-FEIRA: — O Sr. Acheson, declara que os Estados Unidos deram seu apoio aero-naval à Coréia do sul em execução a uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, ao passo que as medidas que tomaram para defender Formosa e acelerar o auxílio militar à Indo-China e às Filipinas resultavam do fato de que o comunismo ultrapassou a fase de subversão de que constitui corolário o ataque da Coréia do norte contra a Coréia do sul. — A Rússia acusa os Estados Unidos de terem praticado um "ato direto de agressão" contra a Coréia do Norte e a China comunista. — O ex-primeiro ministro radical-socialista, Henry Queuille, aceita a incumbência de formar governo, a qual lhe havia sido atribuída pelo Presidente da França, Sr. Vincent Auriol. — O Se-

nado aprova e envia à Casa Branca o projeto de lei prorrogando a lei do serviço militar obrigatório por um ano e autorizando o Presidente Truman a mobilizar as reservas em qualquer momento que considerar necessário. — As forças navais britânicas em águas japonesas são postas à disposição dos Estados Unidos. — A Câmara Argentina resolve debater imediatamente a ratificação do pacto interamericano de defesa do Rio de Janeiro. — O governo nacionalista ordena às forças navais e aéreas que cessem as atividades contra a China continental, atendendo à solicitação do Presidente Truman.

29 — QUINTA-FEIRA: — A União Soviética declara oficialmente que a responsabilidade pela guerra na Coréia cabe à Coréia meridional e "àqueles que se encontram atrás dela". — A Rússia censura o que qualificou de intervenção de potências estrangeiras nos assuntos internos da Coréia. — As tropas coreanas do sul reconquistam o estratégico aeroporto de Kimpo, numa violenta contra-ofensiva. — O Secretário-Geral da O.N.U. telegrafa a todos os 59 países membros da Organização Mundial pedindo-lhes que informem, tão logo lhes seja possível, que tipo de ajuda militar poderão oferecer para cooperar na tarefa de rechaçar a invasão da Coréia do sul. — O Presidente Truman declara-se bastante satisfeito por ter a Argentina ratificado o Pacto do Rio de Janeiro. — O gabinete britânico reúne-se para discutir a guerra na Coréia. — O Tenente-General William Morris, Comandante-Geral do Comando do Caribe, anunciou que as forças militares norte-americanas no Panamá e outros pontos da zona do Caribe foram colocadas em "estado de alerta". No jogo, realizado em Curitiba em disputa do Campeonato Mundial de Futebol, o selecionado do Paraguai empatou com o da Suécia por 2x2. — O selecionado da Espanha derrotou o do Chile por 2x0, em jogo realizado em disputa do Campeonato Mundial de Futebol. — Em disputa do Campeonato Mundial de Futebol, a equipe dos Estados Unidos derrotou a da Inglaterra por 1x0, em jogo realizado em Belo Horizonte.

30 — SEXTA-FEIRA: — O Presidente Truman, após uma reunião com os chefes militares e líderes parlamentares, autoriza o emprêgo de forças terrestres norte-americanas nas operações contra os invasores comunistas na Coréia do sul. — Noticia-se que tropas norte-americanas começaram a desembarcar na Coréia e a aviação norte-americana prosseguiu no bombardeio das posições das forças invasoras. — Continuam chegando à ONU oferecimentos de diversos países à Coréia do sul, na sua luta contra os invasores comunistas entre eles do Brasil, Cuba, Nova Zelândia e Índia. — Congressistas norte-americanos apóiam a atitude firme tomada pelo Presidente Truman. — Uma esquadrilha de caças australiana posta à disposição da ONU, para intervir na campanha da Coréia. — Sua Santidade o Ppa Pio XII decreta a excomunhão de todos que conspirarem contra as autoridades eclesiásticas. — Adianta-se que o ato do Sumo Pontífice é dirigido, principalmente, contra os governos comunistas da Europa Oriental. — Foi lida na Assembléia Nacional a declaração ministerial do novo "premier", Sr. Henri Queuille. — O Presidente Truman assina a lei de serviço militar obrigatório. — Chegou a esta capital o Sr. Major-General Robert Harper, Diretor do Ensino da Força Aérea Norte-Americana. — Tomou posse como Ministro interino do Trabalho o Sr. Marcia Dias Pequeno.

ADVOCACIA CIVIL E CRIMINAL NO RIO E NOS ESTADOS

DR. NEWTON DE BARROS E VASCONCELLOS
ADVOGADO

Quitanda, 59 — 3º andar — Sala 21 — Tel. 22-0009
Residência: 32-2693

REI
O REI DOS FOGAREIROS

À ESPOSA, À NOIVA, À IRMÃ, À FILHA

Você dará um belo presente oferecendo um Álbum de **A CENA MUDA**. Fotografias dos mais famosos artistas do Cinema, do Rádio e do Teatro, com biografias completas, em tamanho grande, muitas das quais são coloridas.

Artigos especiais sobre Rádio, Cinema e Teatro integram o texto do maravilhoso Álbum já agora em segunda edição com fotografias e assuntos que não constaram da edição anterior, aliás bem recebido pelo público.

Trata-se de uma obra que se compra para ler e guardar.

O Álbum de **A CENA MUDA** está à venda em todos os pontos de jornais e revistas do Rio de Janeiro, das capitais dos Estados e das cidades do interior.

Custa um exemplar Cr\$ 25,00 e pode ser também obtido pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio.

Pedidos à CIA. EDITORA AMERICANA. Rua Maranguape, 15 - RIO.



PESCANDO UM MARIDO

(Cont. da pág. 10)

"Vovô". Após uma hora as sombras tinham descido completamente sobre o rio sendo impossível aos espectadores da ponte saber se Edie estava vencendo ou perdendo a batalha

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES! NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essên- cias	Extra- tos	Lo- ções
	10 gr. Cr\$	50 gr. Cr\$	1/4 Cr\$
Crepe A, Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A, Su- per	12,00	22,00	30,00
Rosa Nat., Sup.	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super ..	10,00	22,00	30,00
Violeta B. Sup.	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs, Sup.	15,00	25,00	35,00
F. Amor, Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko, Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S, Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B, Super	21,00	35,00	40,00
Tabul, Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5, Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N, Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R, Super	25,00	35,00	40,00
Narcise N, Sup.	25,00	35,00	40,00
Pretx, Super ..	35,00	45,00	55,00
Rumores, Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo, Sup.	35,00	45,00	55,00
Tabul GR, Sup.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF ...	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Cam- po LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuil- les LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rou- geatre LF ...	85,00	105,00	105,00
Desp. Reembólso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados

LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBÓLSO
POSTAL

A feira das essências
Av. Marechal Floriano, 67
Sobrado
RIO DE JANEIRO

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

Além do mais a chuva recomeçara e corri, estando sem chapéu, na direção do clube. Cheguei justamente a tempo de ver o enorme automóvel de Herbert sair pelo portão largo e descer a estrada velozmente. A figurinha ao seu lado pareceu-me familiar e deixou-me perplexo.

O coronel Wheeling estava sentado, só, na varanda, quando me aproximei. Havia um prato de belos "marrons" à sua frente e ele se servia com ar satisfeitiíssimo.

— Não era... Lolly que ia no automóvel de Herbert? — perguntei hesitante.

Ele se serviu de nova porção de "marron" e assentiu com um movimento de cabeça.

— Era ela, sim — declarou — Estão descendo para a cidade. Vão casar ainda hoje!

Quase caí sentado no primeiro degrau da escada e fiquei a olhar para ele, com ar apalermado.

— E... E Edie? — perguntei, afinal.

— Herbert deixou comigo um bilhetinho para entregar a ela, quando voltar do rio — explicou — Não a quis atrapalhar enquanto estava pescando. Ótimo rapaz, Herbert! Não sabe lá muito bem dirigir um barco a vela, quando há correnteza e vento... Mas, fora isso, que excelente criatura!

Disse e ofereceu-me uma boa porção de "marron".

★

— Prove um dos "marrons" pescados por Lolly. — disse ele — Nada mau, considerando que foram essas as primeiras que cozinhou em sua vida.

Provei e movi a cabeça afirmativamente.

— Estão maravilhosas, realmente! Mas há uma coisa que não compreendo — acrescentei. Como pôde Edie atrair assim tão facilmente o esperto "Vovô"? Pensei que a truta só tinha olhos para ver minhocas...

— Isso você deve perguntar a Lolly. — disse o coronel Wheeling, com uma expressiva olhadela para o relvado diante da varanda. Segui a direção do seu olhar e vi uma pá, tombada sobre a grama recém-revolvida e, retorcendo-se entre a terra fresca, um par de minhocões noturnos,



Mantenha a
distinção do
penteado

com

fixbril



Assenta e
dá brilho
ao cabelo

de cerca de palmo e meio de comprimento.

— Excelente pescadora é a minha sobrinha! — exclamou o coronel entusiasmado — Sabe como se apanhar um peixe grande! Olá se sabe!

QUER SER ESCRITOR?

Inscriva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305. para remessa do programa e bases do Curso

SEGREDOS E MÁGICAS PARA VOCÊ

No caso de Você não conseguir executar algum dos truques aqui descritos, sugerimos entrar em contacto com o autor, THE GREAT WALNER, que terá imenso prazer em prestar-lhe toda a assistência de que necessite.

THE GREAT WALNER é um mágico ilusionista semi-profissional, cujos trabalhos têm sido apreciados e aplaudidos por grande público em todo o Brasil. Atualmente, em suas poucas horas vagas, dedica-se a espetáculos curtos em residências, clubes, casas comerciais, colégios, igrejas e outras instituições, por ocasião de festas reu-niões, aniversários, batizados, inaugurações, comemorações, etc.. Enfim, THE GREAT WALNER, com suas inúmeras mágicas e truques de ilusionismo, está sempre pronto para distrair Você, a sua família e a seus amigos em qualquer tempo e local.

Para conhecer THE GREAT WALNER, basta Você telefonar para 26-3506 ou 42-4082, deixando endereço e nome.

APRENDA PRATICAMENTE

RÁDIO

TELEVISÃO

E

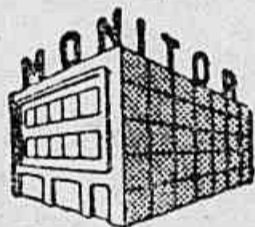
CINEMA SONORO



Sem sair de sua casa e aproveitando uns poucos minutos das suas horas de folga: dentro de pouco tempo V. S. estará perfeitamente capacitado para **MONTAR E CONSERTAR APARELHOS DE RÁDIO, DE TELEVISÃO, AMPLIFICADORES, EQUIPOS DE CINEMA SONORO, DE RADAR, etc.**

O nosso moderníssimo e exclusivo sistema de ensino por correspondência, baseado no método prático "Aprenda Fazendo", proporcionará a V. S. um estudo ameno, agradável e facilmente compreensível. Para o seu treinamento prático lhe forneceremos, inteiramente grátis, um jogo completo de ferramentas, aparelho de laboratório e peças para experiências.

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: CINCO MESES MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

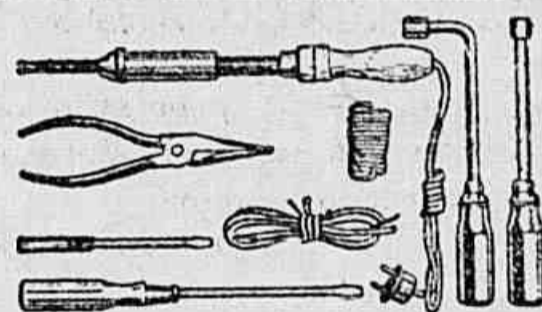


EDIFÍCIO MONITOR
Sede própria da maior escola latino-americana de ensino técnico por correspondência. FUNDADA EM 1939

Este é o curso mais eficiente, rápido e prático, pois V. S. mesmo sem nenhum conhecimento prévio, ficará habilitado em poucas semanas, a ganhar com biscates, muito mais que o custo dos seus estudos.

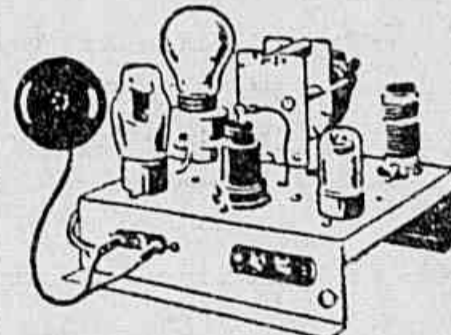
Decida seu futuro, enviando hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.

V. S. poderá montar este magnífico receptor de 7 válvulas para ondas curtas e longas.



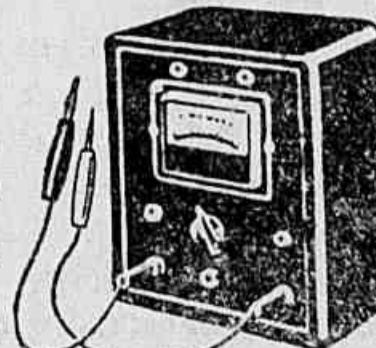
Ser-lhe-á enviado gratuitamente um jogo completo de ferramentas.

Receberá de graça os acessórios para construir



muitos aparelhos de experiência.

...e receberá um magnífico volt-ômetro para facilitar



os consertos, revisões, etc.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1795 - S. PAULO

Sr. Diretor: Solicito enviar-me grátis o seu folheto, como ganhar dinheiro no RÁDIO e na TELEVISÃO!

R. 080

NOME.....

RUA.....N.....

CIDADE.....

ESTADO.....E. F.....

QUEBRA CABEÇAS

ANO XXXIV
Nº 3
AGOSTO — 1950

Diretor — DR. LAVRUD

★

Secretário — DABLIU

Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de A. M. de Souza — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

LOGOGRIFO — 53

TRISTE CONSÓLO

O coração que vive retalhado,
Pelo frio da *desgraça* que sofreu —
3-9-4-1-2

Que jaz há tanto tempo amortalhado
Pela doce ventura que perdeu;

O coração já velho, já cansado,
Dêsse inverno de dores que viveu,
Sentindo-se sôzinho, abandonado,
Talvez maldiga a hora em que nasceu.

O', *pobre* coração! O' quantos danos
— 8-6

Fizeram-te *sofrer* os desenganos —
3-6-7-5-4-7

E as doces ilusões que te deixaram...

Sossega coração, *não* chores tanto, —
8-2

Pois inda sentes o *tristonho* canto
Das saudades que não te abandonaram!
Heliotropio — P. Alegre

★

CHARADAS SINCOPADAS

54 — Três (duas) — A *procissão* do
Senhor dos Passos, já saiu e se formos
ligeiro ainda a alcançaremos.
Dabliu (Rio)

55 — Três (duas) — O *velhaco*
ocultou-se na *selva*.
Marlene — Ilha do Governador (Rio)

56 — Três (duas) — Em *campo*
florido é preciso tomar *cautela* para
não pisar nas plantas.
Cantagalo — C.E.S. (Santos)

57 — Três (duas) — E' de admirar
a *indole pacífica* dêsse *déspota*.
Emauro (Rio)

58 — Três (duas)
Em cima do *Corcovado*
Foi êste *monstro* encontrado
A intimidar tôda a gente.
Mas *Ronega*, camarada,
Deu-lhe só certa *pancada*,
E o bicho caiu de frente.
Euclides Vilar (Campina Grande)

59 — Três (duas) — Quem tem
por hábito *pagar* as suas dívidas, é
incapaz de *ilaquear* a boa-fé de al-
guém.

Farani (Salvador)

60 — Três (duas) — O *vendedor*
de *murças* levou um *sôco*.
Fiote (Cuiabá)



JUVENTUDE ALEXANDRE



61 — Três (duas) — O homem
mais *forte* não *arranca* a tampa dos
hemisférios de Magdeburgo feitos a
vácuo.

Madeco (Maceió)

62 — Três (duas) — Se a *dor* te
mora n'alma, *sobe* até Deus e encon-
trarás *alívio*.

Leobart (Rio)

63 — Três (duas) — *Arroz um pouco*
torrado ao fogo, foi o que encontrei
acolá.

Odnanref — C.E.C. (Rio)

64 — Três (duas) — *Mã sùcia*, *mã*
companhia.

Paraná (Rio)

Ao colega El Principe

65 — Quando eu era *pequenino*
Só gostava de menino
Que não fôsse *carrancudo*.
Mas hoje que sou *tão grande*,
Meu pensamento se *expande*,
Passei a gostar de tudo — 3-2.
Apolonia Vilar (Campina Grande)

66 — Três (duas) — Mulher muito
faladora... *mulher encantadora*.

Nomisio Nuno (Feira de Sant'Ana)

★

ENIGMAS

67 — Vá três vezes todo dia,
à casa dos surdos-mudos,
na hora certa do almoço;
e verás que gritaria,
que sons agrestes e agudos
há nesse câos de *alvorço*.
Jorge W. Camargo (Rio)

Ao Dr. Lavrud

68 — A menina toma o bonde,
Diz que vai ver a cidade.
Das outras, da sua idade,
Em qualquer parte se *esconde*.
Ninguém sabe se é *verdade*,
Mas todos perguntam: Onde ?
Nilva — C E C (Rio)

69 — Num *prêso* vi, bem no peito,
Sobressair *altaneiro*
Com *letrinhas* prateadas
O nome de um *feiticeiro*.
Regito (S. Paulo)

★

CHARADAS CASAIS

70 — Três — Com esta *tira de com-
ro* o *carteiro* amarrou tôdas as cartas.
Luar das Selvas (Rio)



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

1 PACOTE DE 400 GRAMAS CUSTA MENOS DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS



À "MAIZENA DURYEA" 50 E
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

71 — Três — Desta pirraça não tiras proveito.

Ranzinza (Ilha do Governador, Rio)

72 — Três — Estava aborrecido com uma impingem rebelde.

Alnefi (Curitiba)

73 — Quatro — Embora seja vaidoso, casou-se com uma vendedora ambulante.

Adolfo Fuchsman (Rio)

74 — Cinco — Dedico esta charada... implicante a todo colega exigente.

Centauro (S. Paulo)

Com licença do Dr. Laurud

75 — Três — Médico letrado, pobre medicina, pobre literatura...

76 — Duas — Veste a tua moda e

deixa os outros andarem a tua roda.

De Souza (Rio)

77 — Três — Sujeito tratante mora sempre em casa ordinária.

Dan Ridet — G.C.N.-G.C.B. (Salvador)

78 — Três — Um dito provocante é sempre pretexto de briga.

Edpim (Vitória de Santo Antão)

79 — Duas — Numa briga se machuca com pancadas este individuo mal-vestido.

Joliver — G.C.N. (Natal)

80 — Duas — Com uma pincelada sujo o teu trabalho.

Jotoledo (Rio)

81 — Três — Carece de importância social aquele sujeito de reputação duvidosa.

Joleno (Curitiba)

82 — Três — O homem tem tal mania pelo rádio, que arma antenas até na espiga do cabeçalho dos carros.

Plá — C E C (Rio)

83 — Quatro — As medidas da moça originaram boas piadas.

Leobart (Rio)

84 — Três — Não obstante ser muito forte, o valentão apanhou na briga que houve na quebrada.

Gil Virio (Andradina)

85 — Três — Em geral todo o homem ordinário é cheio de empáfia.

Major Agá (Itajubá)

★

CHARADAS ANTIGAS

86 — Sou individuo, confesso, Avesso a qualquer gracejo; — 2 Não tolero coisa feita, — 2 Porque só causa motejo.

Formiga Leão (Alagoinhas)

87 — Eis de fato a realidade — 1 Dum dominio que enobrece: — 1 Não ferir com a censura Mesmo aquêlê que a merece.

Mascobei (Salvador)

★

CHARADAS NOVISSIMAS

88 — Duas-duas — O sistema ferroviário subterrâneo urbano civiliza qualquer cidade principal.

Eva Dio (Rio)

89 — Três-uma — Um individuo infeliz, decadente nos negócios torna-se depois de arruinado em um homem perigoso.

Argos (Rio)

Agradecendo e respondendo a F. Sampaio

90 — Três-uma — Todo aquêlê que fala demais sempre encontra na vida desacerto.

Conde de la Fère — G.C.C.B. (Bahia)

91 — Uma-três — E' de caráter baixo o homem embriagado e viciado.

Dr. Zinho (Taubaté)

92 — Uma-duas — Cá em casa, quando trinco apressado o jantar, machuco a bochecha.

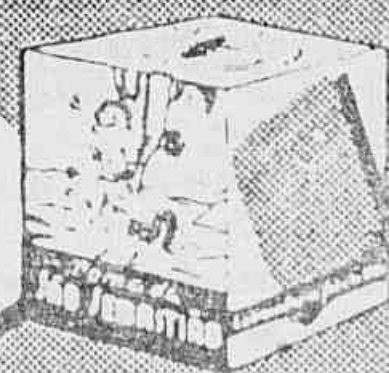
El Principe (Uberaba)

93 — Duas-uma — Usa-se um bom lambedor, nesse tempo frio, para manter a facilidade de falar bem.

Fusinho — E.C.E. (Rio)

CONSERVE A SUA PELE
LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS

POMADA
SÃO SEBASTIÃO



94 — Duas-uma — *Lulé, meu amigo, para conquistar a glória e, mais ainda para não se entregar ao desânimo.*
Gil Virio (Andradina, S. Paulo)

Ao Dr. Lavrud

95 — Duas-uma — *Dedicação ardente rende-se somente a homem pontual e diligente.*

Heron Silpes (Canavieiras)

96 — Quatro-uma — *O papagaio de papel não pôde subir, porque o tabaréu o rasgou.*

Janota (Santos)

Para Euclides Vilar

97 — Duas-uma — *Encontrei no sulco feito pelo arado uma flor de alcaçuz.*

João Sipó (Abaíra — Bahia)

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essên-	Extra-	Lo-
	cias 10 gr. Cr\$	tos 50 gr. Cr\$	ções ¼ Cr\$
Jasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeirasas A — Su- per	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Su- per	25,00	35,00	40,00
Pretz — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Su- per	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougea- tre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôl- so	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

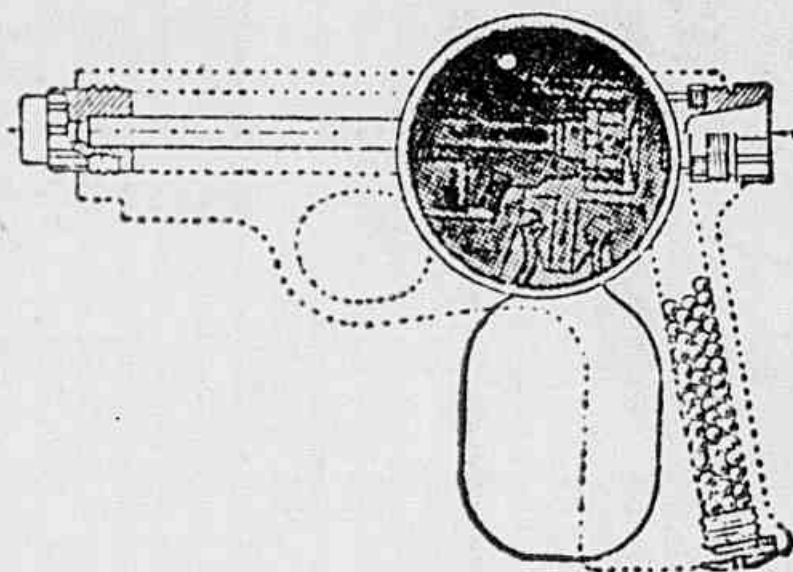
Vendas pelo REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS
Av. Marechal Floriano, 67
Sob. — RIO DE JANEIRO

Pistola "PNEUMA TIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessi-
dade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias cores



FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr\$ 250,00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes
Cr\$ 15,00

98 — Duas-duas — *Goza a vida com parcimônia, pois ela se disfarça de muito duradoura.*

Formiga Leão (Alagoinhas — Bahia)

99 — Uma-duas — *Na imensidão da liberdade há a alegria que a realça.*

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

100 — Duas-duas — *Em troca de uma obra que considero principal para uma biblioteca, dei-lhe a história de uma das personagens dos pastores.*

Arpetra — C.E.S. — (Santos)

101 — Duas-duas — *No intervalo de uma a outra aula, a garôta apreciava o panorama à espera do encontro combinado.*

Nilva — C.E.C. (Rio)

102 — Três-três — *Quem afugenta os gênios do mal é exorcista.*

Fandédipo (S. Paulo)

103 — Três-duas — *O réu que não comparece ao juízo sendo citado, falha com desobediência as ordens da justiça.*

Mardel (Natal)

Ao Jairo, agradecendo "Cadeira"

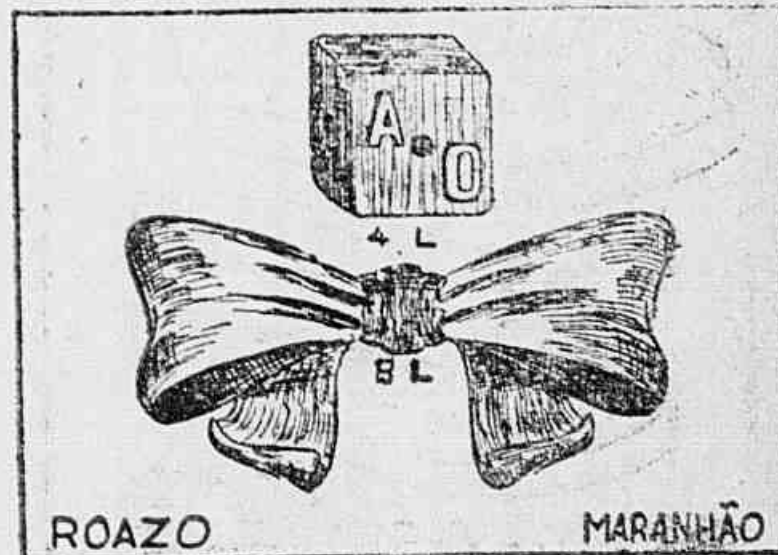
104 — Duas-duas — *Na margem do rio, o homem pensa no destino contrário.*

O Sineiro — G.C.N.-C.E.C. (S. Paulo)



ENIGMA FIGURADO — 105

Ao Ronega



ROAZO

MARANHÃO



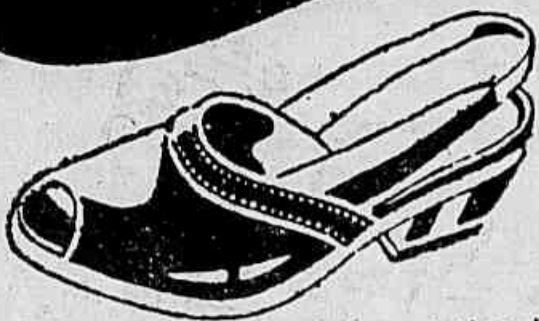
BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALÓGO GRATIS

CHINELOS

PARA TODO O BRASIL PELO REEMBOLSO POSTAL



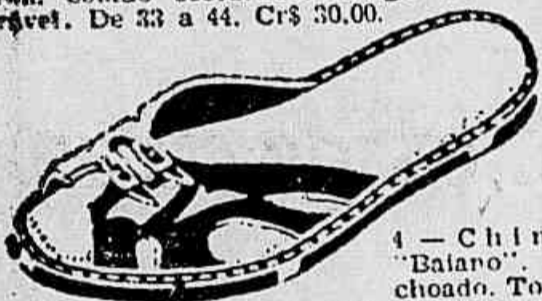
1 — Chinelo de pelica levíssimo. Artigo de primeira qualidade, sola flexível, nas cores azul marinho e preta. De 33 a 39. Cr\$ 75,00. O mesmo artigo, sem salto. Cr\$ 72,00.



2 — Chinelo de ótima pelica, fechado. Muito leve e elegante, próprio para pessoas que apreciam o melhor. Sola flexível. Nas cores grená e preta. De 32 a 39. Cr\$ 75,00. O mesmo tipo, em feltro, em gr-ná ou em azul. De 32 a 39. Cr\$ 70,00.



3 — Chinelo de vaqueta, marrom, solado costurado, artigo forte e durável. De 33 a 44. Cr\$ 30,00.



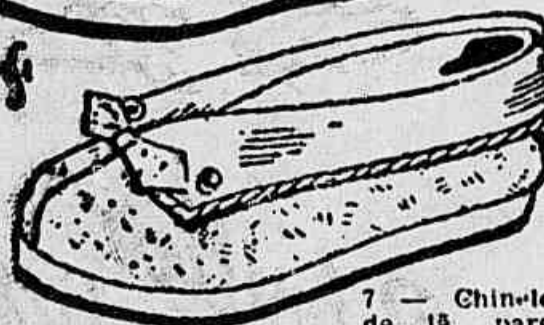
4 — Chinelo "Balano", acolchoado. Todo de couro, com fivela e enfeites brancos no peito do pé. Artigo muito resistente. De 33 a 44. Cr\$ 20,00.



5 — Chinelo aberto, forrado de couro, de 33 a 44. Cr\$ 25,00. Chinelo de primeira, solado, costurado a mão, de 32 a 44. Cr\$ 25,00. Chinelo para crianças, artigo de sola. De 23 a 32 — Cr\$ 12,00.



6 — Chinelo "chagrín", artigo extra, marca CASTANHO. De 33 a 44. Cr\$ 75,00. O mesmo tipo, em couro, e na mesma numeração. Cr\$ 65,00.



7 — Chinelo de lã, para ser usado fechado ou aberto. Tipo propaganda. De 33 a 40. Cr\$ 25,00. O mesmo tipo, artigo bom e lá de primeira. De 33 a 40. Cr\$ 30,00. O mesmo tipo, qualidade extra, com acolchoado, marca CASTANHO. De 33 a 42. Cr\$ 75,00. CHINELO DE LIGA, com salto, de 33 a 44. Cr\$ 16,00.

Apesar de seu pedido, escreva com clareza o número do chinelo, seu nome, cidade e Estado.

Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL por carta ou por telegrama, para **CASA RANIERI LTDA.** RUA CAETES, 317 — End. Teleg.: "Ranieri" — Belo Horizonte — Minas

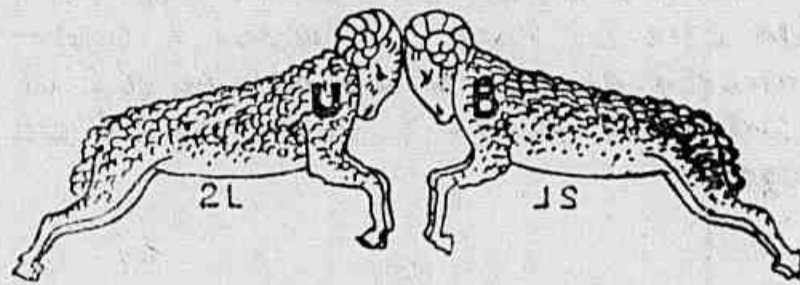
ENIGMA FIGURADO — 106

Ao amigo Jeca

S



EO



Pinga-Fogo (Divinópolis)

★

PROBLEMA Nº 5

1		2		3		4
		5	6			
7	8					9
		10				
11						12
			13			
14						15

Emauro (Rio)

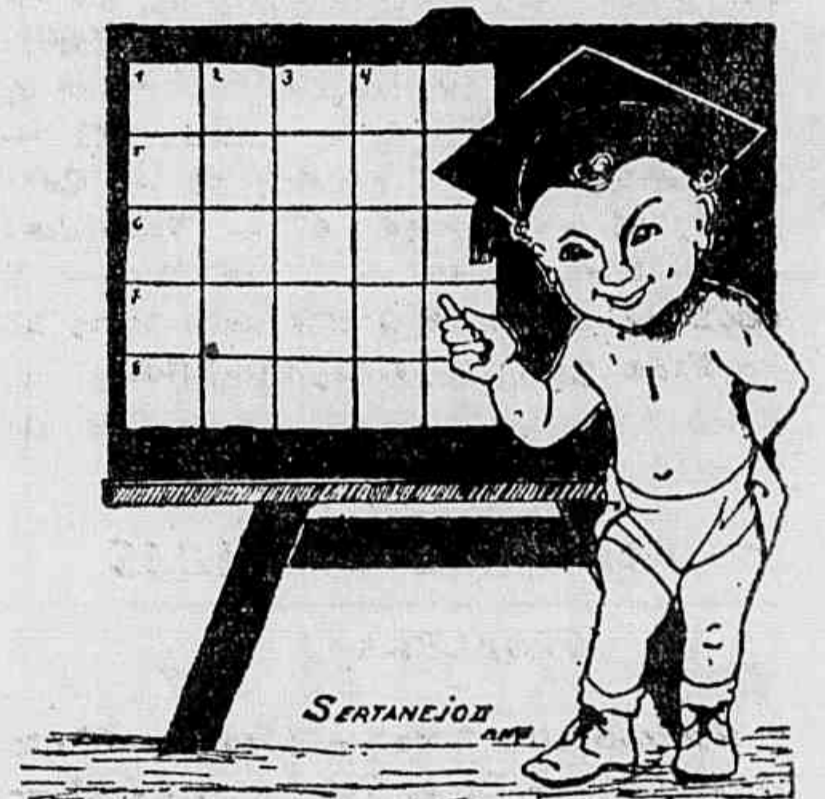
Horizontais: 1 — Vale 20 em hebraico; 3 — Rua; 5 — Aplicação; 7 — Atrair; 10 — Esteja iminente; 11

— Atilho; 13 — Imundície; 14 — Fecha as asas para descer muito depressa; 15 — Marco das portas.

Verticais: 1 — Mercado público no Oriente; 2 — Fumegara; 3 — Sensatez; 4 — O ninho; 6 — Avalio; 8 — Uma das mais antigas cidades da Galia; 9 — Afl. esquerdo do Reno; 11 — Tribo árabe da Berberia; 12 — Angola.

★

PROBLEMA Nº 6



(Sertanejo)

Horizontais: 1 — Diz-se da posição de 2 planetas que guardam entre si a distância da oitava parte do zodíaco; 5 — Enérgico; 6 — Nome de uma vespa; 7 — Falei baixinho; 8 — Nome de homem.

Verticais: 1 — Variedade de micapardo-amarelada; 2 — Relativo a certos magistrados romanos; 3 — Pressa; 4 — Átomo carregado elétrica-mente.

★

SOLUÇÕES DE JANEIRO

1 — Reinação; 2 — Chicana; 3 — Linda; 4 — Atarefado; 5 — Rascada;

Barômetro Humorístico

UM ADORNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

Escreva-nos pedindo um e pague ao correio somente quando receber o volume
Para revendedores temos preço especial para pedidos de dúzia

PREÇO: Cr\$ 25,00
sem mais despesas

Fábrica "EGLY"

Caixa Postal 1049
SANTOS (EST. DE SÃO PAULO)



6 — Rompimento; 7 — Logomaquia; 8 — Choquento; 9 — Ronca; 10 — Retroagir; 11 — Queimoso; 12 — Escaldadura; 13 — Mancarrão; 14 — Combate; 15 — Algozaria; 16 — Comentário; 17 — Sombrio; 18 — Encabeçamento; 19 — Gorjala; 20 — Pega-Fogo; 21 — Açodamento; 22 — Mordedura; 23 — Marfado; 24 — Cara; 25 — Esfingico; 26 — Remedia; 27 — Ominosas; 28 — Movido; 29 — Traço; 30 — Sengo; 31 — Manto; 32 — Magano; 33 — Zimbra; 34 — Lanho; 35 — Fósmea; 36 — Lada; 37 — Pequeno; 38 — Sorridentes; 39 — Capote; 40 — Potente; 41 — Terceiras; 42 — Latido; 43 — Prestante; 44 — Vedado; 45 — Carpido; 46 — Cobiça; 47 — Tropilha; 48 — Figado; 49 — Fúfia; 50 — A obóbada celeste é órbita sem fim; 51 — Vida gemida, vida comprida.

★

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1

Horizontais: Arca — Aleos — Chute — Manam — Eles; *Verticais:* Alhal — Reune — Cotas — Asem — Acme.

PROBLEMA Nº 2

Horizontais: Abacot — Cábula — Acarom — Matari — Abetum — Maroma; *Verticais:* Acamam — Bacaba — Abater — Curato — Olorum — Tamina.

★

DECIFRADORES

Lutércio, Nilva, Plá, Dr. Zinho, Janota, Julião Riminot, Jonio, Sertanejo II, Jairo, Major Agá, Sam, Jotoleto, Eulina Guimarães, Carlino, Mira, Xisto, Oicarah, Durmel, O. Janz, Juca Pirolito, Mitra, Padre Chagas, Pele Vermelha, Paco, Raul Petrocelle, R. Kurban, Imara, Johanes Latium, El Principe, Leo For, Dr. Kean, Bigi Neto, Sefton, Centauro, Roble, Rongga, Ralvo Ilvas, Rei, Flori, Wilmar, Peri, Buridan, Roldão, Emauro, Conde de la Fére, Yvelise, Farani, Toberal, Zytho, Nami, Dupla Jorisa, Violeta, Sônia, Rodge, Botucarahy, Dr. Neso, Debrito, Gaivota Negra, Cisne Branco, Ueniri, Alvasco, Asurea Davila, De Souza, Paulistinha, Segon, Iza Abel, Bva Dio, Jonato, Burlador, Esoj, Mavia, Emidlej, Regito, Tribo dos Tamboios, Roazo, Spartaco — 51 pontos; 9 Sineiro — 49; Edpim, Dr. Jotacio, Dr. Zepanta — 47; Dr. Barreto Cardoso, Chico Bacamarte; Frabello, Odnamref — 45; Welton, Notrya, Zezinho — 42; El Campeador, Tony — 41; Fusinho, Heron Silpes — 40; Joleno — 38; Magali — 36; Iris, Heliotrópio — 35; Milon — 34; Perseu — 31; Pinga-Fogo, Matsuk, Vesper — 29; R.A.C.H.A., Thisbe, Dalwa, Mosquito, Namá, Walter T. Chaves, Darwinho, Ranzinza, Marlene — 18; Anthony — 18; K.T.Q.Z. — 14.

CONTRA-ALMIRANTE ESCULÁPIO CÉSAR DE PAIVA

Foi promovido a Contra-Almirante o Comandante Esculápio César de Paiva, que é o nosso querido amigo e velho colaborador *Janota*, de Santos. As nossas felicitações.

★

DICIONÁRIO MONOSSILABICO ENCICLOPÉDICO

Do seu autor, Dr. Paulo Japyassu, de Juiz de Fora, recebemos a comunicação de que a segunda edição do dicionário estará à venda agora em agosto.

★

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

O Charadista e A Charada, de Lisboa; *Edipismo e Palavras Cruzadas*, de Estremos; *Norte Charadístico*, de Recife; *Sul-América*, revista da conhecida companhia de seguros.

★

CORRESPONDÊNCIA

Formiga Leão (Alagoinhas — Bahia) — Recebemos e agradecemos os seus bons trabalhos.

Nerff (Plataforma — Bahia) — Inscrito com muito prazer.

Redskin (Rio) — O seu lugarzinho estava sempre reservado.

Ipé (Natal) — Bem aparecido; mande o seu novo endereço.

Fandêdipo (S. Paulo) — Inscrito. Recebemos listas e trabalhos.

Antônio C. Pena (Paramirim — Bahia) — Inscrito. Recebemos a lista e o valor do livro. O enigma a prêmio é resolvido pelo "Brasil-Portugal".

Domingos Di Pietro (Belo-Horizonte) — Não sabemos do que se trata sobre os trabalhos que diz ter mandado. E' bom remeter outros. Não escrevemos porque não mandou o seu endereço. Esta seção é feita com um mês de antecedência.

José Severino do Amaral (Paramirim — R. G. Norte) — A livraria Tupã escreveu sobre os livros. Agradecemos os trabalhos que mandou.

Arpetra (Santos) — Inscrito com muito prazer.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência destinada a esta seção, deve ser dirigida ao seu diretor,

DR. LAVRUD

Uma cousa...



...exige outra



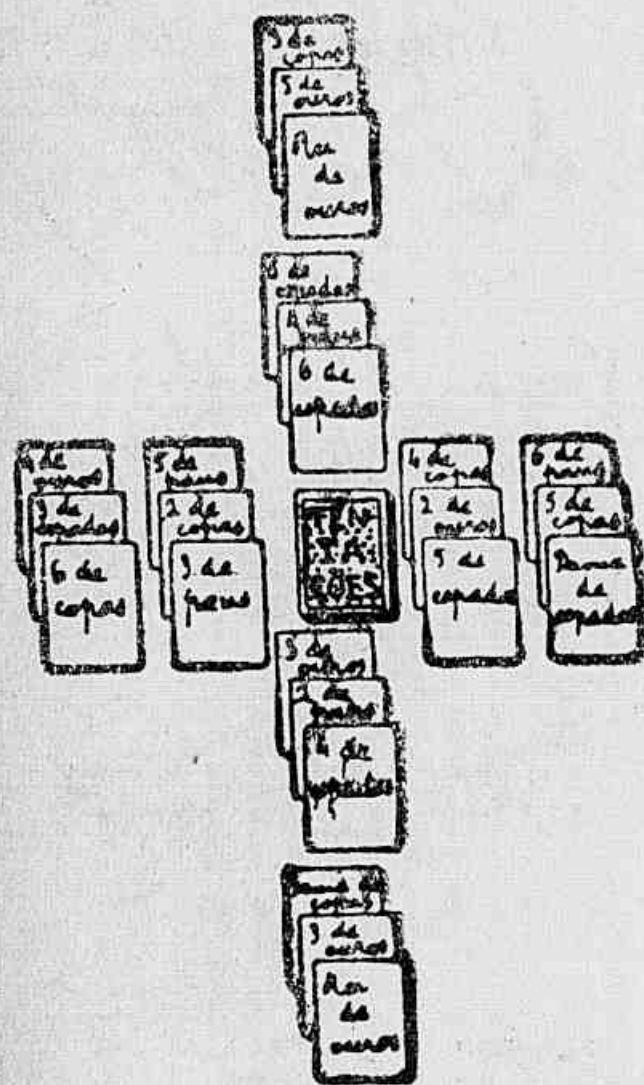
Polvilho
Antisséptico
GRANADO



CARTOMANCIA

Maria (casada, 35 anos, Santos, São Paulo) — No estudo feito em seu mapa, noto: breve chegada de uma comunicação que lhe dará alegrias. Uma pessoa terá de se ausentar, por motivo de doença. Vejo pequena desavença ocasionada por um mal-entendido. Uma criança de sua família sofrerá ligeiro acidente. Terá vida longa e calma.

Desprezada (21 anos, Uruguaiana, R. G. do Sul) — Noto que possui



Mapa em que têm de ser escritos os valores das cartas; deve ser cortado e enviado a esta redação com o nome ou pseudônimo do consultente e localidade de onde vem

temperamento místico, idéias extravagantes, gosto pela música e boa intuição. Durante uma comemoração, seu nome será alvo de elogiosos comentários. Procure usar como talismã, uma pedra verde. Seus dias futuros apresentam-se ditosos. Haverá um casamento, enchendo de venturas sua casa. Vida bastante feliz.

India domesticada (20 anos, Distrito Federal) — Para uma consulta é necessário que envie, junto ao "coupon" devidamente preenchido, um mapa, com as cartas nos respectivos lugares. Remeta outra consulta e terei prazer em lhe atender. Até breve.

Caprichoso (22 anos, solteiro, Paraíba) — Em primeiro lugar, lhe recomendo cautela com os inflamáveis, pois noto perigo de ser vítima dos mesmos. Vejo que em horas de alegrias, terá uma notícia triste. A seu lado está uma mulher tentando envolver seu nome numa intriga. Noto a breve realização de um sonho muito querido.

Mariza (21 anos, solteira, R. Janeiro) — Leia com atenção as instru-

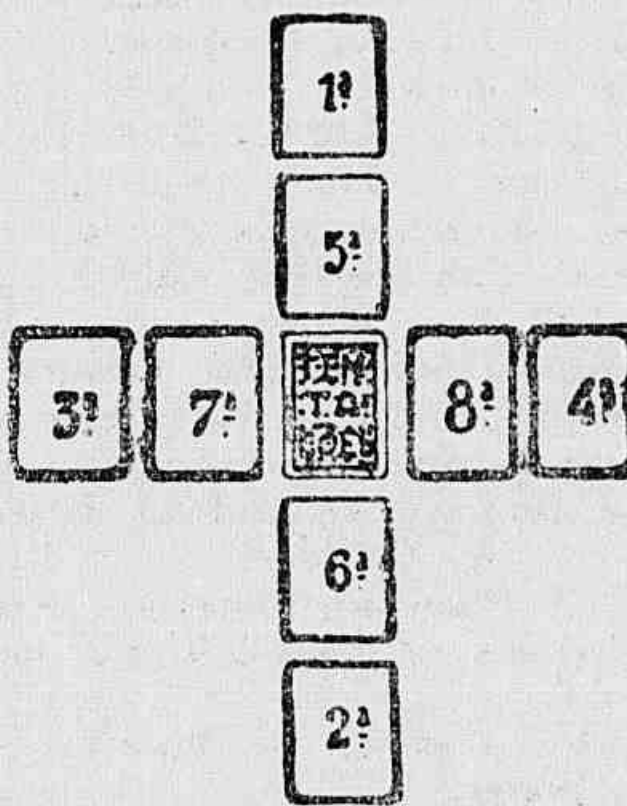
ções sobre o modo de "deitar" as cartas e envie uma consulta, pois esta que veio está incompleta, não permitindo realizar o estudo.

Gatinha branca (19 anos, solteira, Niterói) — Dentro de 2 anos, sua vida passará por agradável mudança. Um homem de estatura mediana, lhe prestará valioso auxílio. Por intermédio de uma carta, saberá da feliz conclusão de um caso há muito iniciado. Uma de suas amigas, muito breve dará provas de sinceridade. Terá no futuro, venturas e abundância.

Lourdes R. F. (20 anos, solteira, São Paulo) — Em uma festa íntima, receberá um mimo bastante significativo. Breve fará uma viagem que será coroada de pleno êxito. Noto que será bem recebida para uma missão de boa-vontade. Em horas de refeições haverá uma discórdia por causa de somenos importância. Deve usar como talismã, um rubi.

Felicidade (23 anos, solteira, São Paulo) — Noto que por sua causa, dois jovens discutirão. Será presa do leito, porém, não haverá gravidade. Aparece uma mulher de bom coração intercedendo a seu favor, numa questão amorosa. Uma jovem de sua amizade, será difamada por alguém que se diz sua amiga. Vejo ainda que seus dias futuros serão amenos e que terá êxitos e abundância.

Ana Lúcia, Angola, Tiririca, Cobrinha, Indecisa e Laura (Rio de Janeiro) — As consultentes acima mencionadas, deverão renovar suas consultas,



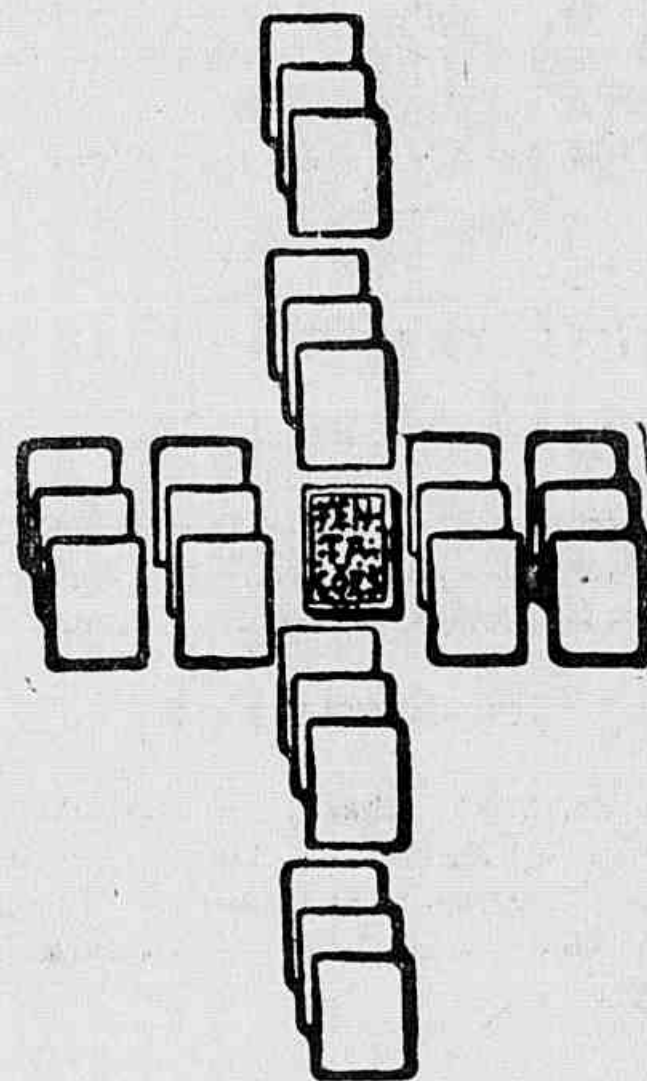
Maneira de deitar as cartas em cruzeta, na ordem numérica, em que estão dispostas

pois enviaram os coupons e esqueceram do mapa onde deve ser copiado o resultado que obtiveram com o baralho.

Timida (22 anos, solteira, Paraná) — De início digo que suas cartas apresentam uma boa disposição, augu-

rando-lhe futuro ameno e realização plena de seus ideais. Precisa se acautelar com uma moça clara, que frequenta sua casa, pois ela é falsa. Um homem de farda lhe dirá agradáveis palavras. Receberá uma carta bastante clara, sobre um assunto que lhe interessa de perto.

Olhos tristes (21 anos, solteira, Niterói) — Noto a seu lado, um jovem de coração bem formado e que tem boas-intenções a seu respeito. Em criança de sua amizade, vejo pequena enfermidade. Seus dias mais venturosos serão os pares. Durante uma festa, seu sucesso será completo e cau-



Modelo de como tem que ser escrito o mapa

sará invejas. Terá existência longa e feliz.

Carioquinha (22 anos, solteira, E. do Rio) — Para seus novos empreendimentos, deve procurar os dias pares. Uma jovem leviana, tentará fazer intrigas com seu nome. Noto a chegada de alguém querido e que há muito se ausentou. Vejo que possui gênio afável, franqueza de atitudes e gosto pelas artes. No futuro verá seus sonhos realizados.

COUPON PARA A RESPOSTA

Nome ou pseudônimo

Sexo

Estado civil

Naturalidade

Data do nascimento

Local da consulta

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL - Aproveitem estas maravilhosas ofertas

GRATIS

Para compras acima de Cr\$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso.

CASAS ROULIEN

AO PUBLICO DE TODO O BRASIL

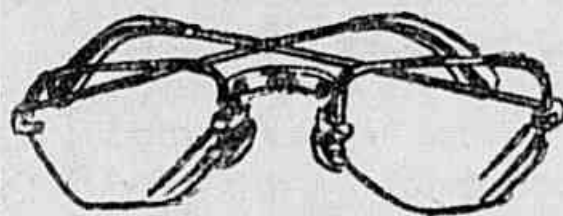
Comprem na mais antiga organização de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950, por preço de reclame.

GRATIS

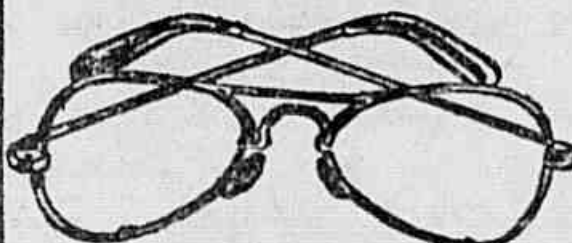
Para compras acima de Cr\$ 150,00, enviaremos junto ao pedido, uma pulseira folheada para Senhora. Façam seus pedidos à nossa Casa, e ganhem este lindo presente.

TODOS OS NOSSOS ARTIGOS SÃO RIGOROSAMENTE SELECIONADOS E GARANTIDOS NA SUA QUALIDADE.

Remessas rápidas por via aérea, sem despesas para o comprador.



501099 ELEGANTE óculos sem áro, com armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça. Cr\$ 120,00

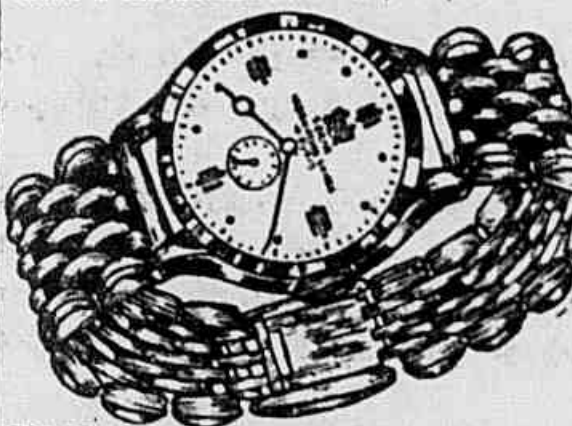


501100 - DISTINTO óculos tipo RAY-BAM, com áro dourado ou cromado, com vidro verde. Cr\$ 67,00

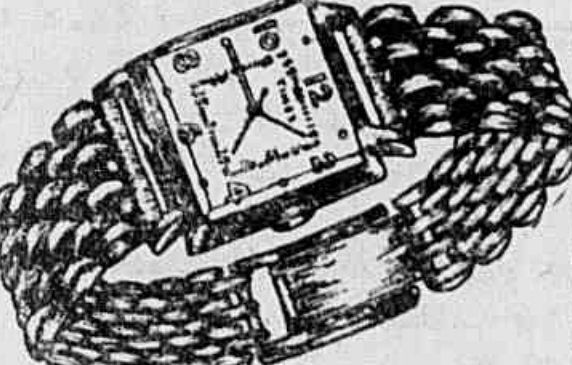
501107 - MARAVILHOSA caneta tinteiro, Norte-Americana, com parte superior e pena folheada



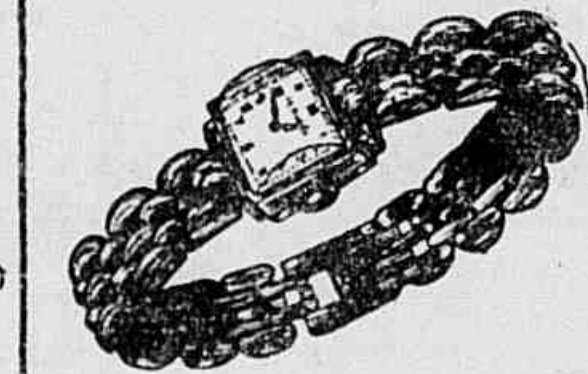
a ouro, imitando a melhor caneta Norte-Americana. Uma caneta de grande venda, devido a sua durabilidade. Cr\$ 39,00.



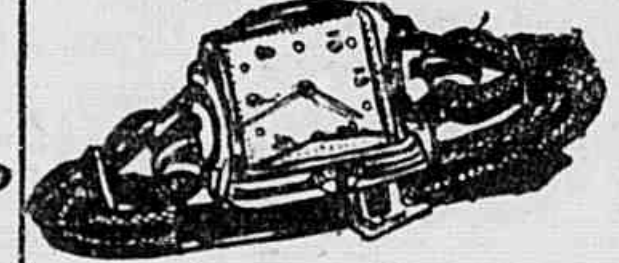
501165 LINDO relógio para homem, finíssima apresentação e muito vistoso, máquina suíça, 15 rubis, folheado a ouro. ANTI-MAGNETICO, tamanho gigante, qualidade extra, elegante, com vistosa pulseira também folheada a ouro. Enviamos certificado de garantia. Uma linda jóia. Adquiri-o e não se arrependeu. - Cr\$ 475,00.



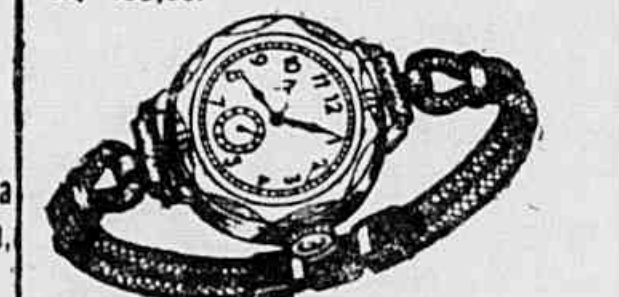
501166 - SENSACIONAL OFERTA. Distinto relógio para homem, vidro lente, máquina suíça, com 7 rubis, folheado a ouro 18 quilates, com linda pulseira também folheada com gravação. Aproveitem. - Cr\$ 388,00.



501111 MARAVILHOSO relógio para Senhora, SUIÇO, Ancora, 15 rubis, vidro alto, lente abaulada, folheado a ouro 18 quilates, com pulseira também folheada. Um relógio de grande durabilidade, junto ao qual, enviaremos certificado de garantia. Cr\$ 595,00.



501110 LINDO relógio para Senhora, Suíço, Com 15 rubis, folheado a ouro, vidro lente alto e abaulado. Um relógio muito durável, junto ao qual enviaremos certificado de garantia. Cr\$ 435,00 com pulseira folheada a ouro, mais Cr\$ 105,00.



501139 DISTINTO relógio Suíço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr\$ 196,00.



COLARES DE PEROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravados com lindas pedras imitando brilhantes. Brilho de cor inalterável. BELEZA e distinção de perolas legítimas. Não confundir com imitações de qualidades inferiores.

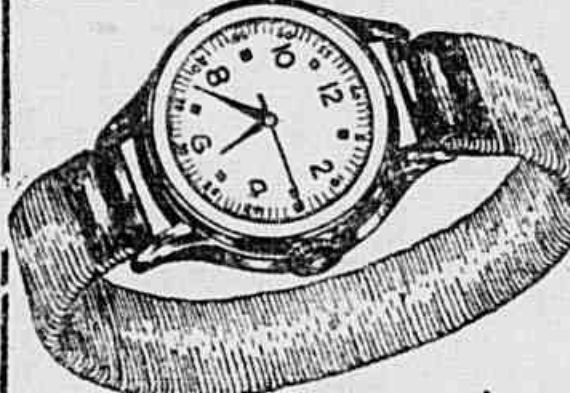
391140 - Com uma volta Cr\$ 48,00
391141 - " duas voltas Cr\$ 96,00
391142 - " tres voltas Cr\$ 144,00

LINDOS COLARES DE OURO 18 QUILATES. PREÇOS DE GRANDE RECLAME

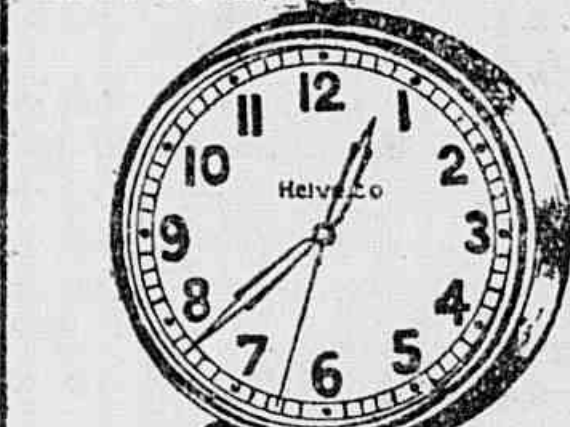
391161 - CORRENTE	Cr\$ 96,00
391162 - DESLUMBRANTE	Cr\$ 152,00
391163 - GRACIOSO (Flo Tordido)	Cr\$ 162,00
391164 - MARAVILHOSO	Cr\$ 152,00



501167 - RELOGIO CRONOGRÁFO, folheado a ouro, excelente máquina suíça, ANTI-MAGNETICO, com 17 rubis e disparador automático. Marca com absoluta precisão o tempo e velocidade e décimos de segundos, com valiosa pulseira folheada a ouro, máquina de classe. Enviamos certificado de garantia. - Cr\$ 845,00.



501168 - MARAVILHOSO RELOGIO para homem, 15 rubis, ANCORA, folheado a ouro com linda pulseira extensiva, fio sem fim, excelente máquina suíça de absoluta precisão e garantia. Junto ao mesmo, enviamos certificado de garantia. GRANDE OFERTA. - Cr\$ 365,00.



501144 DESPERTADOR SUIÇO, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão Cr\$ 128,00



501145 DESLUMBRANTE e ORIGINAL conjunto de pulseira e colar, folheado a ouro. Mantém inalterável a perfeita aparência de ouro legítimo. A pulseira tem um trevo de felicidade, um coração e dois círculos, sendo um glaciário, com as seguintes palavras: I LOVE YOU.
Conjunto 2 peças Cr\$ 220,00
391146 - O Colar Cr\$ 152,00
391147 - A PULSEIRA Cr\$ 138,00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame à outra ponta, e nos envie juntamente ao seu pedido.

501148 - ALIANÇAS DE OURO. 18 QUILATES, com polimento de excelente brilho.
Uma Cr\$ 101,00
Par Cr\$ 195,00
Envie-nos a medida do dedo

501149 - GRANDE RECLAME. Distinto anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi. Cr\$ 135,00. Envie-nos a medida do dedo.

501150 - MARAVILHOSO - Anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excepcional brilho. Uma linda jóia. Cr\$ 285,00. Envie-nos a medida do dedo.

501151 - DISTINTO - Anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi de excepcional brilho e perfeita lapidação. Cr\$ 240,00. Envie-nos a medida do dedo.

501152 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi e safiras. APROVEITEM Cr\$ 138,00 - Envie-nos a medida do dedo.

501153 - DESLUMBRANTE par de brincos pingentes em ouro 18 quilates, com safira e rubi, de excepcional brilho. Uma graciosa e artística jóia. Cr\$ 198,00.

501154 - BRINCOS de bolo em ouro 18 quilates, tamanho grande Cr\$ 72,00.

501155 - Tamanho pequeno Cr\$ 58,00.

501156 - BRINCOS CORAÇÃO, em ouro 18 quilates, com cravação de rubi. ARTISTICO ACABAMENTO - Cr\$ 122,00.

501157 - BRINCOS AFRICANA - Em ouro 18 quilates:
Tam. pequeno Cr\$ 98,00
Tam. médio Cr\$ 128,00
Tam. grande Cr\$ 159,00

501158 - APROVEITEM - Original medalha e colar em ouro 18 quilates, com as imagens dos santos mais conhecidos. Cr\$ 112,00.

501159 DEUS TE GUIE - Em ouro 18 quilates. Linda cravação em rubi:
Tamanho peq. Cr\$ 68,00
Tamanho gran. Cr\$ 85,00

501160 - GLORIOSO SÃO JOGE - Em ouro 18 quilates:
Tam. pequeno Cr\$ 80,00
Tam. grande Cr\$ 108,00

REPRESENTANTES ACEITAMOS PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL, COM PROVAS DE IDONEIDADE E REFERÊNCIAS.

AS CASAS ROULIEN GARANTEM AOS SEUS FREGUESES PREÇOS MÍNIMOS, QUALIDADE, REMESSA RÁPIDA POR VIA AEREA, SEM A MENOR DESPESA PARA O COMPRADOR. PEDIDOS AS CASAS ROULIEN, NILO GEORG DE OLIVEIRA, RUA FREI FABIANO, 543 - 1º E 2º ANDARES, EDIFÍCIO PRÓPRIO MEYER, RIO DE JANEIRO.
Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fugam dos imitadores. As CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo há mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.
PEÇAM OS NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES COM INUMEROS ARTIGOS

FORAM MUITOS OS QUE...

(Cont. da pág. 49)

riguar alguma coisa por meio de suas relações...

★

O sol da manhã, atravessando as cortinas que cobriam as janelas do escritório de Spade, desenhava dois grandes retângulos no soalho e dava um tom amarelado a tudo o que havia na sala. O detective estava sentado diante do seu **bureau**, olhando pensativamente para um jornal. Não levantou a cabeça nem o olhar, quando Effie Perine apareceu, surgindo da sala contígua.

— A Sra. Haven está aqui — anunciou êle.

Spade imediatamente levantou a cabeça e disse:

— E' melhor assim. Faça-a entrar.

A Sra. Haven não tardou a surgir. Tinha o rosto pálido e tremia incessantemente, apesar do casaco de peles e do dia, quase de verão.

Dirigiu-se diretamente a Spade e perguntou:

— Foi Gene quem matou?

— Não sei... — respondeu Spade.

— Devia saber! — gritou ela.

Spade a tomou pelas mãos.

— Venha comigo... — conduziu-a para uma poltrona onde a instalou. depois perguntou: — Colyer a preveniu de que mandou cancelar o encargo que me havia feito?

— Mandou cancelar? — repetiu ela com verdadeira surpresa.

— Deixou escrito aqui, ontem, já noite, que seu marido fôra encontrado e que não precisaria mais dos meus serviços.

Ela baixou a cabeça e suas palavras foram apenas inteligíveis.

— Então... foi êle...

Spade ergueu os ombros.

— Talvez somente um homem inocente podia agir como êle... Também pode ser, realmente, o culpado! Mas a verdade é que tem inteligência e coragem suficientes para...

Ela não o ouvia. Inclinada para êle, dizia-lhe em tom de ansiedade:

— Mas, Sr. Spade, o senhor não vai abandonar o assunto, não é mesmo? Não deixará que êle o impeça...

Nesse instante soou a campainha do telefone:

— Com sua licença — disse êle, empunhando o fone.

— Sim... Ah! Tem certeza? — apertou os lábios. — Bem... Eu avisarei daqui a pouco... — afastou suavemente o telefone para um

lado e voltando-se novamente para a Sra. Haven, murmurou: — Colyer está aí fora...

— Sabe que estou aqui?

— Não posso saber...

Levantou-se, aparentando não a estar observando detidamente e então perguntou:

— Isso tem importância para a senhora?

Ela, por sua vez, mordeu os lábios e respondeu, hesitando:

— Não.

— Esplêndido! Mandarei Gene entrar!

A Sra. Haven levantou uma das mãos, como para impedi-lo, porém, logo a deixou cair. Seu rosto voltou a aparentar calma.

— Como quiser — disse com firmeza.

Spade abriu a porta e saudou:

— Olá, Colyer. Entre! Exatamente estávamos falando a seu respeito.

Colyer inclinou ligeiramente a cabeça e entrou no escritório de Spade tendo o chapéu numa das mãos e a bengala na outra.

— Como está passando hoje, Júlia? Devia ter telefonado... Eu teria mandado o automóvel...

— Eu... Não sabia o que fazia...

Colyer a observou por alguns instantes, depois dirigiu o inexpressivo olhar de seus olhos verdes para Spade.

— Então? Você pôde convencê-la de que **não fui eu?**

— Ainda não chegamos a isso — respondeu Spade. — Estava simplesmente tratando de verificar que grau de razão havia para suspeitar de você. Mas queira sentar aqui ao meu lado.

Colyer sentou com certa cautela, perguntando:

— E então?

— E então... você chegou!

Colyer fêz um grave gesto de assentimento.

— Muito bem, Spade. Está você novamente contratado... porém agora para demonstrar à Sra. Haven que eu nada tive que ver com o crime...

— Genê! — exclamou ela com voz agoniada e estendendo para ela as mãos num gesto suplicante. — Não acredito que tenha sido você... Não quero pensar que tenha sido... Mas tenho medo... Tanto medo!

Cobriu os olhos com ambas as mãos e desatou a chorar.

Colyer se ergueu e se dirigiu para junto dela.

— Calma... — pediu êle. — Enfrentaremos juntos a situação.

Spade passou para a sala ao lado, fechando a porta ao entrar.

Sorriu para a sua secretária e disse:

— Alguém teria que escrever alguma vez um livro sobre as mulheres... São tão estranhas... — apanhou um copo, num pequeno armário, e serviu-se de água gelada. — Você tem o número de Wally Kellog? Ligue para êle e pergunte, em meu nome, onde pode ser encontrado Tom Rinera...

Voltou ao seu escritório. A Sra. Haven deixara de chorar.

— Sinto muito — disse ela.

— Não tem que se desculpar — replicou Spade, depois, olhando Colyer de soslaio, perguntou: — Então? Continuo contratado?

— Claro! — respondeu Colyer, pigarreando fortemente para clarear a voz. — Mas se agora nada há de importante, seria melhor que eu levasse a Sra. Haven para casa.

— Ótima idéia! Mas há uma coisa... De acôrdo com o "Chronicle", você identificou o cadáver... Como explica sua presença ali?

— Foi quando me inteirei de que haviam encontrado um corpo... — respondeu Colyer com desembaraço. — Já lhe havia dito que tinha relações, e por intermédio delas pude ser avisado do triste achado.

— Muito bem. Breve nos veremos — disse Spade, abrindo a porta para dar passagem a seus visitantes.

Logo que a porta se fechou sobre êles, Effie Perine falou:

— Rinera está no "Buxton", em Army Street.

— Obrigado — disse Spade, voltando à sua sala, a fim de apanhar o chapéu.

Ao sair anunciou à jovem secretária:

— Se eu não estiver de volta dentro de dois meses, você pedirá à polícia para procurar o meu corpo.

★

Spade caminhou por um sujo corredor até uma porta mal pintada de verde e que ostentava o número 411. Um murmúrio de vozes atravessava a porta, porém, Spade não pôde distinguir as palavras. Parou um instante, procurando ouvir. Depois bateu.

Uma voz de homem, obviamente disfarçada, perguntou:

— Quem é?

— Quero falar com Tom. Sou Sam Spade.

Uma pausa, depois:

— Tom não está.

CONSERVE A SUA PELE
LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS

COMADA
SÃO SEBASTIÃO



Spade pousou a mão na maçaneta da porta, sacudindo-a com violência.

— Vamos... Abram! — intimou.

A porta foi aberta por um homem magro, moreno, de uns vinte-e-cinco anos e que tentava compor um ar inocente em seus olhinhos negros ao dizer:

— Não reconheci a sua voz, a princípio...

Sua boca frouxa fazia parecer o queixo menor do que era realmente. A camisa de listras verdes, que mantinha de colarinho aberto, estava pouco limpa; porém, as calças de flanela cinzenta mostravam vincos impecáveis.

— Para outra vez lave melhor os ouvidos — disse Spade com ar zangado, e entrou na sala, onde dois homens fingiam desinteresse por sua chegada.

Um terceiro estava encostado à janela limando as próprias unhas. Outro mais estava sentado em uma cadeira, inclinado para trás, e com os pés metidos em sapatos de sola de borracha, pousados sobre a mesa, enquanto lia um jornal. Olharam para Spade, simultaneamente, e continuaram com suas ocupações.

Spade foi quem falou, alegremente:

— Sempre é com prazer que travo conhecimento com qualquer amigo de Tom Rinera.

— Oh! Esquecia-me... Sr. Spade, apresento com prazer o meu amigo Conrad e o meu amigo James...

Conrad, o que estava à janela, fez um vago gesto de saudação com a lima que tinha em mão. Era um pouco mais velho que Rinera, de estatura mediana, forte constituição física e um rosto de traços grosseiros e olhos opacos.

James baixou o jornal por um instante para olhar fria e escrutadoramente Spade, enquanto dizia:

— Olá, velho...

Depois voltou à sua leitura. Era tão forte como Conrad, porém, mais alto e seu rosto denotava uma astúcia que o outro não tinha.

— Ah! — exclamou Spade. — Todos amigos do finado Eli Haven.

O da janela feriu um dedo com a lima e lançou uma série de pragas. Rinera umedeceu os lábios devagar, e depois falou rápido, como se achasse graça no assunto.

— Sinceramente, Spade, nenhum de nós tinha visto Haven nesta última semana.

Spade, por sua vez, pareceu muito divertido com a atitude do outro.

— Por que acredita que o mataram?

— Tudo o que sei é porque está no jornal... Tinha os bolsos voltados para fora e neles não havia sequer um tósforo... Que eu saiba — acrescentou baixando os cantos da boca — não tinha tósforo... Pelo menos não tinha na terça-feira, à noite.

Falando lentamente, Spade respondeu:

— Sou capaz de jurar que tinha...

— Que quer dizer com isso? Apenas conhecíamos Haven... Nada tivemos que ver com a sua eliminação. Nada sabemos sobre isso... Nós...

Três pancadas secas soaram à porta.

Rinera e Conrad olharam para James, que assentiu com a cabeça; porém já Spade, com movimentos decididos, chegara junto da porta e a estava abrindo.

De pé, à entrada, estava Roger Ferris.

Spade ficou olhando para Ferris e este para o detective.

— Alegro-me de encontrá-lo.

— Pode entrar — disse Spade.

— Veja isto, Sr. Spade.

A mão de Ferris tremia ao tirar do bolso um envelope ligeiramente manchado. Não continha selo. Spade retirou o conteúdo: uma simples folha de papel ordinário, que desdobrou. Nela estava escrito a máquina, o seguinte:

"Será conveniente vir ao apartamento 411 do Buxton Hotel, em Army

Street, esta tarde, às 5, por motivo de assunto de quinta-feira à noite."

Não continha assinatura.

Spade comentou:

— Falta muito para as cinco...

— De fato... — assentiu Ferris. — Vim, tão logo recebi isso! Foi na quinta-feira, à noite, que recebi a visita de Eli...

— Que significa isso? — perguntou Rinera.

Spade entregou-lhe a carta, para que lesse. Leu e quando terminou disse, quase gritando:

— Honestamente, Spade, nada sei desta carta!

— Sabe alguém? — perguntou Spade.

— Não — respondeu Conrad rapidamente.

— Que carta? — perguntou James.

Spade fitou Spade, por alguns instantes, semicerrando os olhos; depois disse, como se falasse para si mesmo.

— É claro... Haven estava tratando de limpá-lo...

O rosto de Ferris ficou rubro ao perguntar:

— Como?

— Sim... "Limpá-lo"... — explicou Spade pacientemente. — **Chantage... Extorquir dinheiro...**

— Spade... — falou Ferris, com ar ofendido. — Você não está falando sério... Que motivos poderia ter Eli para me explorar?

— "Ao bom Buck — falou Spade, repetindo a dedicatória do poeta morto — que distinguia a côr das luzes, em memória daqueles dias". — fitou friamente Ferris com as sobrancelhas ligeiramente arqueadas. — "Que côr tinham as luzes? Qual o termo de gíria, empregado principalmente nos teatros populares, para significar o atirar um tipo qualquer de um trem em marcha? **Ligar a luz vermelha?** Sim... É isso! Luz vermelha! Contra quem você aplicou a luz vermelha Ferris? Quem foi essa vítima... que Haven também conhecia?"

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

SUCC. DE L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS Ns. 28 a 42 — RIO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL —
CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS

CHAPAS de ferro PRETAS, GALVANIZADAS e CORRUGADAS para portas de aço e coberturas — FERRO em barra chato — VERGALHÕES redondos e quadrados — CANTONEIRAS L — T — U — EIXOS para transmissões — VIGAS I e U — AÇO em barras, vergalhões e em lâminas para portas — TUBOS de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeiras de tôdas as grossuras e comprimentos e outros materiais do ramo.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

OFICINAS mecânicas em geral — COFRES e portas para casas fortes — FOGÕES a gás, lenha e carvão de todos os tamanhos, marca PROGRESSO — FOGAREIROS a gás, carvão e álcool — PRENSAS para ladrilhos e escritórios — CADEIRAS para barbeiro e dentista, ALMEIDA PINHO — BANCOS para jardins — FERROS PARA ENGOMAR a carvão e gás, marca IDEAL — TAMPÕES E RALOS para esgoto e seus pertences — CAIXAS PARA GORDURA, CAIXAS AUTOMÁTICAS — PANEIS para cola — COLUNAS de ferro fundido para iluminação de jardim.

TELEFONES: { ARMAZÉM — 22-0409 — 22-1718 — 22-2748 — 22-1584
{ ESCRITÓRIO TÉCNICO — 42-4675
{ CONTABILIDADE — 22-1342 — 22-2549

Rinera se dirigiu à uma cadeira, instalou-se nela, colocou os cotovelos sobre os joelhos, o rosto entre as mãos e ficou olhando o chão.

— Então? — insistiu Spade fitando Ferris.

Ferris enxugou o rosto com um lenço, voltou a colocá-lo no bolso e disse com simplicidade:

— Foi **chantage**, sim.

— E você o matou.

Os olhos azuis de Ferris, fitando os amarelo-cinzentos de Spade, estavam claros e serenos, como clara e serena estava a sua voz.

— Eu não matei Eli Haven — disse êle. — Juro que não matei. Vou contar tudo o que ocorreu. Êle mandou o livro lá para casa, como lhe disse; e no mesmo instante compreendi a significação do que escrevera na primeira página. Assim, no dia seguinte, quando me chamou por telefone e disse que iria **para conversar sobre os velhos tempos e pedir-me dinheiro emprestado... em memória daqueles dias**, também compreendi o que queria dizer. Tratei logo de ir ao banco, retirar dez mil dólares. Isto poderá ser verificado. E' o **Seamen's National Bank**.

— Hei de verificar — disse Spade, frio.

— Mas não cheguei a precisar de tanto. Êle não tinha muitas pretensões e pude convencê-lo a aceitar apenas cinco mil. Isto também poderá ser verificado.

— Também farei essa verificação — respondeu Spade.

— Disse-lhe, porém, que não toleraria novas **"drenagens"** e que êsses cinco mil eram os primeiros e os últimos! Obriguei-o a redigir um documento reconhecendo que me havia ajudado no... no que eu fizera; êle assinou. Isto foi cerca de meia-noite, e essa foi a última vez em que o vi.

Spade golpeou com os dedos o envelope que lhe fôra entregue por Ferris.

— E que me diz desta carta?

— Um mensageiro foi entregar em minha casa, ao meio-dia, e para aqui vim imediatamente. Eli me assegurou que não havia contado o assunto a ninguém mais, porém eu não estava muito tranquilo. Tinha que enfrentar as coisas, fôssem elas quais fôssem.

Spade se voltou para os outros, com o rosto fechado.

— E vocês... Que dizem?

Rinera e Conrad consultaram James com um olhar e êste, com um gesto de impaciência, falou:

— Sim, homem... Nós mandamos a carta. Por que não? Éramos amigos

de Eli, e não tornamos a vê-lo desde que foi aplicar o **"espremedor"** a êsse trouxa; de repente Eli aparece morto, e achamos que seria mais acertado fazer vir até cá êsse homem para que nos explicasse...

— Então vocês sabiam que Eli fôra **"espremê-lo"**?

— Claro que sim. Estávamos todos juntos, quando êle teve a idéia.

James estendeu os dedos da mão esquerda.

— Estivemos bebendo e palestrando algum tempo; deve imaginar o que contam os rapazes quando se reúnem sem pressa em redor de uma mesa. Coisas palpitantes, velhas aventuras... Êle contou como vira, certa vez, um indivíduo jogar outro de um trem em marcha e chegou mesmo a pronunciar o nome do que praticara o crime: **Buck Ferris!** Alguém, então, perguntou: "Que cara tem êsse Ferris?" Eli disse como era o homem, naquela época, acrescentando que não o via há muito tempo, uns quinze anos, pelo menos. O outro deixou escapar um fino assobio e disse: — "Aposto que é Ferris; e que hoje é dono da metade dos cinemas dêste Estado. E aposto, também, que daria muito dinheiro para manter escondido o seu passado!"

— "Afinal, parece que a idéia agradou a Eli. Via-se claramente. Pensou um momento e depois pareceu inquieto. Perguntou qual era o nome "de batismo" dêsse Ferris cinematográfico e quando o outro informou: "**Roger**", fingiu estar decepcionado e logo afirmou:

— Não... Não é êle. O nome do outro era Martin.

"Todos nos rimos dêle. Acabou admitindo que era o mesmo indivíduo e que pensava ir visitá-lo. E quando telefonou para nós, na quinta-feira, cerca de meio-dia, para informar que daria uma festa essa noite, no "Pogey Hecker", não foi difícil compreender o que ocorrera."

— Como se chamava o infeliz contra quem foi aplicada a luz vermelha?

— Isso não disse. Manteve-se mudo... e não insistimos.

— Muito bem.. — assentiu Spade.

— Depois... nada. Não apareceu no Pogey. Telefonamos para êle às duas da madrugada, porém, sua esposa disse que não voltara para casa. Esperamos ainda até as quatro da madrugada, quando nos convencemos de que nos ludibriara. Então dissemos a Pogey que lançasse a despesa em nome de Eli e caímos na rua. Não

tornei a ver o pobre Haven, nem vivo nem morto.

Spade falou então, lentamente.

— Pode ter sido assim. Têm a certeza de que não encontraram Eli mais tarde, o levaram "para dar uma vol-tinha" e o encheram de balaços para arrancar-lhe os cinco mil de Ferris, jogando o corpo depois...?

Duas pancadas nervosas soaram à porta. O rosto de Spade se iluminou. Foi até a porta e a abriu.

Entrou um homem moço, alto, ombros largos, vestindo-se com apuro. Seu sobretudo era de corte impecável e suas mãos estavam metidas ameaçadoramente nos bolsos laterais. Mal entrou deu dois passos, caminhando de costas, até ir encostar as espáduas contra a parede.

Nesse instante entrou outro homem também moço, forte e elegantemente trajado, que efetuou manobra semelhante à do primeiro, indo encostar-se contra a parede oposta.

Embora não se parecessem fisionômicamente, a comum atitude, a idêntica proporção de seus corpos e a quase analogia das posições que tinham adotado — de costas contra a parede, mãos nos bolsos, serenos, olhos brilhantes, que inspecionavam constantemente os demais ocupantes da sala — davam-lhes por momento a aparência de gêmeos.

Então Gene Colyer fêz sua entrada Saudou com leve inclinação de cabeça a Spade.

— Olá, Gene — disse James.

— Há alguma novidade? — perguntou Colyer a Spade.

Spade fêz um gesto de assentimento.

— Parece que êste cavalheiro — apontou para Ferris — estava...

— Não há um lugar onde possamos conversar?

— Ali atrás está a cozinha...

— Vocês aí... — disse Colyer secamente — dirigindo-se aos dois homens encostados à parede. — O primeiro que se mover nesta sala levará chumbo de vocês dois. Não tenham piedade.

A seguir, com Spade à sua frente, dirigiu-se para a cozinha. Sentou-se no único tamborete que havia e fitou atentamente Spade, com seus verdes olhos calmos, enquanto êste narrava o sucedido.

Quando o detective terminou, Colyer perguntou:

— E então? Que conclui você de tudo isso?

Spade fitou pensativamente o outro.

CONSERVE A SUA PELE
LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS

POMADA
SÃO SEBASTIÃO



— Você mesmo averiguou alguma coisa. Gostaria de saber o que foi.

— Encontraram a pistola em um arroyo, a um quarto de milha do lugar onde foi encontrado Eli. É a arma de James; tem a marca que lhe ficou quando uma vez, em Vallejo, fizeram a arma saltar de sua mão, com um balaço.

— Ótimo — comentou Spade.

— Há mais... Um rapaz, chamado Thurber afirma que na terça-feira última, James foi visitá-lo e pediu-lhe que seguisse os passos de Haven. Thurber o encontra, quinta-feira, à tarde, segue-o até a residência de Ferris e telefona para James, prevenindo-o. Este ordena que Thurber fique no mesmo lugar e informe depois para onde siga Haven ao sair. Infelizmente, para ele, uma mulher nervosa, da vizinhança, arma um alvoroço danado por que um "tipo suspeito" anda rondando pelos arredores; logo surge a polícia e o obriga a fugir. Isso foi às dez horas.

Spade, com os lábios contraídos, fitava pensativamente o teto de cozinha.

— "Por isso, Spade, pretendo entregá-lo à polícia!

Spade volveu o olhar do teto para os olhos verdes.

— Jamais entreguei nenhum dos meus auxiliares à polícia — continuou Colyer. — Porém, este tem que ir! Júlia deve acreditar que eu nada tive com esse assunto, mesmo que o assassino tenha sido um dos meus amigos. Por isso é que o entrego... que diz você?

— Sim... Também acho... — disse Spade com lentidão.

Colyer desviou repentinamente o olhar e, pigarreando, para clarear a voz, falou com decisão:

— Pois bem. Será prêso agora mesmo!

Rinera, James e Conrad estavam sentados quando Spade e Colyer regressaram da cozinha. Ferris ia e vinha, pela sala. Os dois homens encostados à parede, não se moviam.

Colyer se dirigiu diretamente a James.

— Onde está a tua pistola, Louis? — perguntou.

James levou a mão direita ao lado esquerdo do peito, deteve-se e exclamou:

— Oh! Não a trouxe!

Com sua mão enluvada, aberta, Colyer golpeou James numa das faces, fazendo-o cair da cadeira.

James se levantou, murmurando.

— Não tive a intenção de fazer isso, chefe. — levou a mão à face em que recebera a pancada e continuou: — Sei que não devia ter feito. Porém, quando me chamou e disse que não queria enfrentar Ferris sem arma, e como ele não tinha, disse-lhe: "Muito bem..." — e dei-lhe a minha...

— E também mandaste Thurber espiar — disse Colyer.

— Só queríamos saber se o negócio saía bem...

Colyer se voltou para Spade.

— Quer que o ajudemos a levá-lo ou prefere chamar o carro policial?

— Faremos tudo às direitas — disse Spade — dirigindo-se ao telefone.

Quando se voltou seu rosto estava impassível mas os seus olhos estavam semicerrados. Enrolou um cigarro, acendeu-o e disse Colyer.

— Posso ser tólo, porém, não tanto para não deixar de estranhar que esse pobre Louis tem uma porção de respostas adequadas para a história que nos contou.

James retirou a mão da face avermelhada e fitou Spade com olhar de assombro.

— Em que está pensando? — rugiu Colyer.

— Em nada... exceto que você está me parecendo muito ansioso por lançar a culpa contra ele — soprou a fumaça para um lado e perguntou: — Por que, por exemplo, havia de jogar fora a pistola, quando esta tinha marcas que todos conheciam?

— Então um tipo como ele é capaz de pensar?

— Se eles mataram Eli, sabiam que estava morto. Por que, então, esperaram que fosse encontrado o cadáver e se armasse o alvoroço antes de ir atrás de Ferris novamente? Isso é pouco hábil e só pode mesmo ser contado por gente que mata por alguma outra razão e quer que se acredite em roubo.

Meneou a cabeça com ar incrédulo: — Você parece muito ansioso por lançar a culpa sobre os rapazes. Por que haveriam eles de...?

— Não se trata disso, exatamente... — interrompeu Colyer. — Quero é saber porque insiste você em dizer que estou ansioso por lançar a culpa sobre eles?

Spade ergueu os ombros.

— Talvez para limpar a sua posição perante Júlia. Limpar quanto antes e tanto quanto possível; talvez, também, para esclarecer a sua situação com a própria polícia... Entretanto não deve esquecer que o criminoso já é mais que conhecido!

— Hein? — exclamou Colyer.

Spade fez um gesto despreocupado com o cigarro.

— Ferris — disse ele com indiferença. — Foi ele quem matou Eli Haven!

Colyer abriu a boca e ficou batendo as pálpebras, atônito. Spade continuou:

— "Claro! Primeiro, foi ele a última pessoa a ver Eli com vida; e sobre isso podemos apostar. Segundo, é o único com quem falei, antes de aparecer o cadáver de Eli, e o único

interessado em saber se eu pensava que me estavam enganando ou não.

Os outros pensavam apenas que eu andava procurando um sujeito que desaparecera! Ele sabia que eu procurava um homem que ele havia matado! Tinha até medo de se desfazer do livro, porque pela própria livraria podiam seguir-lhe o rastro, e algum empregado podia ter lido a dedicatória... Terceiro, era ele o único a pensar que Eli era um bom rapaz, homem direito e encantador — por idênticas razões! Quarto, essa história de um chantagista que se apresenta às três da tarde, pedindo candorosamente cinco mil dólares e depois fica com toda a comodidade até meia-noite, é simplesmente ingênua, por mais bebida em abundância que ali houvesse. Quinto, o conto do papel que assinou... Esta é a pior história entre todas, embora fôsse coisa fácil de falsificar. Sexto, ele é quem tem a melhor razão deste mundo para desejar ver Eli morto.

Colyer assentiu lentamente.

— No entanto...

— No entanto nada! — disse Spade — Talvez tenha executado a manobra dos mil saem e cinco mil entram, no banco... Porém, isso também é coisa fácil. Depois atraiu à sua casa o ingênuo chantagista, entretendo-o até que a criadagem saísse, roubou-lhe a pistola, emprestada por Luís, meteu-o em um automóvel e levou-o a "dar uma voltinha" (talvez já estivesse morto; talvez o matasse no matagal). Limpou os bolsos de sua vítima para tornar mais difícil a identificação e aparentar ter sido o roubo o motivo do crime; jogou a pistola à água e voltou para casa...

Interrompeu-se para ouvir a sireia do carro policial, na rua. Então, pela primeira vez, desde que começara a falar, voltou-se para observar Ferris.

O rosto de Ferris estava mortalmente pálido, mas sustentou o olhar de Spade.

— Tenho cá o palpite, Ferris — disse Spade — que também vamos esclarecer esse trabalhinho relativo à luz vermelha... Você mesmo me confiou que, primeiro, teve um sócio na companhia de variedades, ao tempo em que Eli trabalhava na sua empresa. Não creio que nos dê muito trabalho averiguar sobre esse sócio... Se desapareceu ou morreu de morte natural... ou se ainda está vivo.

Ferris perdera agora muito de sua petulância. Umideceu os lábios e disse, apressado.

— Quero falar com o meu advogado! Não falarei até que tenha conversado com o meu advogado!

— Não há inconveniente — disse Spade. — É assunto seu... Mas saiba que também não gosto de chantagistas... Parece que Eli escreveu um bom epitáfio para todos eles, em seu livro: "Foram muitos os que viveram"...

ACAUTELEM-SE OS HOMENS

(Cont. da pág. 28)

de seu número de 10 de abril de 1948: "Devemos matar as mulheres?"

Mas, é claro, isso não passa de um exagêro de estudantes.

Entretanto, na opinião do célebre escritor norte-americano Sinclair Lewis, "a passividade medrosa dos homens

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essên- Extra- cias tos 10 gr. 50 gr.		Lo- ções ¼
	Cr\$	Cr\$	
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Su- per	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo — Su- per	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Super	13,00	22,00	30,00
fasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
per	12,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougea- tre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembô- so	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÓLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSENCIAS

Av. Marechal Floriano, 67

Sob. — RIO DE JANEIRO



Como aprender a dançar

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e Professor de «Aulas Práticas de Danças Ritz». Aulas particulares e a domicilio. — Rua da Liberdade, 120. — Preço Cr\$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor: CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

diante da ambição de mulher moderna deve assegurar o fácil triunfo, triunfo total, desta última!"

— "Como vejo a vida futura? — confiou êle recentemente a um jornalista parisiense — E' muito simples. Há numerosos anos, as mulheres começaram por diminuir os homens embrutecendo-os de trabalho. Agora, elas os eliminam dos lugares mais importantes. Em breve as veremos em tôda parte!"

"Não sei se os negócios caminharão melhor ou pior, mas os homens não terão o direito de opinar. Imagino muito bem que dentro de quatrocentos ou quinhentos anos, os homens, tímidos, serão relegados em espécies de reservatórios de onde as mulheres os retirarão para as necessidades da reprodução ou da dança..."

Esta é uma antecipação que nada tem de fantasista. A história conheceu pelo menos um povo exclusivamente feminino e governado por uma rainha: as Amazonas, que viveram no segundo milênio antes de Cristo. As Amazonas eram temíveis guerreiras. Usavam saias curtas, cota de malhas e botas também curtas. Uma vez cada ano invadiam as cidades vizinhas e escolhiam esposos. Êstes eram logo a seguir abandonados. Dos filhos que nasciam, elas apenas conservavam as filhas. Os filhos varões eram sacrificados.

Pitoresca legenda! — exclamarão os homens. As Amazonas só existiram na imaginação dos historiadores gregos.

Entretanto, no jornal "Le Monde", de 13 de novembro de 1948, podemos ler:

"Exilado nos Estados Unidos, o sr. Ferenc Nagy, ex-presidente do conselho húngaro, lança um grito de alarma num livro publicado recentemente, sob o título evocador de "Combate atrás da Cortina de Ferro".

..Os russos— segundo o sr. Nagy — criaram nas margens do Danúbio certos campos chamados "de recreio", onde as mulheres do exército soviético passam as férias. Ali estão cêrca de trinta mil mulheres. Quando cái a noite elas saem do campo e vão às aldeias vizinhas. A raptar os homens, solteiros ou casados. A tal ponto que as mulheres húngaras são obrigadas a esconder os seus maridos nas florestas, para os subtraír à tropa feminina soviética".

No Brasil, dois fatos recentes bem demonstram que a brasileira está no grupo mais avançado entre as mulheres de todo o mundo. O primeiro foi a recente nomeação de uma brasileira para representar o nosso país como embaixador. O segundo fato ainda é mais assustador e mesmo humilhante para os homens. Em S. Paulo (ou Belo Horizonte?), apareceu uma Tarzanina desafiando para uma luta de box em quinze rounds qualquer mulher. Na falta de adversárias, desafiava mesmo qualquer homem. E o pior foi que não apareceu nenhum "valente" que aceitasse a luta. Talvez porque o desafiante se exhibe num palco do brando barras de ferro e lutando contra feras.

Depois disso, que mais podemos esperar?

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

CONSERVE A SUA PELE
LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS

POMADA SÃO SEBASTIÃO



UM BOM EXEMPLO...

(Cont. da pág. ?)

praram terrenos e encetaram essa brilhantíssima campanha contra a falta de casas, prevêm a construção de cinquenta cidades pré-fabricadas concebidas sobre o modelo "Levitt", nos subúrbios de Nova York, nos quais imensas áreas já foram reservadas aos antigos combatentes e suas famílias.

Vamos esperar que o exemplo frutifique e que entre nós o governo colabore com as emprêsas privadas no sentido de salvar as grandes cidades desses angustiantes problemas da moradia decente.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A GRANDE MÁQUINA...

(Cont. da pág. 49)

Há outros vários lugares onde é possível sentir as pulsações do coração. Nos dois lados da garganta, por exemplo, sentiremos pulsações fortes, provocadas pelas duas grandes artérias que passam pelo pescoço e vão ao cérebro. Igualmente sentiremos nas duas faces, junto do ponto em que nascem as orelhas; estas são devidas a duas ramificações das grandes artérias do pescoço e que transportam boa quantidade de sangue ao couro cabeludo.

Para que tenhamos maior idéia da poderosa pancada do coração cruzemos as pernas e observemos a ponta do pé que ficou em suspenso. Logo o veremos tremer regularmente... acio-

nado pelo sangue que flui poderosamente pela artéria que desce pela perna e passa por trás do joelho.

Todos êsses fatos nos dão uma idéia do trabalho de Hércules desenvolvido incessantemente pelo coração, êsse órgão miraculoso pelo desenho, gigante pelo desempenho e que é, verdadeiramente, a mola-mestra da vida humana.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

OS DISCOS VOADORES

(Cont. da pág. 52)

Já se disse tudo a seu respeito. Sabemos, por exemplo, que o seu diâmetro é metade do da Terra; que seu ano dura 687 dias (tempo que gasta em sua revolução completa em redor do Sol), com estações diferentes, conforme muitos de seus vizinhos.

Sabemos que Marte está dotado de "calombos" polares que "umentam, espraíam e também se contraem; que está cortado pelos famosos "canais" descobertos em 1877 por Schiaparelli.

Após muitos anos de discussão, de confrontações de fotografias, estamos sensivelmente no mesmo ponto; os astrônomos continuam divididos em "anticanalistas" e "procanalistas", o que fez um humorista dizer, há tempos, que "nos canais de Marte nada mais tem corrido senão tinta".

E' verdade que existe nêle uma vegetação que se transforma com as estações, que está cercado por uma atmosfera constituída principalmente pela azoto, que constitui as quatro quintas partes da nossa. Tem mares, principalmente o Lago do Sol, chamado "O Ôlho de Marte", cuja superfície é sensivelmente igual ao nosso mar Negro.

Além desses planetas, restam ainda os asteróides. Estão sendo descobertos todos os dias, quase. Em 35 anos, um astrônomo inventou 216, enquanto outro observador descobriu 99 em 17 anos. Foram batizados, primeiro, com nomes mitológicos (Astréia, Calipso, Antígona); depois com nomes de países (Rússia, Lutétia), mais tarde com nomes femininos (existe uma **Netette!**); finalmente (época atual) são êles crefecidos a sábios ou a mecenças, o que nos valeu uma **Painlevia** ou uma **Rockfella**...

Êsses corpos, que medem entre 780 a 190 quilômetros de diâmetro, talvez sejam mais habitáveis do que os grandes planetas. E se em alguma parte se necessite de espaço vital... nêles com maior razão.

E, conforme afirmou o cavalheiro grave que prevê a união sagrada dos terrenos em face do perigo interplanetário:

"— Não devemos esquecer que os meteoros, que de tempos a tempos caem sobre nós, contêm germes vivos. Esta é uma prova do perigo!"

Por que? Oh, por que o bom Deus não parou, quando criou a Terra? Temos tantas dores de cabeça cá em casa!

Hemorroides

A Pomada Man Zan lhe dará o alívio desejado, combatendo as dores e os pruridos, descongestionando as dilatações. Graças às substâncias de real efeito antiséptico-bactericida que entram em sua fórmula, a Pomada Man Zan previne as infecções e o aparecimento de outros males ainda mais graves, decorrentes das hemorroides. A venda em todas as Farmácias em bisnagas com cânula especial para facilitar a aplicação.

(Um produto De Witt)



POMADA MAN ZAN

S U M Á R I O

FRONTISPÍCIO

Pescando Um Marido (conto —
côres) 7 a 11

ARTIGOS ESPECIAIS

Os Discos Voadores vêm de Ou-
tro Planeta! — Afirma um
Técnico Norteamericano 50 a 53

As Ondas Falam do Seu Destino
Ondulante! — As fábulas dos
antigos navegantes e a reali-
dade marinha 56 a 58

O Paquistão Nasceu da Guerra. 19 a 22

Acautelem-se os Homens... —

A Hora é das Mulheres! 26 a 28

CONTOS E NARRATIVAS HISTÓRICAS

Foram Muitos os que Viveram —
(Novela policial) 43 a 46

O Enigma Luís XVII — (Nar-
rativa histórica — Conti-
nuação) 29 a 34

Pescando um Marido — (Conto
— côres) 7 a 10

McGarry, o Gigante Mental.... 11

ROMANCES

Sônia (Conclusão) 35 a 42

O Stand Trágico (Continuação) 59 a 66

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS

A máquina Prodigiosa: O Co-
ração — Miraculoso pelo De-
senho — Gigante pelo desem-
penho é, verdadeiramente a
"mola-mestra" da vida 47 a 49

Afinal Por Que Não Existiria

Outro Planeta Habitado? .. 51 a 53

Como o boxe mata 23

REVELANDO O BRASIL AOS BRASI- LEIROS

Barra do Garças — Estado de
Mato Grosso 67 a 70

DIVERSOS

Bum! Bum! — Ocorrências com
caçadores 22

Piedade para as Mulheres 24

Um ano, seis dentes... e um de-
tetivo 34

"Sensação" no campeonato do
mundo! 34

Um prodígio de agilidade — De-
bra Paget 53

Um bom exemplo para nós —
Uma Casa Cada Dezesesseis Mi-
nutos 54 a 55

Informam de Todo o Mundo.. 58

Publicidade 70

Termos médicos 70

Simple engano 74

Grande e vazia 74

Não vale apelar para a força de
vontade 74

COMO É FÁCIL SABER TUDO

Nos Domínios da Gramática.. 72

Memento Eu Sei Tudo (Junho
de 1950) 75 a 81

No Mundo dos Selos 71

Cartomancia 89

Quebra-Cabeças 85 a 89

SEGRÊDOS E MÁGICAS PARA VOCE

(O relógio Estranho, Colunas
Misteriosas, Adivinhação Por
Meio de Côte e Magia Preta
ou Vermelha) 73 a 74

CARICATURAS ★ INFORMAÇÕES ★ ANEDOTAS ★ PROVERBIOS ★ ETC.

ESTA REVISTA CONTEM 100 PAGINAS

A CAPA — A Rainha de Sabá. Uma das mulheres mais belas e mais cultas do mundo inteiro e que por ser assim tão bela e principalmente por ser assim tão culta, conquistou o amor do soberano sábio entre os sábios: Salomão. Ei-la numa admirável composição do artista francês Edmund Dulac... "o ar ligeiramente fatigado, as palpebras semi cerradas sôbre os olhos cismadores. E a cidade do Templo aparece sôbre uma colina..."

ATENÇÃO LEITORES DE ROMANCES

Em atenção às centenas de cartas e chamados telefônicos que recebemos de leitores verdadeiramente entusiasmados com "SÔNIA", o lindo romance de Henry Greville que hoje termina, e ainda para atender aos insistentes pedidos que nos fizeram no sentido de publicarmos outro romance de Greville, anunciamos para o próximo numero "AS PROVACÕES DE RAÍSSA", que desde o seu início, temos a certeza, vai conquistar os leitores de EU SEI TUDO.

O Vigor e a Perfeição do Corpo Humano

ATAQUE DIRETAMENTE AS CAUSAS DE SUA MAGREZA E DESELEGÂNCIA

VIKELP - um concentrado de sais minerais iodo-vitâmico - ataca diretamente as causas da magreza e do esgotamento.

A super-alimentação, os alimentos ricos em gorduras e amidos, de nada valem se as glândulas internas não produzem o suco gástrico em quantidade necessária para digerir-los. As grandes reservas de minerais facilmente assimiláveis, de VIKELP, nutrem essas glândulas forçando-as a produzir maior quantidade desse suco, o que torna aproveitáveis todos os fatores básicos do peso, na alimentação - amiláceos, gorduras, etc. Por outro lado, o Iodo natural contido em VIKELP, regula e nutre as glândulas internas que controlam o metabolismo, convertendo os alimentos bem digeridos em carnes rijas, músculos, em novas forças e energias. O organismo carece de ferro, cobre, fosfatos de cálcio. VIKELP contém todos esses elementos e mais a vitamina B-1, a mais importante para a saúde, em doses exatas para as necessidades diárias.

Comece a tomar VIKELP hoje mesmo. Dentro de pouco tempo terá aumentado muitos quilos em seu peso e sentirá novas forças e os nervos perfeitamente calmos.

VIKELP é acessível a todos e acha-se à venda nas boas farmácias e drogarias.



Comprimidos
VIKELP

Boards Propaganda

LABORATÓRIOS ASSOCIADOS DO BRASIL S. A.

Rua Paulino Fernandes, 49

RIO DE JANEIRO

A MELHOR FARINHA DE TRIGO

3 COROAS:

Especialmente
fabricada para
massas, doces, bo-
los, biscoitos e
todos os demais
usos culinários



MOINHO DA LUZ